



Revista da Semana

Anno XVII.

Nº 46

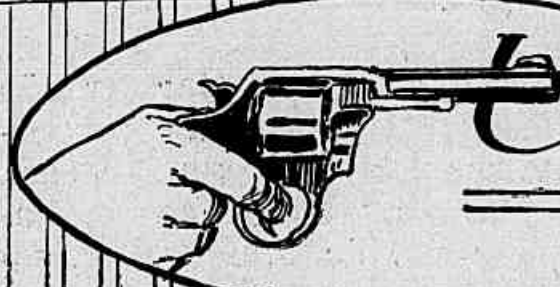
Rio de Janeiro,
23 DE DEZEMBRO

. DE 1916.

BEBÉ SONHA...

As crianças,
nos seus sonhos inocentes,
têm a visão de outros anjos
e dos BRINQUEDOS do
PARC ROYAL





Um tiro de revolver

Novella de Conan Doyle

AS CONDIÇÕES em que fôra assassinada a formosa Ena Garnier, e o facto do capitão John Fowler, o official accusado do homicídio, ter recusado defender-se por ocasião do inquerito policial, tinham despertado a mais intensa curiosidade, apaixonando vivamente a opinião.

Essa curiosidade era tanto mais justificada quanto os depoimentos eram unânimes em considerar o criminoso como um valente soldado, dotado de um leal e nobre character. Que motivos imperiosos tinham podido convertel-o n'um assassino? Porque não se defendia do crime que lhe era imputado? A affirmacão do advogado do preso, de que só perante o jury o accusado poderia apresentar a sua defesa e de que esta seria cabal, mais contribuiu para que em volta do caso Fowler-Garnier se produzisse um intensissimo movimento de interesse. Esse interesse augmentara ainda quando se tornou publica a recusa por parte do capitão Fowler de qualquer assistencia á sua causa por parte do Tribunal e que elle decidira incumbir-se da sua propria defesa, negando-se a occupar qualquer dos advogados influentes que se tinham offerecido para estudar o processo.

O Procurador da Corôa, com a sua longa experiencia, não se deixava impressionar com essas altivas e serenas demonstrações de innocencia. Pelo exame a que procedera, obtivera a convicção da culpabilidade do capitão Fowler e considerava impossivel livral-o de uma sentença condemnatoria. O mobil do crime parecia patente ao experimentado magistrado. Fowler era extremamente ciu-

mento. Já, ha alguns annos, fôra processado por uma scena violenta provocada pelo ciúme. O crime era, manifestamente, da categoria banal dos delictos passionaes. Essa convicção do Procurador da Corôa fortalecera-se ouvindo as testemunhas chamadas a depôr no processo. O accusado escutara-as impassivel, sem as in-

dominio de uma exaltação, victima de um desvario. Isso não lhe impediria a condemnação: talvez a força...

*
* *

Quando o capitão John Fowler se levantou do banco dos réos e se encaminhou para a teia, por todo o Tribunal se espalhou um borborinho, que o juiz fez calar com uma reprehensão severa. O publico erguera-se para ver o assassino.

Vestindo o seu uniforme de campanha, o capitão Fowler sorria. Era um homem elegante e vigoroso, de pequeno bigode preto, com uma construcção athletica e os modos correctos de um 'gentleman', como competia a um official de Sua Ma-

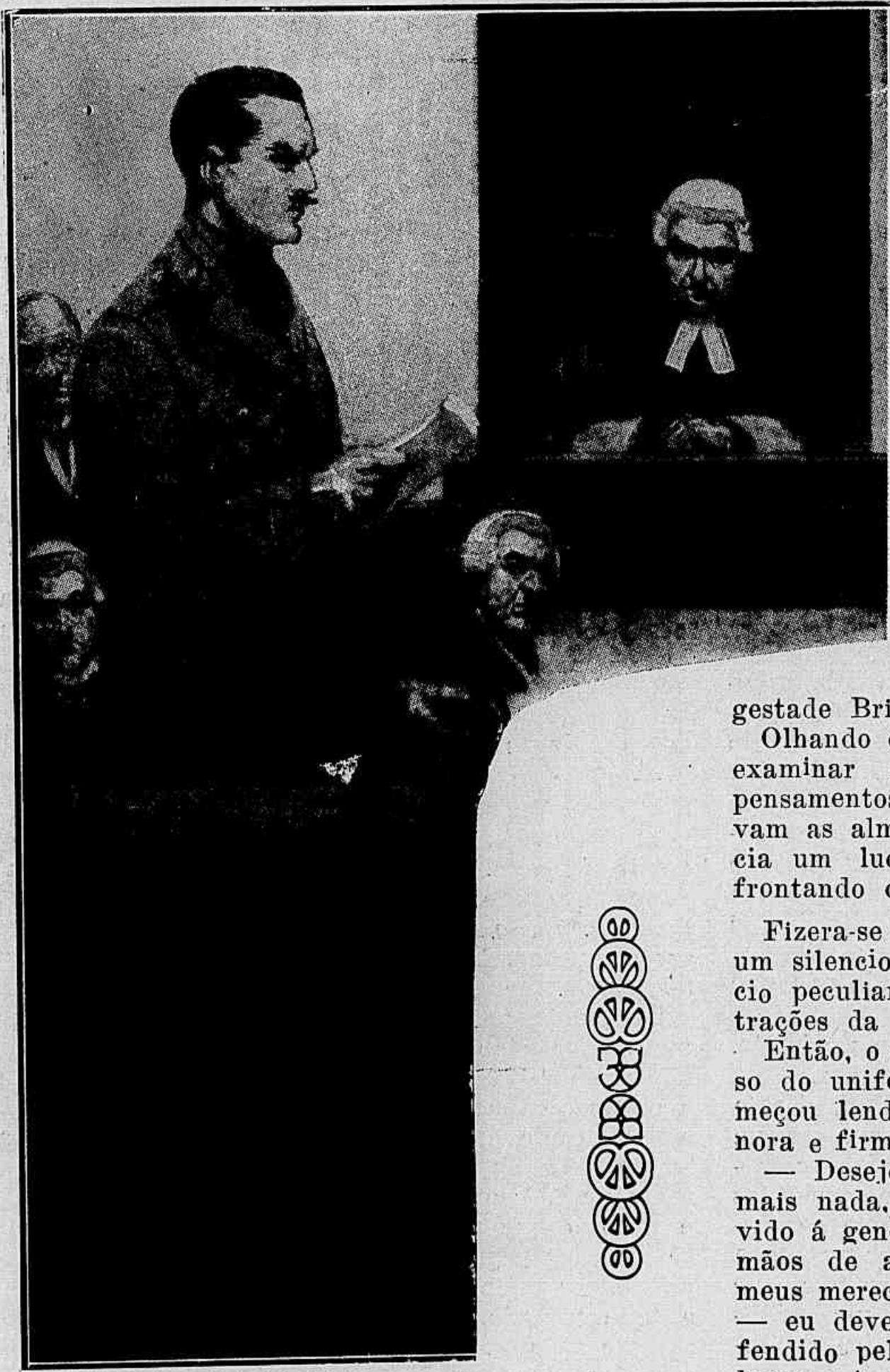
gestade Britannica.

Olhando o publico, elle parecia examinar nas physionomias os pensamentos adversos que agitavam as almas contra elle. Parecia um luctador na arena, de frontando o adversario.

Fizera-se na sala do Tribunal um silencio profundo, esse silencio peculiar ás grandes concentrações da curiosidade humana.

Então, o accusado tirou do bolso do uniforme um papel e começou lendo, com uma voz sonora e firme, a sua allegação:

— Desejo declarar, antes de mais nada, srs. jurados, que devido á generosidade dos meus irmãos de armas — pois que os meus merecimentos são limitados, — eu deveria ter sido hoje defendido pelo primeiro talento da barra. A razão porque declinei os seus officios e determinei defender eu proprio a minha causa não foi a confiança na minha habilidade ou eloquencia. Eu não sou orador, mas um simples soldado. A razão é simplesmente porque estou convencido de que uma narrativa franca e leal, feita pelo homem que teve a desgraça de ser o tragico actor d'este tenebroso drama, impressionará mais favoravelmente os meus julgadores do que a mais habil e eloquente defesa indirecta. Se me



— Em minha consciencia me considero innocente deste crime. A mim proprio quero defendêr-me!

terromper, sem dar mostras de despeito ou contrariedade, como se lhe fosse absolutamente indifferente o que d'elle se dizia.

Cynismo? Inconsciencia? O magistrado preferia explicar aquella attitude como uma demonstração de energia e de coragem. Fowler não era um assassino vulgar, mas apenas um homem que matara incidentalmente, sob o



sentisse culpado, muito ao contrario de recusar o auxilio poderoso que me foi offerecido, eu o teria supplicado. Mas desde que, em minha consciencia, me considero digno de absolvição, defendo a minha causa, pois não pôde haver mais eloquente defesa do que a da innocencia. Presumo que a minha sinceridade terá mais peso sobre as consciencias dos srs. jurados do que os argumentos inspirados pela eloquencia.

"A' indulgencia do Tribunal devo ter podido escrever as notas essenciaes á minha defesa e tenho assim a certeza de poder reproduzir com fidelidade certas conversações essenciaes ao esclarecimento d'este negocio de justiça e a confiança necessaria de que direi apenas o que penso, o que é preciso dizer, e nada a mais e nada a menos.

"Ninguém ignora de que na inspectoría de policia recusei defender-me. O meu silencio, n'esse momento, tem sido até hoje interpretado como uma prova da minha culpabilidade. Declarei que, só passados alguns dias, poderia falar. Tomou-se essa declaração como uma evasiva ou um subterfugio. Os dias passaram. As duvidas que se estabeleceram sobre a minha conducta não conseguiram fazer desviar-me da minha resolução. Soffri sem revolta e sem protesto as mais affrontas suspeitas. Hoje, estou disposto a fazer luz, não só sobre o que aconteceu, como também sobre os motivos que me impossibilitaram de falar por occasião do meu interrogatorio. Dir-lhes-hei exactamente o que fiz e porque o fiz. Se os meus julgadores entenderem que procedi mal, que me condemnem! Quem se senta n'este banco perde o direito de queixar-se. Soffrerei em silencio, resignadamente, a penalidade que me infligirem".

O silencio continuava profundo. Apenas os olhares falavam.

Havia quem duvidasse; havia quem acreditasse cegamente na innocencia do capitão Fowler. Estes eram, porém, os sentimentaes e os ingenuos e sobre tudo as mulheres. Os que se tinham na conta de perspicazes consideravam que o capitão Fowler era um criminoso intelligente, que se defendia com habilidade.

O accusado, depois de uma pausa, proseguiu:

— Sou soldado em activo serviço, ha quinze annos, capitão no 2.º batalhão de Breconshire. Servi na campanha da Africa do Sul e fui louvado em ordem do dia depois da batalha de Diamond Hill. Quando estalou a guerra contra a Allemanha, fui retirado do meu regimento e nomeado ajudante para os Exploradores Escossez, recentemente creados, e cujo regimento estava aquartelado em

Radchurch, em Essex, onde os soldados foram alojados, parte em barracas, parte aboletados nas residencias dos habitantes. Todos os officiaes ficaram aboletados. Coube-me na distribuição de aboletamento, a residencia do sr. Murrayfields, principal vulto da localidade. Foi em sua casa que pela primeira vez me encontrei com "Miss" Ena Garnier. Poderá não parecer propria d'este momento e d'este local a descripção d'essa mulher. Entretanto, é indispensavel que eu a descreva. A sua personalidade é a verdadeira essencia do meu caso. Sem isso, a minha defesa não seria convincente ou clara, e eu pretendo esclarecer e convencer.

"Permittam-me dizer que é difficil imaginar que a Natureza tenha applicado n'uma creatura humana mais perfeita combinação de belleza e de intelligencia. Ena Garnier tinha vinte e cinco annos, era alta e loura, com a particular delicadeza de uma creatura de raça. Tenho lido que ha gente que se apaixona á primeira vista e sempre considerara essas paixões fulminantes como uma exaggerada phantasia de novellistas. E todavia, desde o momento em que vi Ena Garnier, a minha vida só concebeu uma ambição: que ella me pertencesse. Nunca antes sonhara a possibilidade de uma paixão semelhante!"

O capitão Fowler passou a mão pela fronte humida de suor, olhou de novo a assistencia silenciosa e attenta, e continuou com apparente calma:

— Não serei mais extenso n'este particular, senão para que a minha accção possa ser devidamente julgada. Embora me condemnem, quero que me compreendam. Faço mais questão de ser comprehendido do que de ser absolvido.

"E', pois, essencial, que os homens que vão julgar-me, reconheçam que eu me achava sob o dominio de uma paixão frenetica e demente e que, durante algum tempo, essa obsessão amorosa me fazia parecer mesquinho o mundo e tudo o que n'elle se contém se não conseguisse o amor d'aquella rapariga. Fazendo justiça a mim proprio, direi que houve sempre uma cousa que colloquei superior a ella. Foi a minha honra de soldado e de "gentleman". Ha-de custar-vos a acreditar n'esta affirmativa quando vos revelar o que succedeu... Apesar de me ter esquecido de mim mesmo por um momento, a minha culpa, srs. jurados, é a consequencia do desesperado esforço que empreguei para reparar e desfazer o que havia praticado. Ides comprehender já o que pôde parecer-vos confuso e contradictorio...

"Pouco tempo me bastou para

perceber que "Miss" Garnier não era insensivel ás minhas propostas. A sua posição n'aquella casa era muito singular. Chegara, havia um anno, de Montpellier, no sul da França, respondendo a um annuncio dos Murrayfields, que procuravam uma professora franceza para os filhos. Não lhe pagavam, e por isso era mais uma hospeda amiga, do que uma empregada. Pude perceber que tinha sempre tido uma grande predilecção pelos inglezes e que desejava viver em Inglaterra, mas a declaração da guerra tinha transformado os seus sentimentos em adhesão apaixonada, porque os seus sentimentos eram de odio pelos allemães. O seu avô, como ella me disse, tinha sido morto, em circumstancias tragicas, na campanha de 1870, e os seus dois irmãos serviam no exercito francez. A sua voz vibrava de colera quando alludia ás atrocidades praticadas na Belgica, e mais de uma vez a vi beijar a minha espada e o meu revolver, porque tinha esperanza de que ainda seriam usados contra o inimigo.

"Com taes sentimentos no seu coração, pode-se imaginar que a minha conquista não era difficil. Eu desejava casar com ella immediatamente, mas n'isso ella não quiz consentir. Tudo se faria depois da guerra, porque era necessario, dizia ella, que eu fosse a Montpellier encontrar-me com os seus parentes, para que as formalidades francezas fossem exactamente observadas.

"Miss" Garnier tinha um predico raro n'uma provinciana franceza: era uma habil cyclista. Um dos seus prazeres favoritos consistia em longos e solitarios passeios em bicycletta, mas depois da nossa ligação, algumas vezes me permittira acompanhá-la. Era uma mulher extraordinaria em maneiras e em phantasias, que ainda mais augmentavam, no meu sentir, o encanto do seu character. Podia ser alternadamente terna e esquivada e até dura, sem nada perder do seu encanto.

"Mais de uma vez tinha recusado a minha companhia, sem razão plausivel e com aspereza e um lampejo de odio nos olhos, quando lhe perguntava a razão. Mas breve as suas maneiras mudavam e adoçava então a sua falta de amabilidade com uma excessiva attenção, que n'um instante amaciava os meus resentimentos. Em casa, conservava as suas singulares maneiras. Os meus deveres militares eram tão exactamente cumpridos, que somente de noite podia ter esperanças de a ver, e ella ficava muitas vezes no pequeno gabinete de estudo, que durante o dia servia para dar lição ás crianças e dizia-me claramente que

queria estar só. Depois, quando via que eu estava magoado com o seu capricho, ria, pedia desculpa tão meigamente pela sua aspereza, que eu ficava mais seu escravo do que nunca.

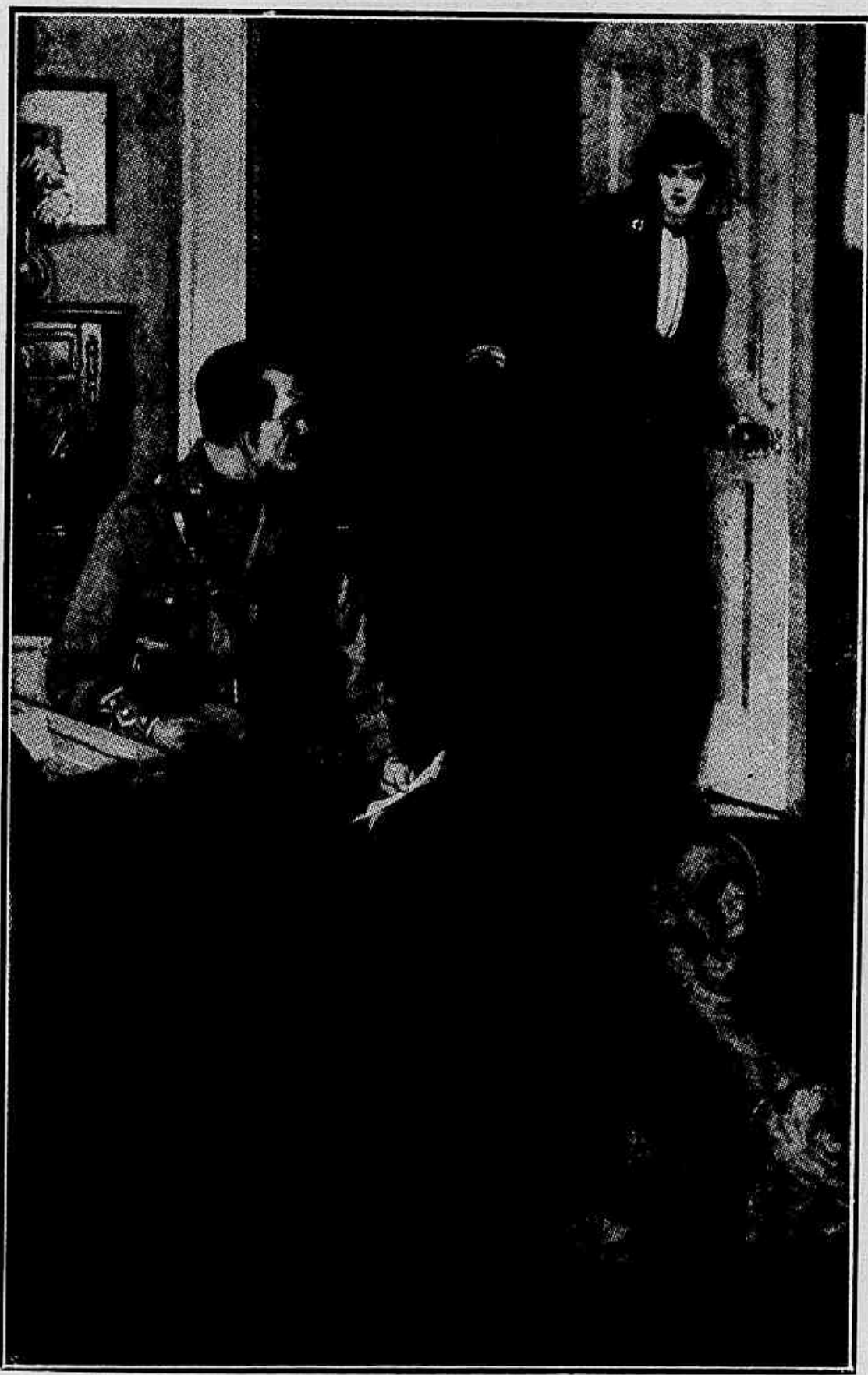
"Fez-se menção das minhas disposições para o ciúme e afirmou-se no inquerito que houve scenas motivadas pelos meus zelos, e que uma vez foi precisa a interferência da sra. de Murrayfield.

"Admitto que era ciumento. Quando um homem ama com toda a força da sua alma, é impossível, creio eu, não ser ciumento. "Miss" Garnier tinha uma grande independência de espirito. Descobri que conhecia muitos officiaes em Chelmsford e Colchester. Desapparecia durante horas na sua motocyclo. A algumas perguntas sobre a sua vida passada, ella só respondia com um sorriso, a não ser que estivesse com os labios cerrados, porque então o sorriso transformava-se em uma crispação. Será para admirar que eu com a minha natureza vibrante de amor apaixonado, fosse a miúdo atormentado de zelos, quando se tratava do segredo impene-travel sobre os seus antecedentes e que ella estava determinada a não revelar? A razão ás vezes vinha segredar-me que pouco eu era, entregando toda a minha vida e a minha alma a quem realmente não conhecia. Depois sobreveiu uma onda de paixão e a razão naufragou.

"Falei das portas da sua vida fechadas. Eu sabia que uma franceza solteira tem habitualmente menos liberdade do que a sua congenere ingleza. Em "Miss" Garnier constantemente se deprehendia da sua conversação que ella tinha visto muita cousa e conhecia muito bem o mundo. A minha maior tristeza era quando ella, em qualquer occasião, fazia uma observação que indicava isto mesmo, e depois, como eu claramente podia ver, arrependida da sua propria indiscrição, pretendia apagar essa impressão por todos os meios ao seu alcance. Tivemos varias discussões por esta causa, quando

eu fazia perguntas a que não podia obter resposta, mas que tinham sido accumuladas em forma de accusação. Todos estes incidentes esqueciam depressa. Um, porém, veio avolumar as minhas suspeitas e exacerbar os meus ciúmes.

"Eu encontrara a photographia de um homem sobre a sua mesa e exaltou-me a sua evidente confusão quando lhe perguntei algumas particularidades sobre elle. O nome "H. Vardin" estava escripto na photographia. Era evidentemente um autographo.



— Como se atrevia a arrembar a minha secretaria e a violar a minha correspondencia?

"Eu estava incommodado pelo facto de que essa photographia tinha a apparencia de ser guardada secretamente, como uma rapariga pôde conservar sobre o coração o retrato do seu namorado. Ella recusou-se abruptamente a dar-me qualquer informação, senão para fazer uma declaração que achei inverosimil, isto é, que era de um homem que nunca tinha visto na sua vida. Foi então que me esqueci de mim mesmo. Levantei a voz e declarei que ou havia de saber mais alguma coisa da sua vida, ou romperia com

ella, mesmo que o coração me estalasse de dôr.

"Não fui violento, mas a sra. Murrayfield ouviu-me do corredor, e entrou no gabinete para me reprehender. Ella era uma senhora bondosa, maternal, que tomou um sympathico interesse pelo nosso romance, e lembro-me de que n'essa occasião me reprovou os meus zelos e finalmente me convenceu de que tinha sido pouco razoavel, e assim nos reconciliámos mais uma vez. Ena era tão loucamente fascinante e eu tão incondicionalmente seu escravo,

que conseguia sempre dominar-me, comquanto a prudencia e a razão me aconselhassem altamente a que me libertasse do seu sortilegio. Tentei repetidas vezes saber d'esse homem Vardin, mas encontrei sempre a mesmo affirmativa, que ella repetia com ar muito meigo, mas de solemne protesto. Nunca tinha visto aquelle homem na sua vida! Porque se importaria ella com a photographia de um homem novo, de apparencia algum tanto sinistra — porque eu tinha observado bem de perto o retrato antes d'ella m'o arrancar da mão — era o que "Miss" Garnier não podia ou não queria explicar-me.

"Chegara o momento de eu deixar Radchurch. Tinha sido nomeado para um novo posto de muita responsabilidade no Ministerio da Guerra, e portanto, obrigado a estabelecer a minha residencia em Londres. Passado algum tempo, obtive uns dias de licença.

"Foi n'estes poucos dias que a minha vida se arruinou, e em que fui submettido á mais horrivel das provações que jamais um homem pôde suportar e que me collocou finalmente n'este Tribunal, pleiteando como estou pela minha vida e pela minha honra.

"São quasi cinco milhas da estação a Radchurch. Ella esperava-me alli. Era a primeira vez que nos reuniamos, desde que eu lhe tinha dado o meu coração e a minha alma.

"Senhores, eu não me posso expandir sobre este assumpto. Ou

são capazes de compadecer-se e de compreender a emoção que se apodera de um homem em semelhante ocasião, ou não. Se não são dotados de sensibilidade e imaginação, eu não posso ter esperança de lhes fazer ver senão o facto na sua nudez. O facto, na sua nudez, exposto sem mais nada, é que durante este caminho, desde Ratchurch até á aldeia fui levado á maior das indiscrições — á maior deshonra, se quizerem, da minha vida.

“Confiei a essa mulher um segredo, um enorme e importante segredo, que podia causar-nos um revez e a perda de muitas centenas de vidas. Esta imprudencia a commetti inconscientemente e antes que podesse perceber a maneira como ella, com a sua intelligencia, conseguiu ligar os acontecimentos para chegar a uma conclusão. Ella chorava, deplorava o facto dos exercitos alliados serem contidos pelas linhas de ferro dos allemães. Eu expliquei-lhe que era mais correcto dizer que eram as nossas linhas de ferro que os continham, visto serem elles os invasores. — Mas a França e a Belgica “nunca mais” se veem livres d’elles? — gritou ella. — Teremos de nos contentar em vel-os collocados na frente das nossas trincheiras e consentir que façam o que lhes parecer em dez provincias francezas? Oh! Jack, Jack, pelo amor de Deus, dize-me alguma cousa que traga uma pequena esperança ao meu coração, porque ha occasiões em que me parece que estala! Vocês, os inglezes, são estoicos. Podem supportar estas cousas. Mas nós outros, temos mais nervos, mais alma. Para nós, isso é a morte. Dize-me! Dize-me que ha esperança! E que louca eu sou em te perguntar, porque, com certeza, tu és somente um subalterno no Ministerio da Guerra, e como podes saber o que está no pensamento dos teus chefes?”

— “Pois bem, succede que sei uma grande parte, — respondi eu. Não te apoquentes, porque em breve teremos um avanço para a frente.

— “Em breve! Para alguns, d’aqui a um anno póde ainda ser “cedo”.

— “Não é para o anno.

— “Teremos de esperar um outro mez?”

— “Nem tanto.

“Apertou as minhas mãos entre as suas, dizendo:

— “Oh! meu querido amigo, que alegria trouxeste ao meu coração! Em que expectativa viverei agora! Parece-me que uma semana de espera me vae matar.

— “Bem, pois talvez não seja nem uma semana.

— “Ah! dize-me — continuou ella com a sua voz adulatora; — dize-me só uma cousa, só uma, e

não te incomodarei mais. São os nossos bravos soldados francezes que avançam? Ou são os teus esplendidos “Tomazes”? A quem caberá a victoria?”

— “A uns e aos outros.

— “Hossana! — gritou ella. — Vejo tudo. O ataque será no ponto onde as linhas francezas e inglezas se reúnem. Juntos avançarão em massa, n’uma gloriosa investida!

— “Não, — disse eu. — Não irão juntos.

— “Mas eu entendi tu dizeres — com certeza, as mulheres não entendem nada d’estes negocios, mas eu entendi tu dizeres que avançariam juntos.

— “Se os francezes avançarem em Verdun, e os ingezes em Ypres, mesmo que estivessem a centenas de milhas, elles avançariam juntos.

— Ah! agora vejo, — gritou ella, batendo as palmas com delicia. Elles avançam dos dois lados da linha e assim os allemães não saberão para que lado mandar as suas reservas!

— “E’ exactamente esse o projecto: um avanço verdadeiro em Verdun e um enorme ataque simulado em Ypres.

“De repente, senti um accesso de duvida. Lembro-me perfeitamente do salto que dei para traz, para encarar severamente o seu rosto, dizendo:

— “Eu disse-te demasiado! Posso confiar em ti?”

“Ella mostrou-se muito melindrada com as minhas palavras. Que eu por um momento duvidasse d’ella, era mais do que ella podia supportar.

— “Eu primeiro cortaria a lingua, Jack, do que diria a nenhum ser vivo uma palavra do que tu me disseste!

“Tão ardentes eram as suas palavras, que os meus receios desvaneceram-se. Senti que podia confiar n’ella cegamente. Antes de chegarmos a Radchurch, já não pensava mais no caso e entregámo-nos ás alegrias do presente e aos nossos projectos do futuro.

“Eu tinha uma mensagem de importancia a entregar ao coronel Worrall, que commandava um pequeno campo de concentração em Pedley-Woodrow. Dirigi-me para alli e estive ausente durante duas horas. Quando voltei perguntei por “Miss” Garnier. Disse-me a creada que ella tinha ido para o seu quarto e que tinha pedido ao “groom” que trouxesse a sua motocicleta para a porta. Pareceu-me extraordinario que ella se expozesse a sahir, quando a minha visita devia ser tão curta. Fui esperal-a no pequeno gabinete, que communicava com o corredor que conduzia ao “hall”. Ella não poderia passar sem que eu a visse.

“Havia perto da janella uma pequena mesa onde ella costumava escrever. Tinha-me sentado, quando o meu olhar cahiu sobre um nome escripto n’um papel matta borrão. A impressão estava invertida sobre o matta-borrão de que ella se tinha servido, mas lia-se com facilidade. O nome era Humbert Vardin.

“Conhecia-se que era parte do endereço de um “enveloppe”, porque, por baixo, consegui distinguir as iniciaes S. W., referentes a uma estação postal, divisão de Londres, comquanto o nome da rua não estivesse claramente reproduzido.

“Soube então pela primeira vez que ella estava actualmente em correspondencia com esse homem, de quem eu tinha visto a photographia, e cuja expressão me era repugnante.

“Era claro que me tinha mentido, pois seria crível que se correspondesse com um homem que nunca tivesse visto? Eu não pretendo justificar a minha conducta. Mas ponha-se cada um no meu lugar. Imaginem que tinham o meu genio exaltado, fervente e zeloso. Teriam feito o que eu fiz, porque não poderia fazer outra cousa. Avassallou-me uma onda de furia. Deitei as mãos á escripta de madeira. Se fosse de ferro, tel-a-hia despedaçado. Tal qual como era, voou litteralmente em pedaços. Estava alli a propria carta, fechada á chave por segurança, emquanto a auctora se preparava para a levar ao seu destino.

“Não tive hesitação nem escrupulo. Abri-a. Desonesto! dirão, mas quando um homem está atormentado com zelos, poucas vezes sabe o que faz. Esta mulher, por quem eu estava prompto a dar tudo, era-me fiel ou não? Havia de sabel-o a todo o custo. Passou por mim um estremecimento de alegria apenas os meus olhos leram as primeiras palavras. Eu tinha sido injusto para com ella.

“Caro sr. Verdin. Assim começava a carta. Era claro, uma carta de negocios e nada mais. Eu estava resolvido a collocar a outra vez dentro do “enveloppe”, confundido de remorsos pela minha falta de fé, quando uma simples palavra no fim da pagina despertou a minha attenção, e dei um salto como se tivesse sido picado por uma serpente. A palavra era “Verdun”. Olhei outra vez: “Ypres” era a que se seguia abaixo. Sentei-me horrorisado perto da escripta partida e li esta carta, cuja traducção tenho na minha mão:

“Casa Murreyfield — Radchurch. — Caro sr. Verdin. — Stinger disse-me que o tem informado sufficientemente com respeito a Chelmsford e Colchester;

assim não me dei ao trabalho de escrever. Elles fizeram avançar a brigada territorial de Midland, assim como os pesados canhões em direcção á costa, perto de Cromer, mas só por algum tempo. E' para exercicio e não para embarcar.

"Agora, as minhas melhores noticias, vindas directamente do Ministerio da Guerra. Dentro de uma semana deve-se dar um severo ataque em Verdun, que será secundado por um ataque de auxilio em Ypres. E' tudo em grande escala e o senhor deve mandar um mensageiro allemão especial a von Starmer, pelo primeiro vapor. Espero obter a data exacta e mais algumas particularidades pelo informador, esta mesma noite, entretanto deve agir com energia.

"Não me atrevo a depositar esta carta no correio aqui — sabe o que são correios de aldeia. Irei eu mesma leval-a a Colchester, onde Stringer a incluirá com o seu proprio relatorio, que vae em mão propria. — Sua muito fiel, Sophia Heffner".

"Fiquei primeiro aturdido quando li esta carta; depois fui possuido por uma raiva fria e concentrada. Assim, esta mulher era allemã e uma espia! Pensei na sua hypocrisia e na sua falsidade a meu respeito, mas, sobre tudo, pensei no perigo do exercito e do Estado. A grande derrota, a morte de milhares de homens, podiam recahir sobre a minha consciencia. Ainda era tempo, com prudencia e energia, para evitar o tremendo desastre. Ouvi os seus passos na escada, e um instante mais tarde entrou. Estacou, empallideceu, quando me viu alli sentado com a carta na mão.

— "Como encontrou isso? — gritou ella. Como se atreveu a quebrar a minha secretaria e roubar a minha carta?

"Conservei-me calado. Sentei-me e olhei-a, pensando no que tinha a fazer.

"Subitamente, ella d'um salto tentou arrancar-me a carta. Agarre-a pela cintura e atirei-a sobre o sophá, onde ficou estatelada. Depois toquei a campainha e disse á creada que precisava immediatamente ver o sr. Murrayfield.

"Era um homem de idade, forte, que tinha tratado esta mulher com tanta bondade como se fosse sua filha.

"Ficou horrorisado com o que lhe contei. Não lhe mostrei a

carta, por causa do segredo que continha, mas fiz-lhe comprehender que era de importancia capital.

"Elle perguntou:

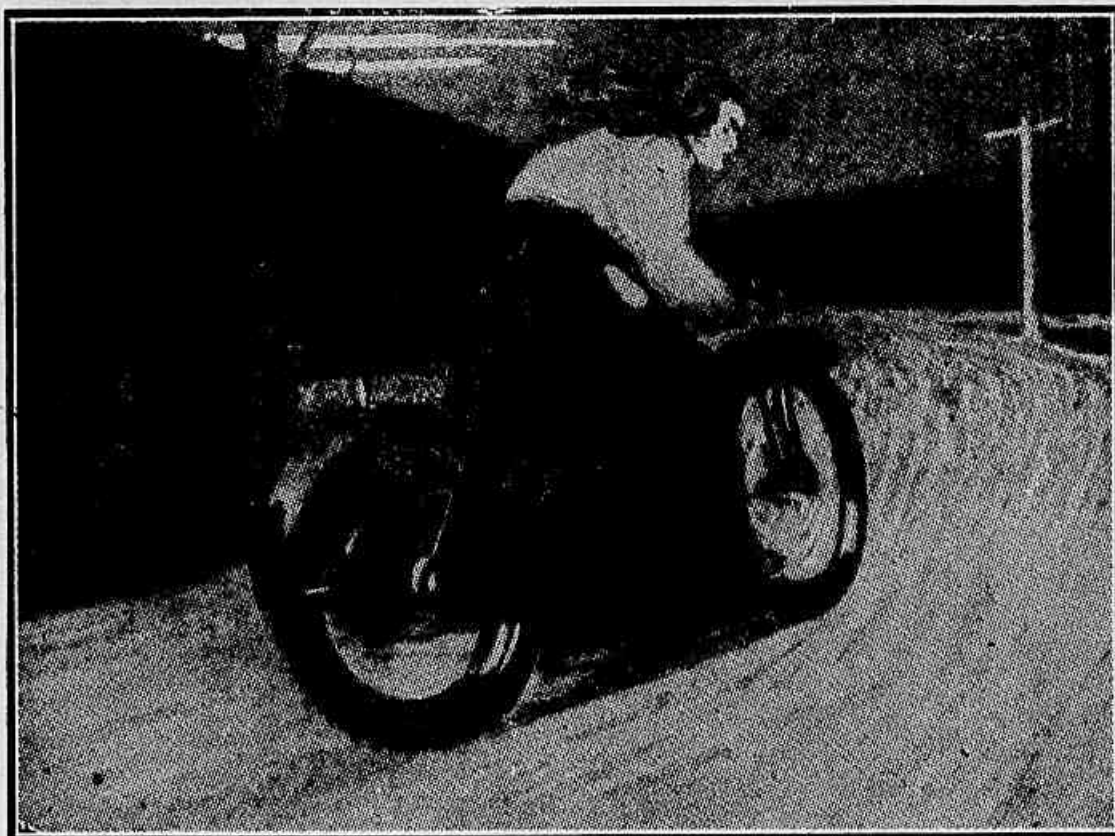
— "Que vamos agora fazer? Eu nunca poderia ter imaginado uma cousa tão terrivel. Que aconselha que façamos?

"Eu respondi:

— "Só ha uma cousa que possamos fazer. Esta mulher deve ser presa, e entretanto devemos arranjar as cousas de maneira que não possa communicar-se, seja com quem fôr. Por tudo o que sabemos, ella tem cúmplices n'esta mesma aldeia. Pode-se encarregar de a conservar em segurança, enquanto eu vou ao coronel Worrall, em Pedley, buscar uma ordem e uma guarda?

— "Podemos fechal-a no quarto de cama.

— "Não se incomodem, — disse ella. Dou a minha palavra que ficarei onde estou. Aviso-o que



— Passou por mim com uma flecha e ia voltando para a estrada de Colchester...

tenha cuidado, capitão Fowler. Já mostrou uma vez que era capaz de proceder antes de pensar nas consequencias. Se eu fôr presa, todo o mundo saberá que o senhor divulgou segredos que lhe foram confiados. E' o fim da sua carreira, meu amigo. Póde castigar-me, não ha duvida. Mas pense no que lhe acontecerá!

— "Parece-me, disse eu, que é melhor leval-a para o seu quarto de cama.

— "Muito bem, se querem, — disse ella, seguindo-nos para a porta.

"Quando chegámos ao "hall", ella fugiu subitamente, e agarrou a sua motocycletta, que estava alli encostada. Antes que ella podesse partir, nós dois agarrá-mol-a. Apeou-se e enterrou os dentes na mão do sr. Murrayfield.

"Só com grande difficuldade a dominámos e a arrastámos — quasi carregámos com ella — pe-

las escadas acima. Acompanhá-mol-a até ao seu quarto e fechámos a porta á chave, enquanto ella gritava, nos insultava e batia na porta.

— "E' um salto de quarenta pés sobre o quintal, — disse o sr. Murrayfield, ligando a mão ensanguentada. Esperarei aqui até que volte. Conserva-a-hemos sã e salva.

— "Tenho aqui um revolver, — disse eu. O senhor deve estar armado. Devemos contar com o peor. Quem sabe quantos amigos ella terá por aqui?

— "Obrigado, — disse elle. O jardineiro está perto. Não se apresse com a guarda, eu respondo pela prisioneira.

"Tendo tomado, como parecia, todas as possiveis precauções, corri a dar o alarme. Eram duas milhas distantes de Pedley e o coronel tinha sahido, o que occasionou alguma demora. Depois, havia formalidades e a assignatura d'um magistrado a obter. Um policia devia trazer o mandado, mas tinha que vir tambem uma escolta militar, para acompanhar a prisioneira.

"Eu estava tão ansioso e impaciente, que não pude esperar, e voltei rapidamente sosinho, com a promessa de que elles me seguiriam.

"A estrada de Pedley-Woodrow cruza com a grande estrada que vae a Colchester n'um ponto approximadamente a meia milha da aldeia de Radchurch. Era noite, mas fazia

tanta claridade, que se podia ver distinctamente a mais de vinte ou trinta jardas de distancia. Eu tinha percorrido apenas uma pequena distancia desde o ponto de junção, quando ouvi, dirigindo-se para mim, o ruido d'uma motocycleta guiada n'um furioso andamento. Vinha sem luz e atirou-se para cima de mim. Dei um salto para evitar o ser esmagado e no mesmo instante vi, quando a machina me cruzava, o rosto de quem ia n'ella.

"Era ella—a mulher que eu tinha amado. Ia apressada, com os cabellos soltos ao vento, livida, e voando atravez da noite, como uma das Walkyrias da sua terra natal. Tinha passado por mim como uma flecha e ia voltando á estrada de Colchester. N'um momento calculei as consequencias, se ella chegasse á cidade. Se lhe fosse permittido encontrar-se com o seu agente, podiamos prendel-os a ambos, mas se-

ria muito tarde. As noticias já teriam sido transmittidas. A victoria dos aliados e as vidas de milhares dos nossos soldados — tudo estaria perdido.

"Rapidamente, puxei o gatilho do meu revolver e disparei duas vezes, depois de ter visado o vulto, que mal se distinguia no escuro. Ouvi um grito, o estrondo d'uma cycle quebrando-se, e depois tudo ficou em silencio.

"Não preciso dizer-lhes mais nada, srs. jurados. Sabem o resto. Quando corri, encontrei-a estendida na valeta. As minhas balas tinham-n'a attingido. Uma d'ellas fizera-lhe saltar os miolos. Estava ainda junto do seu corpo, quando chegou Murrayfield, correndo pela estrada, quasi sem folego.

"Ella tinha, ao que parece, com grande coragem e decisão, descido, com o auxilio da hera que guarnecia o muro.

"Só quando ouviu o roncar da motocycleta, é que elle comprehendeu o que tinha acontecido.

Estava explicado ao meu cerebro desvairado o que se passara, quando chegaram os policias e os soldados para a prenderem. Mas, por uma ironia da sorte, foi a mim que elles prenderam.

"Foi-me arguido no inquerito policial, que o meu crime tinha por mobil o ciúme. Não neguei nem dei testemunha alguma para me justificar. Era desejo meu que assim o acreditassem. A hora para o avanço francez ainda não tinha chegado, e não me podia defender sem apresentar a carta que revelaria tudo.

Agora está tudo acabado — gloriosamente acabado — e posso finalmente falar.

Confesso a minha culpa—a minha gravissima culpa. Mas não é por isso que me estão julgando. E' por assassinio. Considerar-me-hia o assassino dos meus compatriotas, se tivesse deixado passar essa mulher.

"São estes os factos, senhores. Deixo o meu futuro nas suas mãos. Se me absolverem, poderei dizer que tenho esperanças de servir o meu paiz de maneira a attenuar essa grande indiscrição, e tambem, como espero, acabar

para sempre com estas terriveis recordações, cujo peso me esmaga. Se me condemnarem, estou prompto a soffrer, seja qual fôr a pena que me inflingirem".

*
* *

Era a occasião do Procurador Publico replicar, contrariando a defesa. Aquelle magistrado, porém, limitou-se ao classico "fiat justitia".

O jury recolheu-se immediatamente á sala das suas deliberações, onde apenas se demorou

mentos energicos da honra e a piedade que faz nascer nas almas sensiveis o sacrificio do amor, tinham acabado por emocionar profundamente os espectadores. A dignidade respeitosa com que elle falara, a attitudo grave que mantivera durante a sua pathetica defesa, haviam-lhe conciliado todas as sympathias. Havia mulheres que choravam e essas eram, exactamente, as que, antes da audiencia, mais dispostas se achavam para condemnar o assassino, attribuindo a um accesso de ciúme o homicidio.

Notava-se no Tribunal uma grande anciedade em conhecer as respostas do jury, pois que, uma vez reconhecido o crime, embora com as circunstancias attenuantes, o juiz ver-se-hia na necessidade de condemnar o patriota, que matara uma mulher.

Produziu-se na sala um profundo silencio. Os jurados tinham retomado os seus logares. O réo conservava-se de pé, com os braços cruzados no peito, de physionomia severa e triste.

O Presidente, de pé á direita dos magistrados, e no meio d'um silencio tumular, leu o primeiro quesito: "o capitão John Fowler é culpado do crime de assassinio na pessoa de Ena Garnier ou Sophia Heffner?" — e em seguida a resposta: "não".

O Presidente do Tribunal escreveu em poucas linhas a sentença absolutoria, que leu em voz alta.

Immediatamente retumbou na enorme sala uma frenetica salva de palmas e delirantes "hurrahs".

O povo invadiu o recinto reservado ao Tribunal, tomou o accusado nos braços e levou-o em triumpho.

Na rua, as acclamações prolongaram-se. Mas o capitão Fowler estava sombrio. Nada podia consolal-o de haver destruido a mulher tão loucamente amada. Era só agora, quando a justiça humana o absolvía, que elle se considerava um assassino e um desgraçado e que anciava pela bala inimiga que o libertasse da sua desventura.



— Puxei então do revolver e...

dez minutos — o tempo estritamente necessario para escrever as respostas ao longo questionario.

A defesa de Fowler não deixara a menor duvida, mesmo nos espiritos mais inclinados á severidade.

Já por mais de uma vez, quando elle descrevia, na sua linguagem clara, sem circumloquios e evasivas, a sua tragica aventura, o auditorio o interrompera com acclamações que o juiz fizera cessar, impondo o silencio. O sentimento patriotico, a admiração que sempre despertam os movi-

A CAMISARIA PROGRESSO

É

A primeira Casa
de
ROUPAS BRANCAS



2 - Praça Tiradentes - 4
Telephone 1880 - C.
Rio de Janeiro

= Executa sob medida e =
com a máxima perfeição,
= qualquer encomenda =

Grande secção

DE

Perfumarias finas



O PERIGO DE ACIDEZ NO ESTOMAGO

NOVE DECIMOS DE TODA SORTE DE INCOMMODOGASTRICOS SÃO ATTRIBUIDOS A' ACIDEZ

Parecer de um medico sobre as origens e a sua cura

Um notavel medico, cujo bom exito nas pesquisas das origens e do tratamento de males estomacae e intestinaes lhe tem valido uma reputação universal, fazendo recentemente uma conferencia, declarou que a origem de quasi todas as molestias intestinaes assim como tambem, em grande parte, das molestias dos orgãos essenciaes á vida humana, podiam ser attribuidas directamente a um estado morbido do estomago, estado este, que, por sua vez, nove vezes em dez provinha de excesso de acidez, que não só irrita e inflamma a delicada membrana do estomago, mas ainda provoca gastrites e ulceras do estomago. O mais importante é que elle condemna o uso de especificos, como tambem qualquer tratamento medico para o estomago, declarando que elle e os seus collegas conseguiram resultados magnificos com o emprego de *Magnesia bisurada* commum, a qual, neutralizando a acidez dos alimentos, elimina a origem do mal. Acrescenta que é tão insensato tratar-se o proprio estomago como seria o caso de uma pessoa que tendo enfiado um prego no pé, se pozesse a esfregar o pé com o remedio sem ter o cuidado previo de extrahir o prego. Retirado o prego o pé se curará por si — neutralizado o acido, os males do estomago desaparecerão. Medicamentos irritantes são inuteis, como o são os tratamentos medicos, enquanto o conteudo do estomago conservar a acidez; eliminada a acidez não haverá motivo para qualquer medicação: — a membrana inflammada do estomago curar-se-ha por si mesma. Os que são affectados de acidez devem adquirir na pharmacia um pequenc frasco de *Magnesia bisurada* e tomar meia colherinha diluida em um calice de agua tepida ou fria depois das refeições, repetindo a mesma dóse com intervallos de quinze minutos em caso de necessidade. Esta é a dóse que o medico achou mais apropriada para a maioria dos casos. Sendo acondicionada em frasco azul, a *Magnesia bisurada* se conservará por tempo indefinido.

As Dôres de Ventre podem ser symptomas de Lombrigas ou Solitaria

As dôres de ventre, a comichão na parte inferior dos intestinos, a diarrhéa umas vezes e a prisão de ventre outras, a sede insaciavel e outras desordens semelhantes, são symptomas de lombrigas. O Vermifugo "TIRO SEGURO" do Dr. H. F. Peery, é o mais efficaz e seguro do que se conhece hoje para a extirpação das lombrigas e solitaria. E' de acção muito prompta, e de ordinario, basta uma só dose para eliminar do systema, em poucas horas, as lombrigas e solitaria. Não precisa de outros purgantes para completar a sua acção. Compre o Vermifugo "TIRO SEGURO" do Dr. H. F. Peery, o unico legitimo, e não admitta outra coisa. Fabricado exclusivamente pela Wright's Indian Vegetable Pill Co., de 372 Pearl Street, Nova York, N. Y.

Má dentadura ? -- Má digestão

Certo como *dois e dois são quatro*. A maioria das dcnças do estomago são provenientes da má digestão.

Quando os dentes se arruinam e não se póde mastigar bem o alimento, a gente fica *dyspeptica* e soffre do estomago.

SOZODONT é a ultima palavra em descobertas scientificas. O liquido SOZODONT penetra as cavidades buccaes, limpa-as perfeitamente e ao mesmo tempo dá á bocca uma ineffavel sensação de frescor e perfume. A pasta SOZODONT é composta de melhores ingredientes do que qualquer preparado analogo: de sabor e cheiro agradaveis, possui qualidades hygienicas sufficientes para, de per si, conservar a dentadura sempre sã. Com o uso do SOZODONT liquido e creme combinados, senão SOZODONT liquido e pó, se póde obter uma formosa dentadura e evitar o estrago e a carie prematura dos dentes.

Sabonete sylkale

UMA LINDA PELLE

é indispensavel a

UMA LINDA SENHORA

O SABONETE SILKALE dá á pelle saude, frescura e aroma, evita e corrige a dilatação dos poros e a oleosidade da pelle.

O SABONETE SILKALE é um sabonete absolutamente neutro de finissima pãte e delicado perfume.

O SABONETE SYLKALE é o sabonete conveniente a toda a cutis delicada ou doente.

O SABONETE SYLKALE o unico adoptado na sua clinica pela celebre especialista Mme Selda Potocka.



O Sabonete Sylkale, bem como todos os afamados preparados de Mme. Selda Potocka, acham-se á venda, no Rio, nas melhores perdas *Fazendas Pretas, Casa Basin, Casa Hermann, Casa A' Exposição e Casa Ramos Sobrinho & C.*

Em *Petropolis* — no estabelecimento de modas de Mme. Pongetti (rua 15 de Novembro, 285). Em *S. Paulo* — Nas casas Lebre e Fazendas Pretas. Em *Bello Horizonte* — Narciso & Cia. (rua Bahia, 1221). Em *Juiz de Fora* — Cyrino Carvalho & Cia. Em *Victoria* — Cruz Sobrinho & Comp. Na *Bahia* — Manso & Cia. No *Recife* — A Rosa dos Alpes. Em *Maceió* — J. Lages. Em *Sete Lagoas* (E. de Minas) — Bazar Andrade. Em *Ouro Preto* — J. B. Mendes. No *Rio Grande do Sul* — Palais Royal. — Em *Canavieiras* — L. Guerreiro. Em *S. Luiz do Maranhão* — A Mariposa. Em *Porto Alegre* — Casa Chic Parisense. Em *Campos* — Casa Lamy. Em *Campinas* — Casa Americana. Em *Fortaleza* — Xavier Pinto & Irmão. Em *Aracajú* (Sergipe) — Sizenando Almeida & C. Em *Pelotas* — A Torre Eiffel. Em *Ribeirão Preto* — Valeriano T. dos Reis. Em *Uberaba* — Ao Motu Continuo. Em *S. José do Rio Pardo* — A Central.

Depositaros geraes para todo o Brasil — Costa, Pereira & C. — 53, Rua da Quitanda, 55.

O Instituto de Mme. Selda Potocka envia prospectos contendo as instruções necessarias ao uso dos preparados para a hygiene da pelle e do cabello a todas as senhoras que os requisitarem para a rua Paysandú, 111 — Rio de Janeiro.

Quando V. Ex.^a tiver que
comprar móveis,
lembre-se

RED-STAR



Ali todo o mobiliário é moderno, original, e muito bem acabado e os seus preços e condições de pagamento são os mais vantajosos de todo o Brasil. A RED-STAR ocupa actualmente o prédio da rua Uruguayana, 82, mais dois andares do prédio n. 84 e os prédios 69 e 71 da rua Gonçalves Dias.

A COMPANHIA COMMERCIO E NAVEGAÇÃO E O SAL DE MACAÚ.



O mais puro
Sal nacional
Indispensavel
em
todas as mezas

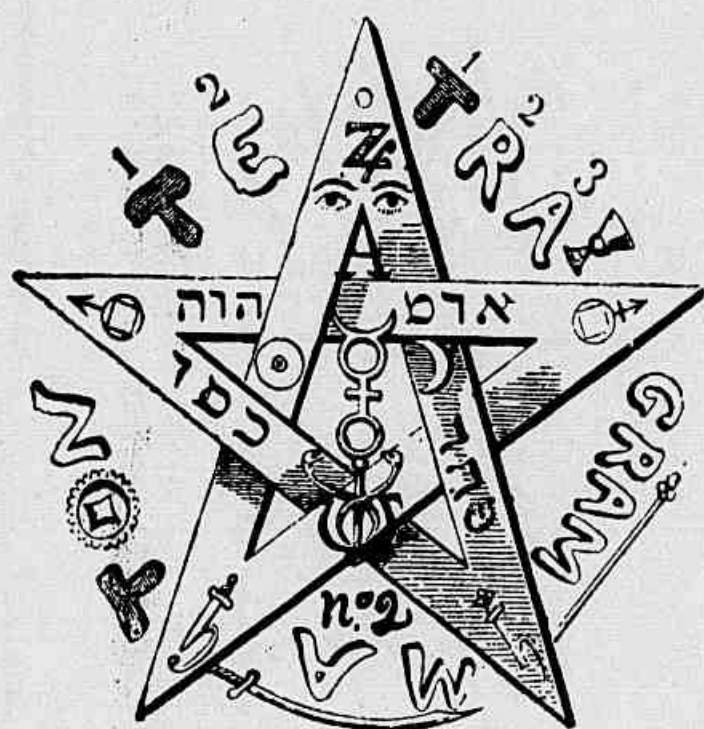
REVISTA DA SEMANA

Entre as industrias nacionaes uma das mais rufurosas e que dia a dia vem-se firmando vantajosamente no nosso mercado consumidor é a nova e florescente industria de exploração do sal pela Companhia Commercio e Navegação. Concessionaria das ricas salinas de Macau no Rio Grande do Norte, esta conceituada empresa de navegação comprehendeu muito bem que nenhum momento seria mais opportuno para valorisar este producto do que actual creado pela guerra européa. Deste modo, dando a este ramo de seu commercio o desenvolvimento necessario, ao mesmo tempo que activava uma propaganda intelligente a Companhia Commercio e Navegação cuidou por sua vez de melhorar as marcas de venda creando typos de sal excellentes que poderão vantajosamente competir com os congeneres estrangeiros. Para esse fim a Companhia Commercio está contruindo uma grande usina de beneficiamento no Cajú com os mais perfectos machinismos de preparo e acondicionamento desal. Esta usina está aparelhada para fornecer aos seus clientes o precioso sal Cadiz hoje tão procurado na industria de lacticinios e carnes frigorificadas, além de magnificos typos de mesa em vidros especiaes.

Força Occulta para se ter sorte!

Gaffarel, num importante livro sobre as antiguidades magicas, demonstrou, *pela sciencia official*, que os verdadeiros Talismans existem e têm poder real, visto que, concentrando os *fluidos da vida*, dão a energia que apressa a realização das cousas desejadas; neste apressamento, á maneira do que é produzido pela electricidade, consistindo todo maravilhoso!

Preparado por quem verdadeiramente sabe e pratica o occultismo, o Talisman exerce a todo momento uma influencia occulta poderosissima, mesmo quando não se está desejando a sorte! Attrahe a sympathia, o amor, a saúde, o exito nos negocios; preserva



Marca do talisman

da influencia nefasta de inveja, odio, sortilegio, maleficio ou hypnotisação contraria á moral! A devoção, estimulação ou fé concentrada no Talisman é um protector invisivel que, *por intuição*, avisa de todos os perigos, dá o palpite dos bons negocios, leva direito ao fim desejado, mesmo sem se compre-

hender o *como* nem o *porque*! Não ligueis importancia aos que contradizem vossas crenças: 1º, porque o *saber* d'elles não dá o que buscaes; e 2º porque esse *saber* não esclarece, d'um modo mais probante que o da vossa crença, os *Mysterios da Natureza*.

O Talisman é um poder exteriorisante dos fluidos neuricos e psychicos, — os quaes, como *braco invisivel* de polaridade positiva, combinando-se automaticamente, pela intenção, com a polaridade negativa das forças magneticas da Natureza, realizam aquillo que, para as religiões, são os milagres, — e, para a sciencias, são os phenomenos psychicos. Assim como a força invisivel do transporte electrico, derrota as forças visiveis do vapor e da tracção animal, — assim as forças occultas, penetrando tudo pela simples vontade do *ser evoluído moralmente apesar de ignorar a sciencia*, dão razão ao Christo quando disse que “os ultimos podem ser os primeiros”. — e que “os ignorantes podem falar como sabios”. O elemento psychico *encurta os caminhos ou o tempo*, tal como a electricidade em relação aos antigos meios de comunicação — e opéra tanto melhor quanto mais evoluída moral ou espiritualmente é a personalidade que emprega esse elemento, emitindo-o do ser creador — o *Sou quem Sou* — o Divino no amago das proprias creaturas!

Assim como certas drogas dão sensações que induzem a actos e pensamentos differentes, assim o Talisman, quando é verdadeiro, influe psychicamente no espirito de maneira a fazer comprehender por intuição ou adivinhação, levando para os meios onde se pode obter a sorte!

Os scientistas vindos posteriormente, confirmando cada vez mais as theorias occultistas, dão razão ao *Vox Populi. Vox Dei*. As constantes reformas do bom senso scientifico têm feito dizer a varios sabios que “aquelle que mais sabe é quem sabe que nada sabe”. Disse Xavier du Maistre, genial e notavel escriptor francez: “Será demonstrado que as tradições antigas

são todas verdadeiras; que o paganismo inteiro é um systema de verdades corrompidas e deslocadas, ás quaes se trata de limpar e reorganizar para poderem brilhar com todos os seus raios”. Pascal, o celebre mathematico, escreveu tambem: “Os antigos deixaram verdades que ainda devem ser conhecidas”.

Toda a sociedade está sob a hierarchia, o imperio de formalismos, cerimoniaes, aparatos ou elementos analogos aos que, desde os tempos primitivos, constituem a Magia. Tambem não se podem comprehender as idéas sem sua expressão através de linguagem, signaes e outras formas materiaes ou fluidicas; admitir o dia sem a noite, a materia sem o espirito, o mal sem o bem, a felicidade sem a liberdade. Os Talismans são como a *expressão*; e, condensando as idéas, á maneira do que uma caldeira faz com o vapor, dão a energia que, de outro modo, ellas não teriam, — visto a não coherencia nem perseverança dos pensamentos e sentimentos da maioria.

Os que se sentem caiporas ou infelizes necessitam de recorrer ao auxilio espiritual alheio por meio de Talisman, tal como recorre-se a medico, apesar de cada um poder curar a si mesmo por auto-sugestão ou pela propria vitalidade, submettendo-se á dieta ou ás regras de hygiene que, cessando as causas da doença, restabelecem a saúde.

Cousa alguma no mundo, mesmo uma simples intenção, poderia ficar perdida, “os cabellos de todos estando contados” segundo Christo; o que nada tem de estranhavel, pois, pela philosophia occultista, comprehende-se que a Divindade calculou tudo mathematicamente por numero, peso e medida, o acaso, sendo uma concepção propria só dos que querem explicar aquillo que sua intelligencia não lhes permite comprehender. Não podem deixar de ser raros os confeccionadores de Talismans, porque sua verdadeira formula não é ensinada em livros, e porque para dotar-os de poderes occultos, ha necessidade de influencia pessoal de occultistas mui evoluídos. O verdadeiro Talisman possui *alma*, isto é, uma influencia que, em semi-somnambulismo, se vê delle irradiar, influenciação em afinidade com a pessoa que o tiver usado algum tempo, que qualquer modificação no pensamento, sentimento ou vontade d'essa pessoa tomará logo, na irradição do Talisman uma forma adequada á idéa, mesmo que o Talisman esteja então muito afastado ou em outra casa!

O TALISMAN DA GRANDE SORTE não necessita, da parte da pessoa que o adquire para uso proprio, uma preparação, consagração ou instrucção de hypnotismo, magnetismo ou occultismo. Póde ser usado por pessoas com ou sem saúde, homens, senhoras e crianças, e já está, por verdadeiro mestre occultista, saturado de todos os poderes occultos, afim de favorecer os desejos de bem-estar de qualquer pessoa. O Talisman deverá, por dentro, da roupa, pendar para o peito, preso em torno do pescoço, dia e noite, só se retirando enquanto se lava o corpo.

Remette-se para qualquer parte do Brasil bem acondicionado em caixinha registrada pelo correio, a qualquer pessoa que, na carta do pedido, enviar *Vinte mil réis* em vale postal ou registro pelo que no correio se chama *Valor declarado* (não registro simples, o qual não garante dinheiro) aos unicos agentes:

Milton & Comp. — Caixa Postal, 1.734 — Capital Federal. As pessoas residentes na Capital Federal poderão alquirl-o na Casa Dixie, rua do Rosario, 147.

Se apresentardes este Talisman a uma bussola, vereis que o ponteiro desta se move, tal como se dá com o Iman verdadeiro!

Afim de evitar que os nossos annuncios sejam copiados pelos imitadores, avisamos que os dizeres e marca do Talisman estão sob a garantia legal do registro.



La Coiffure E'legante - pour Mad. e M. Reclamier Manicure -- Massage

Maison diplômée, vendant le meilleur marché. Coiffure avec ondulation Marcel, 3\$000. Coiffure de mariée, soirée, etc. Applications de teinture Henné orientale, garantie, en Brun. Chutain foncé, idem Clair, Doré, etc. Atelier de postiches, dernières créations à prix sans rival. On travaille avec cheveux tombés. — Demander catalogo gratis.

Rua de S. José, 122 - TELEPHONE 3.419-Central

"A NACIONAL"

Telephone 1.756

REGISTRADO

End. telegr. BOLAS

FABRICA DE BILHARES

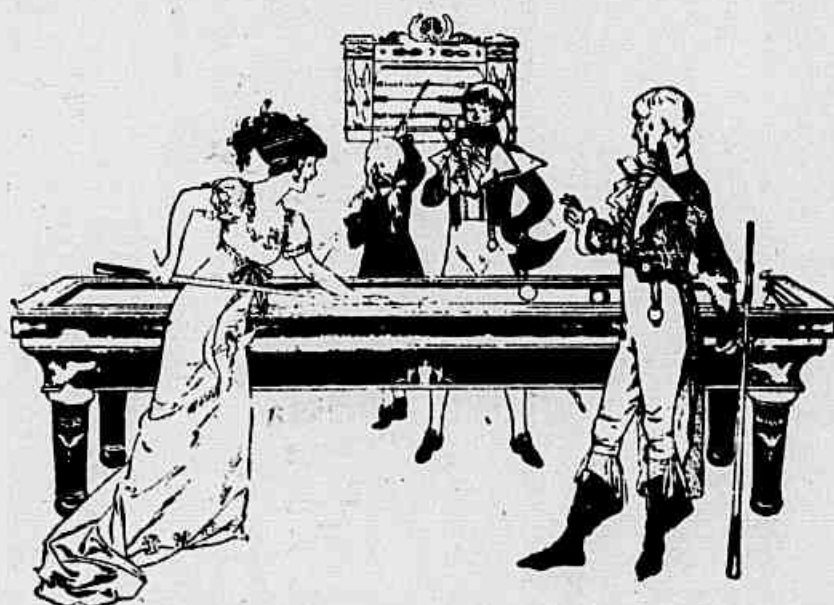
E IMPORTAÇÃO DE ARTIGOS PARA OS MESMOS

Antonio Monteiro de Almeida

Fabricam-se Bilha-
res Bacatella
e todos os utensí-
lios



Preços limitadissimos



Encarrega-se de
qualquer trabalho
concernente a este
ramo de negocio,
aqui, na fabrica ou
na casa do freguez,
por preços limita-
dissimos.

Torrefacção e moagem do Café "Rio Branco"

RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 25 -- Rio de Janeiro

SABÃO ARISTOLINO



**E' o verdadeiro especifico
das molestias de pelle**

DEVENDO SER O PREFERIDO NOS

**BANHOS GERAES
OU PARCIAES**

E CONTRA

Manchas
Sardas
Espinhas
Rugosidades
Frieiras
Feridas
Caspa
Perda do cabelo

Cravos
Vermelhidões
Comichões
Irritações
Dôres
Eczemas
Dartros
Golpes

Contusões
Queimaduras
Erysipelas
Inflamações

**À VENDA EM QUALQUER
PARTE**

5 copias
P. 10



● POMADA AMERICANA ●

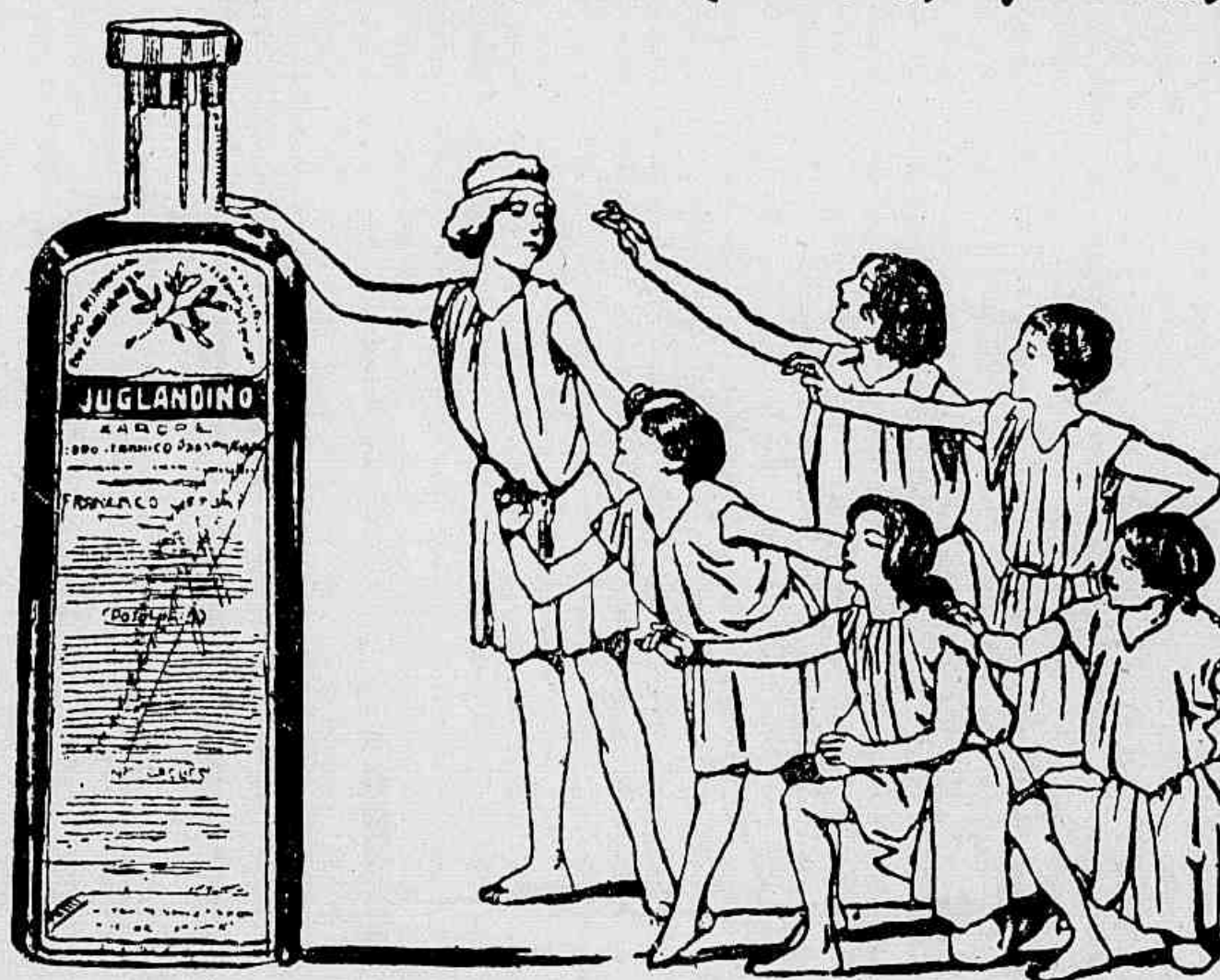
ANTISEPTICA

E' a unica que elimina a caspa e evita a queda dos
cabellos, tornando-os sedosos e abundantes

POTE 3\$500 E 6\$000

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆ Vende-se em todas as Perfumarias ◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

Creanças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O **Juglandino de Giffoni** é um excelente **reconstituente geral** dos organismos enfraquecidos das creanças, **PODEROSO TONICO, DEPURATIVO E ANTI-ESCROPHULOSO**, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.

E' superior ao oleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contém em muito maior proporção o **iodo vegetalisado** intimamente combinado ao **tannino** da noqueira (**JUGLANA REGIA**) e o **phosphoro physiologico** medicamento eminentemente vitalisador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel. E' um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões; d'ahi a preferencia dada ao **Juglandino** pelos mais distinctos clinicos que o receitam diariamente aos seus filhos. Para os adultos preparamos o **vinho iodo-tannico glycero-phosphatado**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacies.—Deposito geral: Pharmacia e drogaria de **FRANCISCO GIFFONI & C.** — Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

Os symptomas de Lombrigas são bem conhecidos



As lombrigas e a solitaria atacam geralmente as crianças (ainda que sem perdoarem os adultos). Quando alguém tiver um appetite voraz ás vezes e lhe faltar o appetite a occasiões, se tiver máo halito, côr pallida, e bocca aquosa, os narizes alargados, circulos lividos ou pretos ao redor dos olhos, dilatação e concentração das meninas, ha indicios seguros de lombrigas ou solitaria.

O Vermifugo "**TIRO SEGURO**" do Dr. H.F. Peery, tomado segundo as instrucções da circular que envolve os vidros, faz com que aquelles symptomas desapareçam, extirpando as lombrigas do systema e destruindo o foco onde se formam e desenvolvem. "Nem ha mister de outros purgantes para completar a sua acção".

Compre logo um vidro do Vermifugo "**TIRO SEGURO**" do Dr. H. F. Peery, o unico legitimo e fabricado pela Wright's Indian Vegetable Pill Co., de 372 Pearl Street, Nova-York, N. Y.

MAIS UMA CREAÇÃO

Botas Veranistas



Ultimas novidades em botas para senhoras, proprias para a estação, em côres Preta, Amarella e Branca.



Preço 40\$000

Pelo correio mais 2\$000



"CASA DA ONÇA"

Rua Uruguayana, 72 — Tel. 610-Central

A TORRE EIFFEL

97

Rua do Ouvidor

99

Artigos para
homens e meninos

Malas e todos
os
objectos indispen-
saveis
para viagem

Artigos de banho
e
de toilette

97

Rua do Ouvidor

99

O maior sorti-
mento

Melhor qualidade

Menor preço

Visitem
A TORRE EIFFEL
e
comparem a quali-
dade e o preço
de
seus artigos



Clinica de vias urinarias — Dr. CARLOS NOVAES membro da Associação Franceza de Urologia. Trat. de blenorragia aguda e chronica, estreitamentos e prostatites chronicas pelas correntes thermo-electricas.
Cons. : rua da Carioca, 50, das 12 ás 17.

Moveis de Estylo

*Salas de jantar
Dormitorios - Sa-
las de visitas*

E. RIBEIRO

Rua Senador Dantas, 45-RIO

N. TEIXEIRA & C.

Representações, commiões, consignações e mais serviços commerciaes e agricolas

Ender. Telegraphico Offen

Telep. Norte, 3.766

Rua Buenos-Ayres, 27

Rio de Janeiro

FUMEM MISTURA ALLEN

Assembléa, 108

Canto de Gonçalves Dias

Charutaria Allen

GRANADO & C.

CASA FUNDADA EM 1870

Premiados com o Grande Premio e duas Medalhas de Ouro, na Exposição Nacional de 1908

CASA MATRIZ:

14, 16 e 18, Rua l.º de Março, 14, 16 e 18

UNICA FILIAL:

Rua Visconde do Rio Branco, 31

LABORATORIO A VAPOR:

Rua do Senado, 48

RIO DE JANEIRO

DROGAS,

*productos chimicos e pharma-
ceuticos, de legitimidade,
pezo e medição garantidos,*

A PREÇO FIXO.

Vejam os nossos catalogos

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL — Companhia de Loterias Nacionais do Brasil

Grande e extraordinaria Loteria do Natal

HOJE, SABBADO, 23 DE DEZEMBRO

(A's 3 horas da tarde) 347—1ª

1.000:000\$000

Por \$6\$ em octogesimos de 700 réis.—Este importante plano, além do premio maior, distribue mais: 1 de 100:000\$, 1 de 20:000\$, 2 de 10:000\$, 4 de 5:000\$, 10 de 2:000\$, 18 de 1:000\$ e 50 de 480\$000

Agentes Geraes: **Nazareth & C.** — Rua do Ouvidor, 94 — Caixa 817 — Teleg. LUSVEL

BANHOS DE MAR



Ccstumes completos, americanos para todas as idades e ambos os sexos, camisas, calções, sapatos, salva-vidas e toucas.

Recebeu novo sortimento para a temporada de 1917.

CASA "SPORTSMAN"

M. MATTOS

Rua do Ouvidor, 25, Avenida, 52—Rio

A ESMERALDA

Grandes reduções para as festas de Natal e Anno Novo

BRONZES, PRATARIAS, METAES FINOS

E MUITOS OUTROS OBJECTOS PROPRIOS PARA PRESENTES

Na Esmeralda não ha difficuldades na escolha de presentes

8 e 10, Travessa de S. Francisco de Paula, 8 e 10

CASA IMPORTADORA DE JOIAS, RELOGIOS E METAES FINOS



CAUTELA, minha Senhora!

V. Ex.^a começa a engordar: ora engordar é envelhecer. Queira, pois, tomar todos os dias duas grageas de **THYROIDINE BOUTY** e os seus contornos serão sempre esbeltos, ou recuperarão a elegancia da juventude. O frasco de 50 grageas: 10 F^{ras}. - TRATAMENTO INOFFENSIVO e ABSOLUTAMENTE CERTO. E' necessario, porém, especificar sempre: **Thyroidine Bouty**. Laboratoires BOUTY, 3^{me}, Rue de Dunkerque, Paris. ENCONTRA-SE EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS.

MANTEIGA VIRGEM

A mais preferida de todas

*Analysada e
approvada pela
Inspectoria
Sanitaria do Com-
mercio de
Leite e Productos
Lacticinios*

Esta excellente
manteiga
só se encontra
na

Leiteria Palmyra

Rua do Ouvidor, 149

Acceita assignaturas para
entrega de leite a
domicilio, e garante a sua
pureza.

TELEPHONE 1.806—NORTE

Não tem filiaes!

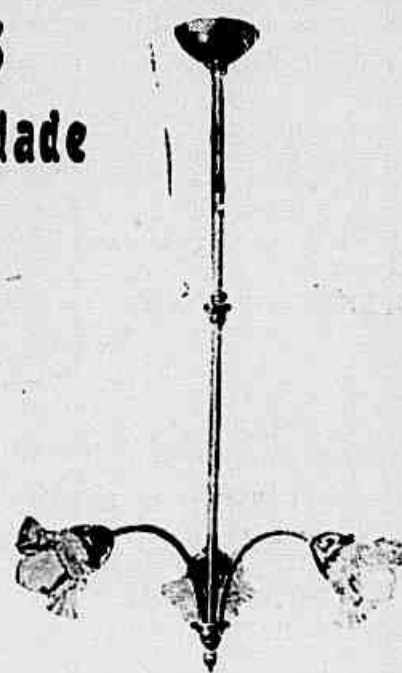


Lustres para
Electricidade
a 10\$000

Lampadas Externas
com globo para electricidade
a 15\$000

Gomes Neves & C.^{ia}

Rua 7 de Setembro, n. 161





A boa fama nasce das boas obras !

Assim acontece com a **Juventude Alexandre**;
o mais afamado tónico para curar a caspa e a
queda dos cabellos, dando-lhe vigor e beleza

“A Juventude Alexandre”

E' a eterna mocidade dos cabellos

— Preço 3\$000 —

Má dentadura ? -- Má digestão

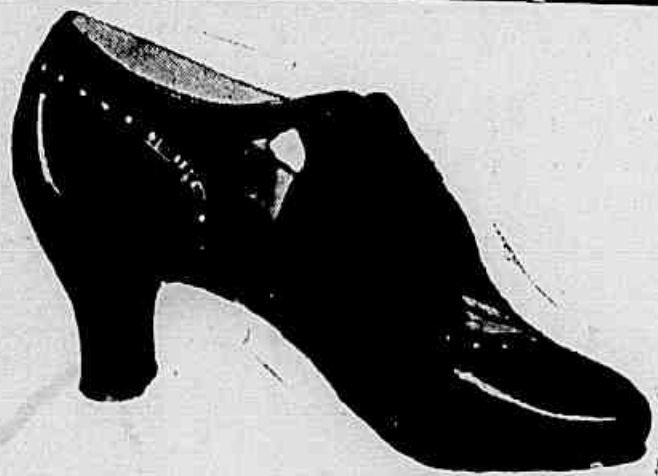
Certo como *dois e dois são quatro*. A maioria das doenças do estomago são provenientes da má digestão.

Quando os dentes se arruinam e não se pôde mastigar bem o alimento, a gente fica *dyspeptica* e sofre do estomago.

SOZODONT é a ultima palavra em descobertas scientificas. O liquido SOZODONT penetra as cavidades buccaes, limpa-as perfeitamente e ao mesmo tempo dá á bocca uma ineffavel sensação de frescor e perfume. A pasta SOZODONT é composta de melhores ingredientes do que qualquer preparado analogo : de sabor e cheiro agradaveis, possui qualidades hygienicas sufficientes para, de per si, conservar a dentadura sempre sã. Com o uso do SOZODONT liquido e creme combinados, senão SOZODONT liquido e pó, se pôde obter uma formosa dentadura e evitar o estrago e a carie prematura dos dentes.

SER BELLA

Creme de Belleza “Oriental”, sem rival para manter a epiderme em perfeita hygiene e beleza, emoliente e refrigerante, embranquece e assetina a cutis. Não é gorduroso, é o melhor para maçagens, e faz adherir o pó de arroz, tornando-o invisivel. 3\$000, pelo Correio 3\$500. Leitora, no lugar onde reside, peça o Creme “Oriental”, ao seu fornecedor e, elle não o tendo o obterá rapidamente. Mediante 100 réis de sello enviamos o catalogo de “Conselhos de Belleza”. Vendas por atacado: dirigir-se ás casas de suas relações nesta praça, ou ao deposito, Perfumaria Lopes, R. Uruguayana, n. 44, Rio.



Sapatos de pellica envernizada, preta, salto Luiz XV, 18\$ e 20\$. com fita, passador e laço no peito do pé. Sapatos de pellica bronzeada, com laço no peito do pé, 20\$ 22\$000. Sapatos de Kanguru amarello no mesmo feitio, salto de couro, 16\$ e 18\$000. Sapatos de pellica preta com fita no peito do pé, salto de couro, 12\$. 14\$ e 15\$.

ULTIMA MODA

Borzeguins de casimira, gaspea de pellica envernizada, 18\$, 13\$, 20\$ e 22\$000.

ULTIMA CRIAÇÃO

Chics sapatos Carlos IX, de pellica bronzeada, salto Luiz XV, 22\$000. Pellica preta 18\$ e 20\$000

Grande liquidação annual de diversos calçados

BOTA FLUMINENSE

Rua Marechal Floriano, 109

Canto da Avenida Passos



Ultima novidade em sapatos de verniz e bezerro setim 15\$, 16\$ e 18\$.

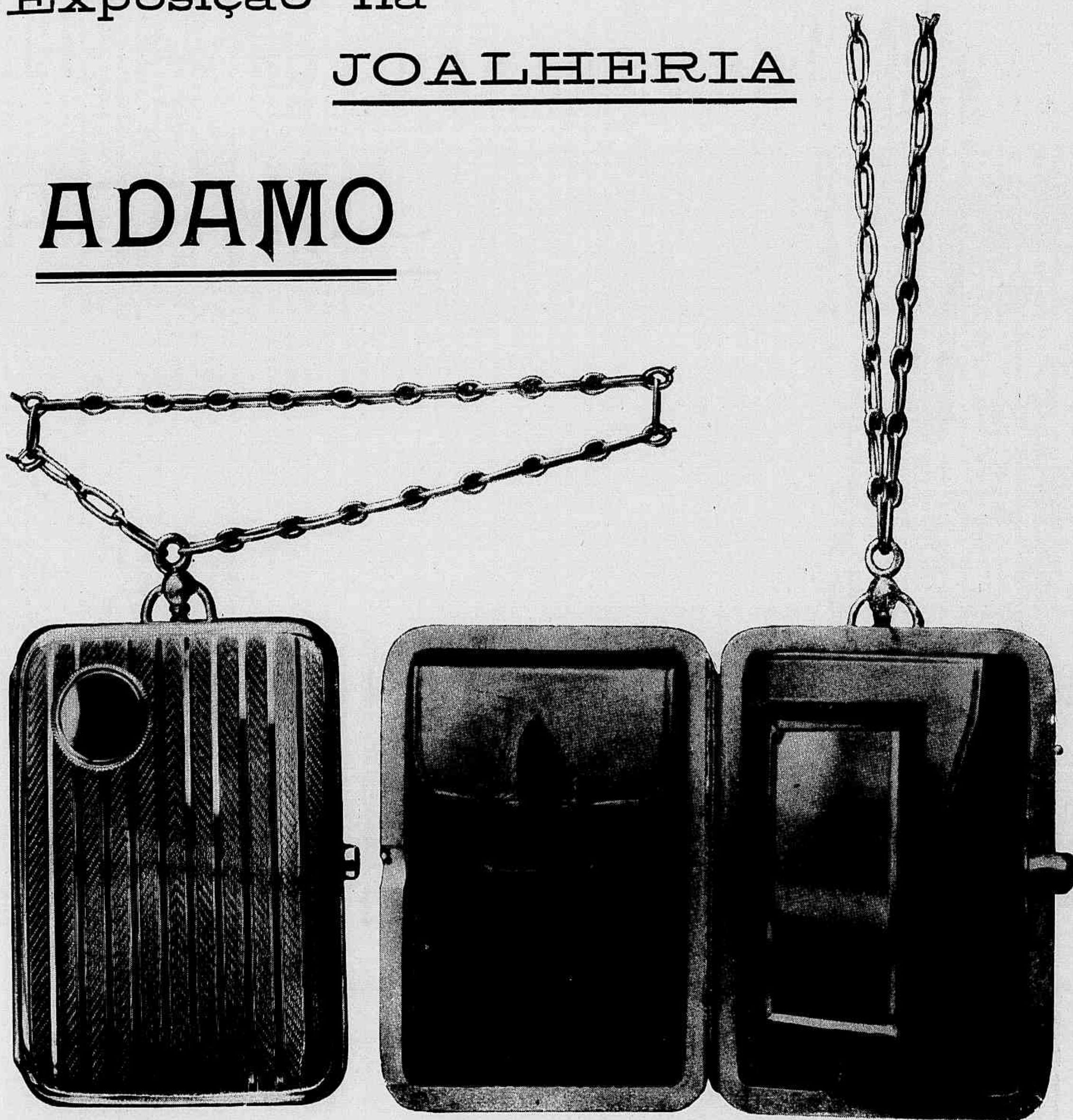
Seduzem as

MARAVILHAS EM

Exposição na

JOALHERIA

ADAMO



E' a unica casa que vende Trousses

(necesser) de ouro 18 k. desde

o preço de 365\$000



SAPATOS MIMI

O ultimo modelo em sapatos entrada baixa, laço moderno, em pellica envernizada e buffalo branco, preço 24\$000. Em setim preto ou branco 30\$000. *Pelo correio mais 2\$000.*

Casa da Onça

72, Rua Uruguayana, 72

TELEPHONE 610 CENTRAL

La coiffure Chic par A. DORET

Madame a besoin d'une belle coiffure...

Madame veut-elle être artistiquement coiffée.

A. Dorét est le coiffeur de toutes les véritables élégantes, il coiffe chic.

Il sait mettre en relief et faire valoir la beauté, l'expression du visage, sans altérer l'harmonie de la forme.

Creme Auto Massage à la mousse de Rose.....	5\$000
Lait des Déesses au suc de Rose.....	5\$000
O emprego dessas dois preparados tira rugas, cravos e manchas em dez dias.	
Fluide d'or (aloura o cabelo em um mez; unico preparado sem agua oxygenada) vidro.....	5\$000
Pollongles (lustra as unhas em um minuto).....	5\$000
Lotion des Déesses, centra a queda dos cabellos; acaba com a caspa.....	5\$000
Henné Doret, tinge cabellos em louro, castanho claro, acajou.....	10\$000
Eau de Cologne Russe Ambrée Doret.....	{ 1 litro 22\$000
	{ 1/2 litro 12\$000
	{ 1/4 litro 7\$000

A' venda nas Casas Bazin e Raunier

E NA

AVENIDA RIO BRANCO, 147



C'est Doret qui me coiffe,

DEPILOL

Faz desaparecer com segurança e rapidez os cabellos superfluos do
❖ ❖ ROSTO, COLLO, BRAÇOS, ETC. ❖ ❖

INFALLIVEL E ABSOLUTAMENTE INOFFENSIVO

VIDRO, 5\$000 ☐ ☐ ☐ PELO CORREIO, 5\$600

N. B. - Devolve-se a importancia não dando resultado
DEPOSITO GERAL:

PHARMACIA TAYARE

62, Praça Tiradentes, 62

Rio de Janeiro



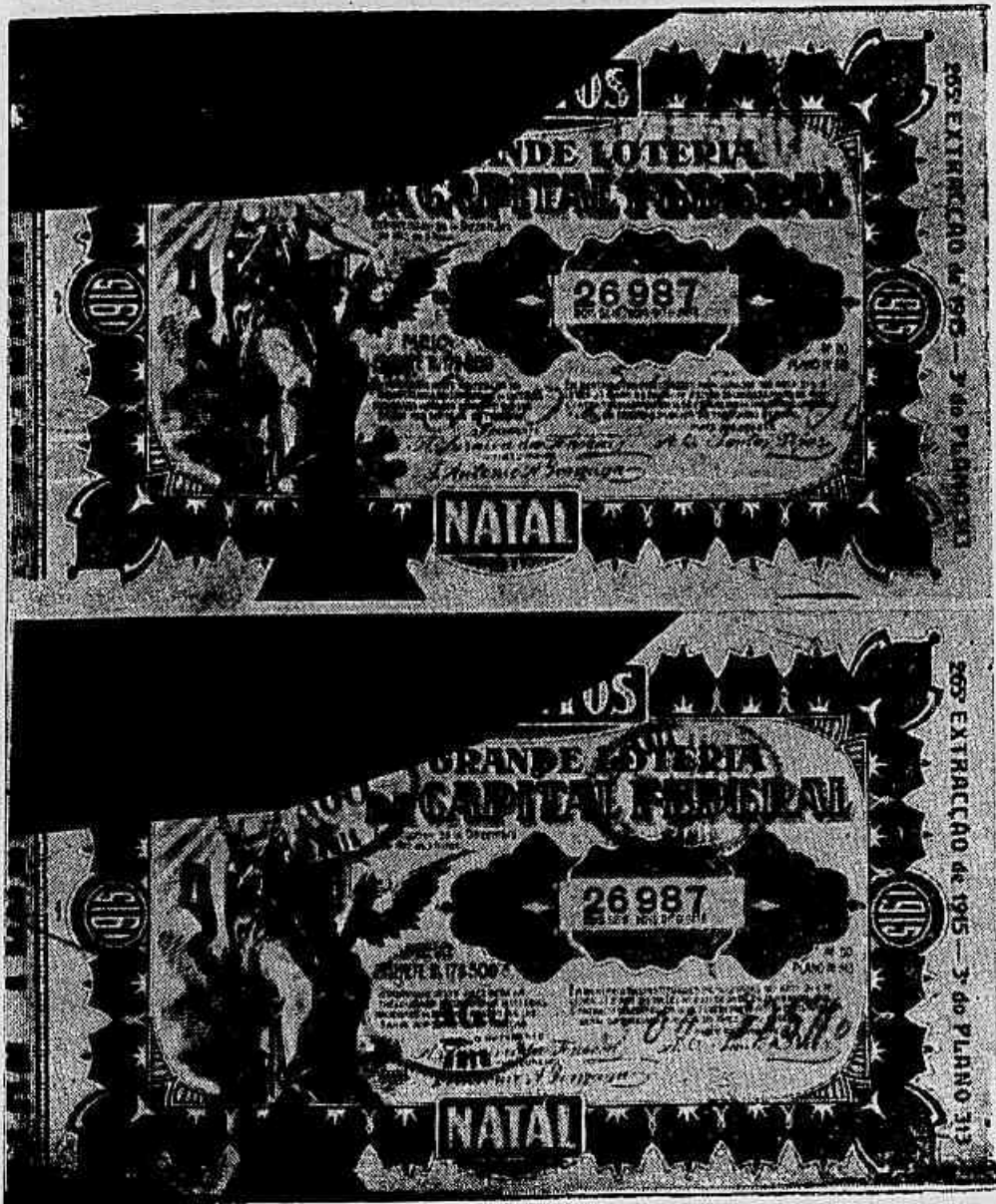
A Companhia de Loterias Nacionais do Brasil - Ao Publico

Entre as falsas acusações do sr. deputado Mauricio de Lacerda a Companhia, existe a afirmação de que a A SORTE DE MIL CONTOS da loteria do Natal do anno passado, bem como a da loteria de 500 CONTOS de 8 de Abril deste anno, não haviam sido pagas.

Como prova evidente dessa falsidade, estampamos as photographias dos bilhetes daquellas loterias que foram resgatados e que, estando em nosso poder, são a prova material do pagamento realizado.

Vamos expôr os originaes desses bilhetes em lugar publico, para que se possa apreciar a semcerimonia com que se ataca os credits de uma empresa que cumpre os seus deveres; e opportunamente responderemos ás outras calumnias contra nós proferidas por aquelle deputado, promettendo desde já ao publico que as deixaremos pulverizadas uma a uma.

A Directoria.

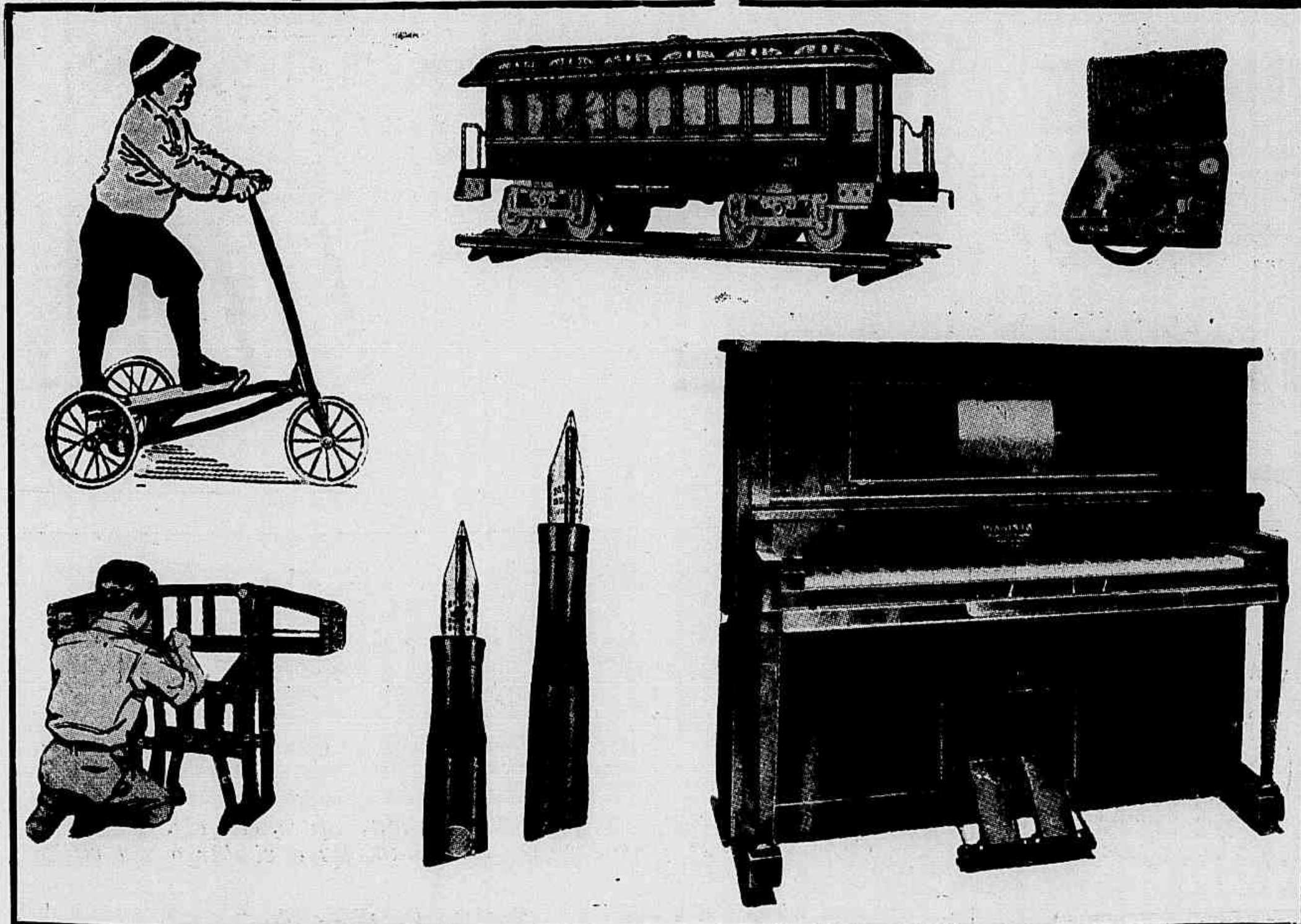


1.000.000\$000 - Loteria do Natal de 1913. Dinheiro pago aos srs. Sousa Ferreira & C. Negociantes na cidade de S. Salvador - Bahia.



Bilhete de Loteria do dia 8 de Abril - premiado com 500.000\$000, e pago aos srs. Hyldebrand Chrissiuma e José Bento Porto.

Novidades para Presentes da "CASA STEPHEN"



RIO - Largo da Carioca

S. PAULO - Rua Direita, 34

Pianos, Luths, Auto-pianos, Brinquedos electricos e Brinquedos constructores, Canetas-tinteiro, Vibradores electricos, Auto-moveis estandares para meninos e meninas; Victor Victrolas, etc. Qualidade superior - Preços modicos.



"EPIDERMOL"

E' sempre agradavel dar uma boa nova á gentil leitora.

- **Epidermol** é o melhor preparado para dar formosura á cutis.
- **Epidermol** faz desaparecer as espinhas, manchas, cravos e todas as alterações da pelle.
- **Epidermol** assetina a epiderme dando-lhe um frescor sempre agradavel.

Assim o attestam senhoras conhecidas da melhor sociedade.

Preço 4\$000 rs. nas boas perfumarias



**Se Estaes Doente
Haveis de vos Curar**
Das Constipações, Bronchites, Doenças da garganta, Laryngites, Grippe, Influenza, sthma, etc. com o uso das
"PASTILHAS HERBER"

A' venda em todas as pharmacias e drogarias.—Pedidos a R. de Noronha — Caixa do correio n. 1.043—Rio de Janeiro.

FORÇA

SAÚDE

VIGOR

**VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO**

Quinium, Carne, Lacto phosphato de cal,
Pepsina e Glycerina

TONICO E NUTRITIVO

NA TUBERCULOSE, ANEMIA,
FRAQUEZA, NEURASTHENIA, ETC.



TELEPHONE 3.031-Norte

CASA AMERICA E JAPÃO

●●●● ARTHUR CHAVES & C. ●●●●

teem em exposição uma grande variedade de artigos especiaes para as festas de Natal e Anno Bom.

Teem tambem grande stock de artigos de verão, como sejam: Geladeiras e urnas para agua, americanas, as melhores que veem ao mercado; sorveteiras de diversos fabrican es, Filtros Mallié, talhas, moringas, transparentes diversos, esteirinhas para cama, leques, etc. etc.

Convidam seus presados freguezes e amigos a visitar o seu vasto estabelecimento.

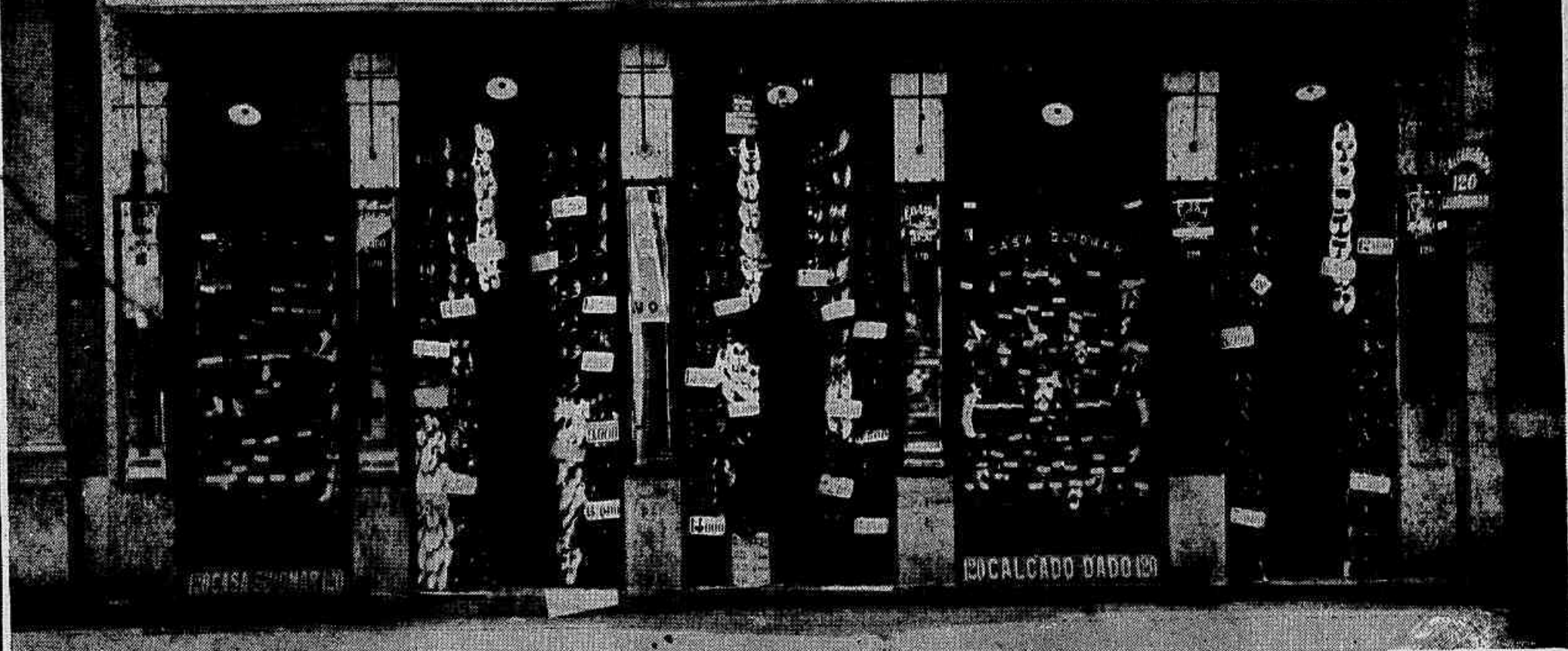
74 — RUA DO OUVIDOR — 74



CASA GUIOMAR 120

CASA GUIOMAR

120 CASA GUIOMAR SYSTEMA DE VENDA PELO CUSTO 120



28\$000 — Ultima criação da moda: — Botas em bezerro-setim preto, com biqueiras e talão de verniz e fivelinha ao lado. Ditas no mesmo modelo, porém, em kangurú amarello. Qualquer destes artigos custa réis 35\$, nas ruas centraes.

Remettem-se catalogos illustrados *gratis* a quem os pedir, rogando-se toda a clareza no endereço, nome, Estado e logar.

Carlos Graeff & C.



Chics sapatos de pellica envernizada, preta, salto Luiz XV, com pala e fivela - dernier bateau, 18\$000. O mesmo fei'to, em kangurú amarello, 18\$ e 20\$.



Sapatos envernizados, salto alto, de sola, 12\$000. O mesmo artigo em pellica envernizada, salto alto, ultima criação, 16\$000. Em kangurú amarello, o mesmo fei'to, salto de sola, 17\$000. O mesmo artigo em camurça branca, salto de sola, 18\$000.



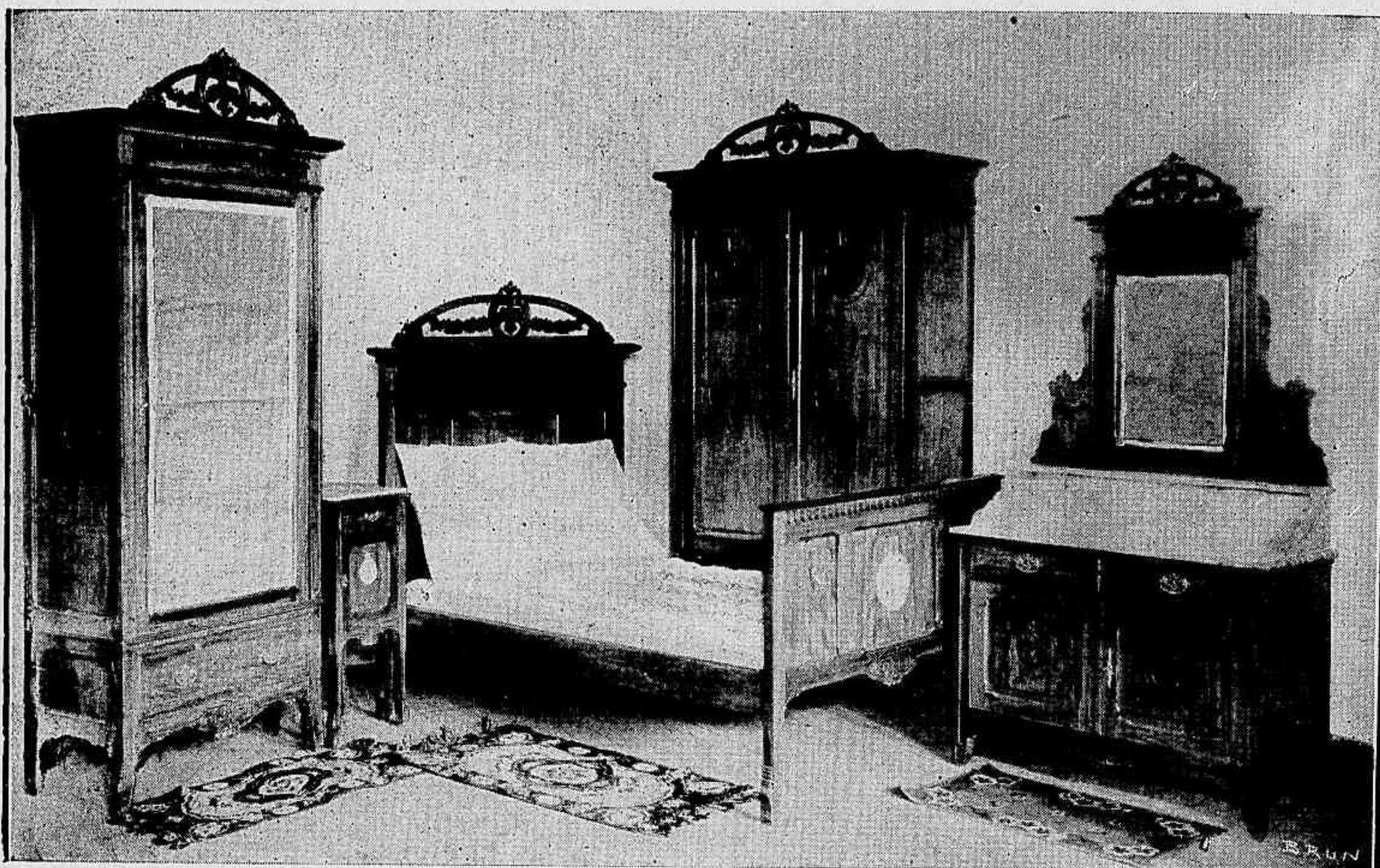
22\$000 — Bellissimas botas de abotoar e de atacar ao lado, em casimira cinza, «beije» e pretas, com biquei-de verniz, artigo «dernier cri».

PELO CORREIO
MAIS 2\$000

Telephone, 4.424, Norte

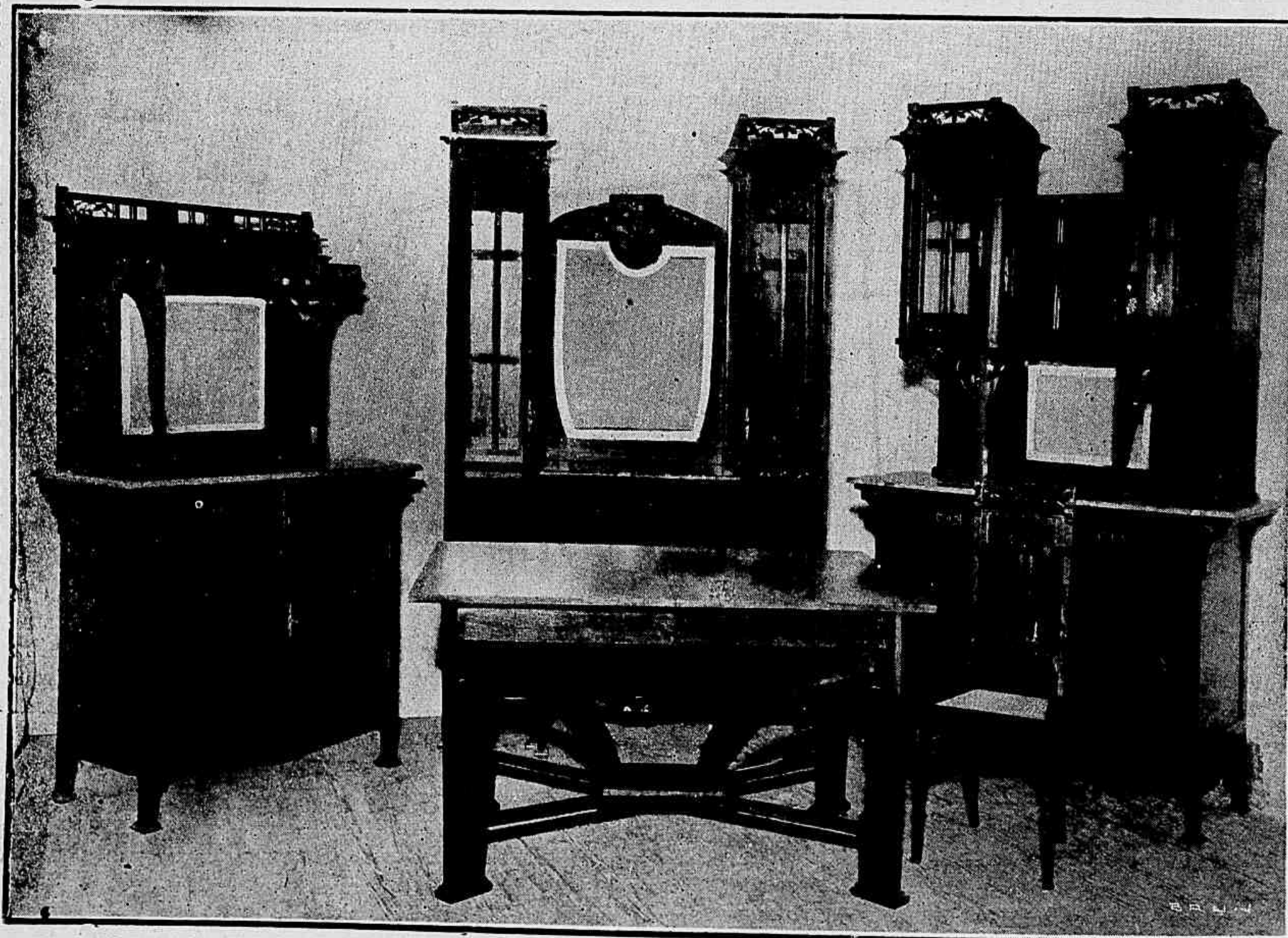
Avenida Passos, 120

00 CASA NUNES 00



Dormitorio entalhado com 6 peças 950\$000.
Mobiliarios artisticos — Tapeçarias finas — Modelos exclusivos.

CATALOGO ILLUSTRADO PARA OS ESTADOS



Sala de jantar esculpturada com 16 peças, 1.400\$000.
Cortinas — Stores — Sanefas — Reposteiros — Tecidos, etc.

Armadores e Estofadores — ALFREDO NUNES & C. — Rua da Carioca, 63-RIO

Instituto de Belleza

— POR —

Mme. Alexandre

Diplomada pelo Instituto Real da Suécia, chegada recentemente da Europa.

Especialista em massagem vibratoria electrica e manual, para embelezamento do rosto por novo systema e do corpo em geral.

Extinção completa dos pellos do rosto, sem dôr, em 5 minutos

— RESULTADO GARANTIDO —

— MANICURE ET PEDICURE —

122, Rua S. José, 122

1.º Andar

Penteados para Senhoras

Attende-se ao

TELEPHONE 3.419 - Central



COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

CONFIANÇA

FUNDADA EM 1872

Capital emittido	2.000:000\$000
» realizado	700:000\$000
Deposito no Thesouro	200:000\$000
Apolices da Divida Publica	1.002:000\$000
Fundo de reserva	288:751\$300
» de integração	30:000\$000

Directores: Commendador José Antonio da Silva—Dr. João Pereira do Couto Ferraz Junior e Dr. Manoel Orlando Rodrigues.

Conselho fiscal: Commendador Manuel da Costa Pereira—Commendador Pedro Gracio e Araujo Maia & Companhia.



INSTITUT PHYSIOPLASTIQUE (Soins de Beauté)

de Mme. B. da Graça

O melhor e primeiro estabelecimento neste genero
 — Tratamento completo e garantido da pelle. —
 Productos medicinaes para qualquer impureza da cutis assim como
 para o embellezamento da mesma, rigorosamente fabricados
 em Paris.

Salon de Coiffeur pour Dames

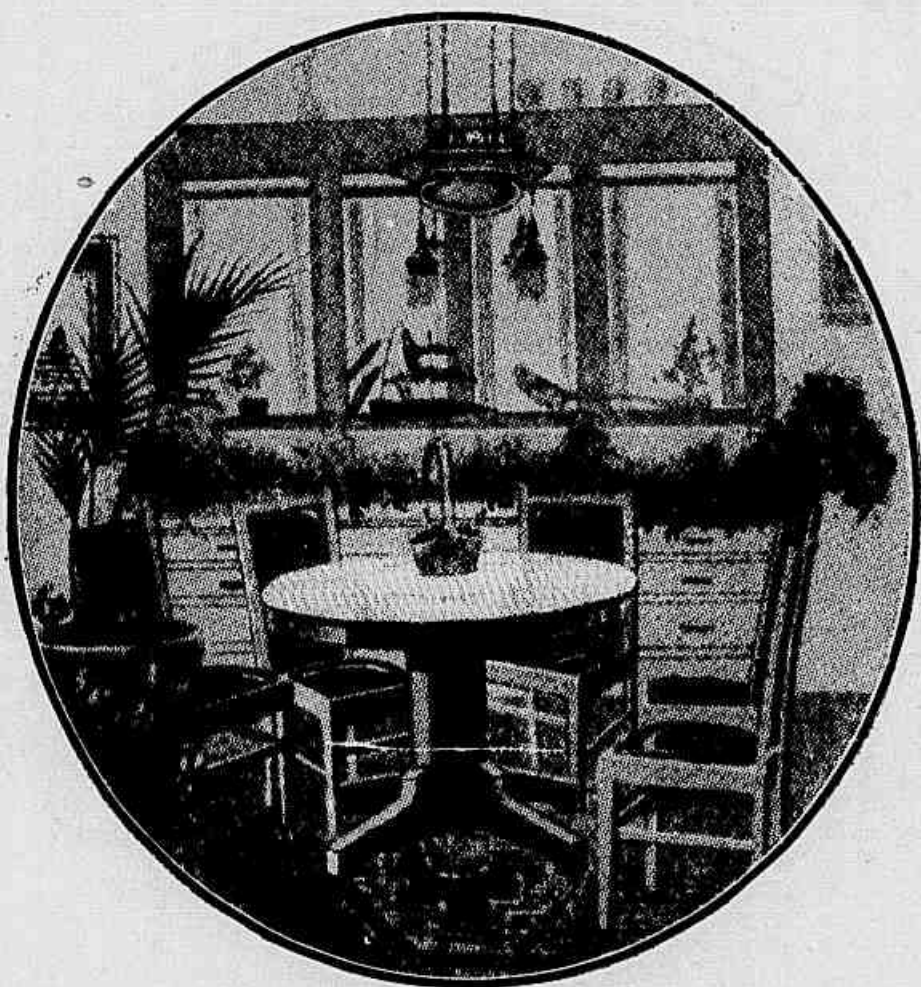
Grande especialidade em tinturas para cabelo, dirigido pelo melhor
 cabell-ireiro do Rio.

RUA URUGUAYANA, 41 - 1.º Andar

FABRICA E ARMAZEM

DE

MOVEIS E COLCHOARIA



Os maiores armazens do Rio de Janeiro

GRANDE SORTIMENTO DE MOVEIS, TAPETES E
 OUTROS ARTIGOS RECEBIDOS DIRECTAMENTE
 DA EUROPA

Magalhães Machado & C.

19 E 21, RUA DOS ANDRADAS, 19 E 21

EM COMMUNICAÇÃO COM A

RUA VASCO DA GAMA, 20, 22 e 24

Telephone 2.037 Norte

Rio de Janeiro

CASA SEGURA

Fabrica de malas e objectos de vime

MOVEIS

DE VIME E

TAPEÇARIA

JOGOS

Roletas, Jaburús.
 Mascottes, Xadrez,
 Dominós, Lotos,
 Damas, etc. etc.

OLEADOS

para cima e baixo de
 mesa, para forrar sa-
 las e prateleiras

PATINS

Foot-balls, Raquettes e
 mais artigos para sport

SEGURA CAMPOS & C. - 84, Rua Sete de Setembro, 84

Remette "gratis" para o interior o catalogo geral illustrado a quem o requisitar.

Quereis ser bella?
Quereis ser attrahente?

USAE A LUGOLINA

Para tirar
pannos do
rosto,
manchas na
pelle,
queimaduras
pelo sol
só

LUGOLINA

Para
aformosear
o collo
e os
braços
só

LUGOLINA



Formosa ! Formosa ! Comecei a ouvir este grato qualificativo só depois de usar a Lugolina...

V. Ex. quer
ter a pelle
fina?

USAE

LUGOLINA

CREAÇÃO DO
DR. EDUAR-
DO FRANÇA

V. Ex. quer
ter a pelle
avelludada?

USAE

LUGOLINA

CREAÇÃO DO
DR. EDUAR-
DO FRANÇA

E' EFFICAZ para evitor **ESPINHAS** e bcrbulhas da barba, para injeções e «toilette» intima das senhoras, **para aformosear a pelle**, para evitar as molestias contagio-
sas, para a quéda do **cabello**, **rugos**, pannos, queimaduras do sol, etc.

Vende-se em todas as Drogarias, Pharmacias e Perfumarias. Depositarios: **ARAÚJO
FREITAS & C.** — Rua dos Ourives, 88 — Preço 3\$000

Natal



OSCAR MACHADO

101 a 103, OUVIDOR, 101 a 103

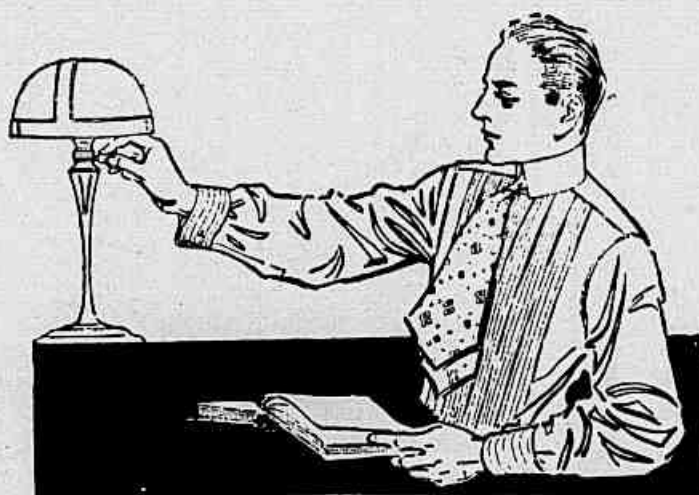
A JOALHERIA OSCAR MACHADO tem o prazer de comunicar que devido ao seu variadissimo STOCK de brilhantes, perolas e outras pedras preciosas, adquiridas antes da notavel alta desses artigos, está habilitada a vender pelos preços antigos. Aproveita o ensejo para lembrar que tem um excellente montado 'ATELIER' de fabricação, onde executa tudo que de artistico e fino pôde produzir a ourivesaria.

BRONZE DE ARTE - ORFEVRE - RELOJOARIA



815

- 815.** camisas em bom
zephir..... **4\$500**
cinto americano. **2\$800**
gravata de seda. **3\$800**
collarinho 5 fo-
lhas de linho,
3 por..... **4\$500**



816

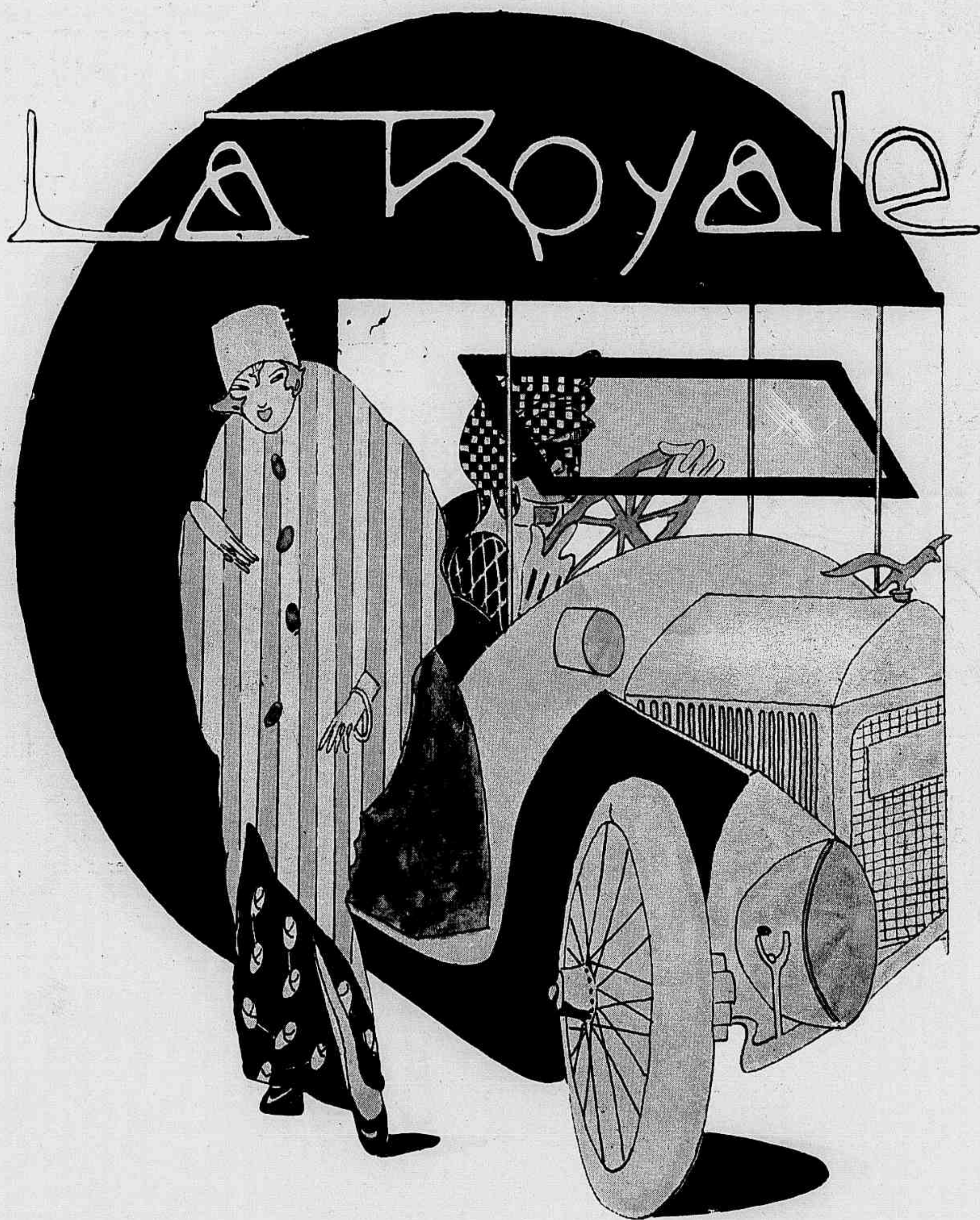
- 816.** camisa em geral
branco. peito
mole..... **4\$500**
gravata de seda **2\$800**
e **3\$500** artigo
chic

**Chapéos de palha, modelos
Americanos 5\$400 e 6\$800**

- 817.** camisas em zephir para
verão..... **6\$000**
gravata de fustão. **800** e **1\$500**
calça de brim branco..... **12\$000**
bonets, de lã desde..... **3\$000**
sapatos em camurça, bran-
ca..... **23\$000**

817





E' incontestavelmente a Joalheria mais chic e procurada pela distinta sociedade carioca, não só pelo seu sortimento inegalavel, como pelos seus preços sem competencia.

JOIAS, RELOGIOS E

OBJECTOS DE ARTE

RIO, AVENIDA RIO BRANCO, 130 E 132

Paris, 17, Rue Châteaudun

REVISTA DE SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Anno XVII — N.º 46 — Rio de Janeiro, 23 de Dezembro de 1916

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA — TELEPHONE: 3.660, NORTE

Redacção e Administração

PRAÇA GONÇALVES DIAS, 12 — Rio de Janeiro

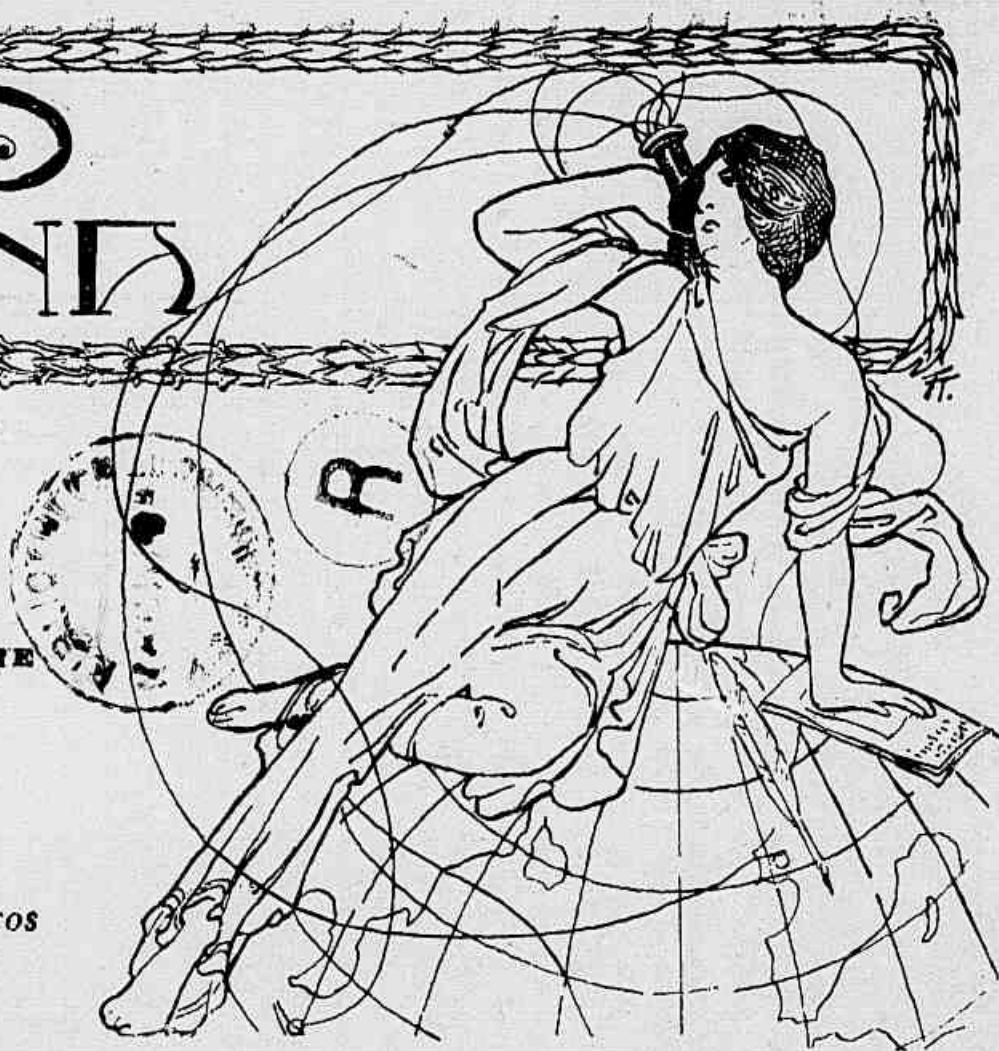
DIRECTOR — C. MALHEIRO DIAS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 20\$000 — Estrangeiro: 50 francos

Avulso: 1\$000 réis (numero de hoje)

Correspondencia dirigida a ARTHUR BRANDÃO, DIRECTOR-GERENTE



NTÃO, numa encruzilhada, os tres Reis Magos viram um homem que se apoiava a uma pedra. Como era dia via-se pouco a estrella. E os tres Reis Magos, desconhecendo os caminhos, tinham um certo receio.

— Se perguntassemos áquelle homem alguma cousa?

— E' uma curiosidade vã.

— A curiosidade dos viajantes!

— Pois seja.

Balthasar approximou-se.

— Homem, desejavamos uma informação.

— Fala.

— Vamos ver o nascimento do Senhor do Mundo.

— Ah!

— Seguimos bem por aqui?

— Seguem.

— E' num palacio que elle nascerá?

— E' numa pobre mangedoira perdida.

— Como sabes?

O homem sorriu.

— Reis, eu sou um propheta e sou um vidente. Mas o destino tem surpresas. Poderia contar-vos tudo quanto se vae passar com o Salvador do

Mundo e a nada poderia entretanto obstar.

— Realmente?

— Eu duvido um pouco.

— Duvida temeraria. Vós outros ides desaparecer, vós outros que nada mais sois que os representantes das tres raças. O salvador nascerá entre perigos, viverá entre perigos, e se apoiará nos ignorantes para lançar a sua fé. Pregará o perdão, a egualdade, o amor. E os simples que são bons e virgens d'alma a propagarão.

— Depois?

— Depois será trahido pelo unico homem instruido dos seus discipulos. O saber é desconfiado e pretencioso. Morrerá infamamente numa cruz.

— O Salvador?

— Exactamente.

— Mas como póde ser salvador, se não terá poder?

— Por isso mesmo. Elle se deixará matar para redimir o mundo.

— E o mundo será redimido?

— O mundo continuará infame, mas com o nome de Jesus como um sol da bondade.

— Tu és, homem, um adivinho. Falas do homem que vae nascer com respeito. Não poderias evitar as suas desgraças?

— Reis Magnificos — o saber nada póde. Póde mais uma creança do que um propheta. O saber envenena a alma e tira a coragem — porque de ante-mão vemos a inutilidade do esforço deante do inexplicavel e inexoravel Destino. Para ser grande e praticar grandes cousas é preciso crer.

O senhor hesita.

— Homem, és amargo.

— Depois, se eu podesse modificar o Destino, se eu tivesse de intervir na vida do Salvador, o meu desejo seria tomar o seu lugar.

— Mesmo com a cruz? mesmo com os soffrimentos?

— Mas com a gloria eterna! O saber só ama a gloria. Todos os sacrificios são insignificantes deante da fama. E só os simples a alcançam sem o amargor de invejal-a — porque não sabem. Segui o vosso caminho, bons Reis. Haveis de chegar porque não sabeis o caminho...

Os Reis entreolharam-se, sorriram. Era de certo um doido!

Tocaram os camellos e foram-se. O homem ficou só, ignorado Natal de Deus, pureza do mundo... Ainda hoje é assim. Fica sempre só o homem que sabe...

INEDITOS

DE

GUIMARÃES
PASSOS

D

ISSE o diamante á perola : «Mesquinha,
Não te ofusca o meu brilho extraordinario ?
Não terás nunca o meu poder sumptuario,
Não terás nunca luz igual á minha.

Cresço mais, se me gasta o lapidario,
Em cada aresta um astro se adivinha.
Que diadema ou corôa de rainha
Não me disputa o incendio planetario ?

Posso partir-me : serei mil estrellas,
E não de todas fulgir... «E quem, ao vel-as»
Interrompe tranquilla a flor da espuma,

«Mais se lembra de ti, pedaços feito ?
A mudanças, vaidoso, estás sujeito...
Perola humilde, eu hei de ser sempre—UMA.»

Pergunta sem resposta



ODIO, Calumnia, Inveja... Entre os mais vicios
Sois os primeiros, sois os mais terriveis ;
Géra um de vós qualquer, coisas incriveis,
O officio de um de vós tem mil officios.

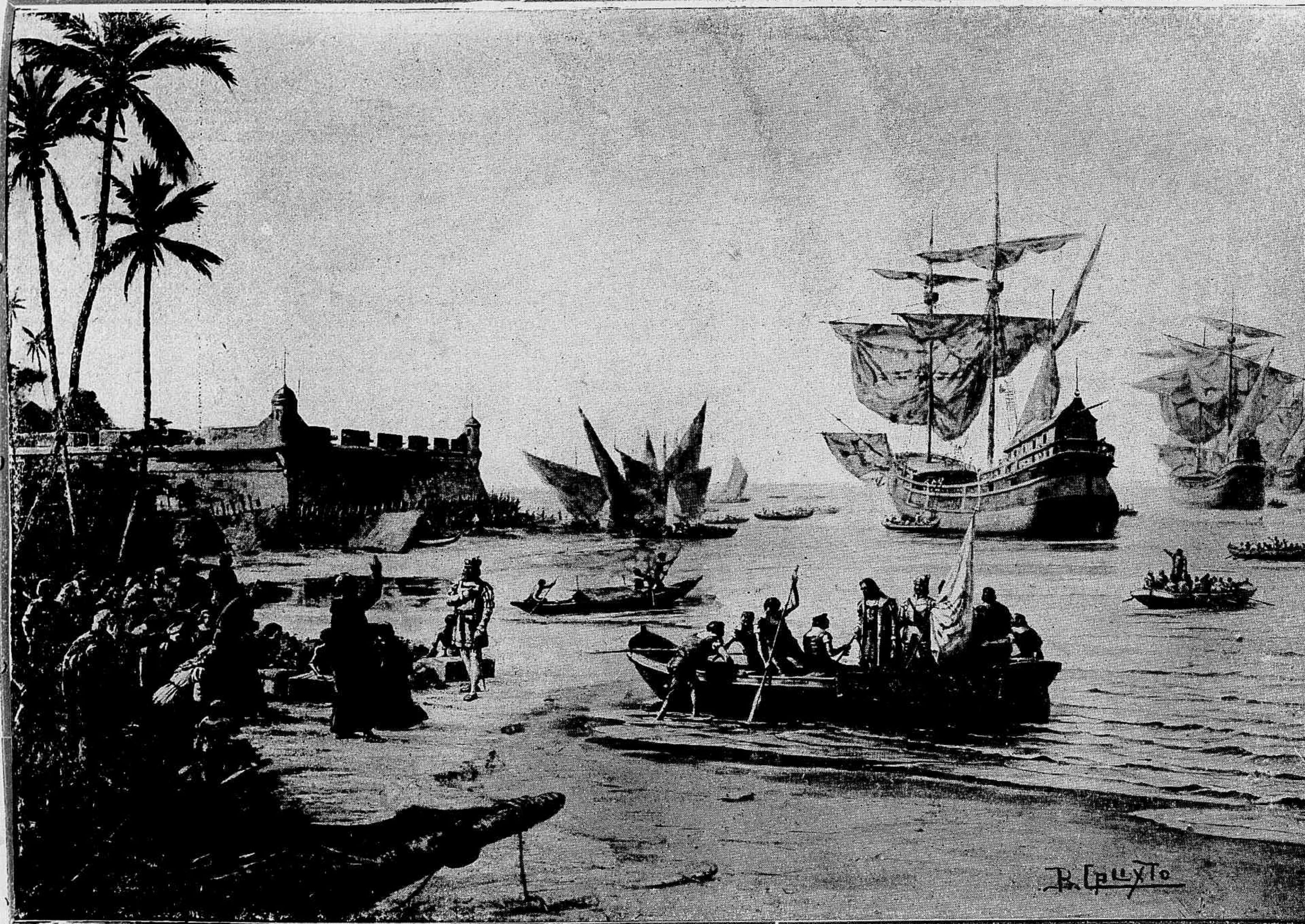
Que sois, Odio ? o Geral dos Impassiveis ;
Não vos detem na marcha precipicios ;
Esqueceis friamente os beneficios,
Por vos faltar um só dos impossiveis.

Calumnia, contra ti bradam mil brados,
E tu, Inveja, quando se consomem,
Te renegam os proprios renegados.

Porém, é justo, que tão mal vos tomem ?
Por que sois tão indignos, separados,
Se reunidos os trez, chamais-vos Homem ?

Guimarães Passos.





Partida da frota de Estacio de Sá

QUADRO DE BENEDICTO
CALIXTO

A 20 de janeiro de 1565 parte de Bertio-ga a frota de Estacio de Sá, composta de seis náos de guerra, alguns bergantins e canoas de índios e mestiços, que vão em socorro do Rio de Janeiro, então ocupado pelos francezes.

José de Anchieta, que faz parte da expedição, ajoelha-se na praia para receber a benção de despedida, que é dada por Manoel da Nobrega. O fidalgo postado ao lado de Anchieta é Eleodoro Ewban, commandante do reforço vicentino. Na primeira chalupa vê-se o capitão Estacio de Sá, e nas que se afastam da margem, rumo á esquadra, os commandantes José Adorno e Pedro Martins Namorado.



O NATAL EM MONTMARTRE

(Quadro de Guillaume)

A ceia de "réveillon" no bairro alegre de Paris era uma das mais animadas atracções parisienses. Hoje, Paris, é uma cidade espartana, onde as alegrias foram abolidas. Mas a esperança vive em todos os corações e o Natal de Montmartre renascerá!



O MELHOR PRESENTE DE NATAL

As crianças esperam os brinquedos que o Pae Natal deve trazer-lhes. Estão na idade em que um boneco ou uma locomotiva são o resumo do mundo e do contentamento...



As mulheres também esperam mimos, — joias, bugigangas, vestidos. As mulheres contentam-se insaciavelmente sempre.

[Talvez seja zangada.

Mas neste mez de esperanças, nesta temporada de desejos realizados, as crianças grandes, os homens dos dezoito aos sessenta, que desejariam elles, de facto, mais do que tudo? Perguntae ao joven, perguntae ao de idade madura, perguntae ao velho. Sorrião. Talvez não respondam. Mas no intimo elles desejão unanimemente o melhor presente de Natal: o amor de uma pequena mulhersinha. Para que dizer que não?

Tudo é amor. Nada ha de sério além do amor. E' preciso comprehender o amor como a intelligencia das cousas. Os antigos comprehendiam o amor-sentimento. O Dante diz av-vere é intellecto d'amore.



Um dos ideaes seguidos da Idade Media foi o Amor da mulher como fim de Perfeição. Homem sem amor é sem valor. Amar é indicio d'alma genti. Quem ama é cavalleiro. A cavallaria fez do mundo um romance d'amor. Amor era deus, patria, lei; a mulher divindade, o universo mulher. A paixão produz o homem. Nós reproduzimos, embora vulgarmente, mas sempre, o Dante. De Sanctis, estudando o Dante, definiu o grande poema da Comedia como uma reprodução da vida, a tragedia essencial da alma. Os grandes poemas são livros que ninguém mais lê. Guardam verdades eternas, e passado o momento em que se chrisitalisaram, é preciso ter a coragem da vi-



Talvez seja coquette.

são para



[Talvez seja flirteute

mas definitivas a diversos estados da mulher; genios fizeram como Valmiski a historia do amor no coração do mais puro heroe. Um, porém, antes de Shakspeare, pintou toda a treva, toda a luz, todo o horror, todo o cynismo, todo o heroismo, coragens, ambições, furias, dores, — o Dante. Porque, poeta, elle apanhou a verdade eterna na alegria. Porque, mesmo sem o ter lido e mesmo sem o ter comprehendido, os homens sejam quaes forem, teem dentro d'alma como a vida da propria alma, a comedia angustiosa. Porque o nosso coração, do nascer ao morrer, é o mesmo drama do inferno para o purgatorio, na aspiração do paraíso, na aspiração do Deus, que não se mostra a nós senão pela forma suave da mulher que nos inspira.

A noi veniva la creatura bella Bianco vestita, e nella faccia quale par tremolando, mattutino stella.

Assim na epoca de Natal — o melhor presente seria a esperança de um lindo amor.

Vejo os velhos a sorrir: — Será possível?

Vejo os jovens que olham nervosamente: — Quando?

Vejo desiludidos murmurando: — Quem sabe?

Talvez a mulher que o Pae Natal vos dêr, seja zangada, capaz de vociferar. Talvez seja uma criança que peça silencio ao coração. Talvez seja coquette. Talvez seja flirteuse. Talvez seja doce. Talvez não seja... Ella é sempre divina, a pequena boneca quando indaga imperativa: — Não é de mim que o senhor gosta?

Presentes de Natal! Mas todos nós desejamos de Jesus menino o grande amor. E' o melhor, o maior, o grande, o maximo presente!

olhal-os de face e aurir os raios beneficos do entendimento.

Mas se tiverdes a visão heroica de ler essas radiancias haveis de ver em todas ellas a mesma verdade: a mulher causa inicial de tudo. Genios deram como Homero for-

Ellas não sabem nunca, podeis acreditar, quanto as desejam. Mas vós sa-

beis, ó homens frivolos que ledes esta columna frivola destinada a um segundo de despreocupada attenção — a sinceridade do voto, a sinceridade cheia de sofrimento e alegria das minhas palavras.

— Crianças dos dezoito aos sessenta, que o Pae Natal vos dê o presente appetecido — uma bonequinha viva, o amor de uma mulher...

JOSÉ ANTONIO JOSÉ.

Noticiario Elegante

ANNIVERSARIOS NA PROXIMA SEMANA

Segunda-feira — o illustre dr. Tavares de Lyra, ministro da Viação; a senhorinha almirante Gonçalves Tinoco; a senhorinha coronel Pedro Paulo de Albuquerque Lima (Dulce); a senhorinha coronel Manoel Correia de Mello; o distincto jornalista Nogueira da Silva; o illustre professor Nascimento Gurgel, da Academia de Medicina; o dr. Olegario Bernardes, delegado de nossa policia; o sr. Arthur Brandão, Director-Gerente da Revista da Semana.

Terça — o general Potilho Bentes; o dr. Olympio José Gonçalves; o dr. Julio da Silveira Lobo.

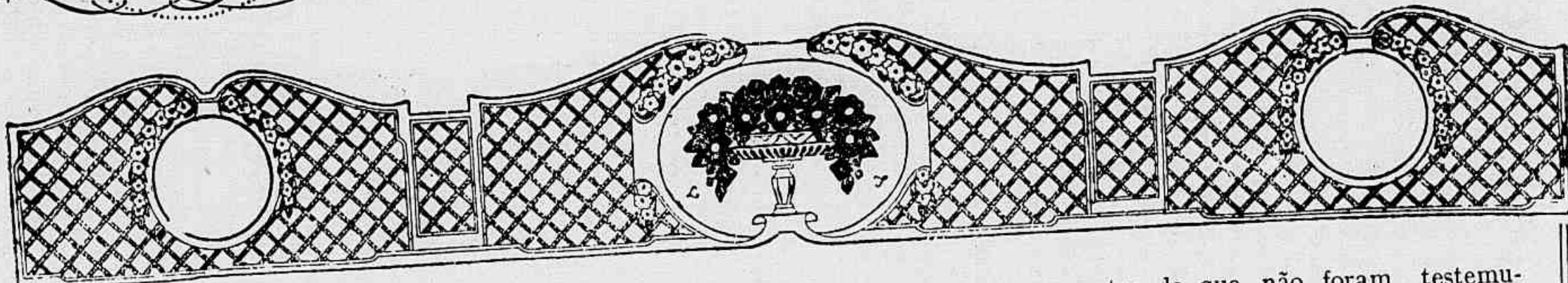
Quarta — a sra. dr. Ignacio Tavares de Sousa (Victoria Olympia); a galante Heloisa, filha do dr. Alfredo Egydio de Oliveira; a formosa senhorinha Léa Maia.

Quinta — a commandante Xavier Pereira da Cunha; a sra. dr. Mario Burlamaqui (Deolinda); a linda senhorinha Nadir de Niemeyer; o coronel Julio Barbosa, secretario da presidencia do Senado; o deputado Aristarcho Lopes; a gentil senhorinha Judith Amzalack.

Sexta — a sra. senador Francisco Salles; a commendadora Lamego de Carvalho (Amelia); a sra. dr. Eduardo Moreira (Maria Luiza); o dr. Luiz Tavares de Macedo; o dr. Antonio Jansen do Paço.

Sabbado — a senhorinha Müller Leal (Elsa); o menino Ciel, filho do coronel Cearense Cylleno.

Domingo — a senhorinha major Valerio do Amorim Caldas (Maria Esther); o dr. Barbosa Romeu, do corpo de saude da Armada; o dr. Joaquim de Aguiar Costa Pinto; o menino José, filho do coronel Alfredo José Abrantes.



ARTHUR BRANDÃO

Passo na segunda-feira o aniversário natalício do Director-Gerente da *Revista da Semana*. Todos os desta casa, onde só conta amigos dedicados, se associam ás felicitações que de aqui lhe endereçamos.

A's grandes capacidades administrativas de Arthur Brandão deve esta publicação grande parte da sua prosperidade. Antigo deputado, antigo redactor da Camara, tendo dirigido em Portugal dois jornaes politicos, Arthur Brandão dispõe de uma tal multiplicidade de aptidões que o collocam sempre em destaque nos empreendimentos em que intervem e em que collabora. A sua obstinada aversão á notoriedade vae naturalmente escandalisar-se com estas palavras com que denunciámos aos seus amigos a data de seu aniversario. Pela primeira vez o contrariámos por não ser possível que a *Revista da Semana* deixasse passar este ensejo para lhe exprimir publicamente a dedicada afeição de quantos trabalham ao lado de um tal chefe.

Festejou no dia 16 o seu aniversario natalício o nosso distincto collega de imprensa Pinto Lima. Foi cordealissima a recepção intima que o esfusante espirito do creador de *Kodak* proporcionou aos innumerados amigos que o foram felicitar.

Passa a 28 do corrente (quinta-feira) o aniversario do nosso querido e brilhante companheiro Marquez de Denis. Com a saudade dos seus admiradores (que são todos os que o leem) enviamos a Florianopolis os nossos votos de felicidade.

CAASAMENTOS

— o da senhorinha Alcina de Athayde com o sr. Luiz Filipe Petra de Barros;

— o da senhorinha Dinorah Teixeira Figueiredo com o sr. João Aureliano de Oliveira Figueiredo;

— o da senhorinha Iracema Moreira da Silva com o sr. Elpidio Candido de Sousa;

— o da senhorinha Catharina Augusta de Sousa com o sr. Romuldo Horacio da Silva;

— o da senhorinha Aida Vieira com o sr. Mario de Abreu;

— o da senhorinha Cecilia Marques de Oliveira com o sr. João Coelho de Sousa e Oliveira.

Revestiu-se de grande luzimento o enlace matrimonial da distincta senhorinha Elvira Magalhães de Assis, com o dr. Luiz Leite Lopes.

Officiou D. Xisto Albano, bispo de Bethsaida. O casal partiu em seguida para Ribeirão Preto, onde vae fixar residencia.

Festejaram o seu 22.º aniversario de casamento a sra. d. Eulina Guanabario Maia Forte e o sr. José Mattoso Maia Forte, secretario geral do Estado do Rio. Grande foi o numero de felicitações recebidas pelo distincto e feliz casal.

CONTRACTOS

— o da senhorinha Alzira Ramos Braga, com o sr. Augusto Martins;

— o da senhorinha Alcina Senra Dias com o sr. Henrique Martins;

— o da senhorinha Arminda Guimarães com o sr. José Moreira Vianna;

— o da senhorinha Eduardo Clementina com o sr. Bernardino Christino Luz;

— o da senhorinha Jovita Pinto Marques com o dr. Americo de Silva Pinto;

— o da senhorinha Carolina Vita Cavalcanti com o sr. Oswaldo Rodrigues Leite;

— o da senhorinha Viantina de Almeida Paiva com o advogado Raul Varady;

— o da senhorinha Frederico Espirito Santo com o dr. Euclydes da Silva Doria;

— o da senhorinha Arminda dos Santos Ortiz (Rio Grande do Sul) com o jornalista dr. Carlos Silveira Martins Leão;

— o da senhorinha Branca Silvestre Rocha com o 2º tenente commissario José Joaquim Dias Vieira.

— o da senhorinha Rodrigues Saldanha (Maria de Lourdes) com o sr. dr. Gilberto Goulart.

DIPLOMACIA

MINISTRO argentino, dr. Mario Ruiz de los Llanos, tomou aposentos no Palace Hotel, em Petropolis, onde será provisoriamente installada a legação do paiz amigo.

O sr. Oscar Correia, funcionario do nosso Consulado Geral em Nova-York e antigo jornalista, foi feito socio do Instituto Historico e Geographico do Paraná.

Subiu para Theresopolis o consul portuguez n'esta capital, sr. Alberto de Oliveira, em companhia de sua familia.

Além das pessoas já annunciadas como fazendo parte da brilhante Embaixada Uruguaya Extraordinaria, virá tambem como addido a ella o major Oscar Viera.

«CARNET» DE MLE. LAURA

«Distincto amigo.

Infelizmente não me foi possível assistir, hontem, no Municipal, á brilhante festa lyrica em honra da Embaixada Uruguaya e que tão excepçoes circumstancias tornaram o clou indiscutivel da estação linda.

Digo isto, apesar de não ter tido o intenso goso artistico de que compartilhou ahi no Rio o meu distincto amigo, porque já hoje pela manhã recebi comunicação telefonica d'uma gentil amiguinha, narrando-me, por alto, os encantos e as delicias do espectáculo que presenciaram.

Aqui, em Petropolis, onde já me encontro ha uma semana, apenas chegam, por enquanto, os echos do que se passa de interessante e agradável ahi no Rio, tornando ainda maiores as saudades dos instantes que a nossa imaginação exalta pela distancia.

As nossas cabecinhas femininas, o que equivale a dizel-as caprichosas, trabalham enormemente mais quando querem dar vida a aconteci-

mentos de que não foram testemunhas.

A nossa phantasia facilmente preenche todas as lacunas e, o que é peor, vae quasi sempre muito além dos limites impostos pela razão mais ponderada, sem duvida, no sexo forte.

E' verdade, porém, que vocês, os homens, não conseguem attingir nunca as ineffaveis regiões do sonho puro, da chimera ideal dos nossos alheamentos e scismares. Compensações bem justas são certamente para nós os deliciosos momentos em que nos deixamos embalar pelas mais vaporosas illusões da vida.

E quem ha que não admire as irisações cambiantes das infantis bolhas de sabão? Quem não relembra, com saudade, os fugazes momentos em que ellas eram soltas, na infancia, á discrição e ao capricho da brisa?

Como ellas, desfazem-se os nossos mais lindos sonhos, em sua maior parte; entretanto alguns ha que, como ellas, conseguem elevar-se bem alto, levando-nos ás vezes comsigo em seus variados giros.

Aqui, então, onde tudo é poesia natural, onde as bellezas espontaneas succedem-se ás bellezas, o ambiente é propicio á oração, ao enlevo e ao abandono.

As hortensias azues, esverdeadas, lilás e roseas, encantam-nos os olhos em todos os recantos da cidade; as trepadeiras em flôr acariciam-nos o olfacto com o seu perfume, mais capitoso nas noites estivaes; e o ar purissimo da serra, carregado dos effluvios balsamicos da vegetação luxuriante reconforta-nos e embriaga-nos como a nova seiva das plantas muito verdes e sadias.

Já começam a tornar-se agradaveis os momentos de descanso no largo de D. Afonso: a gente *chic* fez a sua brilhante apparição, com a ostentação do luxo e de elegancia de que é inseparavel.

Já as missas das 11 readquirem o seu caracter de festas faustosas, em que se exhibem as mais caras e ousadas *toilettes* dos melhores costureiros nacionaes e parisienses; e ao perfume natural das flôres ornamentaes, misturam-se, na egrejinha encantadora, as essencias raras da Capital do mundo.

Emfim, meu distincto amigo, Petropolis vae em breve readquirir o seu sceptro estival de rainha das serras, deixando o Rio em segundo plano.

O dr. Alberto de Faria dará, para iniciar a estação, uma brilhante recepção ás illustres individualidades da Embaixada do paiz amigo.

Para os que teem a felicidade de frequentar os salões faustosos do generoso capitalista, o simples annuncio da festa faz comprehender o que será a sua realidade admiravel.

Espero agora que me mande dizer, se, por acaso, ainda d'esta vez aqui não apparecer, o que foi o *réveil-lon* da A. M. B. no Municipal, porquanto, provavelmente não poderei estar presente ao admiravel conjunto de elegancias, que costuma ser cada festival organizado pela Associação da Mulher Brasileira.

E até breve.

Sua sincera amiga.

LAURA.

O DIA ELEGANTE

(A SEGUNDA-FEIRA)

AINDA sob a deliciosa impressão da noite de arte e de requintada elegância, que havia passado em companhia dos mais conhecidos vultos da nossa sociedade *que se divert*, dirijo-me à Avenida, onde encontro logo, sorridente e feliz, o Carlos D'Utra.

Notava-se em sua physionomia o prazer de quem realizou enfim alguma aspiração contida por muito tempo.

De facto.

Elle fôra também conviva d'aquella banquete maravilhoso, em que Lucullo redivivo ter-se-ia comprazido.

Parecia incrível que, no nosso meio, lutando com todas as dificuldades inherentes ás primeiras iniciativas desse genero, se houvesse conseguido um exito tão completo quanto duplamente auspicioso: pelo seu alcance pratico e pelo seu significado moral.

Quando elle me annunciou, em segredo, ha quasi um mez, o andamento do projecto, que ha tanto acariciava, confesso ter sorrído, incredulo.

Pois era lá possível! Em nossa terra, uma iniciativa de tal genero estava destinada a fracassar, por força.

Só em Paris ou em Londres e talvez em mais alguma outra das grandes capitães européas poder-se-ia ter um tal arrojo: lá, ao menos, existem os Escoffier, emulos famosos do grande Brillat-Savarin, capazes de realizar as mais diffíceis e custosas phantasias.

Entretanto, realizara-se o milagre;

e em torno d'aquellas mesas, cuja ornamentação demonstrava logo a finura quintessenciada do artista que as transformara em complicadas e formosissimas construcções ephemerias, reunira-se um escól, a e mais apurada manifestação da vida superior da sociedade brasileira.

— Então, Alberto, que me dizes do que reputavas um impossivel? pergunta o Carlos D'Utra, ao encontrar-me.

— Que tinhas razão. A nossa gente é assombrosa. Tudo póde, quando quer. Entr tanto, não deixo de sentir alguma tristeza quando penso que não fazemos precisamente nada do que mais urgentemente nos interessa.

— Ora, meu caro philosopho, isto é assim mais ou menos em toda a parte. Demais, que nos importa o resto, se *nós*, esse minuscuro grupo de pessoas viajadas e vividas, conseguimos alcançar os fins que nos propomos? As nações evoluem, fatal ou providencialmente, dentro de certos limites, intransponiveis pelos seus filhos. As pequenas variações de trajectoria, que delles dependem, são insignificantes quando vistas a distancia.

O que importa é que haja uma sociedade, uma *élite* refinada, que em todos os tempos sirva de expoente do grau de civilisação a que attingiu a massa anonyma e incolor do que se chama *um povo*.

— Não ha duvida de que és coherente contigo mesmo.

Ao fundador da sociedade *Os 30 de Epicuro* ficam admiravelmente bem estes conceitos.

— *Os 30 de Epicuro!* Que bello titulo para tão bello grupo de gente!

Ainda vibro de alegria ao rememorar as horas rapidas em que deleitamos os espirito enquanto inebriavamos os sentidos com as mais finas sensações de arte.

E dizer que ha quem supponha o epicurista um homem material! A arte é espirital por excellencia. Basta ser artista para comprehende-lo.

Revivendo hontem as festas de outr'ora, a que não faltavam nunca as *Musas* e o *Principe* do banquete, tiveste occasião de verifical-o. Só falta descreveres a festa, guardando os nomes dos convivas, para que os que a ella não compareceram possam evocar as imagens do passado, com o auxilio da narração que della fizeres.

— Pois bem. Fica para a proxima semana.

Emquanto conversavamos, viamos passar, em direcção ás casas de chá elegantes, as senhoras e senhorinhas que fazem o encanto dos nossos dias e dos nossos passeios. Entre ellas chamaram-nos a attenção a sra. Gustavo van Erven, com o seu sorriso admiravel e o seu ar tão distincto e gracioso; a sra. Betim, com os traços finos e as linhas preciosas d'um *Saxe*; a sra. Bernardes, sempre irreprehensivel, com suas mimas filhas, os olhos de uma das quaes a graça personificada, tem o avelludado das noites languidas dos tropicos; e muitas, muitas mais, que não terminariamos de lembrar, se fossemos fazel-o.

ALBERTO ROSAS.



Aux Montagnes

SUPERBES monuments, quel geste audacieux
 D'un artiste-Titan un jour vous élève ?
 Serez-vous, par hasard, des tombeaux d'anciens dieux ?
 Quelle enigme insoluble à vos flancs se riva !...

Rien que d'avoir porté ses regards anxieux
 Vers vos sommets, ô Mcnts, l'humanité rêva...
 Dans quel but montez-vous, implacables, les cieux?...
 Êtes-vous les gardiens de la Foi qui s'en va ?...

Ah ! Comme fait contraste avec la mer mouvante
 Et toute passion, votre sérénité !...
 La mer, c'est le hasard, vous, — la fatalité !

.....

En mon âme je sens un frisson d'épouvante,
 Lorsqu' émus et craintifs, vers vos cimes voilées,
 Je lève mes regards, çans les nuits étoilées...

Leme, 27—3—916

LAURA CORRÊA HASSLOCHER.

Noticias e

"Chic" ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

Um erudito descobriu que a palavra *Chic* é um vocabulo allemão, que os soldados francezes trouxeram para França depois da guerra dos Trinta Annos.

Em allemão, *chic*, escreve-se *schick* e tem a mesma significação que em francez... com a unica differença de que o *chic* de Berlim não é o *chic* de Paris.

Na sua Trilogia do *Wallenstein*, Schiller faz assim falar um *wachtmeister*, que responde a dois vaidosos cavalleiros, que se jactam das suas proezas: «Não é a vida de parada e de festas que faz o grande soldado. O tempo é-lhe preciso para adquirir o sentimento e o *schick* militares».

Se é verdade que a palavra *chic* foi trazida da Alemanha no tempo da Guerra dos Trinta Annos, havemos de convir que os soldados levaram tempo para transportal-a... pois que só no fim do Segundo Imperio ella chegou a Paris, com as *crinolines*. De resto, ella está bem naturalisada. E' mais genuinamente franceza, a estas horas, do que o Champagne Mumm e os perfumes d'Orsay.

A intelligencia dos animaes ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

Um dos cinemas da Avenida exhibiu na semana passada, com um grandissimo exito de curiosidade e a preços duplos, mais um *film* nacional, com libretto do dr. Teixeira de Barros e a vistosa Tina d'Arco representando o papel de protagonista com todos os seus collares, diademas, aneis, pulseiras, vestidos, *manteaux* e *aigrettes*.

Em algumas das scenas mais estylisadas da peça, como uma nota de elegancia e de luxo, apparece um lindissimo cão, conhecido de todos os frequentadores da casa do illustre libretista. Esse comparsa do drama representa o seu modesto papel com uma correcção digna dos maiores elogios. Ha, porém, a certa altura do *film*, — a peor altura, pôde confessar-se, — um momento em que o bom senso do animal se insurge contra tudo aquillo e o cachorro intelligente parece perguntar aos espectadores:

— Algum dos senhores me sabe dizer para que o meu patrão se metheu nisto?

Intelligente animal!

Estradas de rodagem ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

Neste momento em que se pensa tanto a serio em dotar o nosso paiz gigantesco com estradas de rodagem, que são o systema venoso do organismo economico de um paiz onde as linhas ferreas representam o systema arterial, não deixa de ser interessante revelar que a ilha Fer-

nando de Noronha, perdida no meio do oceano, é cortada por estradas largas, com calçamento de seixos basalticos, que se prestam perfeitamente ao transito de automoveis!

Destas estradas, a mais importante é a que parte do porto de Santo Antonio, atravessa a villa e vae até

Sambaquixaba, com seis kilometros de extensão, e que, em um longo trecho, tem o aspecto de uma alameda, plantada de frondosos cajueiros, gameleiras, cajazeiras e jatobás.

Quem diria que a ilha dos presidentarios nos é, em alguma cousa, superior!

O Caso de Matto Grosso ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

A intervenção do Poder Judiciario na solução das questões politicas acaba de produzir, como todo o Brasil sabe, uma duplicidade de presidentes, ambos sagrados pelo Supremo Tribunal, por elle investidos do exercicio do mando, cada um immunizado pelo seu *habeas-corpus*. O augusto Tribunal reconheceu poderes á Assembléa de Matto Grosso para processar e destituir o sr. Caetano de Albuquerque, mas logo a seguir

colloca o mesmo sr. Caetano de Albuquerque ao abrigo das consequências da destituição! Tudo tem *habeas-corpus* em Matto Grosso. A situação seria interessantissima num *vaudeville*.

Registamos o memoravel acontecimento publicando um grupo em que se encontram reunidos os dois presidentes actuaes de Matto Grosso: o sr. general Caetano de Albuquerque (sentado na rede) e o sr. coronel Escholastico Virginio, á sua esquerda.



Os dois governadores de Matto-Grosso.

Agitação revolucionaria ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ em Portugal

Segundo pôde deprehender-se dos telegrammas de Lisboa, rebentou no dia 13, em varios pontos do paiz, simultaneamente, um movimento revolucionario hostile ao governo, e que parece se apoiava principalmente em uma sublevação militar na região de Thomar, Figueira da Foz e Abrantes, em que intervieram dois batalhões, fomentada pelo sr. Machado Santos, o chamado *heroe da Rotunda* e a quem as Constituintes republicanas concederam o titulo de *benemerito da patria*, reconhecendo nelle a figura principal da acção de 4 e 5 de outubro de 1910.

Os telegrammas mencionam tam-

bem a prisão do dr. Egas Moniz e do dr. Alfredo de Magalhães, ambos medicos e antigos deputados ás Cons-



O commissario naval, Capitão de Mar e Guerra, Machado Santos.

Commentários



tituintes, deprehendendo-se das notícias filtradas pela censura que o transitio ferroviário ficou temporariamente paralisado e Lisboa submetida ao regimen marcial enquanto não foi completamente debellado o movimento revolucionário, sendo os presos transportados para bordo do couraçado Vasco da Gama.



Dr. Egas Moniz, *Lentada Universidade de Coimbra, antigo deputado das Constituintes republicanas.*

São já muito numerosos os movimentos revoltosos, todos abortados com excepção do de 14 de maio de 1915), succedidos em Portugal desde a proclamação da Republica. E' profundamente lamentavel a epidemia revolucionaria portugueza, em que parece reproduzir-se o mesmo phenomeno dos primeiros annos do liberalismo monarchico, no tempo dos marechaes estadistas. *Dr. Alfredo Magalhães, antigo director da Escola Medica do Porto, deputado das Constituintes republicanas, ex-governador civil de Viana e ex-governador de Moçambique.*

Desta vez, parece que a sublevação pôde ser reprimida sem o emprego da violencia e que não ha mortes a deplorar. Ou então a censura, como uma esponja, lhe lavou as manchas de sangue para nol-a mostrar incruenta.



Embaixada Uruguay

Pelo *Satruestegui* chegou ao Rio, ha tres dias, a Embaixada presidida pelo illustre Ministro das Relações Exteriores do Uruguay, e que a florescente Republica nossa vizinha e amiga nos envia como retribuição da visita do Sr. Lauro Müller e afirmação dos sentimentos de cordealissima estima e intima communhão

de sentimentos e de idéas que ligam as duas nações. Na Embaixada Uruguay estão representados o Governo, o Parlamento (Senado e Camara dos Deputados) e o Exercito. Ella reveste uma significação extraordinaria, e não apenas protocollar, como bem o denotam os elementos representativos de sua composição.

O Uruguay é hoje, para o sentimento brasileiro, uma nação familiar, tal a solidariedade affectiva em que repousa a reciproca confiança tão característica das suas relações sociaes e politicas. Para o representar no Brasil escolheu, ainda não ha dois mezes, entre seus diplomatas, o sr. dr. Manuel Bernardez, que pela sua prolongada convivencia conosco constitue o ministro incomparavel dessa politica affectuosa. A constituição da actual Embaixada ainda mais vem accentuar, e agora de um modo mais solemne, esses sentimentos de intima communhão de idéas que prendem as duas nações geographicamente vizinhas.

Os retratos que publicamos abaixo são, por sua ordem, da esquerda para a direita: o sr. ministro das Relações Exteriores do Uruguay, dr. Balthasar Brum, chefe da Embaixada; Senador dr. Antonio Maria Rodriguez, mestre da tribuna parlamentar e jurista eminente, delegado do Senado Uruguayo; Deputado dr. Juan Antonio Bueno, Director de La Razon, Presidente da Comissão de Diplomacia e Tratados, Delegado da Camara Uruguay; deputado dr. Luiz Alberto de Herrera, delegado da Camara; sr. Fermín C. de Ieregui, Introdutor Diplomatico.

Guimar Novaes

E' com a mais viva sympathia que a *Revista da Semana* acompanha de longe a triumphal estada de Guimar Novaes nos Estados-Unidos. Ha um anno que partiu para Nova-York, em companhia de sua mãe, a admiravel pianista paulista. Fizemo-nos echo do grande successo que a nossa graciosa patricia alcançou com os seus bellos concertos no *Aeolian Hall*, durante a temporada de inverno do anno passado. Foi tão captivante o acolhimento que teve nos meios artisticos da grande metropole, que á artista foram offerecidos contractos para uma nova serie de concer-



tos, no inverno deste anno, em que Guimar Novaes tocará acompanhada de orchestra. Isso motiva a sua longa permanencia nos Estados-Unidos, de onde nos chega o retrato que publicamos.

Arvores em flôr

Sempre que, na primavera ardente, as acacias e os flamboyants se cobrem de cachos côr de ouro e de grandes flôres côr de fogo, é o propicio momento de lastimar que na arborisação, aliás tão cuidada, dos nossos jardins publicos e avenidas, se não tenham empregado em grande escala as especies que florescem.

Os japonezes foram os primeiros que souberam tirar os mais prodigiosos efeitos de decoraçao em jardins com a polychromia dos arbustos e das arvores em flôr, agrupando-os e combinando-os. Na Europa, ha muitos annos que se applicaram com resultados surprehêntes as lições dos jardineiros japonezes. Porque não os imitaremos tambem, compondo extensas manchas coloridas na uniformidade verde e monotona dos nossos jardins e das nossas maravilhosas avenidas?

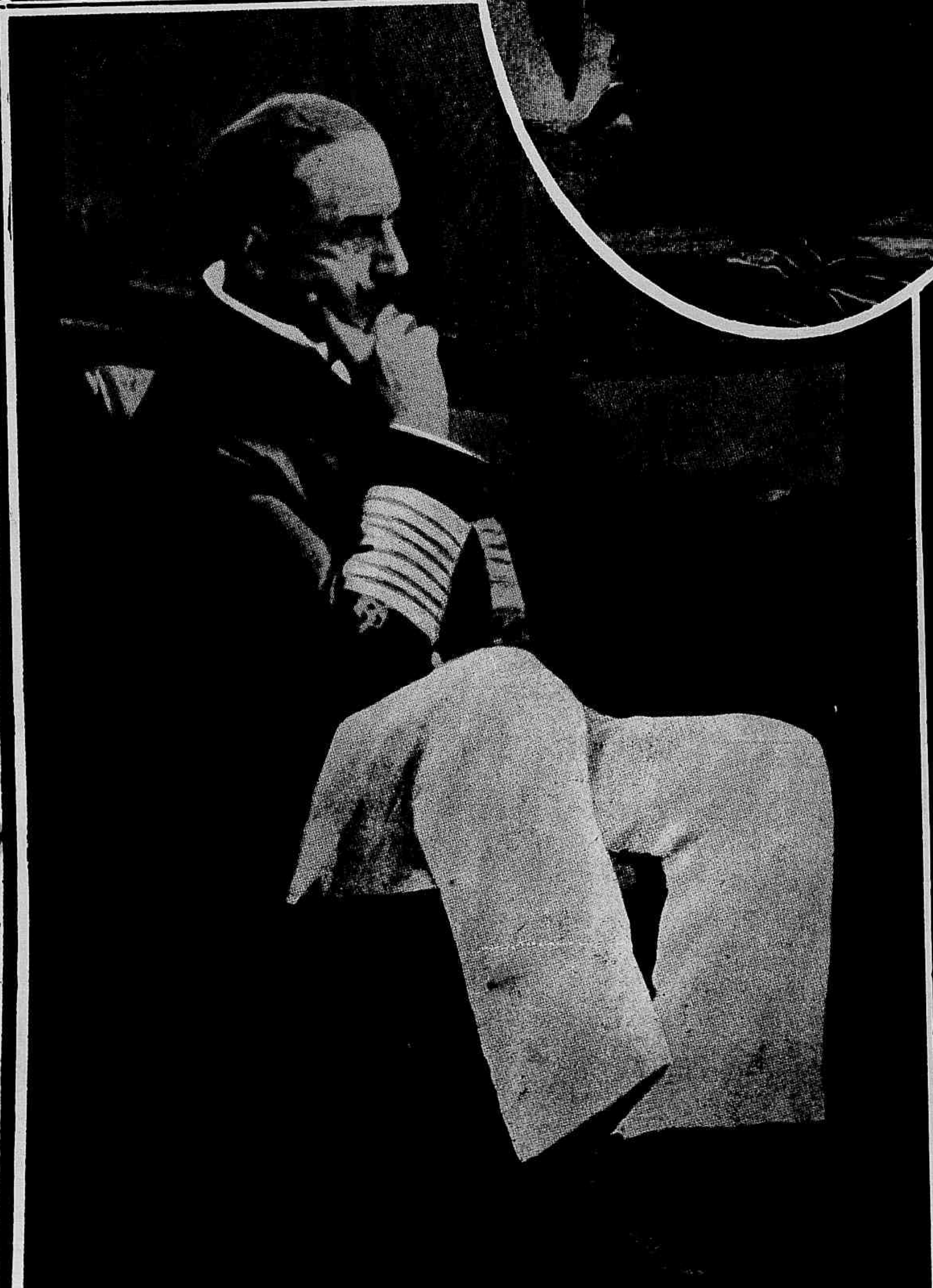
Que bella seria a perspectiva da Avenida-Beira-Mar, por esta epocha, toda adornada de frondes floridas de amarello, de vermelho e da côr do fogo! Porque não plantar com abundancia, em longas theorias, e não isolados, os flamboyants e as acacias?



Musica alemã ..O Hymno da PAZ...

No dia 12 de Dezembro, por iniciativa do Imperador Guilhermo, a quem antes da guerra o seu povo intitulava o Imperador da Paz, o Chanceller da Alemanha solicitou aos representantes dos Estados-Unidos, Hespanha e Suissa que communicassem aos governos da Entente as disposições em que se achavam a Alemanha e as nações suas alliadas de negociarem a paz.

Esta pagina interpreta, pela imagem, o sentimento de desconfiança e de repulsa, revelados na imprensa das nações a quem a paz é offerecida.





Um celebre costureiro parisiense pronunciou ha dias, segundo parece, uma sentença terrivel. Na opinião desse illustre dictador da moda, as mulheres bellas vão desaparecer do mundo. A conclusão é desoladora — mas não deixa de ter um certo aspecto de verdade.

O typo que se chama vulgarmente, á face da esthetica classica, uma mulher bella, escasseia certamente — ou, melhor, rareia entre as raças que uma lenta e nobre civilização tem desadorado e desequilibrado. A Venus de Milo raramente passeia nas nossas ruas. As fórmulas olympicas, os grandes marmores femininos, corpos de estatua, divinamente esculpidos em linhas impeccaveis, esbeltos e fecundos, difficilmente maravilham os nossos olhos de hoje. As Deusas fatigaram, empallideceram, corromperam a sua plastica soberba e perfeita. A belleza mythologica esconde a serenidade dos seus collos de alabastro. Eva perdeu a sobria, magnifica, opulenta harmonia da sua nudez.

Quer isto dizer, porém, que a Belleza Feminina tenha desaparecido do mundo civilizado? Mil vezes não. A Belleza é eterna, mas as suas expressões é que se transformam e evoluem. A belleza feminina está sujeita a essa contingencia, como a belleza artistica ou a belleza moral. A mulher perdeu certamente em magestade — mas ganhou em sensibilidade, em flexuosidade, em ondulante graça. A belleza deve talvez ter morrido. A nudez de hoje não é já uma nudez de museu — mas céos! como o Peccado, o Romance, a Alcova, a Fadiga da raça, o Prazer, o Luxo toucam de flôres exóticas e vestem de desejos subitís as morbidas Venus do nosso tempo!

A belleza perdeu em musculo, mas ganhou em nervos — porque a Vida se faz hoje infinitamente mais com os nervos do que com os musculos. A mulher bella transformou-se na mulher interessante. A magreza creou

um typo perverso, satanico, suggestivo de mulher. A hystéria criou uma raça nova de belleza. Criou-se a expressão — divino refugio das feias. O Olympo pertence hoje mais ás feias do que ás bellas — a essa fealdade que é melhor do que a belleza. Ticiano cede o seu lugar a Puvis de Chavannes. Grandes olhos em braza, perfis angulosos, bocas estereis, bustos esguios, complexos, finos, tremulos, mais imaginação que carne — eis as Thais de hoje. São as Cavalieri que fazem delirar os principes de agora e que fariam outr'ora o desdem de Petronio.

Não ha mulheres bellas talvez? Mas ha muito mais mulheres bonitas. Não são talvez feitas de carne e rosas, como antigamente — mas são feitas não sei de que, um pouco *bonbons* e um pouco bonecas, o que é infinitamente mais curioso, porque é infinitamente mais complicado.

Creiam no que lhes digo: as mais lindas mulheres deste mundo são as feias. Não foram as mulheres mais formosas que inspiraram as maiores paixões de que fala a historia sentimental da humanidade. Ignez de Castro não era bella. A divina Laura era apenas uma creatura vulgarmente insinuante.

Leiam todos os dias na imprensa os registos dos crimes passionaes e dos suicidios amorosos: raramente a mulher que levou ao desespero a alma do criminoso ou do suicida é uma formosura, no sentido que a esthetica liga á belleza humana. Umas vezes, surprehende o seu retrato pela vulgaridade das linhas; outras, desnorteia pela incorrecção. E, nos casos correntes da vida, todos nós, em face dos episodios amorosos do nosso conhecimento, temos, em muitas occasiões, encolhido os hombros: «Não sei por onde elle lhe pega!...» Camillo, na sua immensa intuição da alma humana, ao descrever-nos a Thereza do *Amor de Perdição* não a pinçou bella. D'Annunzio diz da

Ippolita do *Trionfo della morte*: «materialmente, non é bella».

A mulher bella tem quasi sempre o defeito de saber que o é. O espelho e a vaidade são os grandes inimigos da belleza feminina. A mulher formosa, quando olha, quando sorri ou quando ama, tem sempre o ar magnifico de quem concede. No amor, não se entrega: offerece-se, como dadia. E, assim, difficilmente a possuímos, porque a parte mais intima da sua belleza é pertença do seu corpo e não do espirito — e guarda-a avaramente no toucador. Depois, a Natureza, suprema dispensadora de graças, sabe encontrar em tudo compensações e, quando cria a mulher feia, embeleza-a com os attractivos da propria fealdade.

Oh! as feias! Aquellas que são simplesmente feias — porque as que são mais do que isso não são mulheres: são creaturas insexuaes e dessas não se fala. As feias sabem multiplicar-se em seducção, em graça, em generosidade. Trazem consigo tudo quanto são e, quando amam, sabem acceitar o amor como uma partilha em que não entram com reservas ou orgulhos.

Saber ser feia ainda é uma arte — e menos difficil do que saber ser bella. A mulher linda julga-se, só por si e em si, toda a natureza; a feia sabe compor na sua expressão e, em torno de si, todos os esparsos encantos que a cercam. Por isso, nós, ás mulheres que não são bellas, chamamos gentís, galantes, graciosas. E' que ellas teem tudo isso. E estou absolutamente convencido de que se a Venus de Milo viesse hoje passear, divina e perfeita, entre os homens, ressuscitaria mil volupias, como flores sangrando — mas não criaria uma só paixão. A paixão, o amor são as mais nobres e doces imperfeições da vida e só as comprehendem e sentem as adoraveis imperfeitas, como tu, linda feia que me lêes!...

Augusto de Castro.

Figuras & Factos



1—Aspecto da sessão de encerramento das aulas na Escola José de Alencar, sob a presidência do sr. Prefeito, acompanhado do Director da Instrução Pública e do sr. Medeiros e Albuquerque. 2 e 3—Aspectos da assistência á ultima reunião do Club Naval.



Beijo de Eunice

POETISA digna de egualar-se á grande artista dos *Marmores*, D. Maria da Cunha é a escriptora portugueza que maior exito literario tem alcançado nos ultimos tempos em Portugal. Os tres sonetos desta pagina dão a exacta medida da sua maestria technica e do seu talento poetico.

I

A casa de Petronio é silenciosa;
Eunice, a grega loira, a linda escrava;
entra o vestiario; pára; escuta anciosa;
e no Mercurio alado os olhos crava.

Petronio! — os olhos dizem... e, harmoniosa,
Solta em anneis a cabelleira flava,
a estatua aperta ao seio côr de rosa
num meneio gentil de côrça brava;

á boca fria e inerte os labios colla,
tremula como um véu que a brisa enrola,
mais pallida que o nardo branco em flôr...

Eunice! Eunice! As illusões são bellas!...
Teus olhos resplandecem como estrellas
e o marmore trespassam de calor!

II

«Petronio! — diz o olhar — Loucos abraços!
«E's apenas um sonho de meiguice;
«flôr de desejo que jamais abrisse;
«um phantasma de amor que illude a espaços!...

«Nem sonhes como te amam os meus braços
«Nem te lembre sequer que existe Eunice!
«Eu vivo como sombra que seguisse
«O rasto luminoso dos teus passos...

«Beijo o chão que tu pisas, como a vaga,
«Na Jonia, onde eu nasci, a praia afaga...
«Maltrates-me tu embora, ó meu senhor!

«Quando ageitar as prégas do teu manto,
«diz-me baixinho: «Ser amada... eu canto!...
«Mas amar como eu amo — é um bem maior».

III

Tu o disseste, ó grega! A alma que adora
é como um sol glorioso e creador
em torno ao qual gravitam, duma aurora
a outra aurora, mil sonhos de esplendor.

E' como a lyra que na Grecia, outr'ora,
ao abrir dos narcisos e do amor,
vibrava só por si, alta, sonora,
cantando a vida e a primavera em flor.

E o amor louco, febril, beito e perfeito,
que sente a vida curta e o mundo estreito,
e sonha mais espaço para voar,

— Cabe todo num beijo, Deus bemdito!
... Na gota de agua, a face do infinito...
No concavo do buzio, a voz do Mar...

Ayres, Caricaturista da Elegancia



ESTES *portraits-charges*, estes diabolicos e inoffensivos apanhados de aspectos da nossa alta sociedade, que lembram Des Losques e lembram Sem e são como o riso de Ariel no riso de um gnomo — essas expressões unicas da nossa *humour* — são de Emilio Ayres, do album elegantissimo do mallogrado Ayres. Ninguém esqueceu ainda o apparecimento de Ayres nos chás elegantes. Era pequeno e elegante como Sem, vestia com refinado apuro, falava varias linguas, tinha um olhinho agudo e ironico, era irresistivelmente *sympathico* e com immenso talento.

Donde vinha Ayres?

Era de uma familia *millionaria* do Norte, fôra educado na Europa e vinha de Paris. D. Luiza Cavalcanti de Lacerda, senhora de illustre espirito, fez a sua apresentação no Mayfair carioca, entre as *ladies* que são *leaders* do gosto e os homens que teem o bom gosto de obedecer aos seus decretos. Emilio Ayres esteve nos chás de D. Laurinda Santos Lobo, nos salões principaes, nas recitas do Municipal, no largo D. Afonso, de Petropolis, nos Diarios, em toda a parte onde estão os *encantadores*. E fez depois um album, isto é, uma exposição que foi o maior successo da estação — porque era o *Tout Rio* do anno.

Que teriam dito os artistas desse album excepcional?

Muito pouco. Ayres já estava ausente, e aqui, em questões de arte, os jornaes ha muito que passaram a aquiescer apenas aos pedidos de noticias. O rapaz é *sympathico*? Dá-se uma noticia. De modo que os cretinos teem sempre muito mais noticias, e ha uma infinidade de trabalhos que ou não merecem honra de uma citação, ou (o que é peor) — teem referencias erradas.

Ayres era um elegante de alma. Uma vez dizia elle a um *commum* amigo:

— Tenho um grande acanhamento de falar da minha arte. E' uma cousa tão seria a arte! Parece que me diminuo, que humilho a arte.

— E porque desenhás?

— Por uma necessidade organica. E' uma fatalidade, é como um vicio. Ser-me-ia impossivel pedir para que vissem os meus trabalhos.

De resto, em muitos casos, no Rio é preferivel não ver uma linha a respeito de uma obra de arte, a vel-a incompre-

hendida, desfeita pela incapacidade de comprehender dos que se fazem juizes dos trabalhos alheios.

Ayres era d'aquelles que possuiam o segredo da Harmonia, daquela Harmonia tão bem definida nos versos de Dario:

La tortuga de oro marcha sobre la al
[fombra.

Va trazando en la sombra
un incógnito estigma:
los sinos del enigma
de lo que no se nombra.

¡Aun quando á veces pienso,
el misterio no abarco
de lo que está suspenso
entre el violín y el arco!

Nas *charges* de Ayres — o que era necessario, o que é necessario abarcar,

é o que paira entre o seu lapis e o seu papel: a intenção.

Mas Ayres voltou a Paris, onde se creava uma situação excepcional, sendo o desenhista elegante.

Que futuro radioso!

Apenas, como dizia o grande poeta, ninguém sabe o amanhã. E Ayres morreu subitamente em Bordeus, vae fazer um anno...

Neste numero de Natal, a *Revista da Semana*, que manteve o seu programma: *patria e elegancia*, achou que devia recordar algumas *planches* de Ayres, como de um dos seus patronos espirituaes, como do mais brilhante e talvez unico caricaturista da elegancia carioca e do nosso *grand-monde*.

As duas caricaturas desta pagina, que representam Afranio Peixoto, o medico, o romancista, o academico, e o illustre dr. Murtinho são especimens da *verve* quasi diabolica de Ayres. A pagina da *farandola*, reproduzida a côres, permite abranger em sua amplitude a arte maliciosa do grande caricaturista. Nella se encontram reunidas muitas das figuras mais salientes do Rio de então, grande numero das quaes continuam a ser as figuras salientes do Rio de hoje.

As que appareceram depois, essas já não terão o lapis de Ayres para as fixar num sorriso de inoffensiva ironia.

E como é triste pensar que elle morreu!





Uma das mais celebres paginas de Ayres, onde o seu humorismo reuniu algumas das mais salientes figuras sociaes do Rio, de ha seis annos.

QUANDO EU FOR HOMEM...



Ós dizemos — infantes — á ternura
de nossa mãe, que, a rir, nos acarinha :
— Si eu chegar a ser homem, porventura...
quando eu fôr homem... tu serás rainha.

E raia a Adolescencia, arde e fulgura:
e desde logo em nosso amor se aninha,
junto á imagem materna outra figura,
uma perturbadera figurinha...

Depois... a Dôr, a que a alma se destina...
E nossa mãe não é rainha ! é apenas,
serva zelosa, junto á nossa ruína!...

E os annos vôam, céleres se somem...
Mas, na memória, resta, adiando as penas,
o refrão infantil :—«quando eu fôr homem...»



VICTORIA!

HAMAES victoria ao bellico estandarte,
plantado no inimigo acampamento ;
e ao radioso esplendor do Pensamento
preclamando em laureis, nos ritos da Arte.

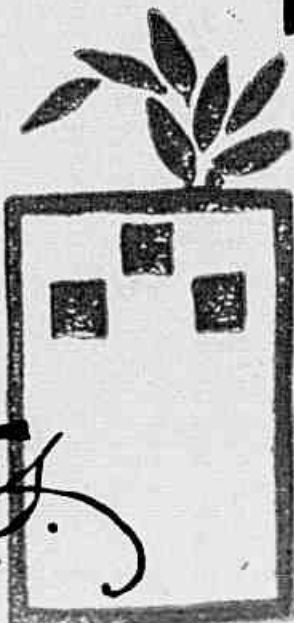
E, bem assim, ao rutilo, ou sangrento,
sacrificio do Todo pela parte ;
á luz viva, em Apollo ; ao sangue, em Marte :
Victoria é, para vós, deslumbramento...

Mas, para os Bons, é ser vencido,
por fim de não haver, por culpa nossa,
a dor alheia, a lagrima e o gemido.

Victoria é o sonho adiado, e, enfim, presente :
Que o vencedor legitimo é o que possa
realizar seu amor, serenamente...

Maio 1916.

Hermes Fontes.



Talisman



TALISMAN que vedes, disse o bufarinheiro arabe, — e tenho apenas quatro, tantos quantas aqui sois — póde servir a dois fins, visto possuir duas virtudes: uma que lhe deram os genios, outra que lhe deram as pérís. Usado ao pescoço ou no punho, como collar ou pulseira dará, a quem o possuir, saude inalteravel, todos os bens da fortuna e intelligencia clara...

— E a outra virtude? perguntou uma das mulheres.

— Ah! a outra virtude, suspirou o bufarinheiro, brincando com o talisman entre os dedos; a outra virtude é a mocidade, com a sua flôr: a belleza. Mas, para que se realize o prodigio, exigem as pérís sacrificio tamanho que, até hoje, não houve quem o tentasse.

— E qual é elle? perguntaram, anciosamente, a um tempo, as quatro mulheres.

— E' o de passar sete dias e sete noites ajoelhada na montanha de neve, com o talisman nas mãos, como em uma concha, offerecendo-o aos espiritos da natureza que erram, invisiveis, no ar. Aquella que resistisse a tão dura prova desceria da montanha com a belleza das pérís e, ainda que vivesse mil annos, seria sempre moça e bella como são eternas e luminosas as estrellas do céu.

As mulheres sorriram e Jasmin, tirando da bolsa um punhado de moedas de ouro, disse estendendo a mão ao arabe:

— Dá-me um talisman. O mesmo fizeram as outras tres mulheres. E o arabe, sorrindo maliciosamente dentro da barba densa e negra, prophetizou:

— Não serão mais robustos do que vós os cavalleiros do Yemen, tereis mais ouro do que todos os califas e os cantos que improvisardes serão mais bellos do que os dos poetas que se reúnem no valle de Okadd, onde ainda resoam os hymnos do propheta.

Disse e, reunindo a sua caravana, foi-se.

Dias depois, um caçador de antilopes, que atravessara a gelida montanha, contou que encontrara quatro mulheres ajoelhadas sobre a neve e cobertas de neve, mortas, com as mãos levantadas para o céu, em offertorio, hirtas como estatuas, lividas, d'olhos muito abertos e maravilhados e um sorriso que parecia se lhes haver gelado no rosto.

Coelho Netto.

BERLIQUES e BERLOQUES



N O meu tempo o bulício vibrava intenso desde a grande vespera.

Suarentos papás chegavam aos penates, recebidos aos pinotes pela guryrada em assalto contra os embrulhos e presentes... Nos barbeiros o realejo, entre jarras, vencido depois pelo gramophone, arranhava musicatas festivas... Havia em tudo a fanfarra juvenil das boas festas. Homens do ganho passavam curvados ao peso dos formidáveis cestos peçados de comezainas... Punhado de horas felizes... Não se pensava em politica, em crise, em orçamentos...

— E as consoadas burguezas e solemnes com o cortejo inevitável das rabanadas saborosas, do classico bôlo do natal, das ultra-classicas castanhas regadas com o capitoso verde?... Pelos arrabaldes a vida familiar era recreativa e dansante, as casas jorravam luz para as ruas, — lá dentro o piano escancarava os dentes de marfim amarello para o mastigo sonoro da polka, da valsa e da mazúrka... Nas ruas, grupos de violão e cavaquinho cortavam a quietidão dos lugares com as modinhas languorosas, com o garganteio dos fados gemedores. De onde em onde surgiam luzernas de um bando, de um rancho, com trages despidos de caracter, isto é, de estylos desencontrados... Era um *reisado* em visita aos presepes com a onomatopéa dos pratos, pandeiros, chocalhos e récos-récos...

Nos presepes expostos aos olhos curiosos dos transeuntes, a luz lentejoulava-se multicolor; a ornamentação exotica punha estrellas prateadas sobre o fundo azul de paisagens montanhosas, onde anjos de papelão adejavam; collinas com rebanhos e pastores de todos as epochas; repuxos espelhentos de agua luminosa; ao canto a Sacra Família, ladeada pelos pastores, pelos magos, e pelos anachronismos que a fantasia do scenographo improvisava... *verbi gratia*: tres fuzileiros prussianos, o busto de Carlos Gomes, o imperador da Russia a cavallo, Napoleão Bonaparte, São Jorge, o Dragão e o rei do Congo... A' frente d'esses presepes as moçoilas, de ponto em branco, crivadas de laçarotes, cantavam as lóas tradicionaes.

Aos templos, para a missa da meia-noite, a *missa do gallo*, ao bimbalar dos sinos, os fieis afluíam... A' sahida explodia a alacridade communicativa: risos innocentes das raparigas, falas enamoradas dos rapazes, ralhos e zangas fingidas das matronas...

Da *missa do gallo* seguiam os bandos para os penates, para os repastos solemnes, para as folganças fartas, entre jogos e dansas caracteristicas que valiam mais, pela graça e pelo *donaire*, do que toda a choreographia americanizada que o desengonço actual tornou mecanica e inexpressiva... chegando a arrancar a volupia e a vertigem da valsa para reduzi-la a um arrastado lento de carrada de bois, quando a valsa deveria ser sempre o encantador turbilhão vaporoso que prende e fascina...

Sentia-se em toda a parte a communhão de corações na Grande Noite... A burguezia não hesitava em participar dos bródios do vulgacho e, assim, proliferavam, promiscuos, os bródios *cheganças*, as *chulas*, as *toadas*, os *batuques* nos terreiros, os *desafios*...

Ah! Os desafios!... Quantas imagens, quantos trôpos espalharam, perdularios pelos echos famosos!... Hoje mal brilham na memoria dos que gosam esse delicioso prélio de trovas populares... A poesia de antanho, como o amor, era um improvisado; apontava-se uma pleiade de repentistas afamados, de prodigiosa fertilidade... Symphronio, Muniz Barreto, Laurindo Rabello!... Era a rima espontanea, a jorrar em catadupas, eram imagens alcandoradas que brilhavam como chispas de luar que nos cahissem dentro d'alma...

Havia tambem o recitativo, obrigatorio como o serviço militar, obrigatorio cavernoso e grave, com direito a pigarro, cabelleira ao vento, gravata borboleta e a *Dalila* ao piano; havia... mas era perdoavel; e o sentimentalismo era demasiadamente lyrico, condoreiro e infallivel, mas o correr dos lustros tirou-lhe as qualidades soffríveis, a *emphase*, a expressão, o coração nos labios, o tremulo na voz e a alma nos olhos...

Passou a ser banal e epidemico, para depois ficar calmamente na reminescencia como uma scena que se transformasse em senão...

E quando não bastavam as funções literarias, musicas e dansantes, entravam em jogo as *prendas de salão*, o *Amigo*, o *Padre Cura*, a *Berlinda*, a *Mão quente*, o *Mentes tu*... com o epilogo das *sentenças*, sempre cheias de buliçosas surpresas, como o *Lampeão de esquina*, o *Casamento ás occultas* e o *Snr. São Roque*, em que o penitente, de joelhos deante da trefega Sinhá, devia dizer tres vezes, calmo, impavido, que *estava alli, a seus pés, sem chorar, sem se rir, sem se rir sem chorar*...

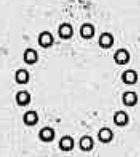
Era assim o Natal, no meu tempo, quando o menino Jesus distribuia brindes pelos sapatos postos nos telhados, antes da importação directa das arvores de brinquedos, do immigrante papá Noel e de outras xenomanias que invadiram as tradições e os costumes, com grande pezar para mim, para o Vieira Fazenda, para o Mello Moraes e outros poucos abencerragens dos *tempos que lá se vão*...



ESSA historia do sapatinho de Natal é realmente impressionante. A nossa redacção andou a querer ouvir a opinião das celebridades, opinião que é afinal o segredo de cada um.

— Que desejaria você encontrar no sapatinho? indagavamos.

E, parece incrível! não houve quem não respondesse.



Fomos á politica :

— A minha presidencia! — declarou o sr. general Dantas Barreto.

— A felicidade do Brasil com a minha presidencia! — sussurrou o maior viajante.

— Em hypothese alguma o sacrificio da presidencia! — com toda a falta de convicção disse o sr. Nilo Peçanha.

— Nada, nem me falem de presidencia! — exclamou modestamente o dr. Delphim Moreira.

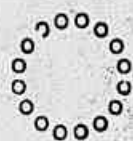
— A presidencia na minha horta! — murmurou o dr. Chico Salles, senador e horticultor.

— A presidencia do universo! — respondeu modestamente o sr. Ruy Barbosa.

— Estou pensando... — concluiu o dr. Wenceslau.

— Juizo para o Brasil — murmurou o venerando brasileiro Rodrigues Alves.

E foi de todos os politicos o unico que não queria alguma cousa para si.



Fomos á literatura :

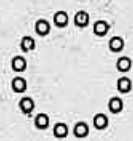
— Não entrar para a Academia! — murmuraram em côro, da outra sala do Syllogeu, todos os medicos que ainda não entraram, mas que entrarão.

— Não ser literato! — clamaram todos os poetas que não entrarão senão quando não houver mais medicos sabendo escrever.

Ninguém disse :

— Escrever bem.

Mesmo porque não vale mais a pena.



Fomos ás encantadoras :

— Parecermos meninas! — exclamaram as senhoras que já fizeram vinte e nove annos.

— Parecermos senhoras! — pediram todas as meninas que ainda não fizeram quinze annos.

Houve depois vozeria. Todas falavam a um tempo :

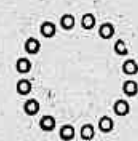
— Quero ser a mais bella!

— Quero vencer a minha melhor amiga.

— Quero ter mais vestidos do que todas as outras.

— Quero ser mais falada.

Todas queriam ser mais do que eram.



Escutámos alguns encantadores :

— Sim, senhor! Perfeitamente. Não desejamos nada! — disse Ataulpho de Paiva.

— Para que incomodar-se? — indagou Humberto Gottuzzo pensando noutra cousa.

— A's suas ordens! — disse Alvaro de Teffé.

— Para que desejos? — indagou o conde Fernando Mendes.

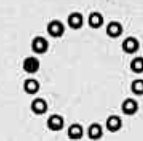
— O casamento! — suspirou o elegante Mendonça Martins.

— Ficar em Petropolis! — affirmou Oscar Lopes.

— Fazer mais festas do Patronato de Menores! — sustentou Joaquim de Sousa Leão.

— Viver! — disse o barão Homem de Mello.

E vimos que os encantadores são sempre delicados.



Mas o Pae Natal, se tivesse de dar aos grandes, estamos certos que acabaria maluco. As creanças de menos de dez annos são as unicas contentaveis. Por isso ainda teem presentes...



*O amigo
de homem*

O DRAGÃO DA INDEPENDENCIA

Ao Ministro da Guerra do Brasil

Porque não o temos ainda, precisamos crear o culto das nossas tradições, mui especialmente das tradições militares. Sem o amor do passado e a lição dos feitos antigos, não pôde haver nacionalidade. Amar a historia é amar a terra. Uma não passa de corollario da outra. Até hoje quasi não temos esforços nesse sentido. Fa-

çamo-los. Os ensinamentos das luctas actuaes nos mandam defender o Brasil das ambições que possam vir. Devemos executar esse programma materialmente — fomentando o desenvolvimento physico e a instrução militar; espiritualmente — inculcando em todos os brasileiros a religião do passado, que é a alma mesma da patria.

Seria de grande alcance, para tal fim, rememorar constantemente ao povo as cousas antigas, colleccionando em museus adequados objectos representativos da vida militar da nação, expondo-os, explicando-os, familiarizando as gentes com elles. Todos os paizes teem museus militares. Nós não os possuímos.

Somos o povo que menos guarda e, por isso, menos estima as cousas do passado. Necessitamos ser educados. Trata-se agora do levantamento do espirito patriótico e militar do Brasil. Ha uma verdadeira cruzada. Ao lado della, porque não restauraremos, no nosso

exercito, o prestigio da tradição? Seria tão facil fazel-o, embora elle ignore até a origem dos seus uniformes, cuja documentação é a mais difficil possível.

Sem excepção alguma, as nações do mundo inteiro conservam, carinhosamente, nas revistas e paradas, as linhas geraes e as côres dos fardamentos de antanho, de maneira a se não quebrarem nos seus exercitos os tra-

dicionaes que ligam o passado ao presente e este ao futuro, fortificando o espirito de corpo nos regimentos eo amor da historia patria, na população. Isso é que temos obrigação de fazer.

Passando uma revista de olhos sobre a nomenclatura das tropas europeas, encontramos as armas, especialmente a cavallaria, subdivididas em muitas variedades e especies, quando seria mais pratico computa-las assim: cavallaria pesada, de linha e ligeira. Mas os grandes reformadores dos exercitos modernos não pensam dessa maneira. Como os antigos homens de armas deixaram a tradição da armadura, os regimentos de cavallaria pesada continuam a usar o casco de aço e a coiraça, peças que no exercito francez ainda ha pouco tempo se chamavam *armure*, sendo que a ultima em muitos paizes já foi substituida por uma especie de collete de coiro. Os dragões da cavallaria de linha foram creados quando se necessitaram de tropas que combatessem a pé e a cavallo. Napoleão fez a experiencia de usa-los como infantaria montada. Desde o tempo de Luiz XIV nunca mais sahiram das armas europeas. Quando invadiram a Hungria, os turcos atiravam na frente dos seus corpos numerosos cavalleiros ardentes e bravos — *oghans*, sobre cujo turbante se erguia uma placa de ferro defensora da cabeça. Os uhlanos ficaram perpetuados na Austria, na Russia, e na Allemanha. Todos usam o *schapska*, capacete baixo do qual se eleva a antiga placa defensiva. Mesmo os uhlanos húngaros do *Landwehr* cobrem-se com um turbante pelludo encimado pela placa historica.

Mathias Corvino, rei da Hungria e da Transylvania, no primeiro recenseamento dos camponeses para o serviço obrigatorio das suas hostes, mandava dividi-los por vintenenas. Desses grupos dezoito homens eram arolados na infantaria e o vigesimo (*usarz*) entrava na cavallaria. Os regimentos de hussares, originados d'ahi, foram levados para a França, quando esta pagava mercenários, pelos principes de Esterhazy e Bercheny. Depois, domiciliaram-se nos outros exercitos. Sejam de que nação forem, usam um uniforme de cor differente para cada regimento. E' velho habito muito respeitado. E, segundo diz Lucien Vallet no seu livro sobre as cavallarias europeas, cada corpo ama as suas côres como ama sua propria historia.

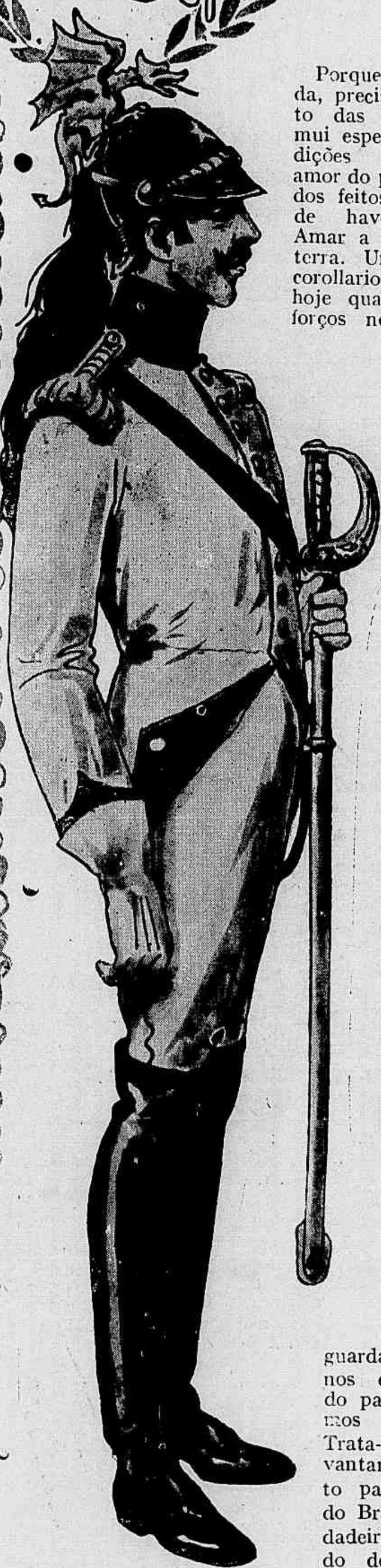
Napoleão, conforme descreve Frederico Masson, tinha-os azues celestes canutilhados de branco; castanhos e azues; cinzentos prateados; azues e escaletes com peliças variadas; escaletes e verdes; azues com alamares cor de junquillo; azues escuros enfeitados de vermeo; todos com altos shakos de coiro polidos ou vestidos colbacks enfeitados de borlas, as longas plumas dos penachos tremendo no ar; luxo que custava rios de dinheiro, mas dava orgulho, amor proprio, coragem e a victoria!

A Allemanha tem-nos cor de cinza e vermelhos, castanhos e azues, esverdeados e negros. Estes são os *todkopf*, os hussares da morte, os do *colback* com a caveira fatidica, cor de treva, trançados de alamares brancos como esqueletos, que mantem côres e tradições dos hussares de Frederico II, dos hussares celebres de Zieten, daquelles que cerseguiram os fugitivos de Waterloo e um notavel escriptor francez chama: — «*Chevaliers noirs, lugubres réueurs des morts!*»

Os hussares austriacos teem uma cor para cada regimento. A Russia guarda o vermelho, que é a cor tradicional dos cavalleiros húngaros, para os hussares do Imperador e os de Grodno. Vermelhos ainda são os hussares dinamarquezas. Variados, mas quasi sempre escuros, os de Inglaterra. Encarnados e azues, os da Romenia e os da Hespanha.

A propria lança é, nas actuaes condições de batalhar, mais um objecto historico do que uma arma. Os velhos generaes a apregoavam como a primeira entre as primeiras. Montecuculli chamava-a a rainha das armas. O marechal de Saxe divinisa-a. Napoleão aboliu-a. Um dia, porém, vendo os cavallo-ligeiros polacos apoderarem-se das lanças d'um esquadrão de uhlanos allemães, manejarem-nas com habilidade, tomando uma bateria e aprisionando o principe de Auersperg, disse a Bessières, coronel general da cavallaria da Guarda: «Dê-mhe lanças, já que tão bem sabem servir-se dellas!» A Russia uma vez tomou-a dos cossacos, mas na Allemanha até os couraceiros a carregam.

O espirito militar europeu é o mais tradicionalista pos-



Guarda de Corpo de Pedro I



Os Scots Greys (Inglaterra)

to vale para o povo inglez a historia e a tradicionalidade: Os Granadeiros na Torre de Londres, o Regimento que volta do exercicio, o Dragão e o Porta-estandarte dos Horse-Guards.

Mas, entre todos, os Highlanders e os Royal-scots-greys, escoceses a pé, de saiot e plaid, escoceses montados, de barretina peluda e dolman vermelho, montando cavallos cinzentos, rodados, esses são os que, ao lado dos Coldstream-Guards e dos Life Guards, mantem melhor os uniformes historicos da Inglaterra.

A Dinamarca, no parque de Iaegersborg e na vasta planura de Hald apresenta nos dias de revista a sua tropa guardadora da historia do uniforme; os Granadeiros da Guarda Real, de altas barretinas de pello de cão, negras e lustrosas, com a placa de bronze brazonada mordendo as sedas sobre a pala curta e brilhante.

Os Guardas do Corpo, de alto capacete e peito negro riscado por duplos alamares de ouro, e os Dragões do Scania de shako de coiro de lustre com o negro pennacho cahido e a forrageira de borlas, representam na Suecia os regimentos queridos das campanhas da Pomerania com a farda mais ou menos igual á da epocha de Bernadotte.

O visconde de Vogué dizia que muitos paizes podiam-se orgulhar da força militar, mas nenhum a apresentava tão pinturescamente como a Russia. Com effeito, os Guardas a Cavallo têm um capacete com a aguija bicephala e uma cirra armoriada que recordam arautos medievaes; os cossacos guardam em cada sotnia uma lança celebre, a de Platof, que cortou ao meio, ousadamente, o exercito de Napoleão, na retirada; a de Paluline, que trouxe d'um combate com os turcos enfiadas nella dezeseite entranhas! O regimento Paulowsky só desfila a passo de carga e de bayoneta cruzada, para recordar a carga com que livrou Suvarow de ser envolvido pelos turcos. Além disso, é composto de homens de nariz arrebitado e de bigodes ruivos. Os Couraceiros da Imperatriz lembram os de Alexandre I. Os Granadeiros a Cavallo recordam a escolta de Catharina II. O regimento de Preobadjensky anda com a mitra de cobre dos granadeiros de Pedro o Grande.

Na Allemanha, não falando dos Hussares da Morte, já citados, encontramos a tradição desde as marchas antigas e proprias de cada corpo usadas nas revistas de gala até os monogrammas reaes e imperiaes que se entrelaçam nas charlateiras e passadeiras. Encontramo-la nos Granadeiros a Pé, do Regimento Alexander, 1.º da Guarda, que

sivel. Ainda hoje, considera a cavallaria unica arma nobre, a infantaria supportavel e a artilharia, arma plebea, a mais moça, a scientifica e a mechanica. Contam que o Kaiser nunca vestiu uma farda de artilharia, embora experimente a vestimenta de quasi todos os regimentos. Todos os exercitos se esforçam para continuar a tradição.

Na Inglaterra, em festas de gala, uma revista no campo de Aldershot parece uma parada de ha cem annos atrás: pennachos brancos e rubros, enormes, perfilados; barretinas de pello com oitenta centimetros de altura; dolmans e jaques encarnados; plastrões e peitoraes alvos e vermelhos; tambores agaloados como o das antigas companhias de mosqueteiros; pifanos pequenos como os que apparecem nas gravuras de Moreau. Os maravilhosos uniformes inglezes estão belamente esboçados nas gravuras celebres de Detaille, que sentiu com emoção verdadeira quanto vale para o povo inglez a historia e a tradicionalidade: Os Granadeiros na Torre de Londres, o Regimento que volta do exercicio, o Dragão e o Porta-estandarte dos Horse-Guards.



"Les Guides", Regimento de cavallaria da Belgica

tem mitras á maneiras dos de Frederico, e no capacete dos Guardas do Corpo, encimado pela aguija de azas abertas, igual no seu formato e no das azas aos dos cavalleiros das lendas medievas!

Em Vienna, os Archeiros do paço imperial cobertos de oiro e os guardas nobres húngaros com a pelle de panthera ao hombro, relembram os guardas de Francisco II e do Imperador José Mais do que isso. O governo austriaco acabou com os dragões azues ebrancos, que continuavam a elegancia faustosa dos soldados do archi-duque Carlos, mas conservou no primeiro uniforme dos generaes a tunica branca, que é tradicional no exercito austriaco e as folhas de carvalho, á guisa de cocarda, no boné dos infantes, folhas que os voluntarios tyrolezes traziam nas guerras de Maria Thereza.

Antes da guerra actual, o nome de Guia na Belgica era synonymo de elegancia e belleza militar. Esses cavalleiros de alto colback emplumado, kurtka verde e pantalonaes collantes, garanceos, lembravam os Guias do segundo imperio francez e, juntamente com os atiradores de chapéo de coiro redondo e os gendarmes de barretina alta, garantiam a vida das tradições do exercito.

O capacete de cimeira pontuda da cavallaria italiana foi copiado do dos Guardas Nobres do Vaticano. Tem forma caracteristica dos cascos da cavallaria de linha na Europa desde tres seculos para cá. Modelo tirado do antigo capacete romano e, por isso, Victor Hugo, referindo-se aos dragões napoleonicos, dizia que Roma os julgaria legionarios. Os carabineiros da Italia andam com a casaca e o bicornio atravessado das velhas milicias piemontezas. E a cruz que abre os braços nos capellos dos seus cavalleiros é a mesma que faiscava na sabretache luxuosa dos sumptuosos Guias brancos e bordados a ouro de Murat, rei de Napoles, gran-duque de Clèves e de Berg. Os hespanhoes até hoje não abandonaram o Ros, képi de coiro, com que venceram em Marrocos e lutaram com denodo em Cuba, nem os dolmans faulhantes dos hussares de Pavia e da Princeza, nem as coiraças com o sol de ouro da Escolta Real, nem o bicornio da Guardia Civil e a alabarda dos Alabarderos.

A Grecia continúa com os Evzones a tradição dos Polikaros.

A Turquia faz os seus Zuavos envolverem na cabeça o turbante verde, cor sagrada do Propheta.

A França, apesar dos pruridos demagogicos e da luta por matar tradições, apesar do seu exercito chegar a tal ponto de vestir mal que Julio Richard dizia andar com roupas de doente, por causa das calças babanadas, cahidas sobre as botas; a França nunca tirou o imponente capacete dos couraceiros e dragões nem o shako emplumado da Guarda Republicana a pé, procurando na Guarda Republicana a cavallo reatar o prestigio elegante dos Cem Guardas da Imperatriz Eugenia.

Os Estados Unidos, cheios do delirio commercial e industrial, vestem os cadetes da Escola de West-Point com a casaca azul e as calças brancas dos soldados de Washington, os guerreiros da Independencia. Reminiscencia tambem de sua independencia, a Argentina tem os lindos Granadeiros a Cavallo, de casacas azues e paramentos encarnados, o alto guritão de coiro cheio de tranças, escamas e borlas.

Nós nada temos de semelhança. Nunca procuramos



Guarda republicana (França)



Escola Militar de West Point. (Estados-Unidos)

guardar uma tradição guerreira. Nada nos recorda a Independência, o maior fasto de nossa história. Nem sabemos como se fardavam as tropas nesse tempo. Archivos e museus nada possuem. Sómente João Baptista Debret, na sua obra, dá umas figuras de Granadeiros e Caçadores do primeiro Imperador, de índios artilheiros e dos Guardas do Corpo de sua Magestade. Num livro allemão ha descripções das fardas dos mercenários tudescos e irlandezes.

O uniforme dos Guardas do Corpo é verdadeiramente bonito: branco com os reversos e paramentos vermelhos, o capacete de côro, chapeado de metal, com a cimeira de bronze doirado representando um dragão dentre cujas azas abertas escorre uma crina negra. Pedro Americo pintou essa farda, phantasiando um pouco o casco, no *Grito do Ypiranga*. As altas botas lustrosas dão elegancia, as dragonas de escamas guarneciam os hombros, o pennacho bicolor corôa a cabeça. Esse admiravel cavalleiro deveria ser revivido no Brasil como os Granadeiros de San Martin, heroes dos Andes, de Chacabrico e de Maipú, o toram pela Argentina.

O primeiro regimento de cavallaria do exercito, em virtude de lei, devia passar a chamar-se Regimento dos Dragões da Independência, usando essa farda tradicional dos Guardas do Corpo. Com ella daria guarnição na capital federal, escolta ao Presidente da Republica e aos diplomatas estrangeiros, guarda do Palacio do Governo nos dias de festa e a carga final da revista de Sete de Setembro.

Nas manobras e nas campanhas, seria o primeiro de cavallaria, usando a farda commum.

O uniforme historico ficaria sómente para a parada e escolta, mesmo porque não é com crinas e pennachos que se vae á guerra de hoje, em que a prudencia é a maior virtude militar.

Mas os bellos fardamentos nas guarnições e revistas contribuem mais do que se pensa para o prestigio das cousas bellicas e o enthusiamo guerreiro. Napoleão escolhia e esboçava os uniformes de seus soldados. Levou mezes em hesitações e experiencias para dotar os Carabineiros com a farda branca paramentada de azul, a coiracha ensolada e a

écharille escarlate do capacete doirado, que os tornam os mais bellos cavalleiros da Europa. Numa nota ao projecto de criação dos Guardas do Corpo, elle escrevia com a propria mão: *On leur donnera un bel habillement.*

Vallet diz a proposito o seguinte: *Les beaux uniformes surexcitent les passions guerrières des jeunes gens. Cette vérité admise par tous les hommes de guerre, Frederic, Napoléon, etc., est si evidente, que les engagements sont tout-jours proportionnés à la renommée et à la brillante tenue des regiments.*

Os Dragões da Independência teriam um uniforme mais do que tradicional e historico. Representariam a criação do novo exercito com a criação da nova nacionalidade. Symbolisariam a tradição da raça com a evocação dos celebrados dragões portuguezes, aquellos Dragões das Minas, que policiavam os sertões, e aquellos Dragões de Milicias, que participaram das rebeldias antigas. O dragão do seu capacete é igual aos que seguravam o brazão das quinas e depois guardavam o es-

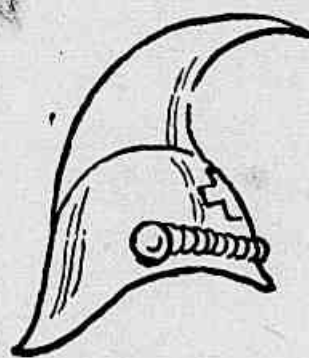
cudo com a esphera e a cruz do imperio. E já estão coloridos pelo nosso maior pintor no quadro que perpetua o grito de Independência ou Morte! Seria até o caso de se apresentar a respeito um projecto á Camara, afim de que no primeiro centenario de nossa emancipação forme o regimento dos Dragões da Independência, como no centenario da liberdade da Argentina formaram os Granadeiros de San Martin.

GUSTAVO BARROSO.

(Desenhos executados sobre troquis do autor.)



Granadeiros a cavallo de S. Martin—(Argentina)



O capacete italiano.

A Garupa ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

O conto admiravel, de Affonso Arinos, cuja publicação bastaria para tornar sensacional este numero da *Revista da Semana*, faz parte de um volume posthumo de contos do glorioso escriptor, que em breve será editado pela livraria Francisco Alves & C.^a, que adquiriu a sua propriedade.

A publicação de *A Garupa* é feita com a devida auctorisação dos editores e da Exma. Viuva do grande homem de letras, a quem deixamos aqui consignados os nossos agradecimentos por haverem permitido que a *Revista da Semana* brindasse os seus leitores com a leitura antecipada dessa obra-prima da literatura nacional.

"Águas mortas..." Imagens vivas

No seu recente livro *Águas Mortas*, o escriptor portuguez Nuno Simões reúne uma collecção de imagens e pensamentos sob o titulo *fogos-fatuos*. Algumas dessas imagens são lindas. Por exemplo:

No dia em que a gloria fosse a felicidade de alguém, declarar-se-ia a guerra universal.

Certas mulheres entregam-se por prazer. Outras abandonam-se. Ha as que se recusam sempre. São as que mais amam o homem

porque delle afastam o tedio de havel-as possuido.

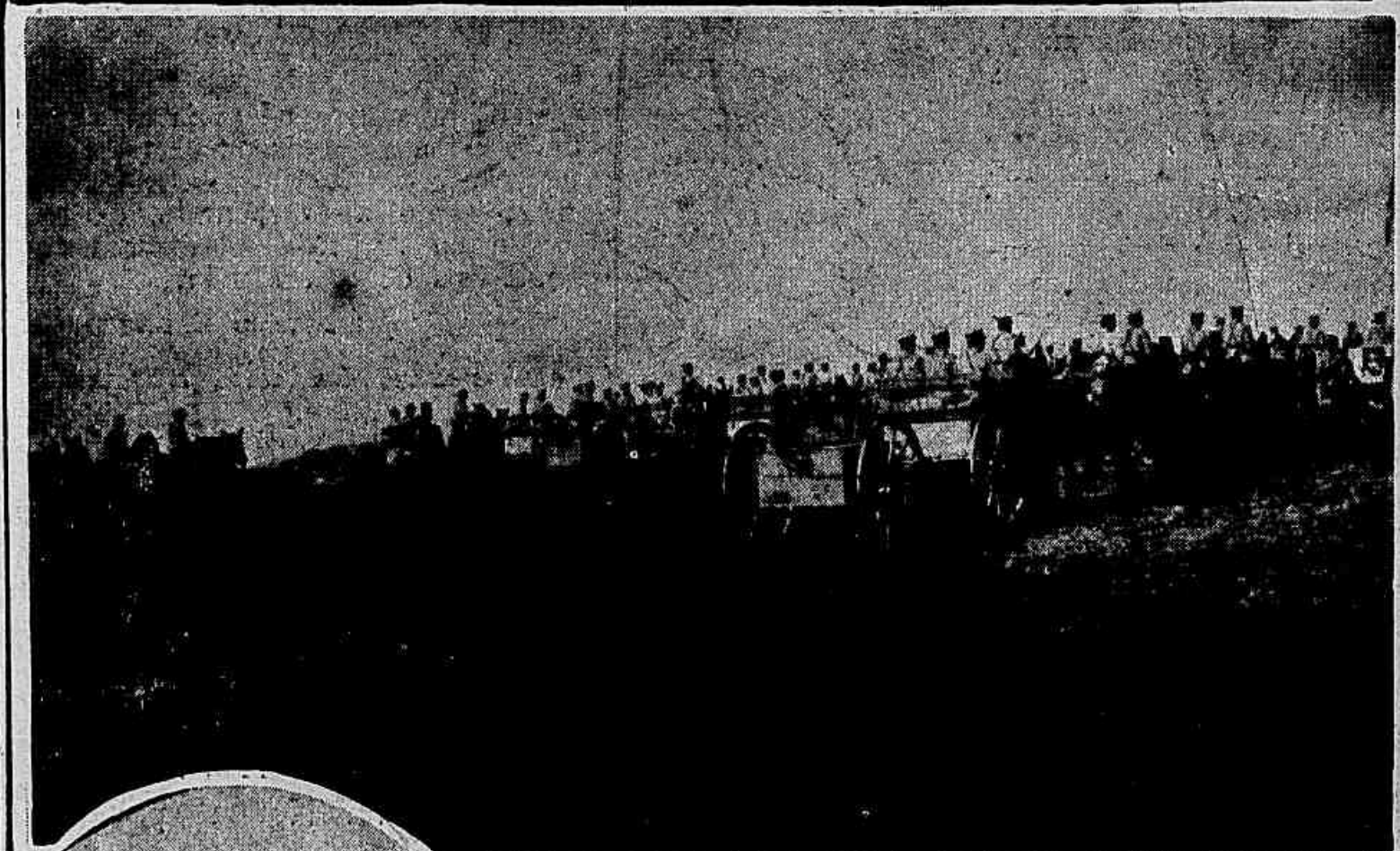
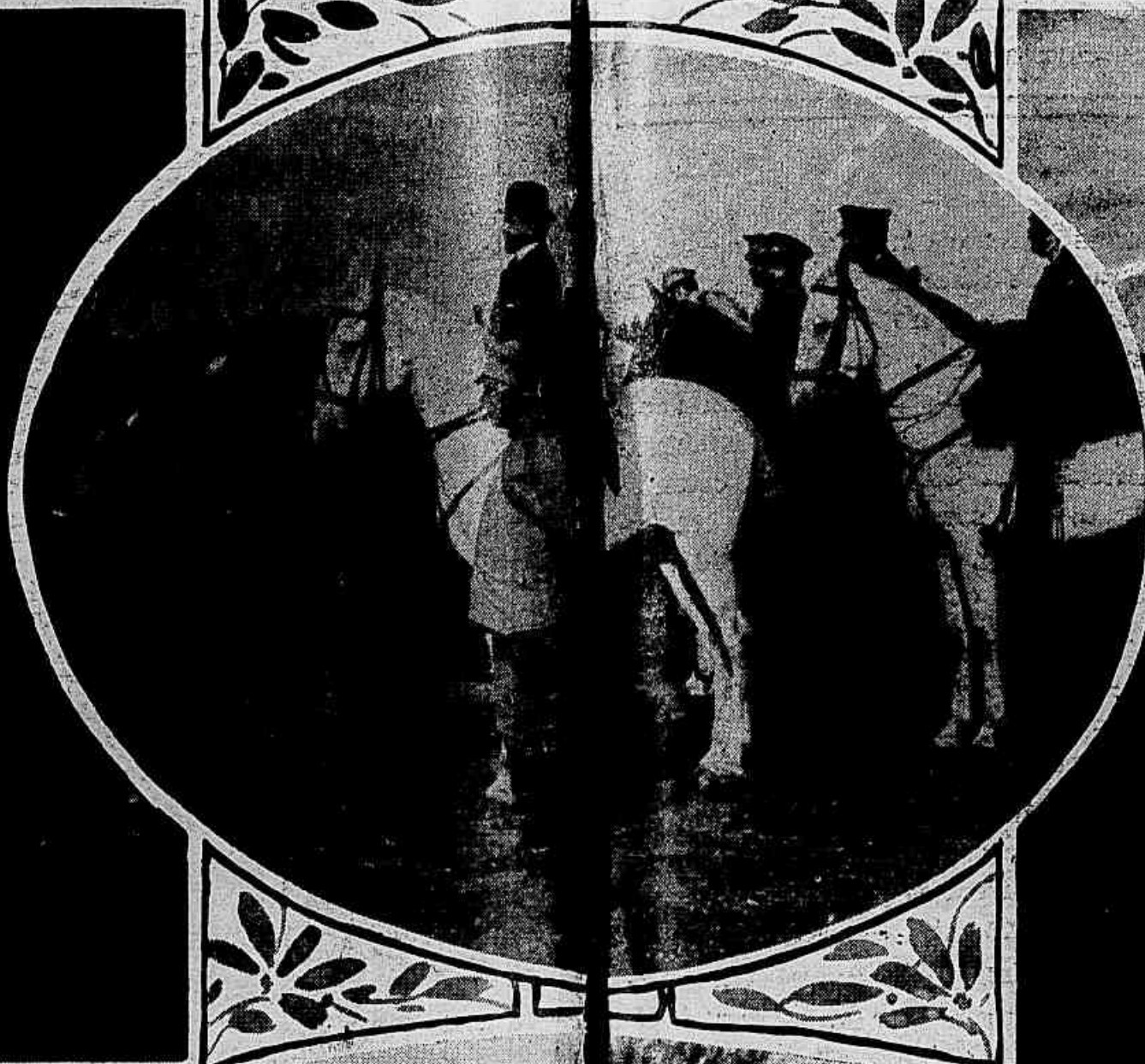
O critico peor será o que não souber dizer bem. A sua obra não o contenta. Nunca poderá illudir-se.

A sinceridade é uma virtude dos vinte annos. A idade prejudica-a, como ás mulheres.

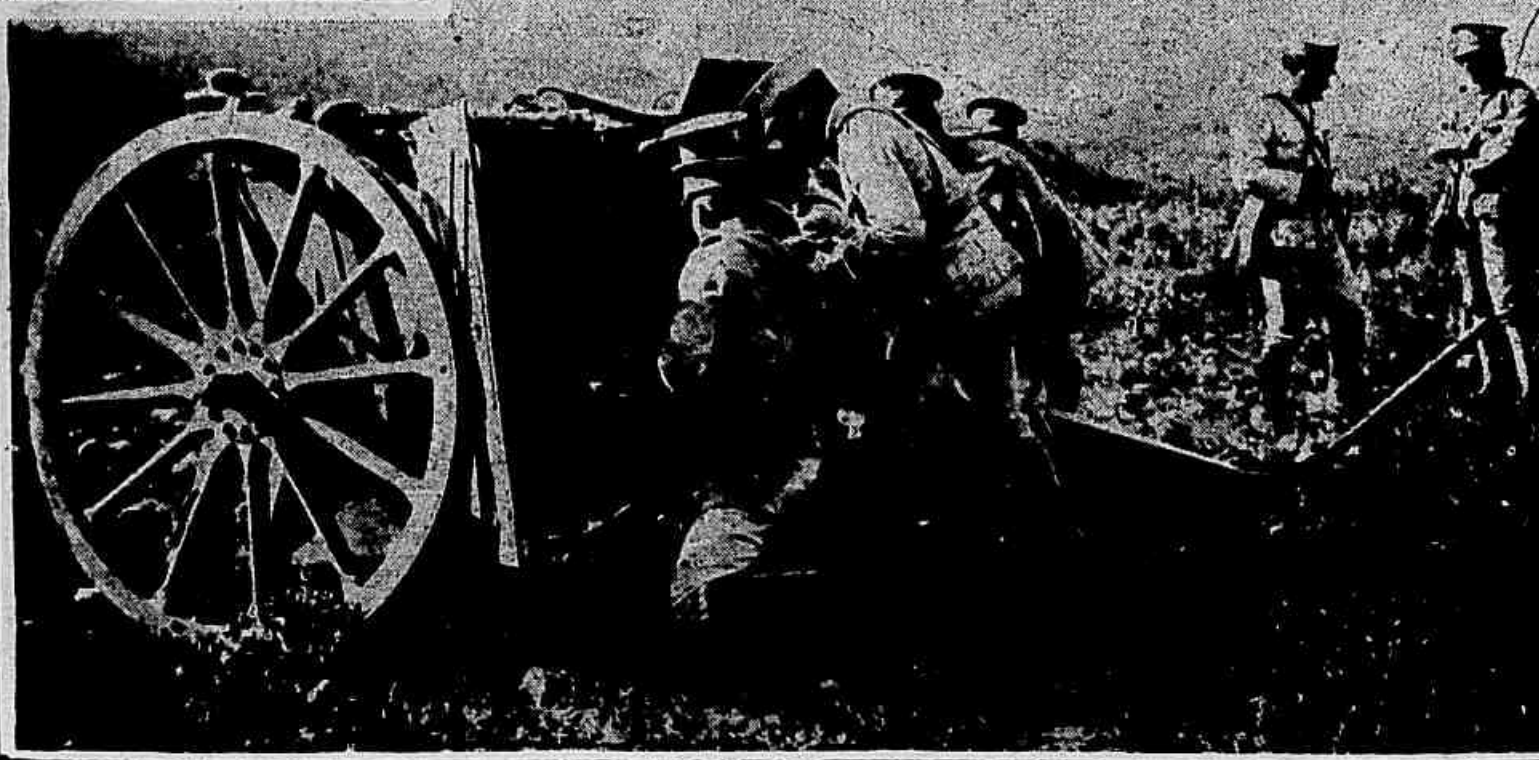
A mulher não devia ser nunca mais do que mulher. Que pena não serem todas lindas! Assim ao menos nenhuma se lembraria de igualar-se ao homem.

E' das pedras pequenas que se fazem as calçadas.

Portugal na Guerra

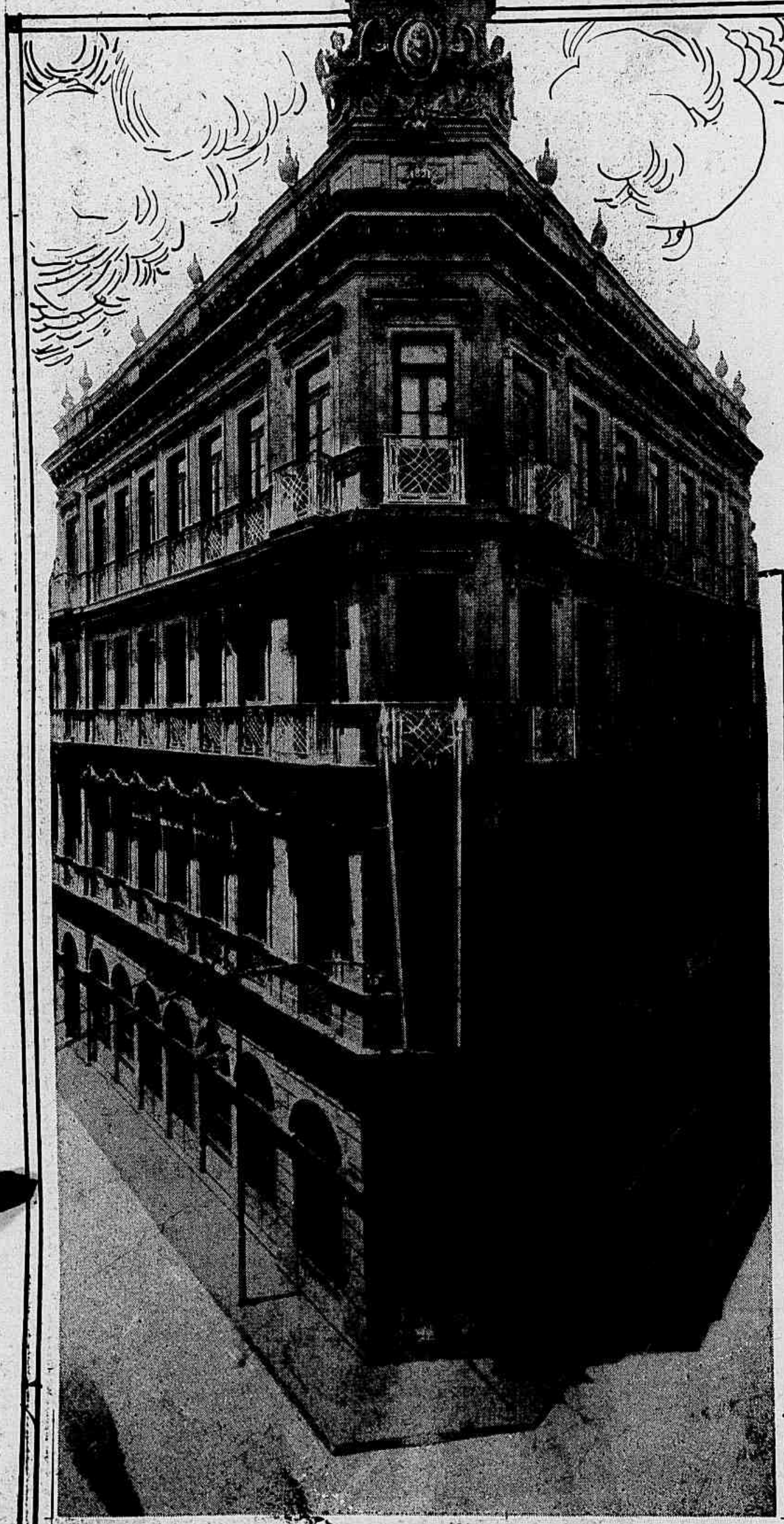


1 - O automóvel do general inglês chefe da missão e o português Tama-
gnini Barbosa, comandante da divisão que bre-
vemente seguirá para a África. 2 - O major do
Estado maior do Exército, Roberto
Baptista. 3 - Os srs. Costa, ministro
das Finanças e Norte, ministro da
Guerra, assistindo ao exercício das tropas. 4 -
Oficiais da missão militar franco-inglesa,
acompanhados do capitão Az Fernandes,
examinando a carta do terreno onde se dão os
exercícios. 5 - O coronel
Hyppolito, comandante da 1.ª divisão, com os
seus auxiliares. 6 - Grupos de reconhecimento.
7 - Um posto de observação para transmissão de
ordens por meio de telegrafia sem fio. 8 - Uma peça 75
(Canet) em posição de tiro. 9 - Solda-
do da guarnição de signaleiros. 10 - Cor-
de signaleiros.



O Colosso Bancario

O Banco Nacional



*A filial do BANCO
NACIONAL ULTRAMARINO
no Rio de Janeiro à Rua da
Quilanda - (esquina da Alfandega)*

Por varias vezes e em diversas epochas se ventillou no seio da Colonia Portugueza a conveniencia de fundar-se no Rio um poderoso estabelecimento bancario, á altura de servir os interesses importantissimos do commercio portuguez, e que exercesse as funcções de instituto financeiro da Colonia, para estimulo e coadjuvação das suas iniciativas commerciaes, industriaes e agricolas, servindo de apoio criterioso e forte ao desenvolvimento dos seus negocios. Em toda a parte e com todos os povos, o Banco acompanha, quando não antecede, o commercio.

Para negociarem em paiz estrangeiro com as essenciaes garantias de exito, os inglezes, os allemães, os americanos, os francezes e os italianos fazem-se preceder pelos seus institutos de credito. A essa regra mundial fazia excepção a Colonia Portugueza no Brasil, justamente aquella que detinha a hegemonia commercial. O justo credito de que sempre gosou o commercio portuguez, a sua supremacia indisputada, durante longuissimo periodo, e as afinidades intimas, de raça e de lingua, explicam até certo ponto essa anomalia. Não faltaram, porém, os homens dotados de perspicacia, os economistas esclarecidos, que comprehenderam o erro grave, ao qual se podem e devem attribuir o abandono progressivo, por parte da Colonia Portugueza, dos grandes negocios que exigem a congregação de multiplas iniciativas e de vastos capitais: negocios a que poderam dedicar-se as outras Colonias estrangeiras, devidamente aparelhadas com os seus institutos financeiros.

As tentativas que os elementos portuguezes fizeram, por mais de uma vez, para improvisarem no Brasil um Banco portuguez, só serviram para demonstrar que, á semelhança dos Bancos inglezes e allemães, um Banco portuguez não podia perpetuar-se e desempenhar com efficacia a sua missão quando não fosse o prolongamento de uma poderosa instituição financeira com séde em Portugal, fundada com capitais portuguezes, ao abrigo da desnacionalisação, e que ao mesmo tempo servisse de vinculo e de instrumento de expansão ao intercambio commercial dos dois paizes.

Ora, em Portugal só existia um Banco nas condições de poder desempenhar no Brasil esse grandioso e patriotico objectivo; um só Banco existia com os recursos, a elasticidade e a capacidade indispensaveis para se tornar o instituto financeiro de uma Colonia cujas transacções commerciaes ainda hoje mantem, em seu grandioso conjuncto, o lugar preponderante entre as demais Colonias estrangeiras

Portuguez Ultramarino.

domiciliadas no Brasil. Era o Banco Nacional Ultramarino, fundado em 1864 com um capital social de 12.000 contos fortes, dispondo do privilegio emissor para os extensos dominios coloniaes e abrangendo nas suas operações todos os territorios portuguezes das duas Africa, da Asia e da Oceania. Pela amplitude de seu raio de acção, operando nas cinco partes do mundo, o Banco Nacional Ultramarino era um verdadeiro Banco internacional e adequado excepcionalmente pelos seus estatutos a uma fecunda missão de estimulador de energias economicas e de criação de riqueza.

Era, precisamente, a este poderoso instituto financeiro que estava destinada a missão de dotar a colonia portugueza do Brasil com o estabelecimento de credito de que ella carecia para egualar-se ás colonias ingleza, allemã, americana, italiana e franceza, emancipando-se dos favores do capital estrangeiro e poder condensar em poderio financeiro o seu grande, mas descoordenado, poder economico.

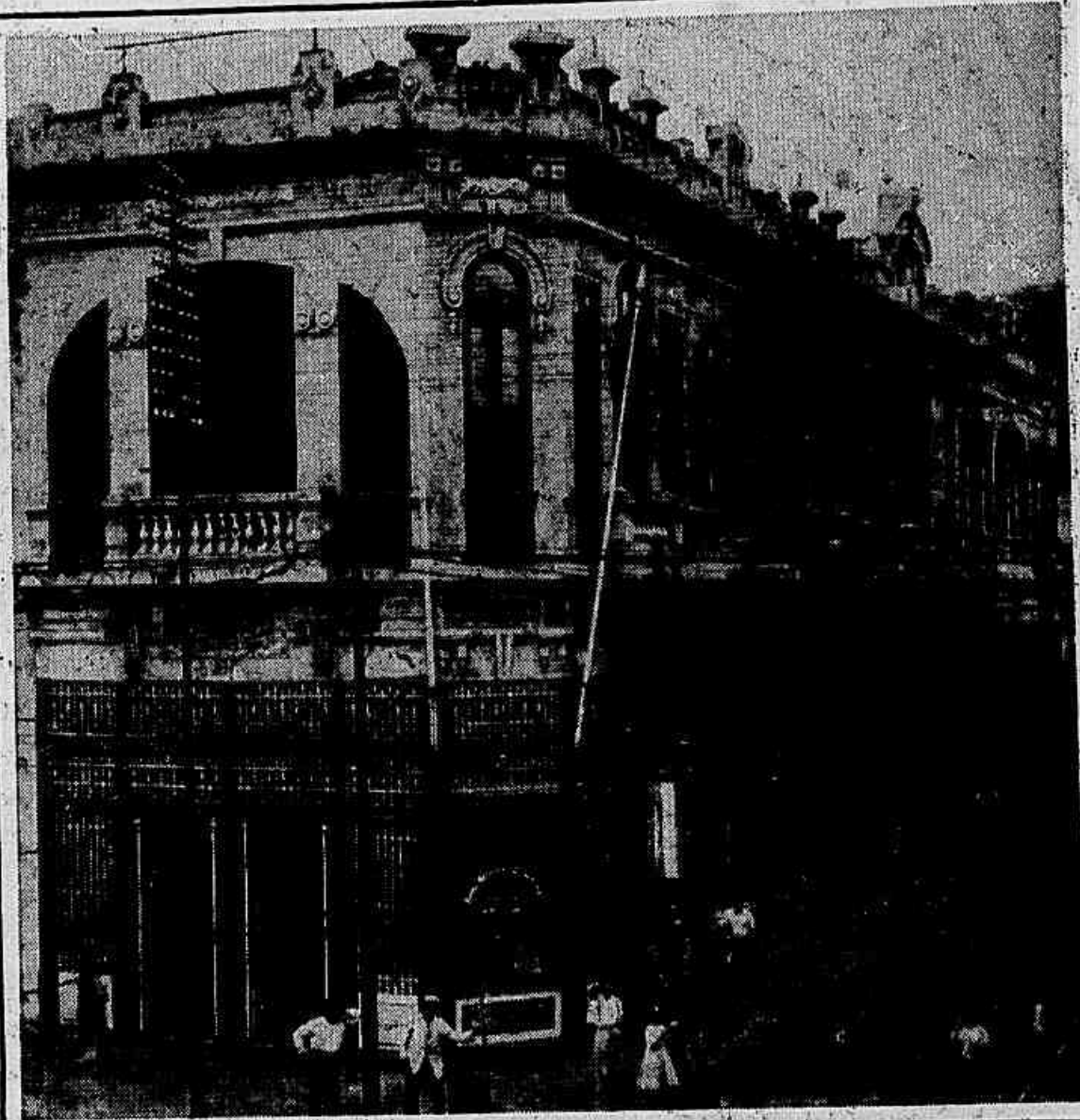
Fundada em fevereiro de 1913, a filial no Rio do Banco Nacional Ultramarino vertiginosamente assumiu a importancia condigna da missão que vinha desempenhar, hombreando no curto praso de tres annos com os estabelecimentos bancarios estrangeiros e conquistando entre elles um logar de destaque proeminente.

Pela rapidissima expansão das suas operações, pela firmeza com que velozmente creou no nosso meio bancario uma situação que outros não conseguiram no quintuplo da existencia, pela largueza de vistas do seu programma dirigente, pela solidez do seu credito, pelo volume das suas operações, a filial no Rio do Banco Nacional Ultramarino é já hoje um motivo de orgulho para a Colonia, tanto mais legitimo quanto ella deu ensejo a que se patenteasse no Brasil a capacidade financeira portugueza, em concorrência com competidores de reputação adquirida.

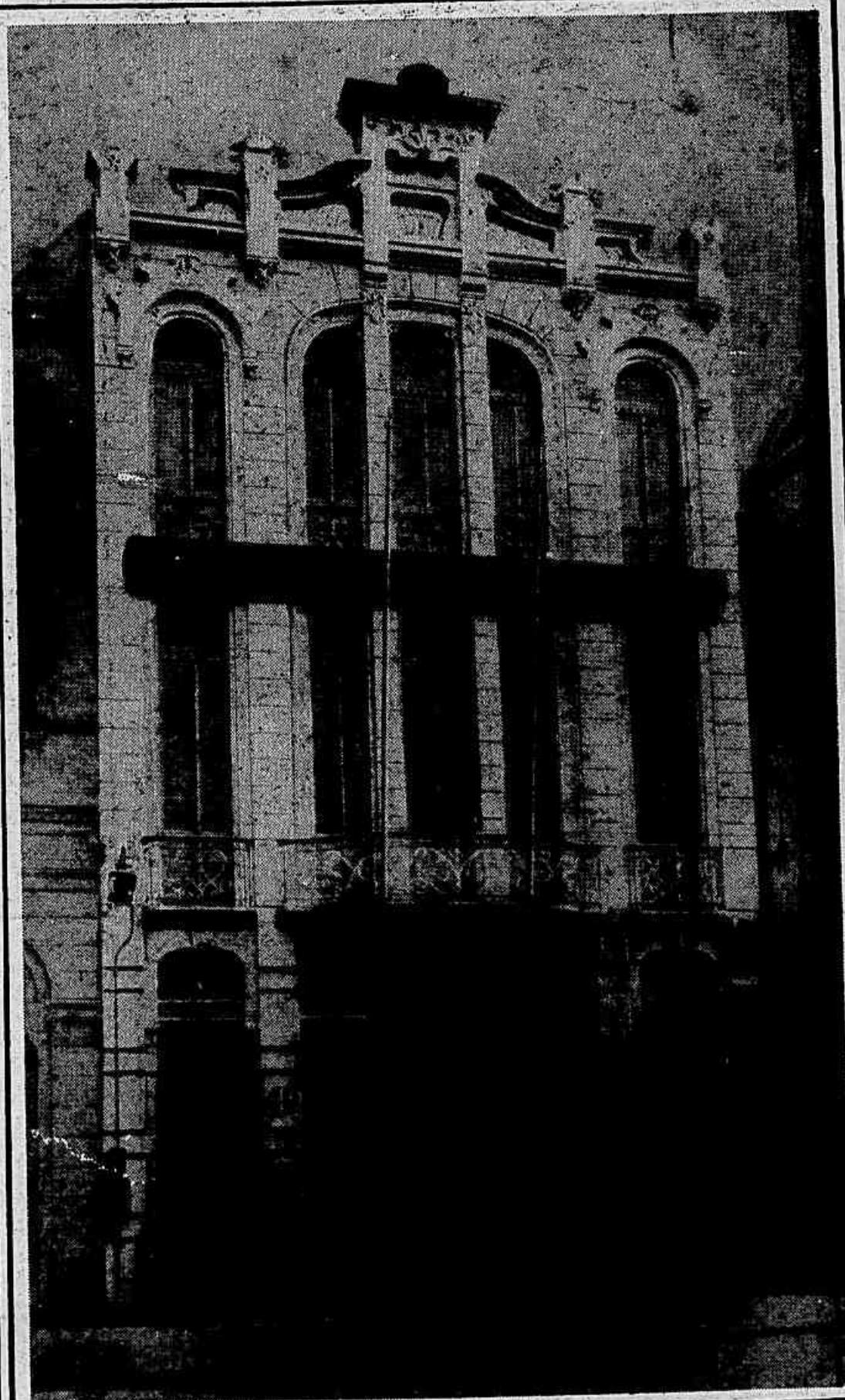
Para esse exito phenomenal concorreram dois factores primaciaes: a importancia dos valores movimentados pelo trabalho portuguez no Brasil e a reputação financeira do grande estabelecimento de credito.

O ultimo balancete de Outubro da filial do Rio accusa já um total de depositos em contas correntes á ordem e a praso de perto de 35.000 contos (34.939:458\$398), somma enorme para um Banco que tem de existencia, no Brasil, menos de quatro annos; e esse mesmo balancete revela-nos que, conservando em caixa 15.312 contos, o Banco auxiliou o commercio com 5.492 contos de descontos de letras, 9.183 contos de emprestimos em conta corrente e 6.597 contos de titulos em cobrança, o que prefaz quantia superior a 21.000 contos. Estes algarismos, cuja progressão é incessante e parallela com a accumulção dos depositos, revelam nitidamente o programma de vasto alcance economico e patriotico que preside ao funcionamento do Banco Ultramarino.

No dia já proximo em que o poderoso estabelecimento financeiro, ramificando-se em succursaes pelas principaes praças do Brasil, abranja a quasi totalidade das transacções portuguezas, convertendo-se no verdadeiro Banco da Colonia, no depositario quasi exclusivo dos seus avultados ca-



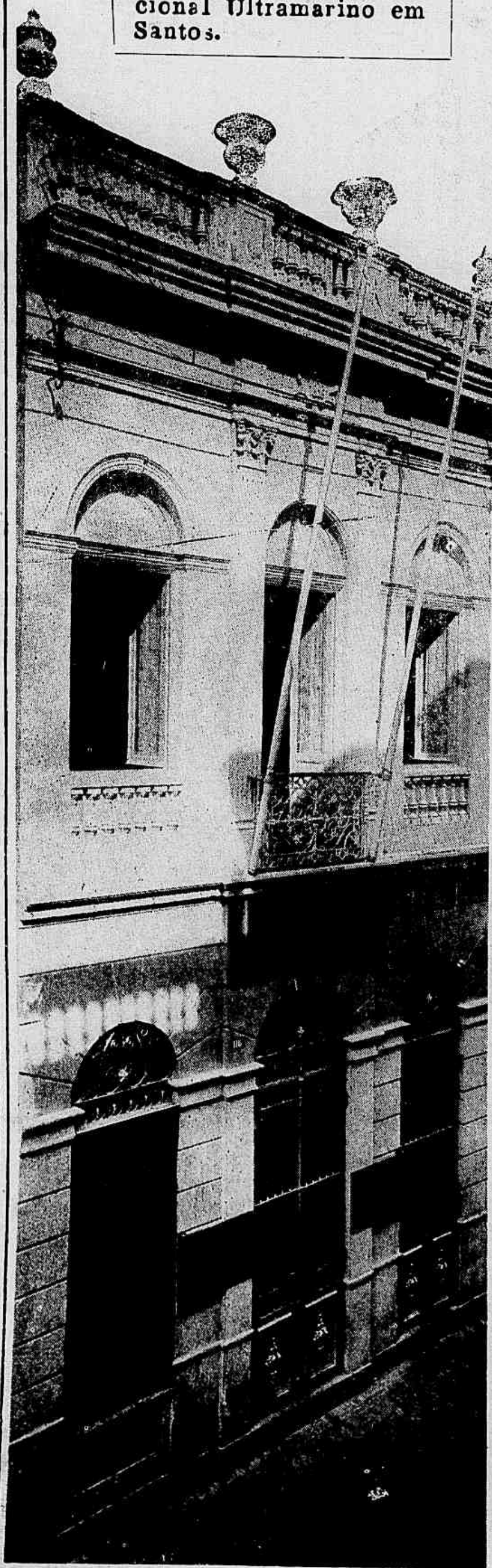
*A Succursal da Praça 11 de Junho
no Rio.*



*A filial do
Banco Nacional Ultramarino
em São Paulo.*

*O Banco
Portuguez
Banco Nacional Ultramarino*

A filial do Banco Nacional Ultramarino em Santos.



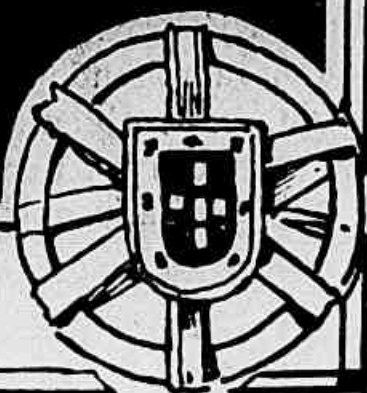
pitae moveis e no intermediario natural das suas transacções de cambio, não é difficil visionar a que proporções de effi-ciencia attingirá a sua acção e a influencia que elle assumirá no desenvolvimento das operações e das iniciativas commerciaes, industriaes e agricolas portuguezas no Brasil. Aliás, o Banco Nacional Ultramarino, a cuja existencia se acha intimamente associado o progresso economico das posses-sões portuguezas no ultimo meio seculo, não faz mais do que prolongar no Brasil as suas tradições, ainda neste momen-to affirmadas na proposta apresentada ao Governo portu-guez para o estabelecimento de uma carreira de navegação para o Brasil, que será o coroamento da sua obra clarividen-te e benemerita, libertando o commercio portuguez das vi-cissitudes de que está sempre ameaçado o trafego mariti-mo realizado sob bandeira estrangeira. Essa iniciativa patenteia as grandes bases da politica economica em que as-senta a acção financeira do grande estabelecimento banca-rio portuguez, e tão nitidamente exercida nestes quatro an-nos de fecunda actividade, que pozeram á prova a sua or-ganização magistral, a segurança com que movimenta os seus capitae, a assignalada competencia da sua interven-ção no mercado cambial e a latitude que attingiu o seu auxilio ao commercio.

Por isso tambem a expansão accelerada das suas opera-ções, — quasi duplicadas a datar da guerra, quando o Ban-co desistiu de beneficiar das providencias decretadas pelo governo e que habilitavam os Bancos a restringirem as re-tiradas de dinheiro depositado em conta corrente, — origina a breve praso ampliações consideraveis e successivas nas suas installações primitivas, a fundação da succursal na praça Onze de Junho, a creação das agencias de S. Pau-lo, Santos, Bahia, Pernambuco, Pará e Manáos.

E' bem legitimo o orgulho com que a Colonia Portu-gueza do Rio olha para o grande estabelecimento bancario em que fluctua a bandeira de Portugal e vê, de dia para dia, augmentar o movimento incessante da sua clientella e a ci-fra já enorme das suas operações. A filial no Rio do Banco Nacional Ultramarino tornou-se para a Colonia, como a Be-neficencia Portugueza e o Gabinete Portuguez de Leitura, um padrão commemorativo do seu pacifico e laborioso poder, das forças representativas da sua actividade. O pensamento de que es-te mesmo Banco, nos actuaes tempos utilitarios em que a sobera-nia é uma expressão economica, se encontra auxiliando o esforço portuguez onde quer que fluctue a gloriosa bandeira das quinas, em Goa, em Macau, em Timor, em Angola e em Moçambique, redobra ainda esse sentimento de ufania com que a Colonia concor-re para o seu prestigio e na sua prosperidade vê reflectida a pro-pria grandeza de seu esforço.



A filial em Lourenço Marques
Fundado em 1877





Não Seja Medroso!

CARTAS DE MULHER



MUITO longe, muito longe na minha memória, já nas paragens crepusculares onde as lembranças se diluem, vou procurar uma das minhas emoções de infancia e tentar revivê-la nesta carta de Natal.

Foi ha tantos annos! Como a vida é vertiginosa e como se envelhece depressa!

Papae tinha-nos levado á Europa e um negocio o prendera em Londres até ao inverno. Foi nesse escuro inverno de Londres que aprendi a amar a minha terra, com este amor profundo, serio e fiel, sentindo por ella as saudades que são a revelação do amor... Tinha apenas dez annos e uma sensibilidade que assustava mamãe e a levava a submeter-me constantemente ao exame dos medicos.

Os medicos auscultavam-me, interrogavam-me, escutavam as palpações do meu coração de creança, a respiração dos meus pulmões, e nenhum delles foi capaz, apesar de toda a sua sciencia, de modificar a sensibilidade da minha alma, que era a minha incuravel enfermidade.

Ah! esses dias tenebrosos, esses dias nocturnos, em que se accendiam as luzes nas ruas ao meio-dia, esses dias sempre a suar chuva, que me gelavam e assustavam, como elles me faziam lembrar com saudade o fulgor aereo da minha terra, onde até as noites são luminosas, estes dias em que o céu parece uma chamma azul dilatada até aos infinitos horizontes, e em cuja luz enebriante oscillam as palmeiras e fremem as ramarias dos arvoredos compactos! Transida de frio, ficava horas sentada no tapete, em frente do fogão, calada e triste, vendo o carvão derreter-se em fogo, ou então, embrulhada num chale de lã, como uma velhinha de dez annos, o rosto collado á vidraça da janella, espiava a confusão nevoenta e ruidosa da rua, onde a gente e os carros me davam a impressão, vistos de alto, de caminharem debaixo de agua, pelo leito fundo de um grande rio turvo.

Os dias passavam lentos e escuros e a sua escuridão entrava cada vez mais dentro de mim. Papae sahia pela manhã e só voltava á noite, para jantar. Mamãe tocava o *Guarany* ao piano, suspirava muito e lia os romances de Macedo e de Alencar. Depois do *lunch*, Miss Kingsley dava-me a lição de inglez e durante uma hora eu conjugava *to be* e *to have* com uma resignação de martyr, desenhando bonecos com o lapis nas margens da grammatica.

Mas um grande acontecimento veio interromper essa vida monotona. Era Natal, e mamãe levou-me a Regent Street para me mostrar as arvores de *Christmas* e comprar-me uma grande boneca que dizia, como os *babies*, «papá» e «mamã».

Da nossa *boarding-house* a Regent-Street ficava muito perto. Era só

atravessar Piccadilly-Circus. Fazia um frio de arripiar. As minhas mãos tremiam dentro do regalo de pelles. O fog denso e escuro mal deixava ver as frontarias das casas. Os candieiros estavam accesos, como se fosse meia-noite.

Era, porém, meio-dia. Apesar do frio, eu estava contente porque ia ter a minha boneca, e lembrome dessa alegria porque poucas ha, na vida da mulher, que possam comparar-se — com que tristeza o confesso! — á ventura que nos dá a posse da primeira boneca...

A loja era grande e bella como um templo. Tinhamos que atravessar a rua. Havia muita gente que entrava ou que, deante das portas, contemplava as grandes arvores de Natal. Das carruagens que paravam, desciam creanças loiras.

Dois gigantes, com chapéos de bicos, abriam as portinholas. Eu tremia de frio e de entusiasmo. O vento agitava a saia do meu vestido escossez.

De repente, já no passeio, uma inesperada visão me fez parar, extatica. Era como se tivesse visto um dos principes encantados das *fairy-stories*, que Miss Kingsley me dava para ler. Encostado a uma das portas da grande loja resplandecente, olhando as arvores de Natal illuminadas e envoltas em fios de prata, havia um negrinho da minha idade, igual aos negrinhos da minha terra!

Mamãe não comprehendera a causa da minha emoção e do meu espanto. Julgou que eu me sentisse mal. Perguntou, afflicta:

— Que tens, meu amor?

Retirei do regalo a minha mão pequenina, que tremia, e apontei o negrinho.

— Mamãe, parece o filho de *nhá* Rosa! Vê como é bonito!

As creanças loiras, conduzidas pelas mães e pelas *nurses*, continuavam a entrar, rindo e chilreando com uma harmonia de aviario. Outras já sahiam, felizes, transportando as bonecas, os polichinellos e os brinquedos. Na immensa nave, de entre a multidão infantil, emergiam as grandes arvores symbolicas e resplandecentes, illuminadas como candelabros orientaes, envoltas em fios de prata, e de cujos galhos pendiam esferas fulgurantes.

O negrinho contemplava a felicidade das creanças loiras. Nos seus grandes olhos humidos, tão lindos e tão ternos, as pupillas eram dois pontos negros nas escleroticas brancas, e um sorriso embevecido entreabria-lhe a boca, mostrando os dentes alvos, como os do filho de *nhá* Rosa. Somente, elle não estava descalço

como os negrinhos da minha terra. Tinha umas botas velhas e enlameadas, um casaco roto, deixando ver pelos rasgões a baeta encarnada do forro, e um *bonnet* na cabeça. As suas mãosinhas pretas aconchegavam ao peito o casaco roto e elle olhava — coitadinho! — as grandes arvores de Natal, que scintillavam, recordando talvez, como eu, a terra longinqua, a terra do sol, de céu azul, onde nascera, e onde as arvores são sempre luminosas, mesmo quando não é Natal.

Então uma resolução firme entrou no meu coração de creança. Não queria mais a boneca. Queria que mamãe me deixasse levar o negrinho commigo, para o hotel.

Impetuosamente, caminhei para elle, segurei-o pela mão e perguntei-lhe:

— Tu queres vir commigo?

Quem teria tido o poder de fazer-me acreditar que elle não me entenderia? De onde podia elle ter vindo, com os seus grandes olhos negros e os seus pequeninos dentes brancos, senão de onde eu viera? Na ignorancia da minha innocencia não admittia que elle podesse deixar de ser, como eu, da terra onde o céu está sempre acceso, e não fosse o filho de uma *nhá* Rosa, como a que me creara.

Mas — ó desconsolação! — elle me fitou com os seus olhos espantados e disse-me, na mesma lingua das creanças loiras:

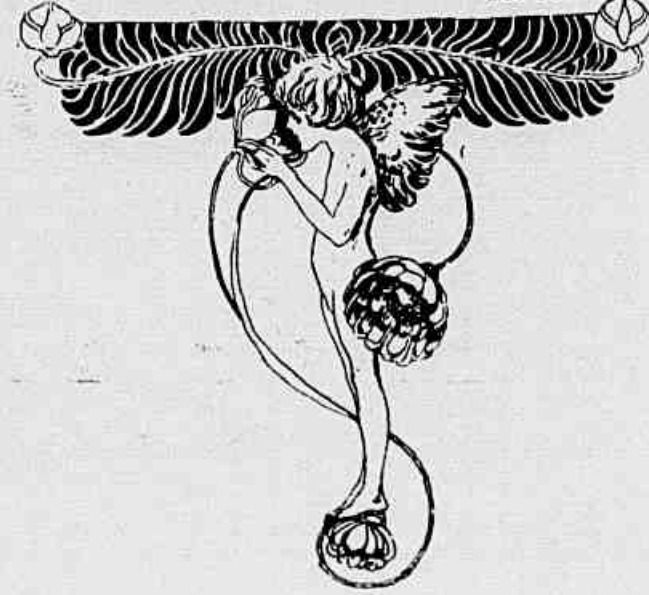
— Give me a penny...

Olhei-o, scandalizada e reprehensiva. Mamãe tirou da carteira um *six-pence* e entregou-lh'o, a rir. Eu, porém, não podia perdoar que elle não tivesse sentido a caricia da minha sympathia generosa, que elle não tivesse respeitado a minha illusão, que elle não tivesse comprehendido as minhas palavras, que elle não falasse a minha lingua.

E antes de entrar na grande nave das arvores de Natal, magoada e offendida, voltei-me ainda para elle:

— Pretinho feio!

IRACEMA





Sonho

NOS bancos daquela praça publica, batida pelo luar frio da madrugada, dormiam os vagabundos. Eram crianças, eram rapazes, eram homens na idade viril, eram velhos tenebrosos, e faziam como um sóco de angustia resignada á architectura da praça, que o luar acarinhava.

Aquelle cavalheiro que pedira o lume ao rondante e passeava por entre os bancos com um olhar curioso, podia ser um desses inoffensivos philosophos que olham a desgraça para recuar da vida. E podia ser tambem o simples noctivago, sem norte, sem rumo, levado no embalo silente do luar infinito. A lua tem feito tanto mal á humanidade!

O cavalheiro, porém, parecia procurar nos bancos um lugar onde se sentasse. Afinal encontrou a ponta do que ficava no extremo esquerdo. Era perto de um homem de barba mal tratada, que dormia anciado. Bastou que o cavalheiro occupasse a ponta, para que o homem accordasse em sobresalto. Esfregou os olhos, disse:

— Julguei que fosse a policia! E' um novo collega...

Sorriu lugubre, puxou mais a gola puida do casaco para o pescoço sem collarinho. O cavalheiro sorriu tambem e, como desejoso de conversar, indagou:

— A policia d'aqui é aborrecida?

— Pois! Como a de todas as praças. Podemos sentar-nos, mas não dormir.

— E dormem...

— Quando ha um guarda com um pouco de alma. Eu ando por ahi ha tres mezes e sempre acho este banco comodo. Seja tudo pelo amor de Deus!...

O cavalheiro indagou:

— Quer um cigarro? Vejo que é religioso.

— Não. Por falta de tempo. Trabalhei desde os dez annos, soffri pancadas, torpezas, enganos, e, trabalhando sempre, faltou-me o tempo de enganar os outros e de acreditar na religião...

— Então, infeliz?

— Aos quarenta annos tenho soffrido tudo. Dizem que a desgraça fortifica a alma. Eu acho que a liquida. Pergunte o amigo a qualquer dos nossos collegas se são fortes. Elles tremem do guarda, tremem da policia, tremem de tudo. Como eu. Aqui onde me vê, sahi da cadeia ha tres dias. Estive lá cinco mezes.

— Commetteu algum crime?

— Se commettesse, não lh'o ia contar. Eu era canteiro, sabe? As obras pa-

raram. Comecei a não ter pão em casa, uma filha morreu-me de varicella nos braços; a mulher ficou tísica, foi para a Misericordia, pozeram-me os cacareus na rua, e eu comecei a não ter onde dormir e onde comer. Em geral não comia. Como a gente se acostuma a não comer! Eu chego a passar cinco dias só com agua do chafariz; e depois qualquer cousa dá-me uma dôr no estomago... Tenho vontade até de não recommençar a comer.

— Mas ia contar os motivos da prisão...

— Quer saber? Não vá ser algum agente disfarçado... Não. Você olha para a gente com carinho. Eu conto. Estava uma noite a dormir nos bancos, quando um guarda implicou e levou-me. No districto foi impossivel fazer-me ouvir pelo commissario, um sujeito zangado. Metteu-me no xadrez. Lá passei dois dias, sem comer. Ao cabo desse tempo fui levado á presença do delegado, um joven elegante. O commissario parecia ainda com mais raiva de mim. O delegado ouviu e mandou-me recolher. Segui depois para a Detenção onde passei tres mezes na galeria terceira, num cubiculo em que havia quarenta homens. Todos juravam que eu estava incurso no artigo 330. Certa manhã disseram-me que eu iria ao juizo. Fui. O juiz não estava. Adoecera. Esperei. Voltei lá na carrocinha varias vezes e, afinal, um bello dia puzeram-me na rua...

— Pobre homem!

— Você tem pena de mim? Arranje-me então um emprego e alguns nickels.

— Não tenho.

— E' solidario na miseria?

O cavalheiro sorriu meigamente.

— Porque não se volta para Deus?

— Você é religioso? Se houvesse Deus não havia o tal artigo 330, e os commissarios e a desgraça...

— Mas a religião é resignar-se...

— Para resignar-se a gente basta o tempo!

O cavalheiro accendeu outro cigarro, fez um esforço e murmurou:

— Não lhe quero dar conselhos. Entretanto a esperança está em Deus que nos vê...

O homem tossiu, escarrou, limpou as barbas com as costas das mãos, sem responder. Então, o cavalheiro animou-se.

— Veja você o exemplo de Christo, que morreu para redimir o mundo. Sacrificou-se, soffreu, foi crucificado.

— D'esse eu tenho pena, na verdade. Mas, cá para nós, não muita...

— Porque?

— Em primeiro lugar, Deus dava-lhe uma grande protecção. Elle podia repartir pães sem ter mais que um pão, podia curar os outros. E de-

pois, se soffria sabia porque. E, crucificado, tinha a certeza de que resuscitaria e toda a gente o respeitaria. Mas eu, soffrendo o 330, mas eu, sem trabalho e sem pão, eu com a familia desaparecida, sem vontade de não comer e sem poder fazer milagres, devemos ter a mesma obrigação? Não! Ninguém falará de nós, não é? E nenhum é divino... Essa historia de religião agora é para a gente rica. São todos honestos e podem ir á missa d'automovel. Olhe: eu acreditava em Deus se agora cahisse da lua uma cama e eu não sentisse a fome. Que horas serão?

— Tres da manhã.

— Então, boa noite, vou dormir.

— Escute: talvez consiga arranjar-lhe alguma cousa.

— Hein?

— Dê-me o seu casaco. Eu dou-lhe, o meu que é mais novo.

— Para que? Você é mais magro.

— Então não trocamos. Dou-lhe eu o meu casaco e você vende-o e amanhã almoça...

— Ora que idéa!

— Dou-lhe o meu chapéo tambem.

— Você está a brincar, ou é fraco do juizo...

— Aqui os tem.

— Olhe que se resfria. Mas porque tudo isso? Não comprehendo. Afinal, quem é você?

— Um pobre coitado.

— Com algum remorso?

— Enorme. O de não ter feito nada com o meu sacrificio para melhorar o mundo.

— E's talvez o commissario do 330?

O cavalheiro sorriu; aproximou a face pallida da barba do misero:

— Meu irmão, que pena! Que pena não poder fazer mais nada... São tão tristes os tempos, tão difficeis... Emfim, não desanimes. Que culpa tenho eu de tanta dôr?

— Ah! és então o commissario mesmo? Estás arrependido, hein?

— Sou menos, meu filho. Sou Jesus Christo...

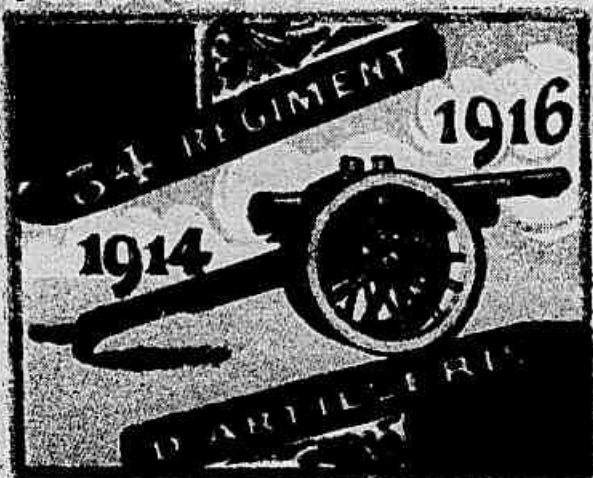
O desgraçado ergueu-se num impeto:

— Jesus!

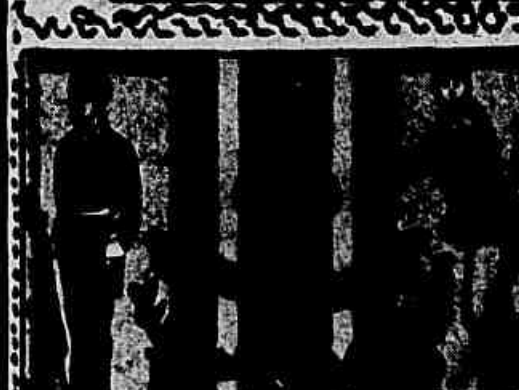
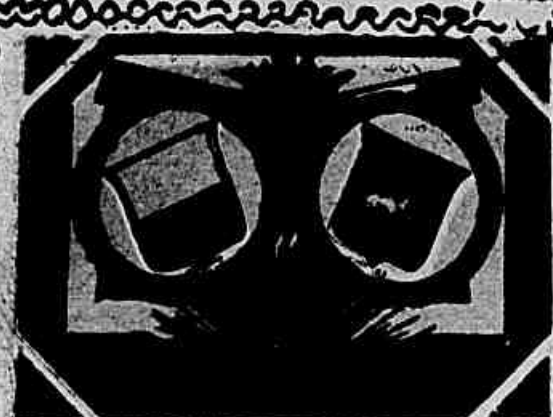
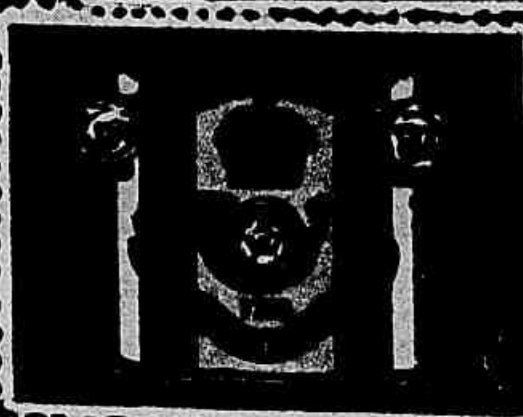
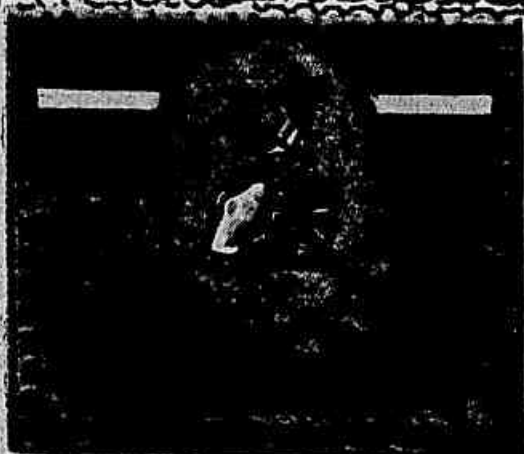
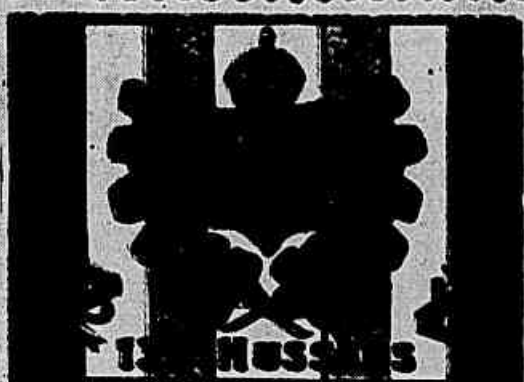
Mas fôra apenas o sonho da sua fome. Na praça, os bancos continuavam sujos de gente sordida. As arvores pareciam cançadas do luar. Um movimento extremunhado cortava a rua.

O desgraçado notou então que lhe tinham roubado o chapéo. E sem pensar, porque a miseria não pensa, sem contrariar-se, encolheu-se de novo no banco e recahi no somno que apaga a fome. Eram cinco horas. Os outros continuavam a dormir. E talvez nem todos tivessem tido um sonho tão melancolico.

João do Rio.



SELLOS DA GUERRA





28 Meses de Tragedia

Dentro em pouco, mil dias de guerra, da maior guerra que jamais convulsionou a especie humana sobre o giratorio planeta, que continúa a sua rotação em torno do sol, sem que a furia do homem e o seu genio destructivo e a formidável potencia das suas machinas de demolição consigam alterar nas suas leis impassiveis a mechanica celeste. Guerra gigantesca, em que interveem povos de todas as latitudes e de todos os continentes, que se espalha sobre a terra, sobre os mares e nos espaços aerios, invadindo todos os elementos; guerra colossal em que luctam todas as raças: o anglo-saxão e o slavo, o latino e o germano, o nipponico, o mouro, o arabe e o negro, os *lords* de Inglaterra e os selvagens do Senegal, os *cow-boys* do Canadá e os cosacos, os boers e os marroquinos, os siberianos e os kurdos, os hindús e os persas; guerra comparada á qual as campanhas de Alexandre, de Annibal, de Cesar, de Carlos V e de Napoleão não passam de brinquedos marciaes, de simples tirocinios guerreiros. O terceiro Natal em que o ribombar da artilharia cala a voz dos sinos e em que o estrondo das batalhas cobre o canto do galo evangelico. Quatro monarchas sem reino, foragidos de seus palacios, expulsos de seus thronos. Quatro nações sem capital, reduzidas a fragmentos de solo, pouco maiores do que o preciso para abrigar a esperança á sombra de uma bandeira. A Belgica: uma duna, por onde passeia com uma triste rainha allemã um rei cavalheiresco. A Servia: um adusto e revoltado campo de batalha, onde a neve dá lençol e sepultura aos esqueletos que restam dos exercitos do rei Pedro e das populações fugitivas. O Montenegro: um rochedo lambido por uma tempestade. A Romenia decapitada. Os turcos, como na Edade Media, batalhando ás margens do Danubio e nas encostas dos Carpathos. A derrota de Attila renovada, a quinze seculos de distancia, nos campos catalannicos de Châlons-sur-Mame. Nações mutiladas, escorrendo sangue pelos membros decepados. Os vencidos de Iena ha dois annos acampados em França. Os antigos alliados de Alexandre da Russia arvorando as suas bandeiras tricolores desde os suburbios de Riga, no mar Baltico, até Constanza, no mar Negro. Os exercitos germanicos movendo-se desde Lille até á Mesopotamia, através da Belgica dominada,

da Polonia conquistada, da Servia suppliciada. 22.000 kilometros quadrados de territorios occupados no occidente; 250.000 kilometros occupados no oriente, comprehendendo a Servia, o Montenegro, parte da Albania e da Romenia, as provincias Balticas e a Polonia.

Para que bem se comrehenda a enormidade gigantesca da conflagração é, porém, necessario recorrer aos numeros e sommar as areas dos paizes em conflicto e das populações em guerra. Então se apercebe a grandiosidade da catastrophe.

De um lado temos a Allemanha com 540.743 ks. qd.; a Austria-Hungria com 675.886 ks. qd.; a Turquia (européa e asiatica) com 2.800.000 ks. qd.; a Bulgaria com 140.000 ks. qd. de territorios, sommando quatro milhões, cento e cinquenta e seis mil kilometros, despresando os quebrados, e populações que attigem um total de cerca de 140 milhões de almas. De outro lado (não contando a Belgica, a Romenia, a Servia e o Montenegro, que ainda teem exercitos ou fragmentos de exercitos no campo de batalha), se colligam a França,

com 536.464 ks. qd.; a Inglaterra com 314.869 ks. qd.; a Italia com 286.682 ks. qd.; Portugal com 92.157 ks. qd. a Russia com 22.476.398 ks; qd. de territorios, numa area total de trinta e quatro milhões, setecentos e sessenta e cinco mil kilometros, com uma população de cerca de 220 milhões de habitantes. Mas este calculo pôde e deve ampliar-se para a visão exacta das proporções estupendas a que attinge o cataclismo com as areas e as populações dos dominios ultramarinos de cada potencia em lucta, e só a Inglaterra estende a sua dominação por..... 29.346.000 ks. de territorios na Asia, na Africa, na America e na Oceania, com uma população de cerca de 400 milhões. Vem depois a França com 9.000.000 de kilometros approximadamente de terras africanas, asiaticas e americanas e uma população de 90 milhões; Portugal com os seus..... 2.238.000 kilometros de possessões e 21 milhões de habitantes; o Congo Belga com 1.940.000 kilometros; o Japão com 417.000 kilometros e 47 milhões de habitantes, incluindo a Formosa; e finalmente os territorios africanos e asiaticos da propria Allemanha, avaliados em 3.000.000 de kilometros quadrados, e a estas horas quasi completamente submettidos ao Japão e á Inglaterra. Dos



A GUERRA—Composição de A. Bodelin.



A CARNIFICINA—Composição de A. Kolb.

136.000.200 kilometros quadrados de superficie solida do planeta, póde dizer-se, que, mais de metade, ou seja cerca de 73.000.000 de kilometros quadrados (nove vezes a area do Brasil) está empenhada, directa ou indirectamente, na guerra, e com ella solidaria. Nunca a imaginação humana póde conceber tão grande palco para a representação de uma tragedia.

Encarada debaixo do ponto de vista economico, para não repetir cifras demasiado vulgarisadas, será bastante dizer que as despesas diarias da guerra orçam pela renda annual do Brasil. Todas as receitas do Estado brasileiro mal chegariam para fazer frente ao gasto de um só dia da medonha carnificina em que, ha 28 mezes, se encontram empenhadas as grandes nações da Europa. Os exercitos russos, allemães, austro-hungaros, francezes, inglezes, turcos, rumalicos, servios, portuguezes e belgas, com todos os seus contingentes australianos, canadenses, argelinos, senegalezes, hindús, armenios, arabes, egypcios, persas, siberianos, dão uma totalidade de homens em armas correspondente á população do Brasil.

A guerra, entretanto, não se limita á terra. Em todos os mares do globo, mesmo os mais longinquos da Europa, o canhão e o torpedo funcionam. Um relatório da administração da marinha allemã, datado de 1 de agosto e transmitido pelo telegrapho sem fios para Sayville, menciona as seguintes perdas da Entente, desde o começo da guerra até o dia 30 de junho:

49 navios de guerra, representando 562.000 toneladas, e 1.303 navios mercantes representando..... 2.000.574 toneladas.

A esta estatística dramatica ha a acrescentar, pelos cañiles inglezes, o aniquilamento de cerca de 700.000 toneladas de navios de guerra dos Imperios Centraes e seus alliados, o que, acrescentado ás consideraveis perdas navaes ultteriores, deve levar ás proximidades de..... 3.500.000 toneladas as perdas maritimas occasinadas pela guerra.

Os prejuizos materiaes: cidades e edificios destruidos, são avaliados na somma formidavel de 1.400 milhões de libras, ou sejam, ao cambio actual, vinte e oito milhões de centos, sendo que só o valor das perdas navaes se eleva a perto de 400 milhões de libras: 8.000.00 de ocentos de réis!

As perdas humanas desta guerra exterminadora

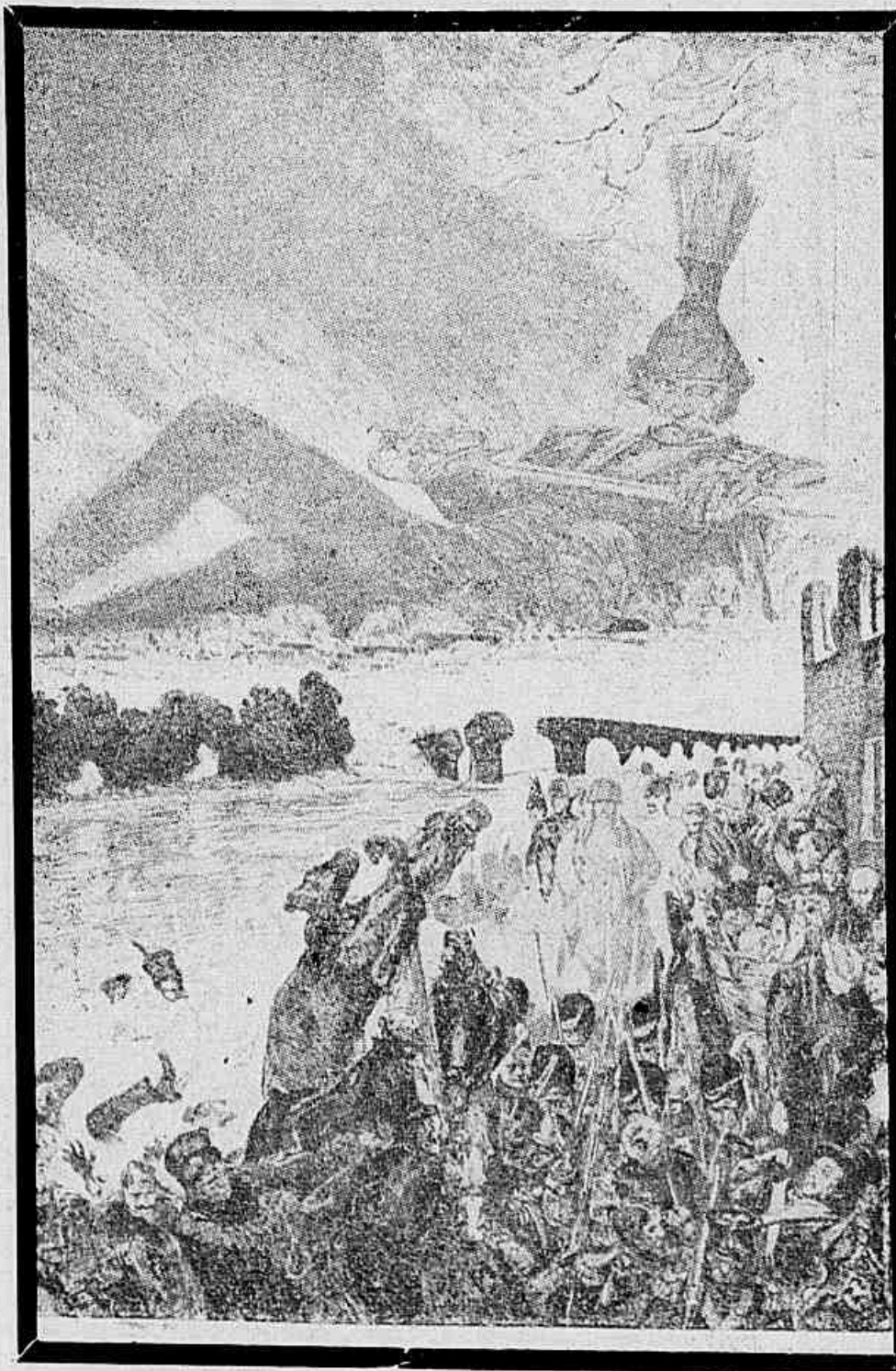
estão em harmonia com os restantes dados macabros desta estatística apavorante. A revista ingleza *Land and Water*, colligindo os dados officiaes, calculava em volta de seis milhões os mortos cahidos nos campos de batalha e fallecidos nos hospitaes e campos de concentração, e em cerca de quinze milhões os feridos, prisioneiros e expatriados, incluindo os fugitivos da Belgica, Servia e do Montenegro, dos departamentos francezes invadidos, da Polonia e da Curlandia. O calculo alcança até ás semanas anteriores ás offensivas do Somme e da Gallicia e á campanha da Romenia. Não haverá, pois, exaggero em fixar o numero das perdas humanas occasionadas pela guerra, a estas horas, em numero approximado ao da população total do Brasil.

Esta catástrophe fabulosa inutilmente tem procurado, através das hecatombes e das devastações, uma solução apropriada á sua descommunal grandeza. A 28 mezes do seu inicio, é em vão que se procura base para o prognostico do seu fim. O epilogo não se avista. Os horribos da Historia estão cheios do fumo densissimo dos canhoneios. Se é certo que o grupo das nações que luta sob a hegemonia militar da Prussia está,

em grandissima parte das frentes de batalha, combatendo em territorio dos adversarios, não menos certo é que a Allemanha perdeu a quasi totalidade do seu dominio colonial, que a Italia rompe pelo Tyrol e ameaça o Trentino, que os exercitos russos estão acampados a menos de cincoenta kilometros de Lemberg, que a Armenia, em grande parte da sua extensão, se encontra sob o dominio russo.

As bandeiras dos Imperios Centraes fluctuam em Lille, em Bruxellas, em Varsovia, em Belgrado, em Cetigne, em Bukarest, mas a Allemanha e a Austria estão isoladas do resto do mundo, bloqueadas pelos seus inimigos pullulantes, que as enclausuram num circulo de ferro e de fogo.

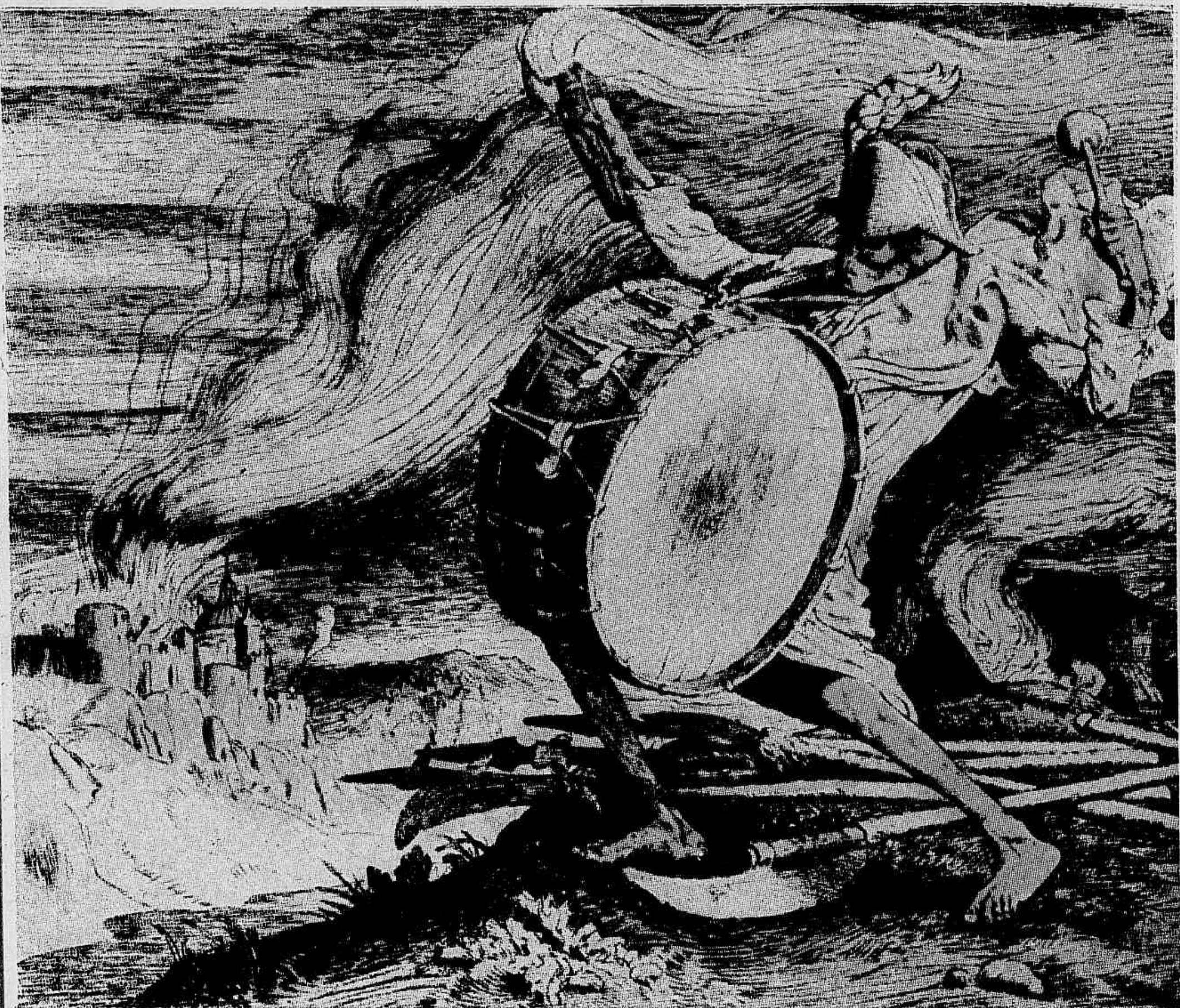
E' só pelos espaços aerios e por debaixo de agua, nas aeronaves e nos submarinos, que a Allemanha consegue romper o cerco para afundar navios e bombardear cidades. As suas victorias militares não lhe deram o triumpho e ella consome a sua energia formidavel, quasi sobrehumana, em despedaçar os projectos dos adversarios, como na ruptura memoravel do Duna-gec, no outono de 1915, prologo da offensiva geral de von Hindenburg, como



AS GUERRAS DE NAPOLEÃO—Quadro de Klinger.



AS FURIAS DA GUERRA — Composição de Alvis Kolb



A GUERRA — Composição de W. Stang.

na campanha fulminante de von Mackensen contra a Servia, afim de abrir caminho para Constantinopla, como na campanha dos Dardanellos, como enfim, na campanha magistral da Romenia. Mas á medida que as suas conquistas se ampliam, que as suas frentes de batalha se estendem, a densidade das suas linhas militares vae diminuindo. Seria preciso que a campanha submarina attingisse proporções formidaveis de eficiencia, de tal sorte que, por sua vez, occasionasse a crise de navegação e o consequente isolamento marítimo da Inglaterra e da França, para que as situações se equiparassem.

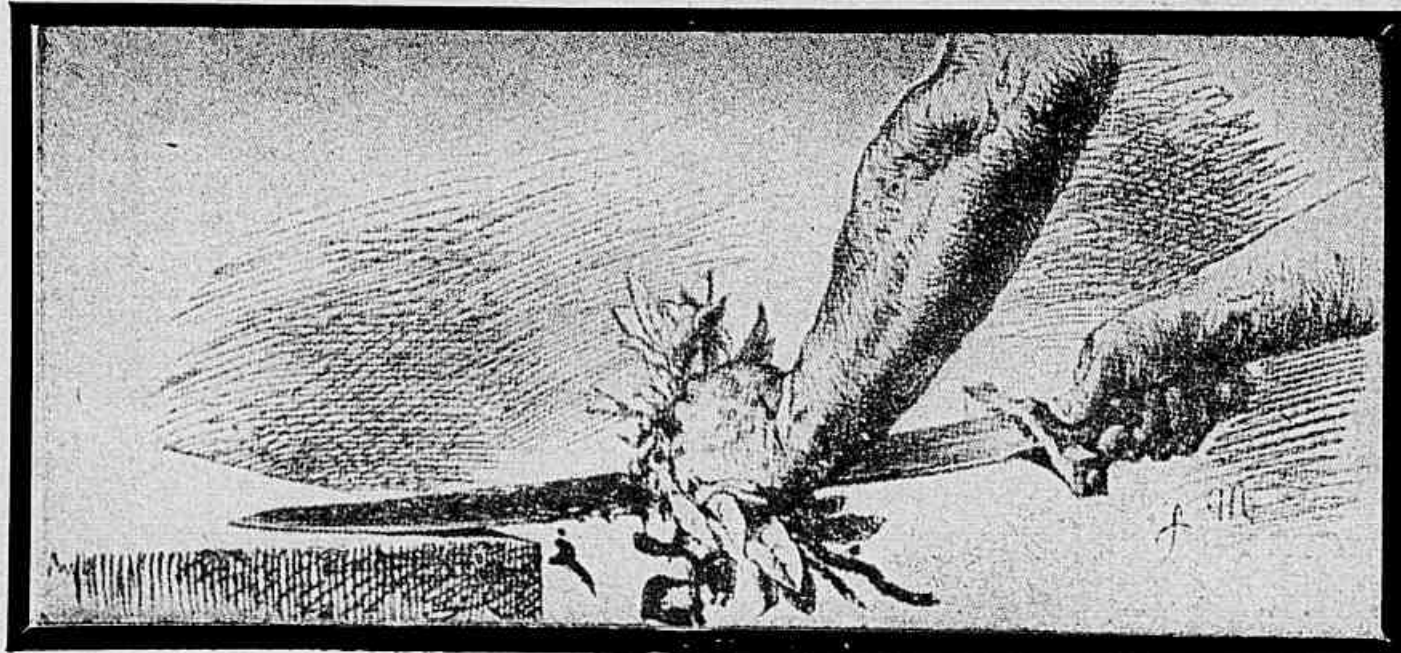
A recente legislação restrictiva da alimentação a que foram recentemente submettidas a França e a Inglaterra não significa para as duas nações a impossibilidade de se nutrirem, mas, sendo medidas de prudencia, indicam uma anemia economica pronunciada e constituem, a exemplo do que já de ha muito acontece na Allemanha, onde o proprio consumo do pão está regulamentado, um dos mais extraordinarios effeitos da guerra, que transporta a Europa opulentissima do seculo XX, thesoiro da civilização e do ouro, para as eras medievaes em que a fome era uma epidemia, como a peste.

A fome, que fez a sua aparição sinistra em certas regiões da Polonia e da Servia, não martyrisa ainda as populações da

Allemanha e da Austria bloqueadas, devido ao regimen a que foram submettidas as subsistencias, e deve considerar-se como a maior victoria da disciplina e do methodo a solução que os estadistas dos Imperios Centraes encontram para esse problema atterrador. Mas a necessidade a que se viram compellidas a Inglaterra e a França de providenciarem sobre a alimentação, embora dispondo das communições maritimas, constitue um dos phenomenos mais impressionantes da guerra, aquelle, de entre todos, que melhor revela a exaustão economica produzida pela catastrophe.

Quem poderia prophetisar, ha vinte e oito mezes, quando a Allemanha arrancava do gladio desafiando a Russia e a França, e quando a Inglaterra lançava na balança o seu tridente e o pequeno exercito de French, que Lloyd George, o antigo socialista, investido nas funções de chefe do governo britannico, como um novo Cromwell, dictaria ao mais opulento povo do mundo a extincção do luxo e a sobriedade na alimentação, para economisar o ouro necessario á lucta!

28 mezes de guerra: vinte e oito mezes de ruina e de horror, de atrocidades e de hypocrisias, de sangue e de lagrimas: o bastante para que o semi-deus se capacite da que não passe de um semi-demonio.





Garupa

(Historia do sertão)

Conto inédito do Dr. Affonso Arinos

I

SAHIMOS para o campeio com a fresca da madrugada. Tínhamos de ir longe e de pousar no campo. Eu tomava conta da eguada, elle era vaqueiro. Vizinhos de retiro na fazenda de meu amo, companheiros de muitos annos, não largavamos um do outro. Sempre que havia uma folgazinha, ou elle vinha para o meu rancho, ou eu ia para o rancho delle.

A's vezes, quando meu amo queria perguntar por nós aos outros vaqueiros e camaradas, dizia:

— Onde estão a corda e a caçamba?

Vancê bem pôde imaginar, patrão, que taboa eu não carrego, que dôr me não dôe bem no fundo do coração, desde aquelle triste dia!

Como eu lhe ia dizendo, nós sahimos com a fresca. Por signal que, naquelle dia, compadre Quinca estava alegre, animado como poucas vezes. Ainda me lembra que o cavallo delle, um castanho estrello calçado dos quatro pés, a modo que não queria sahir do terreiro. Quando nós fomos passando perto do côxo da porta, ou elle viu alguma cousa lá dentro ou quê, o diacho do cavallinho virou nos pés. O defuncto Joaquim—coitado! Deus lhe dê o céu! — juntou o bicho nas esporas, jogou-o para a frente e, num galão, quasi ralou a perna no rebuço do telhado da mei'agua dos bezerros.

Sahimos.

Quando fomos confrontando com a lagôa da Caiçara, elle ganhou o trilho para umas barrocas, lá embaixo, onde diziam que duas novilhas tinham dado cria e que um dos bezerros estava com bicheira no umbigo. Eu torci para o logradouro das eguas, cá para a banda do cerrado de cima.

— Está bom. Então, até, compadre.

— Se Deus quizer, meu compadre!

Não sei o que falou por dentro delle, porque, naquelle mesmo suffragante, elle virou para mim e disse:

— Qual, compadre! Vamos juntos. Assim como assim, a gente não pôde chegar á casa hoje. Pois então, a gente viajeia junto, e da Agua Limpa eu torço lá para Fundão, para pegar as novilhas; vancê apanha lá adeante o caminho do logradouro.

Eu já ia indo um pedaço, quando dei de rédeas para traz e ajuntei-me outra vez com o compadre. Parece que elle estava adivinhando!

E fomos indo, conversa tira conversa, caso puxa caso. Eta, dia grande de meu Deus!

Ainda na beira de um corguinho, lá adeante, eu tirei dos alforjes um embornal com farinha, fiz um foguinho e assamos um naco de carne secca, bem gorda e bem gostosa, louvado seja Deus! Bebemos um gole d'agua e tocámos.

Ahi, já na virada do dia, o compadre me disse:

— Compadre, vancê vai andando, que eu vou descer aquelle buraco. Pôde ter alguma rez alli. A modo que eu vi relampear o lombo daquella novilha chumbadinha, que anda sumida faz muito tempo.

Elle foi descendo para o buraco e eu segui meu caminho pelos altos. Com pouca duvida, ouvi um grito grande e dóido: — Aiiii!... Acudi logo:

— Que é lá, compadre? e apertei nas esporas o meu queimado.

Não le conto nada, patrãozinho! Quando cheguei lá, o castanho galopava com os arreios e meu compadre estendido numa mouta de capim, com a cabeça meio para baixo e a mão apertada no peito.

— Que é isto, meu compadre? Não ha de ser nada, com o favor de Deus!

Apalpei o homem, levantei-lhe a cabeça, arrastei-o para um cupim, encostei-o alli, chamei por elle, esfreguei-lhe o corpo, corri lá embaixo, num olho d'agua enchi o chapéo, quiz dar-lhe de beber, sacudi-o, virei, mexi: nada! Estava tudo acabado! O compadre morrera de repente, só Deus foi testemunha.

E agora, como é, Benedicto Pires? — Peguei a imaginar como era, como não era, : eu sosinho e Deus, ou melhor, abaixo de Deus, o pobre Benedicto Pires; afóra eu, o defuncto e os dois bichos, o meu cavallo e o delle. Imaginei, imaginei... Dalli á casa era um pedaço de chão, umas cinco leguas boas; ao arraial, tambem cinco leguas. Tanto fazia ir a casa, como ao arraial. Mais perto, nenhum morador, nem signal de gente! Largar meu compadre, eu não podia: amigo é amigo! Demais, estava ficando tarde. Até eu ir buscar gente e voltar, o corpo ficava entregue aos bichos do matto, onça, ariranha, tatú-peba, tatú canastra... Nem é bom falar! Levar o corpo para a casa e de lá para o arraial, era andar dez leguas, não contando o tempo de ajuntar gente em casa para carregar a réde. Assim, assentei que o melhor era fazer o que eu fiz. Distancia por distancia, decidi levar o compadre direito para o arraial onde ha igreja e cemiterio.

Mas, ir como? Ahi é que estava a cousa. Pobre do compadre! Banzei um pedacinho e tirei o laço da garupa. Nós, campeiros, não largamos o nosso laço. Antes de ficar duro o defuncto, passei o laço embaixo dos braços delle — coitado! — Joguei a ponta por cima do galho de um jatobá grande e suspendi o corpo no ar. Então, mntei a cavallo e fiquei bem debaixo dos pés do defuncto. Fui descendo o corpo devagarinho, abrindo-lhe as pernas e escarranchando-o na garupa. Quando vi que estava bem engarupado, passei-lhe os braços por baixo dos meus e amarrei-lhe as mãos deante do meu peito. Assim ficou, grudado commigo. O cavallo delle atafulhou-se no cerrado. — Lá se avenha! pensei. Tomara eu tempo para cuidar do pobre do dcno!

Caminho para o arraial era um modo de falar. Estrada mesmo não havia: mal mal uns trilhos de gado, uns cortando os outros, trançando-se pelos campos e sumindo-se nos cerradões.

Tomei as alturas e corri as esporas no meu queimado, que, louvado Deus, era bicho de fiança: nunca me deixou a pé e andou sempre bem arreiadinho.

O sol ja estava some-não-some atraz dos morros; a barra do céu, côr de açafraão; as jaós cantavam de lá, as perizes respondiam de cá, tão triste!

Quando eu ganhei o espinhaço da serra, lá em cima, as nossas sombras, muito compridas, estendiam as cabeças até ao fundo do boqueirão.

Era tempo de escuro. O que ainda me valeu, abaixo de Deus, foi que estava chegando o meio do anno, e nessa occasião, a estrella do pastor nasce de tarde e allumia pela noite a dentro.

Emquanto foi dia, ainda que bem; quando a noite fechou de véras e eu não tinha no meio daquelle campo outra claridade senão a da estrella, só Noss'cnhor sabe porque não acompanhei o compadre para o outro mundo, rolando por alguma perambeira, ou cahindo com o seu cor-

Po no fundo de algum grottão. Nos cerradões, ou nos matos, como no da beira do ribeirão, eu não enxergava, às vezes, nem as orelhas do meu queimado, que descia os topes gemendo. O compadre, ahi rente. O que vale é que *macho que gem, a carga não tem*, lá diz o dictado.

Toquei para adeante: sóbe morro, desce morro, vara chapada, fura matto, corta cerradão, salta corrego — eu fui andando sempre. O defuncto vinha com o chapéu de couro preso no pescoço pela barbela e cahido para a corcunda. Quando o queimado trotava um pouco mais depressa o chapéu fazia — pum, pum, pum. O compadre a modo que estava esfriando de mais. Não sei se era porque fosse mesmo tempo de frio, eu peguei a sentir nas costas uma cousa que me gelava os ossos e chegava a me esfriar o coração. Jesus! que friura aquella!

A noite ia fechando, fechando. Eu já seguia não sei como, pois tinha de andar só pelo rumo. O queimado, às vezes, refugava daqui, fugia dacolá, cheirava as moutas e bufava. Pelo barulho d'agua eu vi que nós iamos chegando á beira do ribeirão. Tinha ahi de atravessar uma mattaria braba, por um trilho de gado. Insensivelmente, eu fugia de um galho, negava o corpo a outro, virando na sella campeira. A cabeça do compadre, que, no principio, batia de lá para cá e, às vezes, escangotava, endureceu, e o queixo delle, com a marcha do animal, me martellava o apá.

Fui tocando. Dentro da mattaria, passava um ou outro vagalume, e havia uma voz triste, grossa, vagarosa, de algum passaro da noite que eu não conheço e que cantava num tom só, muito compassado, zoando, zoando...

Em certa hora parecia que meu cavallo marchava num terreno ôco: ao baque das passadas respondia lá no fundo outro baque e o som rolava como um trovão longe. A ramaria estava cerrada por cima de minha cabeça, que nem a coberta do meu rancho. O trilho a modo que ia ficando esconso, porque o queimado não sabia onde pisar: chegou uma horinha em que elle pegou a patinhar para cima, para baixo, de uma banda e de outra, sem adeantar um passo. O bicho parecia que estava ganhando força para fazer alguma. Não levou muito tempo, elle mergulhou aqui para sahir lá adeante, descendo ao fundo de um buraco e galgando um tope aos arrancos, escorrega — aqui, firma — acolá.

Nesse vai-vem, nesse balanço dos diabos, o corpo do compadre pendia p'r'a lá, p'r'a cá. Uma vez ou outra, elle ia arcando, arcando; a cara delle chegava mais perto da minha e — Deus me perdôe! — pensei até que elle queria-me olhar no rosto.

Eu ia tocando toda-vida. Mas, aquelle frio ih! aquelle frio foi crescendo, foi-me descendo para os pés, subindo pa-

ra os hombros, estendendo-se para os braços e encarangando-me os dêdos. Eu já quasi não sentia as redeas, nem os estribos.

Ahi, por Deus! eu não enxergava nem as pontas das relhas do queimado: a escuridão fechou de todo e o cavallo não pôde romper. Corri-lhe as esporas; o bicho era de espirito, eu bem sabia; mas bufava, bufava, cheirando alguma cousa na frente e refugava... Tanto apertei o bicho nas esporas, que, de repente, elle suspendeu as mãos no ar... O corpo do compadre me puxou para traz, mas eu não perdi o tino. Tinha confiança no cavallo e debrucei-me para a frente... Senti que o casco do queimado batia numa torada de pau atravessado por cima do trilho.

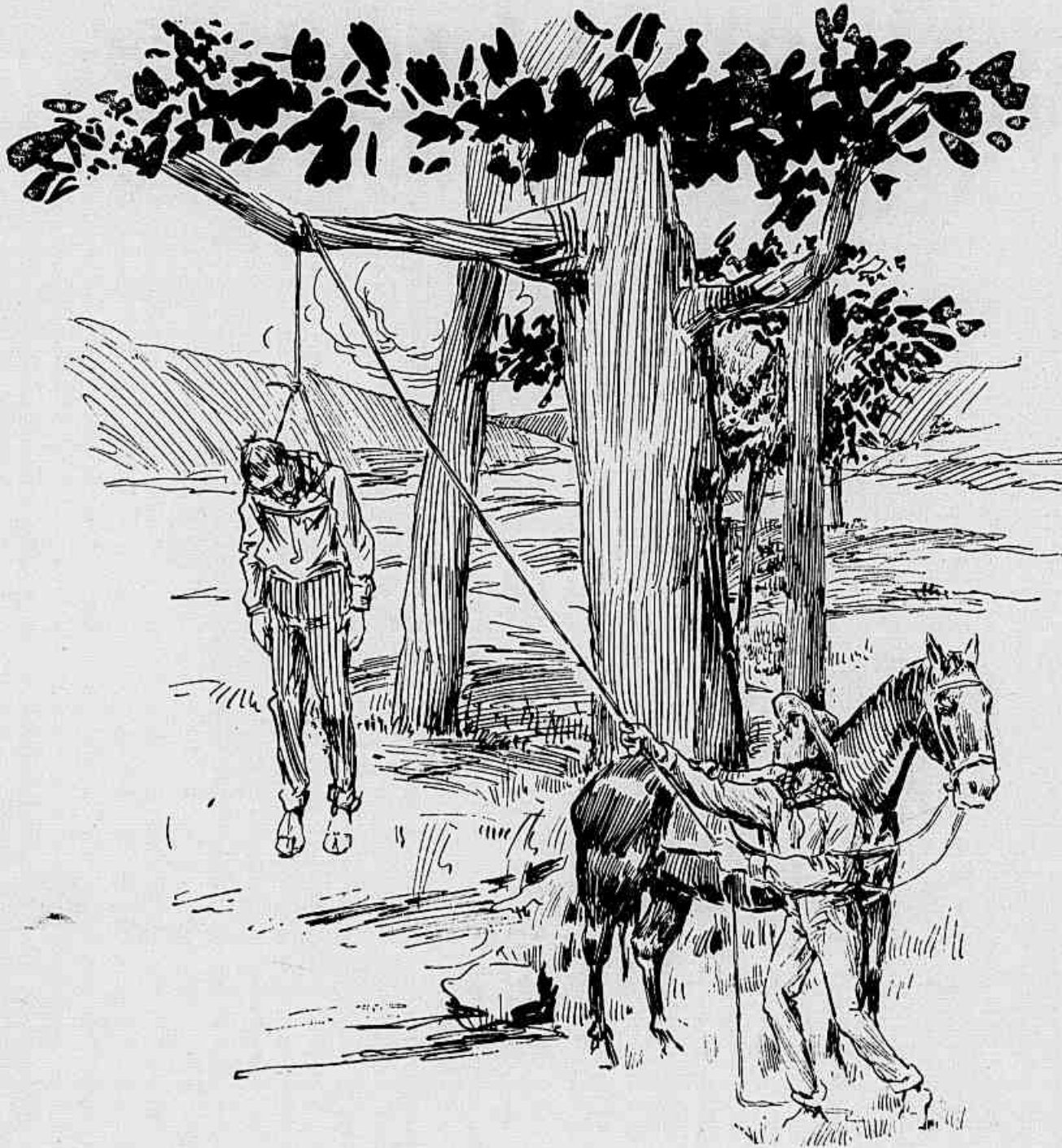
E agora, Benedicto? Entreguei a alma a Deus e bambee as redeas. O cavallo parou, tremendo... Mas, o focinho delle andava de um lado para o outro, cheirando o chão e soprando com força... Com pouca duvida, elle foi-se encostando devagarinho, bem rente do matto; minhas pernas roçavam nos troncos e nas folhas do arvoredado miudo. Senti um arranco, e com a ajuda de Deus, cahi do outro lado, firme nos arreios: o queimado achou geito de saltar a barreira n'algun lugar favoravel.

Toquei para deante. Ah! patrão! não gosto de falar no que foi a passagem do ribeirão aquella noite! Não gosto de lembrar a descida do barranco, a correnteza, as pedras roliças do fundo de agua, aquelle vau que a gente só passa de dia e com muito geito, sabendo muito bem os logares. Basta dizer que a agua me chegou quasi ás barrainas da sella, e, do outro lado, cavallo, cavalleiro e defuncto — tudo pingava!

Eu já não sentia mais o meu corpo; o meu, o do defuncto e o do cavallo misturaram-se num mesmo frio bem frio; eu não sabia mais qual era a minha perna, qual a delle... Eram tres corpos num só corpo, tres cabeças numa cabeça, por que só a minha pensava... Mas, quem sabe se o defuncto não estava pensando? Quem sabe se não era eu o defuncto e se não era elle que me vinha carregando na frente dos arreios?

Feguei a imaginar nisso, meu patrão, porque — medo não era, tomo a Deus por testemunha! — eu não sentia mais nada, nem sella, nem redea, nem estribos. Parecia que eu era o ar, mas um ar muito frio, que andava subtil, sem tocar no chão, ouvindo — porque ouvir, eu ouvia — de longe, do alto, as passadas do cavallo, e vendo — eu ainda enxergava tambem — as sombras do arvoredado no cerrado e, por cima de mim, a boiada das estrellas no pastoreio lá do Céu!

Só este medo eu tive, meu patrão — de não poder falar.



Quiz chamar por meu nome, para ver se eu era eu mesmo; quiz lembrar alguma cousa desta vida, mas não tive coragem de experimentar...

Ahi já não posso dizer que marche para deante: fui levado nessa duvida, pensando que bem podia ser de alguma alma perdida naquella noite, zanzando pelos campos e cercados da terra onde assisti de menino...

E quem sabe tambem se a noite era só noite para meus olhos, olhos vidrados de defuncto? Bem podia ser que fosse dia claro... Haverá dia e noite para as almas, ou será o dia das almas essa noite em que vou andando?

Essa duvida, patrão, foi crescendo... e uma hora chegou em que eu não acreditava em mim mesmo, nem punha mais fé no que eu tinha visto antes... Peguei a pensar que era minha alma que ia acompanhando pela noite fóra aquelles tres vultos... Minha alma era um vento, um vento frio, avoando como um curiango arriba das nossas cabeças.

Dahi, patrão, enfim, entendendo que aquillo tudo por alli em roda era algum logradouro da gente que já morreu, alguma repartição de Noss'enhô, por onde a gente passa depois da morte. Mas, aquelle escuro e aquelle frio! Sim, era muito esturdio aquillo. Ou quem sabe se aquillo era um pouso no caminho do outro mundo? Numa comparação, podia bem ser o estradão assombreado por onde a alma, depois de separada do corpo, caminha para onde Deus é servido.

Ah! patrão! o que minh'alma imaginou naquelle tempo todo eu não lhe posso contar, não! Sei que fomos embora, aquelles tres vultos, um carregando dois e todos tres irmanados dentro da mesma escuridão.

Tocamos.

De repente, peguei a ouvir gallo cantar. Uai! Era bem o canto do gallo! Com pouca duvida, um cachorro latiu lá adeante. Gente, que é isso? Que trapalhada era essa? Era o compadre que estava ouvindo, ou era eu? Pois, então Benedicto virou de novo Benedicto?

Ou é que as cousas por lá são tal e qual as nossas de cá, com pouca differença? Gallo e cachorro eu ouvi. Estive assumptando mais e ouvi o mugido de uma vacca e o berro de um bezerro... Com um tiquinho de tempo mais, eu vi e vi bem, uma casa, e outra e outra e outra ainda. Gente, isso é o arraial: olha a igreja alli!

Não havia duvida mais: estavamos no arraial e o queimado batia o casco numa calçadinha da rua.

Era eu mesmo, era o meu queimado e o compadre ahi rente na garupa!

Toquei para a casa do sacristão e bati. Custou muito a responder, mas uma janella abriu e uma cabeça appareceu a modo muito assustada.

— Abre a igreja, que tem defuncto aqui!

— Cruz, cruz, cruz, ave, Maria! gritou o sacristão assombrado e bateu a janella, correndo para dentro de casa.

Eu não insisti mais. Toquei para a porta da igreja, de onde correram assustados uns cabritos. Defronte, o cruzeiro, abria os braços para nós. Como havia de ser? Quem me podia ajudar a descer aquelle corpo?

Parei um pedaço, olhando para o tempo.

Ahi, o frio pegou a apertar outra vez, a uma cousa me fazia uma zoeira nos ouvidos, que nem um lote de cigarras num dia de sol quente. Que frio, que frio! Meu queixo pegou a bater feito uma vara de canella-ruivas. Turr! turr! O compadre, atracado na minha corcunda, ficou feito um casco de tatú; quando meu calcanhar batia no pé delle, o baque respondia no corpo todo e o queixo delle me fincava com mais força na pá. A porta da igreja pegou a rodar, principiando muito devagarinho; e o cruzeiro a modo

que sabia do logar, vinha para mim, lá em cima, descia cá em baixo, como uma gangorra, mal comparando.

Peguei a sentir, não sei se na cabeça, não sei mesmo onde, um fogo, que era fogo tá lá dentro e cá fóra, no meu corpo, nas minhas pernas, nas mãos, nos pés, nas costas era uma friura, que ninguem nunca viu tão grande!...

Meu braço não mexia, minhas mãos não mexiam, meus pés não saham do logar; e, calado como defuncto, eu fiquei alli, de olhos arregalados, olhando a escuridão, ouvindo alerta, ouvindo as cousas caladas!

Meu cavallo, estresilhado tambem de fome, de cansaço e de frio, vendo que a carga não era de cavalleiro, desandou a andar á tóa, p'ra baixo, p'ra cima, catando aqui-acolá uns fiapos de capim...

Quando eu passava por perto da porta de alguma casa, fazia força e podia gritar:

— O' da casa! Gente! vem ajudar um christão! vem dar uma de mão aqui!

Ninguem respondia!

Numa porta em que o cavallo parou mais tempo — porque uma hora meu queimado parecia cavallo de aleijado parando nas portas para receber esmola — appareceu uma cara... E quando eu disse:

— E' um defuncto... a pessoa soltou um grito e correu para dentro, esconjurando...

Mas, as casas todas pegaram a embalançar outra vez, e eu estava como em cima d'agua, boiando, boiando..

Parece que o queimado cançou de andar. Lá nos pés do cruzeiro, onde havia um gramado, elle parou...

E foi ahi que vieram me achar, de manhãzinha, com os olhos arregalados, todo frio, todo encarangado e duro no cavallo, com o compadre á garupa!

Ah! patrão! amigo é amigo!

D'ahi para cá eu andei bem doente...

Quantos annos já lá se vão, nem eu sei mais.

O que eu sei, só o que eu sei, é que nunca mais, nunca mais aquelle friume das costas me largou!

Nem chás, nem mezinha, nem fogo, nem nada!

E quando eu ando pelo campo, quando eu deito na minha cama, quando eu vou a uma festa, me acompanha sempre, por toda a parte, de dia e de noite, aquelle friume, que não é mais deste mundo!

Coitado do compadre! Deus lhe dê o céu.

AFFONSO ARINOS.



Bebês nossos avós



TENHO a honra de lhes apresentar o *bébé* do século XVIII. Sua ex.^a não faz sensível diferença do *bébé* do século XX: é a mesma polpa rosada que uma lanugem de oiro enevôa e amacia, a mesma boquilha vermelha que suga e que sorri, os mesmos imensos olhos profundos, translucidos e contentes, essas tres deliciosas covinhas do queixo e das faces, que se diriam a marca amorosa dos tres primeiros beijos da mãe. Como succede aos nossos *bébés* de hoje, — na casa onde nascia era elle que mandava. As pequeninas mãos de sua ex.^a, aavez das quaes a luz do sol parecia côr de rosa — que é o mesmo que acontece hoje com os *bébés* de toda a gente — exerciam, com a sombra d'um gesto, as violencias de uma tyrannia. E, entretanto, o *bébé* nosso antepassado era muito mais infeliz do que os *bébés* nossos descendentes: em vez de viver á solta no berço, de barriga para cima, com os pés e as mãos no ar, esbracejando, esperneando e rindo, na exaltação dessa suprema expressão da vida, que é o movimento, enfaixavam-no como uma mumia numas ligaduras largas chamadas «mantilhas», punham-lhe um diche de oiro ao pescoço, um vinthem furado de S. Luiz á cabeceira, e alli tinham em adoração aquelle sorrisonho entrapado, na immobilitade tradicional dos meninos Jesus de Livro de Horas, dos *Jesu bambini* de illuminura flamenga, dentro de um quarto onde se fechavam todas as janelas, onde se queimava alfazema e onde se fazia tudo quanto ha — menos respirar.

Quanto mais abastado era o *bébé* nosso avô, mais o incomodavam. Em geral, as mães ricas do século XVIII não alimentavam os filhos. O precioso leite materno era quasi sempre substituido pelo leite mercenario das amas. Debalde o grave dr. Francisco da Fonseca Henriques medico de D. João V, fulminava as mães «que, contra os dictames da razão e contra as leis da natureza, negavam a seus filhos o proprio leite»; debalde o sombrio Curvo Semedo, medico tambem da real camara, repetia que «a melhor ama e o melhor leite para criar era o da propria mãe». Não estava na moda: eis tudo. Mais tarde, em 1830, as mães romanticas tiravam o seio em ple-nos bailes do *Manteigueiro* ou das *Laranjeiras*, para o lindo gesto byroniano de aleitar os filhos ao peito cheio de joias. Mas as «mamãs-franças» e as «mamãs-secias» de Queluz e do Alfeite, da Ajuda e do Ramalhão, complicadas de donaires, de signaes, de rosiclères, de penteados «á allemôa», gemendo e amparando-se a bastões de punho de Limoges, marcando a vida pelo passo grave dos minuets de Haydn e das gavotas de David Peres, — absolutamente incapazes de sacrificar a sua belleza á boquilha avida de um filho, recorriam ás amás, quasi todas nesse tempo saloias.

Entretanto, não se julgue que as mães do século XVIII entregavam os filhos ao primeiro leite mercenario que se lhes offerencia. Sob esse ponto de vista, os interesses do nosso antepassado *bébé* estavam inteiramente assegurados. As idéas do tempo tinham como facto incontestavel que a belleza se sugava no peito das amas, que as boas ou más

qualidades Moraes se bebiam no leite, e — o que ainda hoje é rigorosamente exacto — que certas doencas eram com frequencia transmittidas ás creanças pelas mulheres que as aleitavam. Dahi todo o rigor e todo o cuidado supersticioso dos paes. Eram tantas e tão apertadas as condições a que devia obedecer uma ama, no anno da graça de 1750, para ser aceita numa boa casa de Lisboa, — que poucas seriam aquellas que conseguiriam corresponder inteiramente ás exigencias, ás vezes um pouco singulares, dos capellos amarellados da cidade. Para que uma *remplaçante* fosse recebida a criar no tempo de D. João V, era preciso que tivesse boa côr; peito largo, espadaúdo; que não fosse muito gorda nem muito magra; que não tivesse sardas; que não fosse ruiva; que mostrasse dentes alvos, inteiros e sãos; que não fosse gerada de paes leprosos, nem tísicos nem asmaticos, nem tocados de gotta coral (epilepsia), «nem doutra alguma doença contagiosa»; que não fosse primipara «porque no primeiro thalamo não é o leite bem puro e elaborado»; «que não tivesse menos de dois nem mais de dez mezes de parto»; que desse filhos sadios e vivedouros; que fosse pacifica, temperada, virtuosa e «delgada de leite». Só num ponto não estavam de accordo os medicos mais illustres do tempo: se a ama devia ser trigueira, se branca de pelle. O autor do *Socorro Delfico*, mestre na arte de «curar e criar meninos», queria-a «de côr branca e rosada, e não fusca e morena»; o autor da *Polyanthéa*, que naturalmente não gostava de mulheres loiras, preferia, pelo contrario, a ama «inclinada mais para morena que para alva, porque as morenas além de serem mais sanguinhas, convertem melhor o alimento em sangue e em leite, á maneira da terra, que quanto é mais negra, tanto é mais fértil». E' preciso confessar que, á parte certas exquisitices da medicina setecentista, o nosso avô *bébé* não devia ficar mal servido de ama.

E de que idade os desmamavam? — perguntará num sorriso a curiosidade das mães de hoje, mortas por saber o que substituiu a *Nestlé* no tempo da madre Paula. E' ainda um dos medicos do rei que lhes responde, na sua linguagem tão elegante, tão sobria e tão precisa: «Regularmente de anno e meio até dous annos se desmamarão; mas os

que forem robustos, quadrados e bem nutridos, podem desmamar-se mais cedo se tiverem prêsas...» E accrescenta estas palavras, que ainda hoje são de bom conselho para todas as mães: «Reprovamos o dar-lhes de comer, enquanto mamam, antes de um anno de idade».

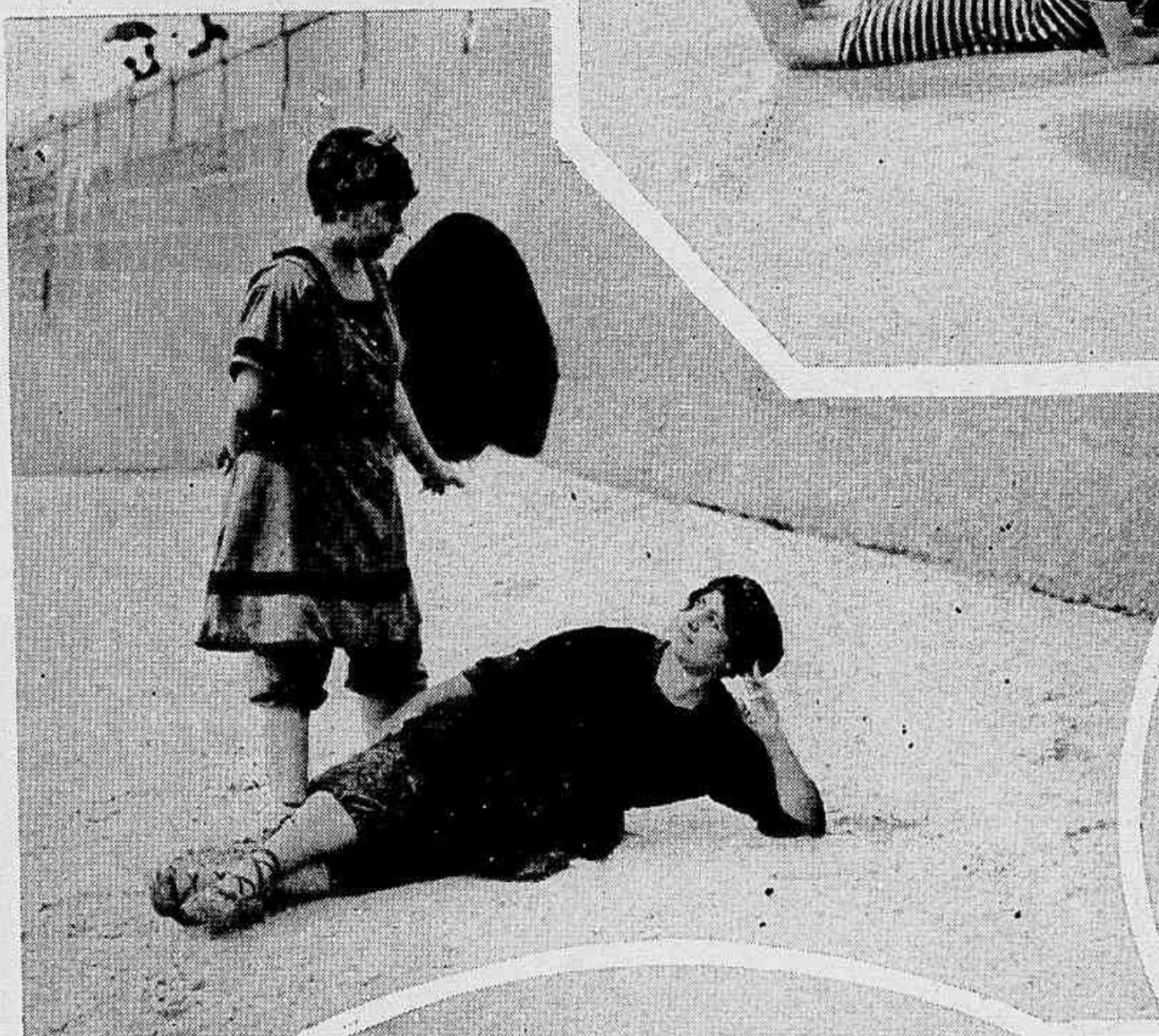
E o *bébé* pobre? Desse nem falo, por que seria triste. Pobre do *bébé* pobre do século XVIII, — do *bébé* nascido entre pragas pelas betesgas, nas cellas humildes dos conventos, ás vezes nos poiaes das portas! Não era um sorriso que os paes viam nelle; era mais uma boca a pedir-lhes pão. Não era a gloria de um amor, que se grita e se beija; era, tanta vez, a vergonha d'um crime, que se cala e se esconde. E a roda do Hospital Real, rodando dia e noite, ia recebendo crianças sobre crianças, — a boquilha sequiosa, os cabellos numa nevoa de oiro, sorrindo para a sua propria desgraça, embrulhadas hoje no damasco vermelho d'uma colcha rica, amanhã no burel esfarrapado d'um habito de freira...

Julio Dantas.



O *bébé* brasileiro do século XVIII.

Os banhos no Flamengo



Certo, ainda não conseguimos transformar as nossas praias maravilhosas no espectáculo de belleza e de elegancia das praias americanas, uruguayas e francezas. Mas forçoso é reconhecer, á vista das photographias desta pagina, que em nossas praias se observam já hoje aspectos new style.

A REVISTA EM S. PAULO



✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂
A festa escolar do Grupo Aronche, alumnos e grupo
de professores e professoras com o seu director.
✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂ ✂





(Scenas do Norte de Minas)

por Milton Prates

A VIAGEM tinha sido longa. Dez leguas estiradas, sob um sol impiedoso.

Eu chegara fatigadissimo, afflicto para apear da besta suada e descansar o corpo moido durante toda aquelle dia de canicula africana.

Quando cheguei ao rancho, já lá estava a tropa. E o Lino, o creoulo da cozinha, havia já accendido o fogo, a que fervia agua para o café.

Que consolo! Deitei-me alli mesmo á vontade, sobre um coiro estendido, enquanto os camaradas, raspando os animaes, commentavam as cousas insignificantes, todos joviaes, bem dispostos, tal se, ao contrario de tão penosa e exaustiva jornada, tivessem feito ligeiro passeio pelos campos.

As bestas resfolegando, rinchando, levantavam a cabeça como se quizessem adivinhar, através das cercas de aroeira, o sereno arroio azulado em que se dessedentassem e o macio capim gordura, appetitoso á grande fome de tantas horas.

O madrinha da cavallhada, sacudindo de quando em vez o corpo de pello branco, fazia retinir o sincerro, pondo no ar morno daquella tarde de setembro as notas sonoras que lembravam pequenos campanarios distantes. E, pela poeira do pateo, os burros espojavam, coçando-se á terra em cambalhotas brutaes, agitando para o céu a chapa prateada das ferraduras já gastas.

Lino, o cuca, creoulo retinto, lingua vermelha como baeta, carcunda, cabeça achatada, sem os dentes da frente, que a testada de um cavallo um dia quebrara por accidente, — offerecia-me o coité de coco onde o café gostoso fumegava e rescendia deliciosamente. E, a contar anedoctas, bisbilhoteiro, maledicente, Lino, cheio de pabulagem, tinha sempre uma chacota ou uma phrase intencional para os companheiros, onde a maldade apontava, ferindo como o espinho-serrote do carrasco.

O caldeirão pipocava ao lume, pendurado da tripeça. E, rolando no espeto, a carne secca gorda ardia loira e divina.

Jantámos. A noite chegara sem delongas. Noite phan-

tastica, de estrellas ineditas. Vesper, nos sertões, parece outra. E' um facho de luz suave, doce, muita luz e muita suavidade, irradiando mais, muito mais. E o firmamento, num suave azul-marinho purissimo, parece orgulhar-se daquelle foco intenso e manso, enquanto se espalham aqui e acolá myriades de outras estrellas, num mysticismo luminoso de piedosas virgens irmãs. E lá, bem ao alto, a faixa gloriosa da Via-lactea tremúla soberba e esplendida na orgia de luz, embriagando magnificamente toda a amplidão do firmamento.

Zé Pequeno, mulato acaçapado, os olhos grandes e vivos, agil como saguim — cabra Cotuba num lombinho, peão famoso nas redondezas, caboclo dos bons, que sabia *estravincar* a tala na taboa do pescoço

e não despregava do lombo do macho nem que desabasse um pedaço de céu velho. — Zé Pequeno, recostado preguiçosamente ao pé duma gamelleira, chapéo de coiro quebrado á frente, chorava as maguas, repinicando a viola plangente, olhos pregados no céu distante, embebido naquella poesia, enlevado naquella encanto que só as noites sertanejas offerecem ás almas contemplativas:

Seu Manoel do Riachão

Que máo peccado é o seu?

— Um anno de tanto inverno
E seu riacho não correu...

E os outros, provocados pela dolente harmonia, juntavam-se em torno de Zé Pequeno, cantando com elle cantigas em

duetto, que echoavam lá longe, pelos rincões em fóra:

Chora, chora, chora, prima,

Chora sem consolação:

Quando a madeira soluça

Que fará quem tem paixão?

E o mulato, corrigindo o chapéo de coiro, atirando p'ra traz da orelha o resto do cigarro de palha, pigarreava forte, limpando a garganta, e de novo entrava:

Essa viola que eu toco

Tambem sabe querer bem:

Quando ella me vê chorando

Chora commigo tambem.

Pouco a pouco, porém, mudou-se o tempo. O céu, que



tão lindo estava, começou a toldar-se de plumbeas navens espessas, pondo aqui e acolá aquellas densas camadas que lembravam galerias formidaveis de uma mina de carvão. Relampagos talhavam o firmamento, como luzentes laminas rapidas; e os trovões reboavam longinquos, num soturno troar amortecido, produzindo na gente um estranha recolhimento, como se os céos nos impellicassem a intimas meditações profundas.

E fez-se um silencio supersticioso que ninguem tinha animo de quebrar. Recolhidos ao rancho, os camaradas esperavam que o aguaceiro cahisse.

De quando em vez chegava até nós o tinir de um sincero, batendo á distancia, lá no pasto queimado.

E foi Zé Pequeno quem rompeu o silencio, á porta, correndo lentamente os olhos pela noite caliginosa:

— Êh! minha terra!...

Depois, voltando-se para o fogo que vermelhejava ao centro do rancho, agachou e levou ao cigarro uma brasa para accendel-o. E pôz-se a conversar, contando uma *dôr de peito* que um dia sentira:

— Foi em S. Paulo. Eu e tres companheiros, todos do Brejo das Almas, resolvemos um dia a virar *são-pauleiros*. E, numa madrugada, antes do gallo cantar a primeira vez, amarrámos ás costas os saccos e ganhámos a estrada. Depois de longos dias de viagem, chegámos á terra roxa. Sem demora, contractámos serviço e fomos apanhar café. E lá já estávamos ha muitos mezes. Certa vez, — era domingo — os companheiros combinaram jogar um truquesinho. Dito e feito. Era no terreiro da fazenda.

— Saracura é bicho feio. Truco na vasa do meio!

— Vale seis, papudo!

E o jogo esquentava.

De repente, o tempo mudou. Começou um mormaço, aquillo estava um calorão dos diabos. Gallinha calou o bico, passarinho começou a vôar, e, de vez em quando, um ventinho frio cortava o ar parado, trazendo p'ra gente um cheiro de flôr do matto. As nuvens foram ajuntando, foram empretecendo e relamapago corria no céu que nem cobra - coral nos vargêdos.

De pedaço a pedaço, um trovão velho roncava lá longe, p'ra o rumo de casa. E, mesmo assim á nossa frente, num pé de páo secco, o ladrão d'um sabiá rachou o peito n'uma cantiga de cortar coração: — *tiá, tiá tiá, tiá; tiá tiá, tiá*.

Eu baixei as vistas e, sem querer, comecei a lembrar de

minha terra. Até as pedrinhas do quintal, os pés de páo, as florsinhas á tóa da catinga eu estava vendo naquella hora. Ah! moço! não lhe digo nada. Quando pensei que não, deu aquelle nó na minha garganta e as lagrimas damnaram a escorrer dos olhos... E não teve mais tempero! Arrumei a trouxa, pedi ao patrão as contas e, quando gallo estava amiudando, eu e mais os patricios já tínhamos deixado p'ra traz a serra da fazenda do Limoeiro. Quando cheguei ás catingas, milhosinho já estava assim... (E estendia a mão, num gesto de quem indica a altura de 50 centímetros).

— Qual o que! Sertanejo é como boi. Vancês ainda não repararam? Boiada vem vindo, vem vindo muito direitinha, pela estrada fóra. Assim que o tempo muda e os primeiros trovões roncavam no céu, boi vira o branco dos olhos p'ras nuvens e é cada gemido de fazer dó. Já sabe. Vaqueiro, não sendo dos bons, pois é que não ajunta o gado. Os pobres de Deus têm saudade do pasto e dão p'ra traz que não ha geito. Vão parar longe, buscando o rumo da fazenda donde vieram.

Não houve nem um commentario, e, num introspecto, parece que todos se lembravam saudosamente d'algum ente querido, lá longe, a leguas e leguas de distancia.

A trovoadá, de espaço em espaço, se fazia ouvir com fragor. Um dos camaradas gritou para o cozinheiro:

— Olhe esse fogo, negro. Caldeirão está sem agua. Tá querendo dar á gente feijão queimado p'ra almoçar amanhã, seu diabo!



E Zé Pequeno, olhando lá longe na curva do horizonte o zig-zag luminoso dos relampagos, exclamava, num desabafo de allivio:

— Êh! mundo velho sem por' teira!...

MILTON PRATES.

João Luso, conferencista ❖ ❖ ❖

Na ultima conferencia da série promovida pela Camara Portuguesa de Commercio, appareceu pela primeira vez na tribuna o jornalista e escriptor portuguez que, sob o pseudonymo de "João Luso", ha vinte annos honra o jornalismo brasileiro.

João Luso reúne o carater ao talento. E' um homem fundamentalmente bom e uma privilegiada intelligencia. Todos os elogios lhe vão como uma luva. Nunca ninguem o viu associado em conspirações de intriga e de ciúme. Comprehende-se, pois, que para a audição do seu estudo magistral da obra de Eça de Queiroz se compuzesse uma atmospherá de sympathia intensissima. Tudo o que João Luso faz é bem feito. A sua conferencia não constituiu uma excepção. Foi uma dissertação no-

tavel pela fórma, pela nitidez logica dos conceitos e pelo poder de synthese analytica. Daqui juntamos os nossos applausos aos do auditorio numeroso que lhe prestou o devido tributo de uma admiração misturada de affecto.



João Luso

Um Arsenio Lupin de carne e osso!

A evasão de Albino Mendes do Carcere Modelo de Montevideo é o mais recente capitulo do romance emocionante do celebre ladrão.

Os seus roubos são, mesmo, muito inferiores ás suas evasões. Albino Mendes tem o genio da evasão. Os romancistas policiaes nunca, até hoje, o excederam em fantasia.

Uma vez preso, confinado na clausura, com guardas á vista, janelas gradeadas e tudo o mais que a Justiça inventou para garantir a posse do criminoso, Albino Mendes transfigura-se em genio. Está ainda na memoria de todos a sua evasão portentosa da Casa de Correção do Rio, em que elle poz á prova os seus talentos de acrobata. Agora, Albino Mendes foge pelos telhados do carcere montevidéano, abrindo passagem pelo tecto. Admiravel Albino Mendes! Ainda o veremos interpretando os *films* policiaes da Fox ou do Selig com ordenados fabulosos!

Moda de Amanhã

o Regresso á Crinoline



Praias

1

E volta do mar-grosso, as canoas de pesca
Vêm dobrando o costão, todas a quatro remos.
Eil-as, agora, junto á praia branca e fresca,
Onde a espuma nos dá rosas e chrysanthemos...

Que vida encantadora, alegre, pittoresca!
E que emoções eguaes, lá na cidade, temos?
— Lá, nossa vida é toda uma afflicção dantesca:
Velados de amargura os proprios sonhos vemos...

Aqui, no mez de maio, azul, transparente,
Nesse trabalho rude a alma se vê contente;
Não ha nem uma só que de pezar se queixe.

E a luz de ouro do sol, sobre cada canoa,
Paíra como um tendal: — E' Jesus que abençoa!
E Pedro, sem ser visto, as transborda de peixe...

VERSOS
DE
ADAUJO
FIGUEREDO

II

II

O: TE de junho. O frio é vidro em]
[pó, roçando
As mãos dos que da praia, estendidos na areia,
Estão, tranquillamente, o café esperando
De um rancho em cuja porta um clarão bruxuleia.

Outros já da canoa as vélas vão soltando...
Não ha tempo a perder, que, á luz da lua cheia,
O vento do sul que sopra as ondas vae rolando...
E cada coração de pescador aneia!

Todos, todos ao mar, satisfeitos, felizes!
Sem sentirem do mal as profundas raizes;
Apenas da saudade envolvidos nas maguas...

Mas, que saudade doce a dessas almas francas,
Sób as vélas em cruz, as grandes vélas brancas
Da canoa que lembra uma ave á flor das aguas...



III

OIVOS Que lindo par, de todos invejados
Ella de côr trigueira, e elle, da mesma côr!
O olhar de Hortencia tinha um resplendor sagrado
E o de Luiz possuia um igual resplendor!

E se casaram, sob um céu illuminado,
Por uma tarde que lembrava uma flôr!
Houve uma grande festa em todo o povoado:
Cantigas virginaes, recordações de amor...

E, á noite, na enseada, á luz branca dos astros,
Dos barcos a floresta ondulante dos mastros
Enchera-se, tambem, dessa immensa alegria!

Mas, um anno depois (oh, triste realidade!)
Hortencia era, na praia, a Visão da Saudade...
E o corpo de Luiz em que praia estaria?!

Florianopolis, maio de 1916.



Em Caminho de Pirati- ninga.

QUADRO DE BENEDICTO
CALIXTO

Martim Affonso e sua comitiva desembarcam no porto de Piassaguera, a caminho de Piratininga, em outubro de 1532. O Donatario en-ende-se com João Ramalho e o chefe Tibiricá, que lhe indicam a vereda, á margem do Ururay, por onde a expedição deve galgar a serra. Ao lado de Martim Affonso vê-se o fidalgo Gonçalo Monteiro e o escrivão Pedro Capico. Outros grupos, compostos de fidalgos, religiosos franciscanos e soldados, acham-se dispersos pelo despraiado. Entre os fidalgos, Braz Cubas, Ruy Pinto e Pedro de Goes, irmão do chronista, a quem o Donatario concedeu sesmarias na região serrana que se descortina ao fundo do quadro.



Versos inéditos de Tobias Barreto



Relógio da minha vida,
Que a desgraça adiantou,
A hora da despedida
Meu coração já souu.
Bate-me o peito entretanto,
Dos olhos corre-me o pranto,
Cujos amargor é tão bom!
Pois eu choro? O' sorte crua!
Também o mármore sua,
Também o bronze dá som.

A' amabilidade do sr. major Erasmo de Lima, que é também um poeta distincto, devemos o poder oferecer aos nossos leitores estes versos, tão profundamente philosophicos no seu emocionante lyrismo, do grande Tobias Barreto, e encontrados pelo sr. major Erasmo de Lima entre a correspondencia que o illustre philosopho e poeta manteve com seu pae, Luiz Francisco de Lima.

Não é verdade que estes dez versos lapidares parecem animados pela mesma grave musa que inspirava Anthero do Quental?

Diante do juiz ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

Pequeno, magro, com os olhos negros de onde pingavam as lagrimas. Pallido, da pallidez authentica da miseria, e ainda tão pequeno, que não surprehenderia vê-lo desatar a choro e chamar pela mãe — se tivesse mãe! — ou fazer diabruras, pedir caricias e beijos e adormecer no collo do pae — se tivesse pae! Porém, tremulo, como um passaro que foi tirado do ninho e machucado, o pobre orphão estava diante do juiz accusado de ladrão.

Estranha é a sala do juiz, grande e vasia, sombria e severa. As cousas teem também a sua expressão e a sua significação. Aquella sala era um recinto que não fôra feito para a piedade. O Christo na cruz, pendurado na parede, parecia estar de novo no Calvario.

O pequeno criminoso estava sózinho. Quem ia defender o ladrão de dez annos? Só as duas lagrimas que pelas faces lhe corriam; só a sua in-

fancia já envelhecida de miseria, ou então aquelle raio de sol, sorriso de Deus, que entrava pela janella e lhe acariciava os cabellos pretos.

— Onde estão os paes deste pequeno? — perguntou o juiz.

— E' abandonado, — disse o escrivão.

A creança rôta tremeu e aconchegou a camisa ao peito, como se tivesse sentido uma dôr.

O juiz ficou pensativo, inclinou a cabeça e perguntou:

— Então não tem parentes?

O escrivão achou estranha a pergunta, tratando-se de um garoto abandonado, e nem a considerou digna de nota. Continuou batendo compasso com a penna.

O juiz, esse continuava a olhar para a creança que tremia, para os seus braços nus e delgados, para o peito esquelético, mal occulto pelos farrapos miseraveis, para o brilho humido d'aquelles olhos, para aquella pequena cabeça onde o pensamento adormecido não conhecia outra luz do que a do sol. Era singular o que sentia o juiz, olhando a creança rôta! Talvez influencia de algumas poesias,

que lêra pela manhã, numa revista. Ha que tempos elle não tinha lido um verso! Estranho delirio da imaginação!

A sala lhe parecia convertida num throno, onde se sentava o Futuro. Em volta estendia-se um terreno immenso, sem fim, que se enchia com uma multidão innumeravel, convocada pelo Futuro. Era toda a humanidade reunida para assistir ao julgamento daquella creança faminta e rôta. Então uma voz estrondosa e severa disse:

— Que Deus vos julgue e reconheça quem tem mais culpa: se essa criança abandonada, esse innocente que só conhece no mundo as necessidades e que vagueia ás escuras, ou quem se esquece de amparar e ensinar os orphãos.

O juiz levantou-se, approximou-se do pequeno criminoso que aguardava a sentença, e pousando a mão sobre os cabellos negros da creança, disse-lhe:

— Venha, meu filho. Seu lugar não é no tribunal, mas na escola...

SELDA POTOCKA.

Crianças



1—Chiquinho, com 1 anno, filho do sr. Eurico Urgel do Amaral Valente. 2—Cinco interessantes filhos do sr. Robine, um dos actuaes defensores da França, tendo sua familia em Curityba. 3—Lia e Regina Kopke, filhas do dr. Kopke e D. Magdalena Kopke. 4—Lourdinha, filhinha do sr. Francisco de Miranda Sá, residente em Juiz de Fora. 5—Risalva e Rivanda, filhas do dr. Alfredo de Oliveira Palari, guarda-mór em Fortaleza, Ceará.

OS NOSSOS BRINDES

Os bilhetes da Loteria de Hespanha

A' hora em que o presente numero da *Revista da Semana* estiver circulando, serão já conhecidos por telegramma os numeros em que recahiram os grandes premios da maior loteria do Mundo, na qual interessamos com tres bilhetes os assignantes da *Revista da Semana* em 3 séries extraordinarias de assignaturas.

Estando já impresso este numero quando hontem, em Madrid, se procedia ao sorteio da grande Loteria Hespanhola do Natal, não podemos aqui registrar até que ponto os nossos vctos obtiveram para os nossos presados assignantes os favores da caprichosa sorte. Póde ter sido muito, pouco e mesmo nada. Mas no jogo, como em toda a vida, é assim.

O "Sautoir" de perolas e a Cruz de Brilhantes

E' hoje, pela Loteria Federal, como sabem os nossos leitores, que se decide o sorteio do terceiro dos grandes concursos da *Revista da Semana*, cujos primeiros premios consistem no bello e rico Sautoir de 755 perolas, adquirido na joalheria Oscar Machado, e na preciosa e artistica cruz de 16 bellissimos e escolhidos brilhantes e 4! diamantes, montados em platina, e adquirida na Casa Adamo. Estes dois brindes da *Revista da Semana* aos seus leitores representam um valor de 6:500\$000, que sommado ao do *Collar de Brilhantes* e ao do *Automove! Ford*, sorteados nos anteriores concursos, prefazem quantia approximada a 14:000\$000 distribuida, em pouco mais de um anno, aos leitores desta publicação.

Escola Profissional Rivadavia Corrêa

A recente exposição de trabalhos das alumnas da grande e modelar escola da Prefeitura veio revelar a uma parte da população do Rio, que ainda ignorava a existência da benemerita instituição, a grão de eficiência a que attingiu, depois de sua remodelação, o ensino profissional feminino entre nós.

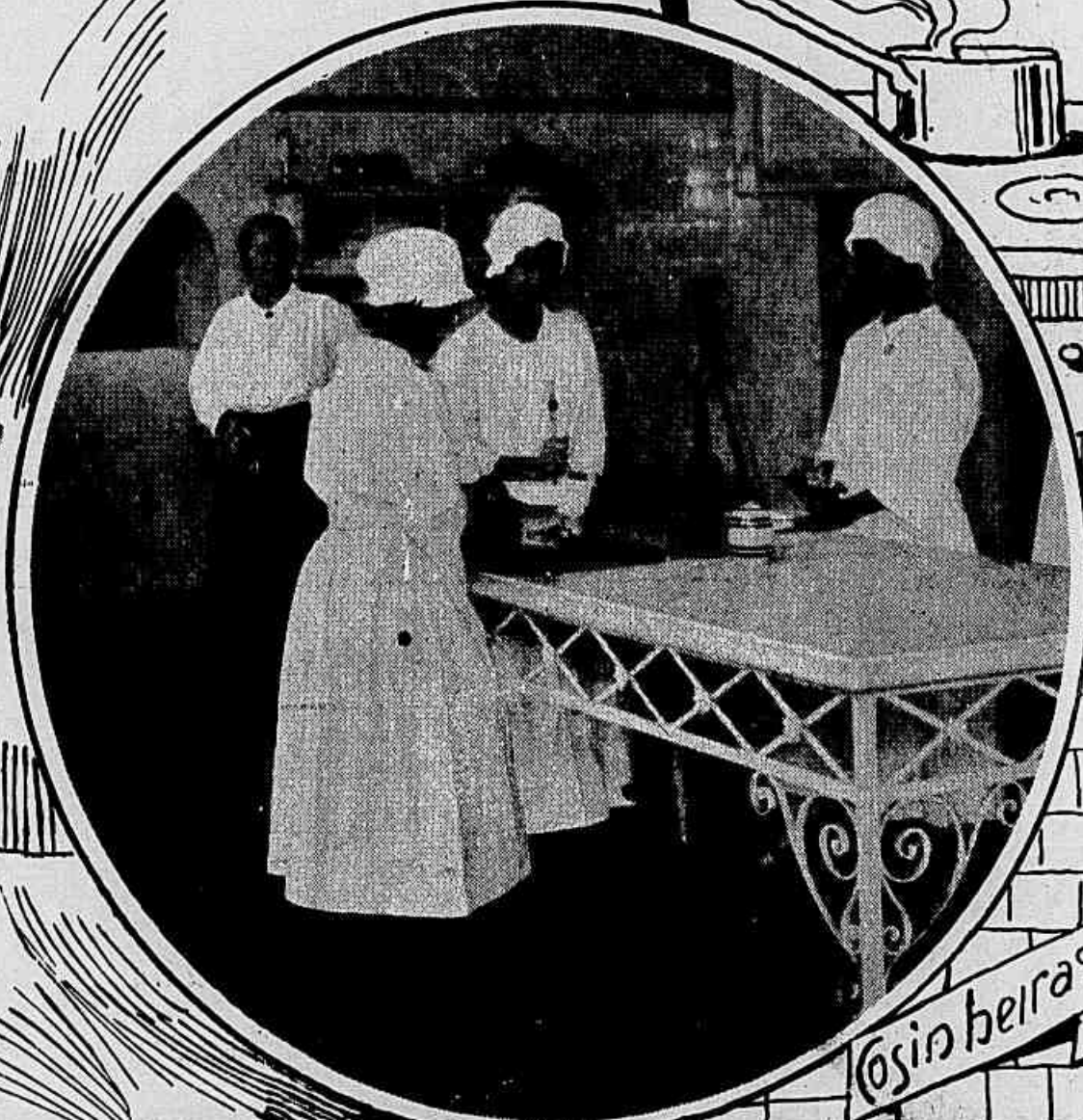
Todos os elogios são devidos a uma tão bella obra, dirigida com uma tão alta compreensão dos seus fins e realisada com uma competência technica



Cosinheira.



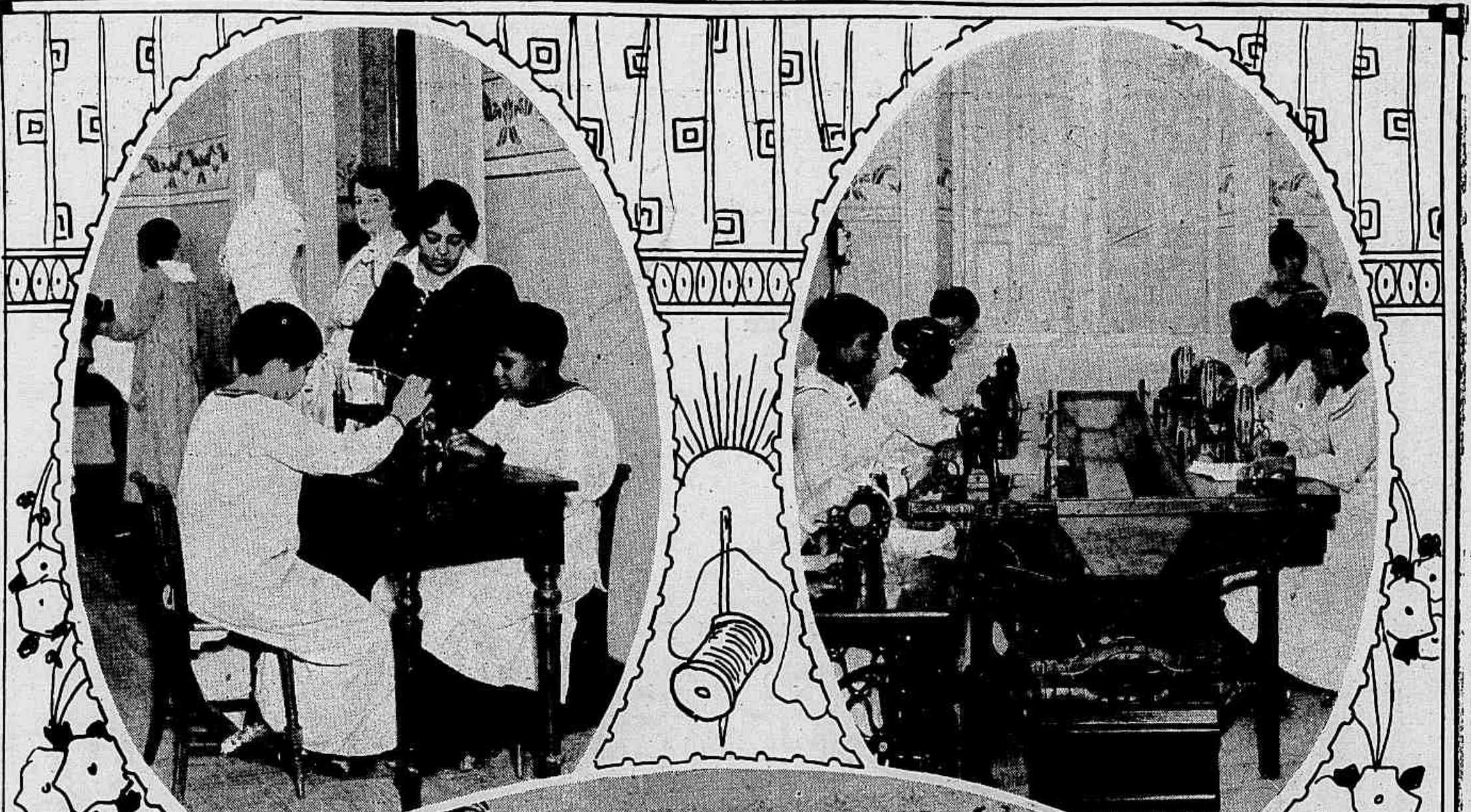
ENGOMMADEIRA



Cosinheiras



Cosinheiras e Copeiras.



Costureiras

Costureiras



Floristas

inexcedível, que faz honra á Directoria de Instrucção Publica.

Na Escola Rivadavia Corrêa acham-se reunidos os ensinos praticos de corte, confecções de chapéus e flôres, espartilhos, dactylographia e cosinha, preparando donas de casa e operarias sob uma orientação moderna e pratica. Algumas das oficinas dão já uma renda apreciavel, que prova eloquentemente a importancia e perfeição da obra produzida.



Lavadeiras e arrumadeiras



Pelo Mundo Fora

A hecatombe alemã

As listas officiaes das perdas militares allemãs, que alcançam até Novembro, es-

clarecem sobre o sanguinoso preço que está custando á Europa a mais formidavel de todas as guerras da historia.

O total das perdas allemãs até fim de outubro, comprehendendo o exercito e a marinha, é o seguinte:

Mortos.....	992.272
Feridos	2.351.011
Extraviados	499.938
	3.773.221

Nessa totalidade estão comprehendidas as seguintes perdas de officiaes:

Mortos.....	28.277
Feridos	55.187
Extraviados	5.220
Prisioneiros.....	2.855
	91.539

Estes numeros espantosos referem-se apenas a um dos exercitos belligerantes. Em 2 annos de guerra, a Allemanha perdeu 10 exercitos eguaes aquelle que possuia a Inglaterra em agosto de 1914 e com que entrou, altivamente e sem medo no conflicto!

A artilharia dirigida pela radio-telegraphia

Qual outra Brunilda despertada por Siegfried, a Inglaterra vae desenvolvendo vertiginosamente o seu poderio militar. Entre as ultimas novidades da sua preparação grandiosa, destaca-se a direcção do fogo da artilharia pelos aeroplanos munidos de telegraphia sem fios. Do aeroplano vem a mensagem para romper o fogo. O telephone communica-a á bateria, e logo troam os canhões. Observa-se do aeroplano que o alcance não está bem calculado? Transmite-se a nova orientação pela radio-telegraphia; effectua-se a rectificação, o bombardeio vomita os seus projectis sobre as trincheiras inimigas e a vedeta aérea envia as suas felicitações aos artilheiros com o seu laconico O. K.

Alguem já disse que esta guer-

ra é a lucta terrivel da sciencia contra o homem.

Applicada até hoje em serviço da humanidade para a sua felicidade, a sciencia é hoje applicada na sua destruição. A que proporções fabulosas attingirá, ainda uma guerra onde a sciencia collabora de modo tão decisivo?

A cirurgia e a guerra

A hecatombe europeia tem permitido á cirugia audacias espantosas. Pódeaffirmar-se que os hospitaes de guerra tem servido de campo experimental para os mais prodigiosos milagres cirurgicos. A recomposição dos mutilados attingiu o assombro.

Um redactor do *Daily News*, convidado a visitar os hospitaes militares inglezes, descreve alguns casos phenomenaes de reparação cirurgica. Um soldado achava-se ferido de tal modo no braço que o osso ficara a descoberto em grande extensão. Parte do musculo que movimenta a mão fôra arrancado. O cirurgião indagou pelo telephone para varios hospitaes se havia algum ferido condemnado a ser amputado de braço ou perna. Em um dos hospitaes existia um soldado a quem ia ser amputada naquelle mesmo dia uma perna. Dessa perna, o cirurgião tirou quatro pollegadas de nervo vivo, recolheu-o num banho salino e dirigiu-se de automovel para o seu hospital. Anestesiado o doente, o cirurgião abriu-lhe o braço com a lanceta e ligou as extremidades do nervo rompido com o filamente nervoso extrahido da perna do outro soldado. A operação obteve um exito completo e o ferido poude usar da sua mão e realizar todos os movimentos, como se nada lhe houvesse succedido!

Uma das mais admiraveis operações executadas na Inglaterra foi a que salvou um soldado dos Granadeiros da Guarda.

Com auxilio da radiographia verificara-se que um fragmento de metralha se lhe incrustara na parte posterior do coração. O cirurgião abriu o peito do soldado, tomou o coração na mão direita enquanto que com os dedos delicadamente o apalpa-va até encontrar o fragmento da bala entre os tecidos. Valen-

do-se unicamente do tacto, desprende então essa incrustação pouco a pouco, conseguindo removel-a sem que sobreviesse a hemorragia!

Uma scena de drama historico

O correspondente do *Figaro* em Bucarest narrou em artigos pungentes varios episodios referentes á declaração de guerra da Romenia aos Imperios Centraes.

Como se sabe, o Rei da Romenia é um Hohenzollern e seus irmãos são officiaes generaes do exercito prussiano. Depois de haver longamente hesitado em entrar em lucta com os povos de seu sangue, o Rei curvou-se perante as razões apresentadas pelos seus ministros. Ao proferir o seu assentimento, o soberano tinha os olhos humidos de lagrimas. A victoria contra si proprio não fôra obtida sem lucta. Na vespera, elle dissera á Rainha, mostrando-lhe uma photographia do castello de Sigmaringen: *Brinquei na minha infancia sob estas bellas arvores Não as verei mais!*

Quando o rei terminou a sua declaração, todos os ministros e chefes de partido tomaram a palavra. O estadista Carp, octogenario e convicto germanophilo, que desde 1878 se conservava fiel aos seus principios politicos, ergueu-se, tremulo, ao chegar a sua vez de fallar e disse:

— «A Romenia declara a guerra á Austria e Allemanha. E' para mim uma guerra de dôr. Dou á patria os meus tres filhos, que amanhã partirão para a lucta, mas desejo de coração que meu paiz seja vencido. O systhema de alliança que elle adopta só lhe póde ser funesto, e a Romenia só se salvará abandonando a senda em que penetra. Della só póde affastar-se agora pela derrota.»

Com bondade, dirigindo-se ao velho estadista, o Rei lhe pediu que retirasse as suas palavras, que só podiam ser inspiradas pela colera.

— «Não senhor — respondeu Carp, — falei com persuasão e depois de haver reflectido.»

O destino fez-lhe a vontade. A Romenia foi derrotada. Mas poderá essa derrota concorrer para salvá-la, segundo a estranha concepção do velho politico romaico?

Femina

LABOR OMNIA VINCIT.



MME DEBORAH ARMANDO
Vice-Presidente



MME JULIETA CORRÊA
Presidente



MME BRASILINA BORMANN
1ª Secretária



Mlle BRANCA BILHAR
2ª Secretária



Mlle BEATRIZ TEN BRINK
Thesoureira



Mlle EDMÉA REGAZZI
Oradora



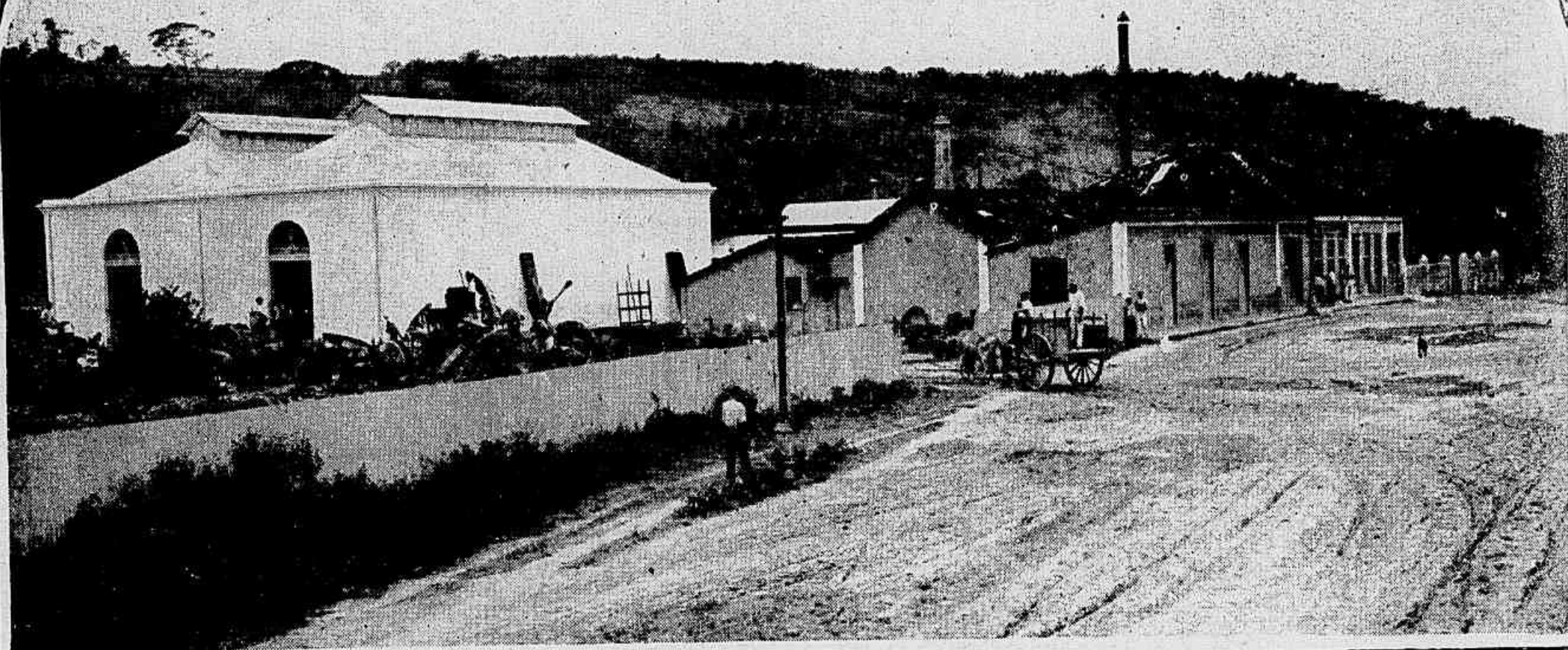
Mlle LEONIDIA SERGIO
Archivista



MME MARIA LAVALLE
Procuradora

A Sociedade "Femina" reuniu um grupo notável de artistas circunscritas e de alumnas do Instituto com o fim de desenvolver o estudo da musica, constituindo desde ja uma orchestra, composta de associadas; e que para um concerto mensal, executando a obra dos grandes mestres.

As Grandes Indústrias Nacionais



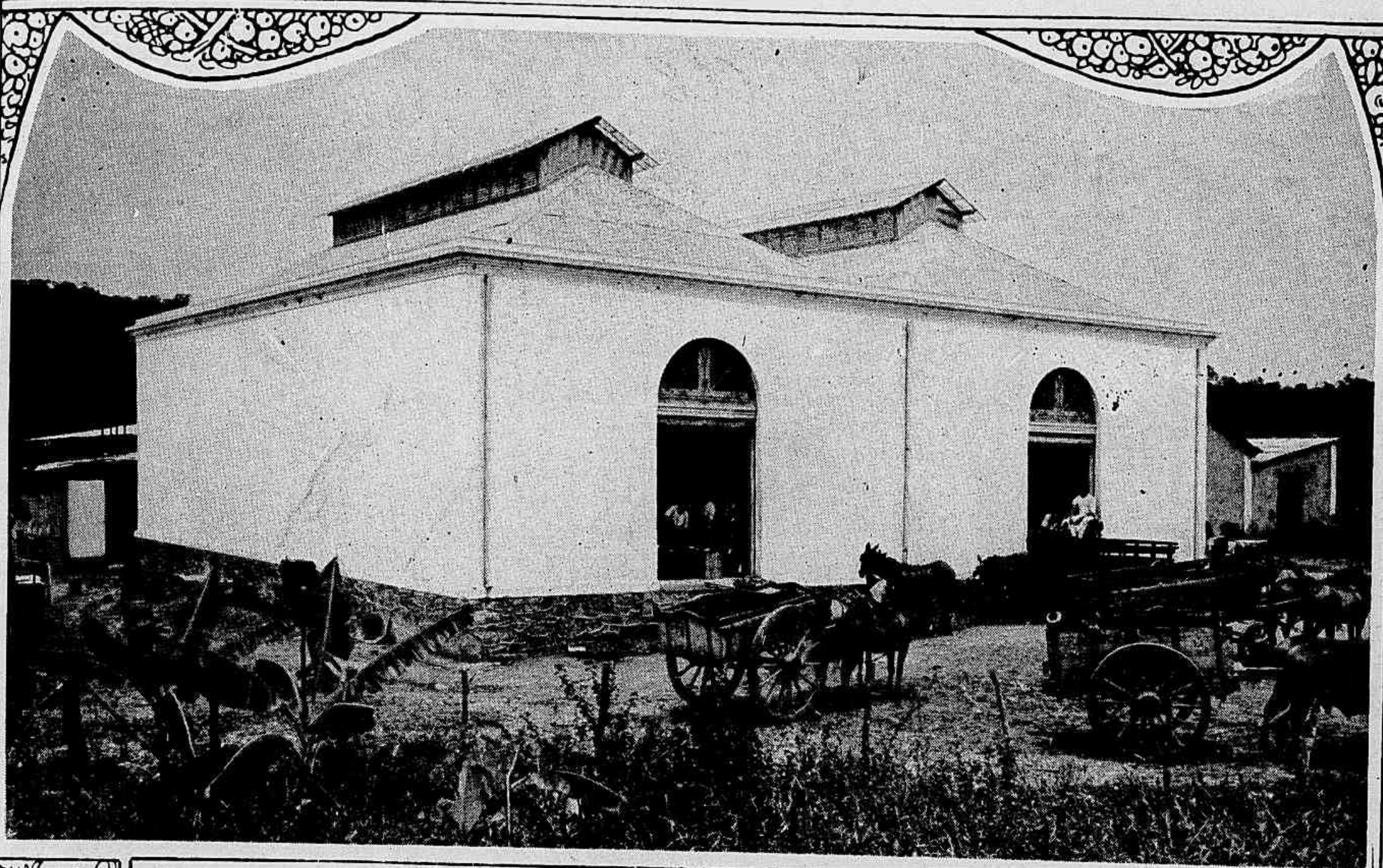
Aspecto geral da fabrica de doces e bebidas de fructas Usina São Gonçalo, no Porto de Madama, no Estado do Rio.

As photographias que publicamos dão uma idéa clara do desenvolvimento colossal do afamado estabelecimento industrial que é a Usina São Gonçalo de propriedade e direcção do sr. commendador Gregorio Garcia Seabra. Os



Encommendas promptas para seguirem para os Estados e estrangeiro. Os operarios entregue ao trabalho de encaixotamento e verificação de mercaderias.

afamados doces e as excellentes bebidas de fructas daquela Usina, tem sido com avidez procurados pelo publico e dahi o desenvolvimento sempre crescente da importante empresa que na confecção dos seus deliciosos productos é eximia, pois além de serem de fructas são fabricados com todos os requisitos da hygiene.



Os novos armazens da fabrica, que representam já o inicio do grande edificio que vae ser levantado.

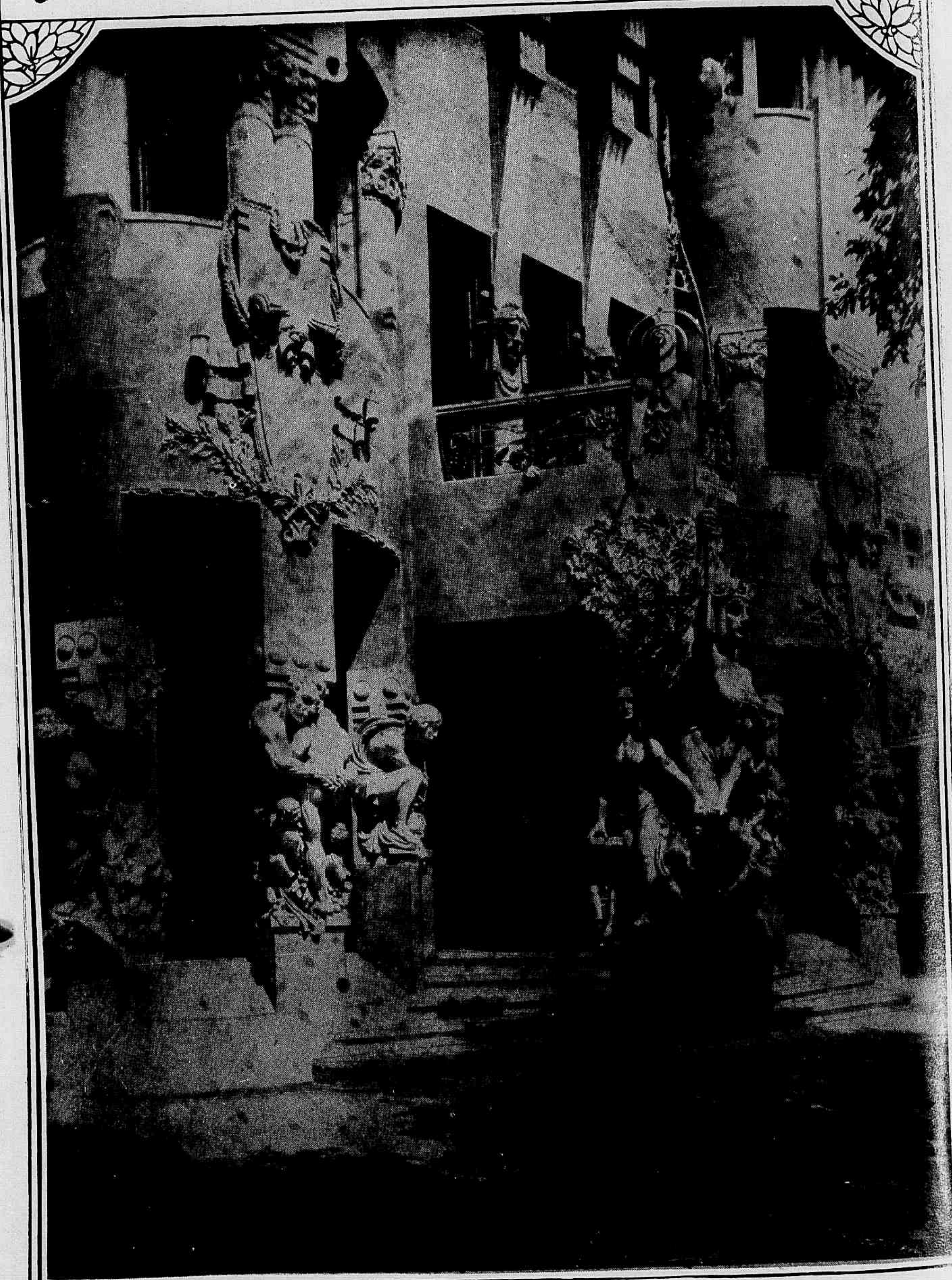
Para se aquilatar do desenvolvimento da empreza basta dizer que alli trabalham cerca de 200 operarios tendo já o proprietario alugado grandes trapiches para embarque e desembarque de



Interior do grande armazem destinado ao embarque e desembarque de mercadorias.

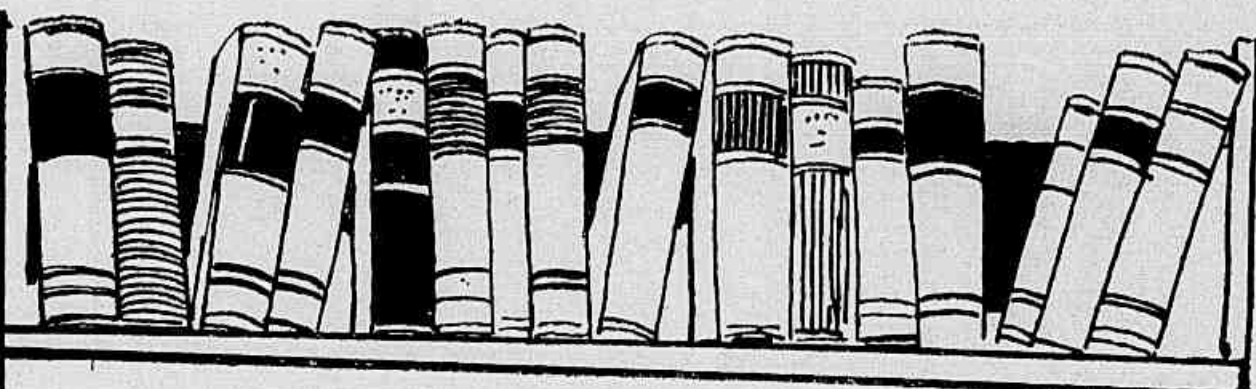
mercadorias, depositos, tanoaria e carpintaria sendo o vasto edificio central somente para a fabricaçãode doces e bebidas onde se trabalha noite e dia para attender a grande procura dos seus productos não só nesta Capital como nos Estados.

Uma Grande Obra d'Arte.



Entrada principal e parte da fachada do grande edificio da Fabrica do ELIXIR
DE NOGUEIRA, propriedade da firma VIUVA SILVEIRA & FILHO

O editor Jacintho Ribeiro dos Santos e a sua accção no nosso mercado de Livros.



com a recente publicação do Código Civil Brasileiro com uma synthese e Historias criticas e Indice Alphabetico e remissivo pelo Dr. Paulo de Lacerda, incontestavelmente o maior successo de livraria até hoje realizado no Brasil. Para se ter uma idéa do grande exito dessa tentativa basta dizer que a livraria Cruz Coutinho já conseguiu vender cerca de 20.000 exemplares não somente dentro de paiz, como tambem no estrangeiro donde continuam a affluir pedidos diarios para a

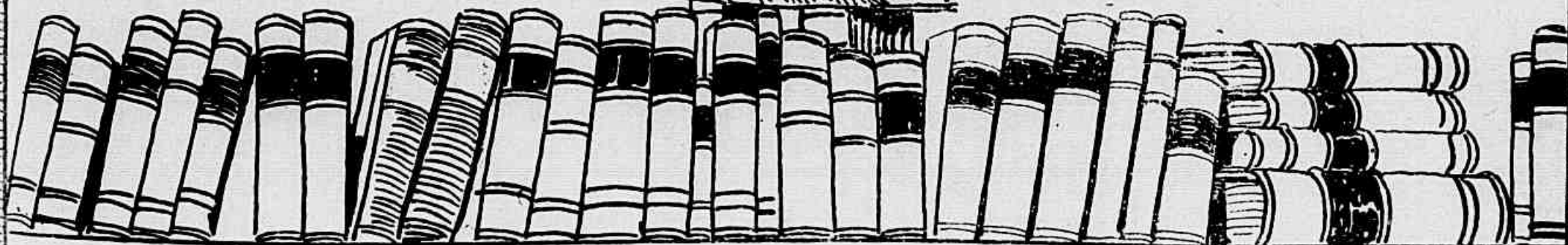
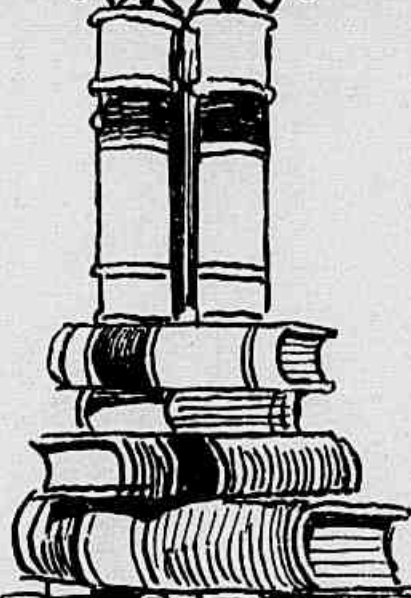
remessa de exemplares. Actualmente, entre outros trabalhos de valor destinados fatalmente a outros triumphos de publicidade o sr. Jacintho Ribeiro dos Santos está preocupado com o plano de elaboração do Manual do Código Civil Brasileiro ou Código Civil commentado por 20 juriconsultos cada um escrevendo uma parte formando cada um volume de mais de 500 paginas segundo os planos e coordenação de Paulo de Lacerda. Este serviço uma vez completado virá assignalar o maior acontecimento editorial no Brasil. O sr. Jacintho Ribeiro

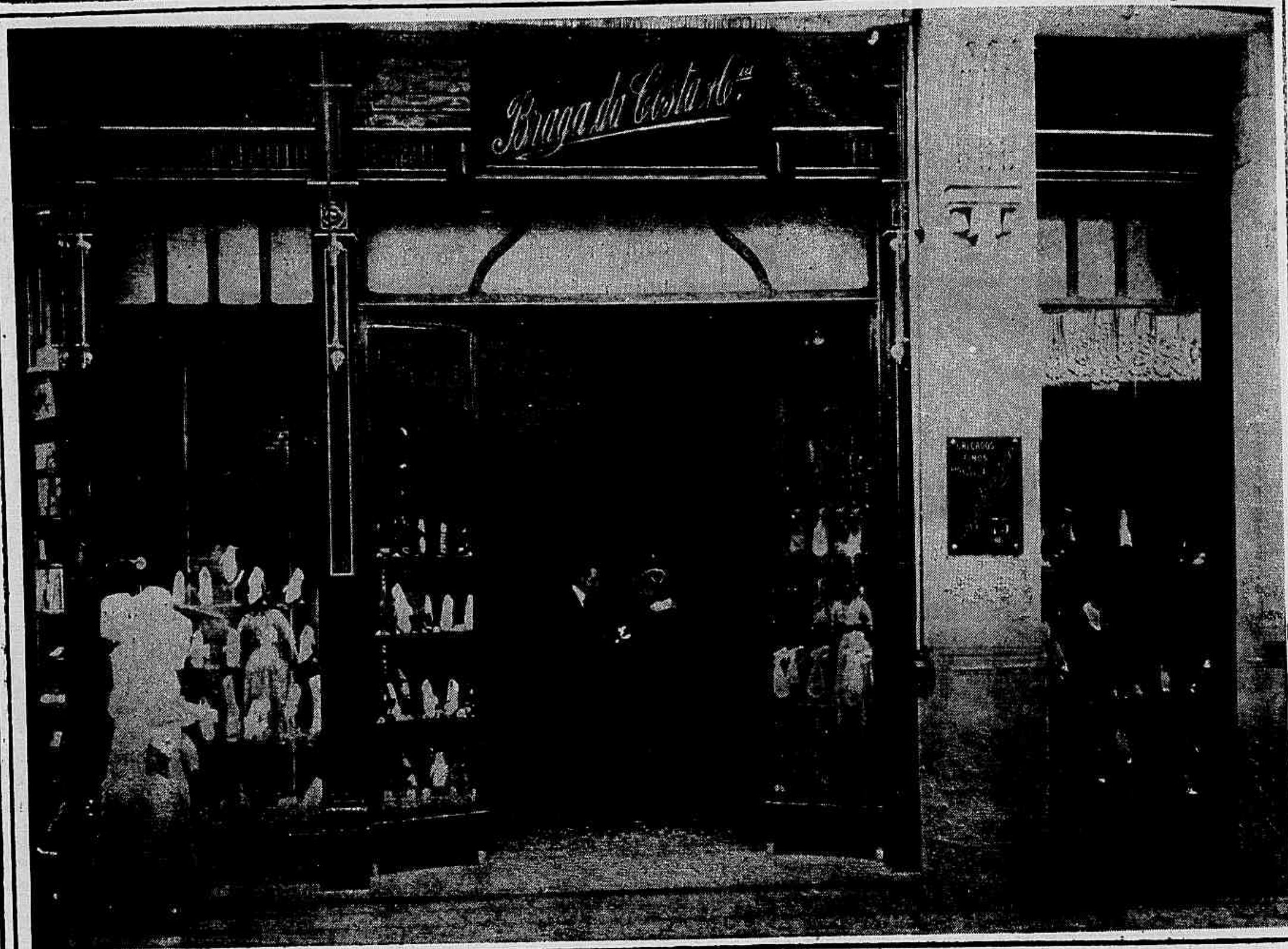
dos Santos gasta mais de 400 contos para construção dessa importante obra. É bastante esta publicação para avaliar dos factores de sua cultura e do seu progresso. Damos a seguir a lista dos livros mais procurados e importantes da Livraria Cruz Coutinho á R. S. José, 82.



Ninguém desconhece quanto ainda hoje no Brasil, é deficiente e estreito o mercado de livros. Apesar de seu formidavel exercito de analphabetos o Brazil tem sede de instrucção e o commercio de livros tem proporcionado lucros avultados as casas editoras.

Entre estas, a antiga livraria Cruz Coutinho occupa hoje lugar honroso não só pela tradição de seu nome commercial conceituadissimo, mas principalmente devido ao espirito de trabalhador infatigavel que é o seu actual proprietario o conhecido editor Jacintho Ribeiro dos Santos. Realmente afóra os outros titulos de que se póde orgulhar o operoso livreiro da rua S. José, nenhum outro é mais significativo do o obtido





*A mais importante Casa de Calçados finos.
Exclusividade para Senhoras e Crianças. - GONÇALVES DIAS, 75.*



*Casa Ciptra
Especialidade em
bebidas finas, fructas e
... queijos ...
Doce e Sorvetes
Avenida Rio Branco, 108.*

Os hotéis Chics de São Paulo



.....
O Salão do Grande Hotel á
hora de jantar.
.....

MUSEU INFANTIL



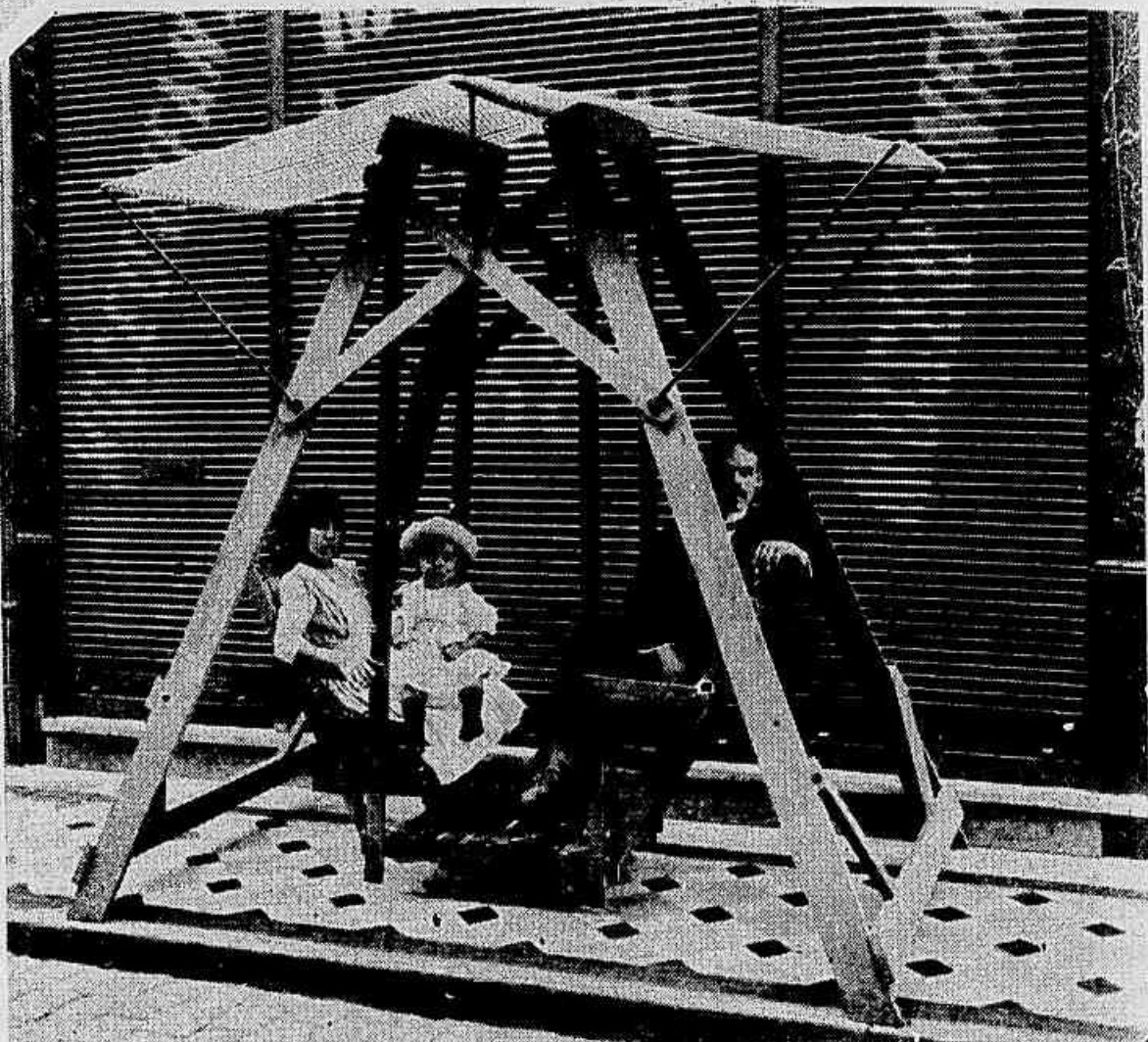
para crianças, legítimos *foot-balls* de coiro, velocipedes, carros, cadeiras de todos os feitios jogos e cabeças, cabelleiras e mãos para bonecas.

Especialidade em concertos de *raquetes* para *tennis*.

As duas gravuras apresentadas n'esta pagina são as d'um automovel de luxo fabricado nas officinas do MUSEU INFANTIL; na RUA DO OUVIDOR 133, estabelecimento que de ha muito está conceituado no espirito publico, devido ao cuidado e á arte com que alli se apresenta tudo que respeita aos objectosque tem em exposição.

Embora seja a UNICA FABRICA que n'este GENERO existe no Brasil, nem por isso os seus proprietarios, srs. Cunha Graça & C.^a a descutam, confiados que a concorrência não affrouxaria, e buscam toda a maneira de a fazer progredir, presidindo o maximo cuidado nos productos manufacturados por sua conta.

Tem sempre um grande *stock* de brinquedos



Grandes
Armazens

CASA LEITÃO

Modas, Armarinho, Perfumarias, Calçados, Moveis, Roupas feitas
— e Alfaiataria —

LÉITÃO, IRMÃOS & C.



LARGO DE SANTA RITA, 2 ☐ ☐
TELEPHONE NORTE 767

RUA VISCONDE DE INHAUMA
MUNICIPAL — TRAVESSA DE SANTA RITA
RIO DE JANEIRO

Grande Laboratorio e Pharmacia Homœopathica

FUNDADOS EM 1880

ALMEIDA CARDOSO & C. — Distinguidos com **Grande Premio**, a maior recompensa conferida em homœopathia na Exposição Nacional de 1908

Fornecedores do Exercito e principaes estabelecimentos medicos e pharmaceuticos da Capital e Estados

AO PUBLICO Tendo chegado ao nosso conhecimento haver no interior do Brasil revendedores que negam a "HOMOEOPATHIA" da nossa marca "UM ANJO COROANDO UMA AGUIA", para collocarem outra de qualidade inferior, compromettendo a vida dos doentes e o credito da nossa medicina, pedimos procural-a sempre nas boas pharmacias, drogarias e estabelecimentos commerciaes da localidade e, quando não for encontrada, dirigir directamente os pedidos a nossa casa. Para facilitar o meio de obtel-a pelo Correio e não haver demora na expedição, o pedido deve vir acompanhado da respectiva importancia, de accordo com os preços que adiante offerecemos. As quantias remetidas pelo Correio devem vir em carta registrada com valor declarado ou vale postal.

Almeida Cardoso & C.

Preços das especialidades com o porte e registro do correio

MEDICAMENTOS	VIDRO	DUZIA
Aloingia — Pó Dentifricio	2\$500	20\$000
Allium Sativum — Cura a influenza	1\$500	10\$000
Almeidina — Cura a gonorrhea	2\$500	20\$000
Anti-febril — Preservativo das febres	3\$000	26\$000
Balsamo de Arnica — Cura contusões	3\$000	24\$000
Cardosina — Cura tosses e bronchites	2\$500	20\$000
Carduus Cardo — Cura molestias do coração	2\$500	20\$000
Carica Americana — Regularisa as evacuações	2\$500	20\$000
Chenopodium Anth. — Pó vermifugo	2\$500	20\$000
Consoarina — Cura a tuberculose pulmonar	2\$500	20\$000
Cundurango — Cura a morphéa	2\$500	20\$000
Dioscorea Preta — Cura a asthma	2\$500	20\$000
Dolorifera — Auxilia o parto	5\$500	52\$000
Duartina — Tónico — Cura a dyspepsia	3\$000	26\$000
Dysenterium — Cura a diarrhea	2\$500	20\$000
Essencia Benedictina — Cura dores de dentes	2\$500	20\$000
Gypsum Brasiliense — Facilita a dentição	2\$500	20\$000
Glycerocalendula — Cura queimaduras	2\$500	20\$000
Hemorrhoidina — Cura hemorrhoidas	3\$000	25\$000
Iodalina regeneradora — Cura scrophulas	2\$500	20\$000
Marapuama — Cura impotencia	2\$500	20\$000
Oleo de Arnica — Cura rheumatismo	3\$000	25\$000
Oleo de Fígado de Bacalhau — Tónico reparador	1\$500	12\$000
Ophthalmia — Cura inflammaciones da vista	2\$500	20\$000
Plumeria — Contra mordeduras de cobra	2\$500	20\$000
Rozalina — Cura e previne a tosse coqueluche	2\$500	20\$000
Sanacanco — Cura feridas de mau caracter	5\$000	48\$000
Sanadiabetes — Cura a diabetes em geral	5\$500	52\$000
Sana Syphilis — Cura molestias da pelle	3\$000	26\$000
Sanaflôres — Cura a leucorrhea (e flores brancas)	2\$500	20\$000
Sanagrippe — Aborta a influenza e cura constipações	1\$500	11\$000
Sanasthma — Cura a asthma em geral	2\$500	20\$000
Sezorina — Cura a febre intermitente	2\$500	20\$000
Sanatosse — Cura tosses e bronchites	2\$500	20\$000
Sana Rheuma — Cura rheumatismo em geral	2\$500	20\$000
Sanacallos — Faz cahir os callos sem incommodo	2\$500	20\$000
Tabielaxo — Purgativo e laxativo	2\$000	17\$000
Vitalinum — Restabelece a potencia viril	5\$500	52\$000

Os medicamentos acima são aconselhados pelos medicos, acompanhados das indicações therapeuticas e o modo de se usarem.

Confeccionamos todos os medicamentos de uso externo. Temos em nosso estabelecimento os melhores tratados de homœopathia em portuguez e encarregamo-nos de mandar vir da Europa e Estados-Unidos os de outros idiomas.

ALMEIDA CARDOSO & C.

Preços das boticas

Inclusive o porte e registro do correio

TINTURAS — em vidros de 20 grammas

CONTENDO	12 MEDICAMENTOS	16\$500
	24 "	26\$000
	30 "	33\$000
	36 "	38\$500
	50 "	49\$000
	60 "	60\$000
	120 " (*)	100\$000

GLOBULOS — em tubos communs

PILULAS (globulos grandes) em vidros de 5 grammas

contendo:		contendo:	
12 medicamentos	11\$000	12 medicamentos	13\$000
24 " "	19\$000	24 " "	23\$000
30 " "	23\$500	30 " "	27\$500
36 " "	26\$500	36 " "	30\$000
48 " "	32\$000	50 " "	40\$000
60 " "	43\$000	60 " "	50\$000
120 " "	79\$000	120 " "	85\$000

(*) Uma botica completa, contendo 240 medicamentos: 120 em tinturas e 120 em globulos, com tinturas para uso externo 250\$000.

(*) Idem contendo 240 medicamentos em tinturas e os de uso externo 300\$000.

(*) Tendo estas boticas maior peso que o aceito pela Repartição dos Correios, só poderão seguir por vias ferreas ou maritimas.

Preços dos medicamentos avulsos

Inclusive o porte e registro do correio

Tinturas			Globulos	Pilulas	Tablet-tes
	VIDRO de 20 grms.	VIDRO de 15 grms.	Tubo commum	Vidro de 5 grms.	Vidro com 30 tablet-tes
2 vidros	2\$000	1\$800	1\$800	1\$800	2\$000
4 "	3\$500	3\$000	3\$000	3\$000	3\$500
6 "	5\$000	4\$200	4\$200	4\$200	5\$000
8 "	6\$500	5\$400	5\$400	5\$400	6\$500
10 "	8\$000	6\$600	6\$600	6\$600	8\$000
12 "	9\$500	7\$800	7\$800	7\$800	9\$500
16 "	13\$000	10\$200	10\$200	10\$200	13\$000
20 "	16\$000	12\$600	12\$600	12\$600	16\$000
24 "	19\$000	15\$000	15\$000	15\$000	19\$000

NO ACONDICIONAMENTO N. 1 — Cada medicamento (numa caixinha de cartão), ha o augmento de 100 réis em cada vidro ou tubo.

As quantidades maiores serão calculadas pelas ultimas acima mencionadas. O Correio só aceita volumes até 3 kilos. Quando exceder aquelle peso faremos a remessa por via ferrea ou em tantos volumes quantos forem necessarios.

SAQUES

Sobre Portugal, Hespanha
Italia, França, Londres, etc.

ZENHA, RAMOS & C.

Rua Primeiro de Março, n. 73

Em todas as "Leiterias Bol"
encontra-se a venda a sua opti-
ma "Manteiga Bol" fresca, fa-
bricada com creme pasteurizado,
de fino aroma agradável paladar
e sempta de microbios e germens
nocivos. — R. Ferreira Leite. —
Telephone 609, Norte. Casa Ma-
triz, R. Gonçalves Dias 73.

Na vida installe-se bem

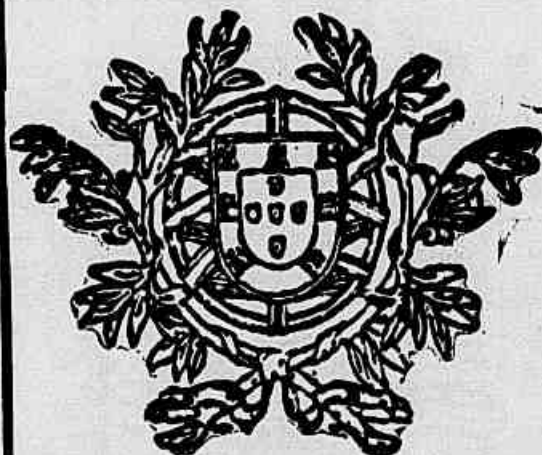
COMPRE MOVEIS

RED-STAR

Pagamento á vista e em presta-
ções combinadas

Rua Gonçalves Dias, 71
Urugayana, 82

Ao Moinho de Ouro
Café sem igual
Bonbons finos
2, RUA LUIZ DE CAMÕES, 2



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO Sede em Lisboa

Fundado em 1864—Capital 12.000 contos fortes

Saques á vista e a praso sobre todos os paizes.

Depositos á ordem e a praso ás taxas mais vantajosas do mercado.

Empréstimos caucionados. Descontos, co-
branças e todas as operações bancarias.

Filial no Rio de Janeiro, RUA DA QUI-
TANDA — ALFANDEGA.

Agencia na Cidade Nova, PRAÇA 11 DE JUNHO.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166 — Rua do Ouvidor — 166

Rocha Pombo: Dicionario
de Synonimos da lin-
gua portugueza, 1 vol.

651 paginas 6\$000

João do Norte : Praias e
Varzeas, 1 vol. 2\$000

Afranjo Peixoto : Maria
Bonita, romance. 3\$000

Fabio Luz: Elias Barrão,
1 vol. brochado 3\$000

TOLUOL

Cura tosses, bronchites, etc., em 48 horas. Deposi-
tos: Araujo Freitas & C., rua dos Ourives, 88 e
Pharmacias Marques.

PRAÇA TIRADENTES, 40-42
RIO DE JANEIRO

KOLA SOEL

Dá vida e vigor. É o melhor tonico
Depositos: Araujo Freitas & C., rua
Ourives, 88 e Pharmacia Marques

PRAÇA TIRADENTES, 40-42
RIO DE JANEIRO



Bolsas para
Senhoras só
na casa

David Ferro
R. 7 SETEMBRO, 124
Teleph. C. 2026

"BENZONIN"

Para o embelezamento do rosto e das
mãos, refresca a pelle irritada pela na-
valha. Vidro 4\$000; pelo correlo, 5\$000.

A venda em todas as Pharmacias, Drogarias e Perfumarias. Deposito
Perfumaria ORLANDO RANGEL

Pó de Arroz DORA

Medicinal, adherente e perfumado.

Lata 2\$000

Pelo correlo, 2\$500

50,000 LIVROS

Gratis para os Homens

**O Caminho para a Saude,
Força e Vigor.**

So soffreis de qualquer uma das
doenças peculiares ao homem, de-
veis pedir immediatamente um ex-
emplar d'este Maravilhoso Livro
Gratis. Este livro descreve clara-
mente a maneira como qualquer
homem que suffra de doenças taes
como a Siphilis, Gonorrhoea ou Gota

Militar, Abusos da Natureza, Decadencia Prematura,
Enfraquecimento Vital, Debilidade Nervosa, Neuras-
thenia, Impotencia, Espermatorrhea, Doenças Infec-
tas e Doenças dos Orgãos Genito-Urinarios; assim
como tambem Asma, Dyspepsia, Prisão de Ventre, Catarro,
Hemorroidas, Rheumatismo, Doenças do Estomago, Fígado,
Rins e Bexiga, podem ser habilmente tratadas, por pequeno
custo. Esta Valiosa Guia da Saude instrue, ensina e dá con-
selhos oportunos e verdadeiros. E um compendio de conheci-
mentos e talvez o meio de recuperar vossa Saude, Força e
Vigor. Enviae-nos o vosso nome e endereço, e vos mandaremos
este livro, Absolutamente Gratis, Porte Pago. Dirigi-vos a

DR. J. RUSSELL PRICE CO., A. 203, 9 So. Clinton St., Chicago, Ill., U.S.A.

Gratis
Para
Homens

Andaluzes contando as suas aventuras.

— Vi, dizem, um famoso nadador que, ao atravessar o
estreito de Gibraltar, levava um companheiro de pé, em
cima do peito.

E o outro não sabendo que inventar:

— Pois o que ia de pé era eu! Admira-me como não
me conheceste!

A nova casa de joias

de Samuel & C. recentemente inaugurada
com grande sortimento de joias de ouro,
platina, prataria, relojoaria e grande nu-
mero de pequenos objectos de novidade, re-
cebidos directamente de sua casa de Paris,
vende a preços sem competencia. O respei-
tavel publico é convidado a verificar e con-
frontar os preços de nossas joias antes de
effectuar suas compras.

SAMUEL & C.

IMPORTAÇÃO DIRECTA — CASA EM PARIS

OUVIDOR, 93

Extracto do catalogo da Livraria Cruz Coutinho, J. Ribeiro dos Santos

Edições de Jacintho Ribeiro dos Santos

Tratado de Theoria e Praxe do Divorcio no Direito Brasileiro pelo Dr. Almachio Diniz. — 1.º grosso vol. enc. 10\$000.

Historia e Pratica do Habeas-Corpus — Direito positivo comparado: Constitucional e Processual pelo Dr. Pontes de Miranda. — 1.º grosso vol. enc. 10\$000.

OBRAS DO DR. BENTO DE FARIA

Codigo Commercial Brasileiro — 2.ª edição, 1912, consideravelmente augmentado — 1.º grosso volume de cerca de 2.000 paginas enc. 30\$000.

Revista de Direito Civil, Commercial e Criminal — Publicação mensal, dirigida pelo Dr. Antonio Bento de Faria — Assignatura annual: brochado 35\$000 e encadernado 51\$000; Collecção completa 40 volumes encadernados 600\$000; Indice geral alphabetico e remissivo, de 1 a 25 volumes, brochado 20\$000 e encadernado 24\$000; as assignaturas para o estrangeiro custam 45\$000, brochadas. Para o Brasil 35\$000.

Processo Commercial e Civil Regulamento 737, annotado — 4.ª edição, 1914 — 1.º grosso volume enc. 15\$000. — *Das Fallencias*, Lei n. 2.024 de 17 de Dezembro de 1908, 5.ª edição, commentando todos os artigos — 1.º grosso volume enc. 15\$000. — *Direito Romano*, traducção de F. Mackeldey, annotado e comparado com o Direito Civil moderno — 1.º grosso vol. enc. 15\$000 — *Das marcas de fabrica e do nome commercial*, 1.º grosso vol. enc. 15\$000.

A Cambial no Direito Brasileiro, pelo Dr. Paulo de Lacerda — 2.ª edição augmentada — 1.º grosso vol. enc. 15\$000.

Codigo Civil Brasileiro, pelo Dr. Paulo de Lacerda — 1.º grosso vol. enc. 10\$000.

Carlos Olympio Barreto — Obras deste autor. — Repertorio completo da Legislação da Fazenda em ordem alphabetica contendo Leis, avisos, Decretos dos tribunaes e do Contencioso até 1916, 1.º grosso vol. com cerca de 1.200 paginas, enc. 35\$. Regulamento do Imposto do Consumo, approvado pelo Decreto n. 11.051 de 16 de Fevereiro de 1916, consideravelmente annotado — 1.º grosso vol. enc. 5\$000. Regulamento do Sello Federal, 1.º vol. cart. 5\$000.

OBRAS DO DR. JOÃO DE SÁ ALBUQUERQUE

Fallencias. Lei n. 2.024 de 17 de Dezembro de 1908, annotada e com um formulario — 3.ª edição (1912) — 1.º grosso vol. cart. 5\$000. — *Testamentos e successões*, decreto n. 1.839 de 31 de Dezembro de 1907, annotado e seguido de um Formulario dando as formulas para qualquer fazer seu testamento sem auxilio de ninguem — 2.ª edição (1912) — 1.º vol. cart. 3\$000. *Repertorio juridico*, contendo todas as leis e julgados, em ordem alphabetica até 1910 — 1.º grosso vol. formato grande enc. 20\$000. — *Vademecum Forense*, de Silva Caratá, annotado com todos os accordams e julgados até 1913 — 1.º grosso vol. enc. 15\$000. — *Formalidades do Processo Civil*, de Pimenta Bueno, accommodado ao Fôro actual — 1.º grosso vol. 3.ª edição (1911) enc. 10\$000. — *Letras de Cambio e Notas Promissorias*, como modelo de letra de Cambio e Promissorias, de accordo com o Decreto n. 2.044 de 21 de Dezembro de 1908 — 1.º vol. br. 1\$000. — *Nova Consolidação das Leis das Alfandegas* — edição de 1915 com um indice alphabetico e remissivo — 1.º grosso vol. br. 7\$000, enc. 10\$000.

Lei do Casamento Civil — Decreto n. 181 de 21 de Janeiro de 1890, commentado de accordo com o Codigo Civil Brasileiro, contendo toda a jurisprudencia e um completo Formulario, 1.º vol. enc. 4\$000.

OBRAS DO DR. OLYMPIO AUG. VIVEIROS DE CASTRO

MINISTRO DO TRIBUNAL DE CONTAS

Direito Administrativo — 3.ª edição de 1914, consideravelmente augmentada — 1.º grosso vol. de 800 paginas, enc. 18\$000. — *Tratado dos Impostos* — 1.º grosso vol. enc. 18\$000.

Estudos de Direito Publico Constitucional, obra importantissima — 1.º grosso vol. (1914) enc. 18\$000. — *Nova Escola Penal*, pelo Dr. Viveiros de Castro — 2.ª edição (1913) 1.º grosso vol. enc. 8\$000.

Questões de Direito Penal, do mesmo autor — 1.º grosso vol. enc. 12\$000.

Direito das Cousas, pelo notavel jurisconsulto Dr. Lacerda de Almeida — 2.º gr. vols. enc. 40\$000.

Decreto n. 2.110, de 30 de Setembro de 1909 por um dos mais illustres magistrados da Justiça Federal, dando o calculo das penas, etc. *Lei de peculato e Notas*

falsas — 1.º vol. cart. 3\$000. — *Divisão e Demarcação de Terras*, por A. Botelho — 1.º grosso vol. enc. 8\$000. *Fiança ás custas*, de Almeida Nogueira, 1.º vol. cart. 5\$000.

Lei e Regulamento do sortio militar — 1.º vol. br. 2\$000. — *Manual dos Advogados*, pelo Dr. Nabuco de Araujo, parte civil — 1.º gr. vol. enc. 15\$000.

Assensor Orphanologico, do mesmo autor — 1.º grosso vol. enc. 10\$000.

Consolidação das Leis do Processo Civil, annotada pelo seu filho Julio Ribas, 2.º grossos vols. edição de 1916, enc. 25\$000. Curso de Direito Civil, 4.ª edição, 2 vols. enc. 25\$000.

Revisão dos Processos Penaes, pelo Dr. João Vieira de Araujo — 1.º grosso vol. enc. 15\$000.

Novo Assessor Commercial, de Teixeira de Freitas, accommodado á nova legislação por um distincto advogado — 1.º grosso vol. enc. 15\$000. *Legislação Comparada*, pelo Conselheiro Candido de Oliveira — 1.º grosso vol. enc. 20\$000. *Tratado da prova em materia criminal*, de Mittermayer, traducção de Alberto Antonio Soares — 1.º grosso vol. 2.ª edição (1909) enc. 10\$000. *Praxe Forense de Moraes Carvalho*. Direito pratico do Processo Civil Brasileiro, 3.ª edição correctamente augmentada com as decisões e julgados até 1910, pelo Dr. Levindo Ferreira Lopes — 1.º grosso vol. enc. 10\$000. Do mesmo autor: *Pereira de Carvalho, primeiras linhas do Processo orphanologico*, consideravelmente annotado com toda a Jurisprudencia dos Tribunaes até 1915, 1.º grosso vol. enc. 15\$000. *Camaras Municipaes*, 1.º vol. cart. 4\$000. *Divisão, Demarcação e Tapumes*, 3.ª edição, 1.º grosso vol. cart. 10\$000. *Theoria e Pratica do Processo Civil, Commercial e Criminal*, 1.º grosso vol. de Lições na Faculdade de Direito de Bello Horizonte, nova edição, 1914, 1.º grosso vol. com cerca de 500 paginas, br. 10\$000, enc. 13\$000. *Koteiro do Jury* — 1.º vol. enc. 5\$000. *Notas Forenses*, pelo Dr. Monte Roza — 1.º grosso vol. enc. 12\$000. *Nullidade dos Actos Juridicos*, pelo Dr. Martinho Garcez, 2.ª edição consideravelmente augmentada, 2.º grossos vols. enc. 30\$000. *Theoria Pratica aos Aggravos*, 1.º gr. vol. enc. 18\$000.

Theoria Geral do Direito Civil, 1.º grosso vol. enc. 23\$000. *Direito da Familia* — 1.º grosso vol. enc. 23\$000. *Direito e das cousas*, 1.º grosso vol. enc. 25\$000.

Tarifa das Alfandegas, annotadas com todas as modificações porque tem passado até 1917 com um appendice contendo as tabellas das mercadorias que pagam armazenagem em dobro. Factuas Consulares, etc. — 1.º grosso vol., bellissima edição 1917, enc. 12\$000. *Cyrano de Bergerac*, traducção do Dr. Carlos Porto Carrero — 2.ª edição — 1.º vol. br. 3\$000. Do mesmo autor: *Romanescos* — 1.º vol. br. 2\$000.

Alma, por Coelho Netto 1.º vol. illustrado 2\$000. *Novos Contos da Carochinha*, por Thomé das Chagas, 1.º grosso vol., 3.ª edição illustrada, cart. 5\$000. *Canções Populares Brasileiras*, colligidas por Brito Mendes, musica de Mme. Julia de Brito Mendes, o livro mais curioso que se tem publicado no assumpto, 1.º grosso vol. br. 3\$000. *Estudos Philologicos*, por João Ribeiro, 1.º vol. br. 3\$000, enc. 5\$000. *Versos*, pelo mesmo autor, 1.º vol. br. 3\$000. *Diccionario Musical*, por Isaac Newton, 1.º vol. br. 3\$000, enc. 5\$000. *Rei dos Cozinheiros*, tratado de cozinha com guia para servir á mesa, 1.º vol. cart. 3\$000. *Conjefeiro Nacional*, o livro mais completo que se tem publicado sobre arte de fazer doces, por João da Silva Ferreira — fundador da Casa Paschoal — 1.º grosso vol. illustrado, cart. 3\$000.

Encyclopedia das Artes, 1.º vol. cart. 3\$000. *Folhetins* por França Junior, obra engraçadissima, dando com graça a vida antiga do Rio de Janeiro, 1.º elegante vol. br. 3\$000, cart. 5\$000. *Poesias de Bocage*, 7.º volume br. 2\$000, cart. 3\$000. *Exaltação*, romance de D. Albertina Berta, 1.º grosso volume, cart. 5\$000.

LIVROS DE MEDICINA

Lições de Chimica Medica pelo notavel Professor Dr. Miguel Couto, 1.º grosso vol. illustrado, cart. 13\$000, enc. especial 15\$000.

Pequenos Males, pelo Dr. Austregesilo 2.ª edição augmentada, br. 3\$000, cart. 5\$000. *Clinica Medica* pelo Dr. Austregesilo, 1.º grosso vol. illustrado cart. 13\$000, em especial 15\$000.

Manual do Codigo Civil Brasileiro ou Commentario completo do Codigo Civil Brasileiro, em 20 volumes de mais de 400 paginas, trabalho de vinte juriconsultos, segundo o plano e coordenação de Paulo de Lacerda. Assignatura de 20 cadernetas a seguir, 30\$000. Caderneta avulsa, 2\$000. Esta importante obra ficará concluida dentro de anno e meio.

Repetorio de Jurisprudencia Criminal o Codigo Penal interpretado pela Jurisprudencia dos Tribunaes, pelo dr. Edgar Costa — um grosso volume enc. 15\$000. Pontes de Miranda, Direito de Familia — Exposição technica e systematica do Codigo Civil Brasileiro — Interpretação, doutrina e commentario do Codigo. Obra de grande interesse theorico e pratico — Volume de mais de 400 paginas, enc. 18\$000.

SANITOL



O MELHOR
SABÃO
PARA
A
PELE

A' VENDA
Em todas
as
Perfumarias
e
Drogarias

SANITOL

A JOALHERIA

Isidoro Marx

138--OUVIDOR--138

Tem escolhido sortimento de collares de perolas

Anéis de grão de preços variados

Depositaros dos afamados chronometros

NARDIN

Representante da Ourivesaria

CHRISTOFLE

Tem completo sortimento de faqueiros, serviços para chá e café

Recebe o **ELFOTINE** para limpar metaes

A "SUL AMERICA"

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

FUNDADA EM 1895

Algumas cifras eloquentes correspondentes ao primeiro semestre do seu 21.º exercicio, findo em 30 de Setembro de 1916 :

NO BRASIL SOMENTE, EXCLUINDO AS SUCCURSAES ESTRANGEIRAS

Pagamentos effectuados por morte	992:290\$220
Liquidação de apolices em vida dos segurados	1.118:640\$200
Lucros para os segurados	315:611\$240

Total pago em seis mezes a segurados ou seus herdeiros no Brasil	2.426:548\$660
---	----------------

ACTIVO DA COMPANHIA

CERCA DE 40.000:000\$000

Peçam informações á

SÉDE SOCIAL:

RUA DO OUVIDOR, 80

ou ás Succursaes e Agencias da Companhia

ACCEITAM-SE AGENTES

INSTITUTO DE BELLEZA EMANUEL

MAÇAGENS

ELECTROLYSE

MANICURE

Productos higienicos
para curar
e embellezar
a cutis



CABELLEIREIRO

Especialidade em on-
dulação

MARCEL



Penteados
ultima novidade



Appliação
de tinturas higienicas



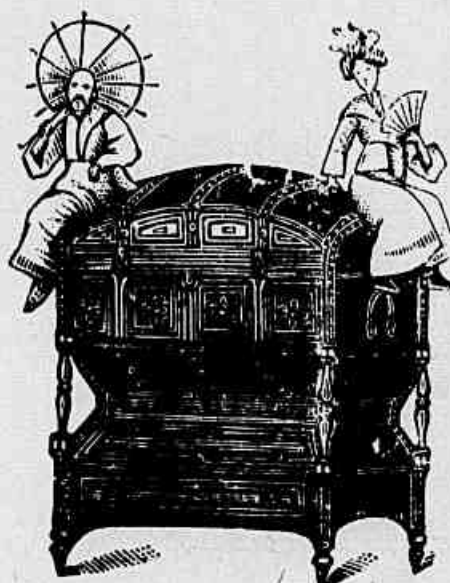
Postiços invisiveis

Rua do Ouvidor, 155 — 1º andar

TELEPHONE 3.839 NORTE
RIO DE JANEIRO

MALA CHINEZA

A maior
Fabrica no Brasil
e a que mais



Marca Registrada

perfeitos e
modernos ma-
chinismos tem

João Alves Pereira de Andrade

FABRICA E ESCRIPTORIO

61 — RUA DO LAVRADIO --- 61

Telephone — Central 1.082

Salão Acadêmico

Penteados executados neste Salão que constituem a verdadeira MODA do dia. Foram executados pelo cabeleireiro Maurice, proprietário deste SALON de COIFFEUR, onde as senhoras elegantes encontrarão sempre as mais recentes criações de Paris e pessoal habilitado á sua primorosa confecção.

O COIFFEUR Maurice convida as elegantes senhoras do Rio e os distintos cavalheiros desta capital a visitarem o seu luxuoso SALON.



Coiffure de
Théâtre.

"L'Enveloppeuse"

cobrindo toda a cabeça,

desde.... 60\$000

"Chignon coque"

estilo 1830

desde..... 15\$000

Attende-se a chamados



Coiffure
de Soirée



Coiffure
de Ville.

Nos nossos salões
Ondulações **MARCEL**

preço..... 3\$000

Tintura Henné

em todas as cores

desde..... 25\$000

Telephone 1.505, Norte

Rua do Ouvidor, 165.

Grande Manufatura de fumos Seado

FUMEM MARCA VEADO



Boas Festas

Lembre-se

V.^a Ex.^a

da

A' Gloria do Brasil

Rua da Carioca, 3

Roupas para Corpo, Cama e Mesa

Telephone C. 2.273 - PREÇOS FIXOS

Durante 1917

PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS — FUNDADA EM 1872

Rua Primeiro de Março, 49 - 1.º andar - Edificio proprio

Capital integralizado	2.000:000\$000
Reservas.	1.155:019\$665
Predios e apolices de sua propriedade. .	3.200:000\$000
Deposito no Thesouro	200:000\$000
Sinistros pagos.	9.172:250\$025
Dividendos e bonus distribuidos.	3.749:500\$000

AGENCIAS:

EM S. PAULO
RUA ROSARIO, N. 11

EM SANTOS
PRAÇA TELLES, N. 3

Esta Companhia opera em seguros maritimos e terrestres a taxa razoaveis e liquida com presteza os sinistros.

TAYUYÁ

DE S. JOÃO DA BARRA



DEPURA E VOSSO SANGUE
COM O

TAYUYA'

DE

S. João da Barra

É um depurativo tónico inteiramente inoffensivo — Póde ser usado por qualquer pessoa, mesmo como preventivo e como um reconstituente de grande valor.

O uso de **TAYUYA'** De S. João da Barra

é sempre vantajoso na cura das úlceras, feridas, dactilomas, eczemas, reumatismo, etc. — Sua acção favorece o regular funcionamento do

✿ ✿ ✿ ✿ **ESTOMAGO, FIGADO, BAÇO E INTESTINOS** ✿ ✿ ✿ ✿

O LOPES

**É QUEM DÁ A FOR-
TUNA MAIS RÁPIDA
— NAS LOTERIAS —**

**E offerece maiores vantagens
ao publico**

**CASA MATRIZ
— Ouvidor, 151 —**

QUITANDA, 79 - (Esquina de Ouvidor)

Rua 1. de Março, 53

Largo do Estacio de Sá, 89

R. General Camara, 36 - (canto do Nuncio)

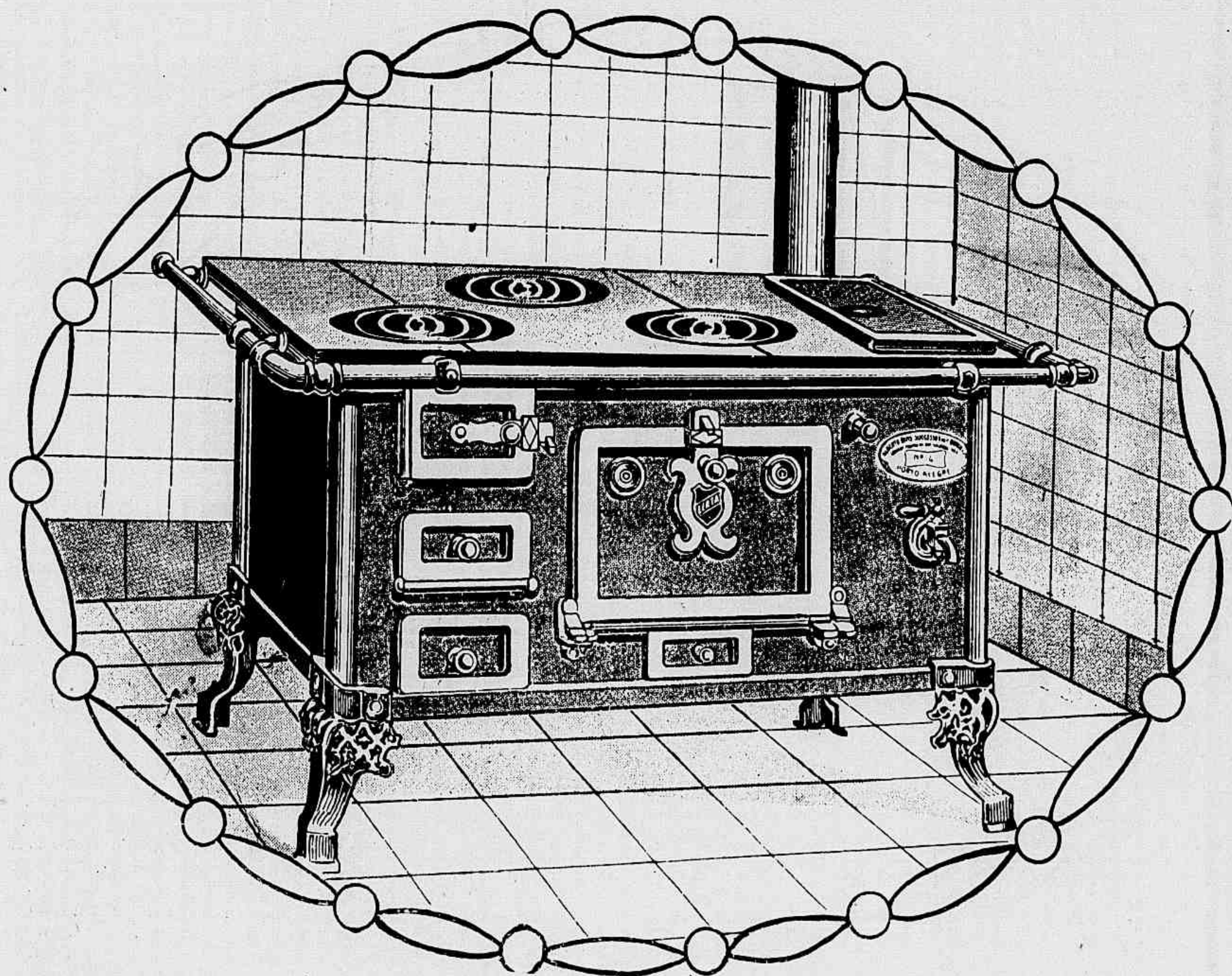
Rua do Ouvidor, 181

15 de Novembro, 50 -- (S. Paulo)

Filiaes:

DEPOSITO BERTA

Grande stock de: Cofres á prova de fogo e roubo, Camas metallicas, Prensas para copiar, Caixetas para joias, Fogões economicos, etc.



FOGÃO BERTA

Para lenha e coke. E' o mais economico e não faz fumaça.

VENDAS A PRESTAÇÕES

141, Rua Uruguayana, 141

Moreira Leão -- Rio de Janeiro

DEBIL NAO SUPPORTAVA A COMIDA

Agradeço e attesto que pessoa de minha familia, maior de 50 annos, tendo o vicio de embriaguez, ficou tão debil que não podia supportar a comida; tomando por indicação do dr. Carlos da Cunha o «Iodolino de Orh» ficou restabelecida em menos de 5 semanas; e por julgar um tão poderoso remedio util á humanidade, assigno o presente attestado.

José Gomes.

Rua Duque de Caxias, 52.
R. pelo tabellião André Lemos.

IODOLINO DE ORH

UNICO REMEDIO PARA MEUS FILHOS

Declaro que o unico remedio que uso em minha casa para meus filhos é o «Iodolino de Orh», o qual em vez de Oleo de Figado de Bacalhau e Emulsões, tendo dado sempre o melhor resultado, sendo todos os meus filhos fortes e corados depois que tomam o «Iodolino de Orh».

A bem da humanidade passo a presente declaração, reconhecida pelo tabellião José Amarante.

Gabriella Marques de Abreu.

Em todas as pharmacias e drogarias.
Agentes geraes: Silva Gomes & C. — Rio.

CASA BASTOS

ALTA NOVIDADE



Borzeguins pretos
envernizados, ataca
dor pelo lado de
dentro..... **35\$000**

O mesmo artigo
em cromo amarello,
preço..... **32\$000**

Pelo correio mais
Rs. 2\$000

Tel. 2.616 C.
3.302 C.

RUA URUGUAYANA, 19-22—RIO

As pessoas magras podem ganhar carne e augmentar seu peso

Toda a pessoa magra, quer homem quer mulher que deseje augmentar seu peso com 5 ou 7 kilos de carnes solidas e permanentes, deve tomar, por algumas semanas, uma pastilha de SARGOL com cada uma das suas refeições. Eis um methodo digno de se experimentar: Em primeiro lugar, deve Ve. pesar-se e medir as distinctas partes do corpo; depois tomar uma pastilha de SARGOL com cada refeição durante duas semanas e na terminação d'esse periodo, pesar-se e medir-se novamente, e poderá então render-se conta de differença. Não terá que perguntar a seus amigos e familiares se o acham melhorado ou ao contrario; vel-o-ha por si mesmo na balança romana. Qualquer pessoa magra póde augmentar seu peso de 2 1/2 a 4 kilos durante os primeiros 14 dias seguindo o methodo que antecede, e não de carnes brandas para logo desaparecerem, senão solidas e permanentes. Não é SARGOL por si mesmo que produz carnes, porém ao se misturar no estomago com os alimentos que chegam lá dentro, transformam as substancias untuosas, saccharinas e feculosas que elles contem em alimentação rica e nutritiva para o sangue e as cellulas do corpo, prepara-a em fórma facil de se assimilar para que o sangue a acceite promptamente. Todas estas substancias nutritivas das comidas que Ve. leva agora para o estomago, sahem-lhe do corpo na fórma de desperdícios, porém SARGOL porá limite a esta dissipação num breve espaço de tempo e ajudará seus órgãos digestivos e assimilativos a extrahir das mesmas classes de comidas que até agora esteve tomando, o assucar, a gordura e o amido para transformal-os em kilos e mais de carnes solidas e duraveis. SARGOL é absolutamente inoffensivo para a suade e agradável de tomar, por ser preparado em fórma de pastilhas. Hoje em dia recommendam-no os medicos e os pharmaceuticos. A' venda nas pharmacias e drogarias dos Snrs.: Granado & Cia., Araujo Freitas & Cia., J. M. Pacheco, Freire Guimarães & Cia., Rodolpho Hess & Cia., J. Rodrigues & Cia., Francisco Giffoni & Cia., e V. Silva & Cia., Unico depositario Benigno Nieva, caixa 979, Rio de Janeiro.

Jornal da Família

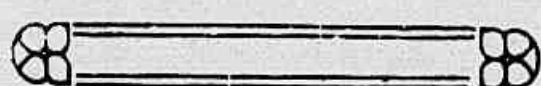
N. 69

23-12-1916

Morais, Costuras e bordados, A vida no Lar, Receitas e Conselhos práticos, Economia Domestica, Hygiene de Belleza, Alimentação.



MODAS



No tempo de Luiz XIII a moda foi cavalleira e janse-nista, quasi masculina, com vestidos pesados e côres sombrias. Os retratos d'essa epocha vivem sobre tudo pela fronte que pensa, os olhos que desafiam ou que sonham, as mãos que seguram com firmeza a espada ou um livro de missa. Mas no seculo XVIII, a mulher apparece mais bonita do que bella, com os vestidos largos e não decotados, mais espirituosa que razoavel. Em pequenos poemas, em canções, quadrosinhos celebram o encanto dos peitos juvenis que um leve *fichu* mal occulta. Nas modas do Imperio ha menos graça; põe-se de lado a minucia excitante, os laços de velludo, as golas de renda, mas dão ás mulheres mais volumosidade, amplidão de fórmãs, todos os signaes exteriores da força. Para ser formosa, é preciso ter uma magnifica saude. Assim, as modas, embora os seus inevitaveis ridiculos, podem contribuir para a criação d'um typo de belleza que lhe sobrevive. A de 1914 creou um que ficou caracteristico. Basta examinar os vestidos e os chapéus d'esse inverno. Alguns modelos só se poderiam admittir pela victoria do mau gosto, Essas *toques* sem aba que não livravam do sol a testa nem os olhos, essas *aigrettes* deitadas para traz e só visiveis de lado, essas capas que mal chegavam á cintura e de que a roda apertada dava a idéa d'um sacco onde a sua possuidora parecia sentada, as saias com *babados*, com *drape-ries*, arregaçadas, esses funis



1—Toilette em grenadine azul-claro enfeitada com viezes em azul-escuro, a saia é quasi toda coberta de tulle presa na orla da saia com dois bouquets de rosas, gola também de tulle e peitilho de renda. 2—Elegante vestido em gaze de seda branca com rosas bordadas, saia com tres ordens de franzidos na cintura, o decote e as mangas estão contornadas com um galão estreito, atravessa o corpo largo bordado de seda.

rigidos enfeitados a pelles, esses cintos que não apertavam nada, essas côres que se guerreavam pelo disparatado das combinações, tudo isso, ccfesse-se, era simplesmente abominavel!

Ha que lamentar a moda deliciosa e tão simples do vestido Imperio modernizado, a tunica que esposava as fórmãs dando á mulher tanta leveza quanta flexibilidade.

Encontrar-se allim, depois de muitas tentativas a uma moda original apesar das suas reminiscencias gregas ou byzantinas, ficando bem a quasi todas as senhoras, porque dava ensejo a faceis e engenhosas adaptações.

Os grandes costureiros vulgarizaram-n'a. Era d'esperar, mas não era para censurar... Viam-se, nas ruas, um pouco menos d'horrores que no tempo das *tournures* ou das mangas à *gigot*. Era preciso mesmo uma extraordinaria perversidade para tornar essa moda verdadeiramente fãia!

Mas trataram de a mudar. Complicaram as fórmãs, e perdeu-se a linha essencial com enfeites inuteis. O resultado? Bem o veem! A nova moda banalisou-se como a antiga.

Unicamente... é detestavel.

E d'aqui a cinco annos todas a considerarão grotesca... e deliciosa em 2016. E então, as modas actuaes reapparecerão transformadas pela phantasia dos nossos descendentes, e as mulheres do proximo seculo folhearão a collecção da Revista da Semana para alli aprenderem a maneira como se era linda outr'ora.



Dyonisia, Alice e Claudia conversam a um canto do salão; os seus gestos indicam preocupação, e distinguem-se as seguintes phrases:

DYONISIA (5 annos). — Eu pedi-
rei ao menino Jesus para me dar mui-
tos vestido:.

ALICE (7 annos). — Essas cou-
sas são para os *bébés*, e eu já tenho
idade para não lhes dar credito, mas
como minha madrinha me pergun-
tou o que era que eu queria, disse-
lhe que me comprasse uma *toi-
lette* que vi na rua do Ouvidor.

DYONISIA. — Como é? ...

mas Claudia, como a mais velha, é
que me póde indicar um mui boni-
to para ir a casa dos avós no dia d'An-
no Bom.

CLAUDIA (12 annos). — Ped: en-
tão um vestido em tulle creme com fi-

vestido e a mamãe outro. O d'elle
é em sarja azul-marino, com galões
verdes e gola da mesma cõr, muito
distinto e chapéo de palha tendo gran-
des laçadas ao lado. O outro é em
taffetas branco, *plissée*, viezes encar-
nados e *bolero* de panno cõr de ce-
reja realçado com bordado a verme-
lho. A gola e os canhões são em li-
non bordado. E fica concluida com
um *bonnet* de *taffetas* branco igual
ao vestido e uma fita cõr de cereja.

Nas suas pequenas imaginações tro-
ta-lhes já uma cousa que ellas não sa-
bem definir ainda que vi-
rá, quem sabe? a consti-
tuir-se-lhes n'um tor-
mento, que lhes acarreta-
rá muitas lagrimas, e que



1—Casaco para menina em flanela marron, grande gola virada, cinto largo fechando na frente com duas presilhas cruzadas. 2—Vestido para menina de 4 a 6 annos, enfeitado apenas com babados de *taffetas* azul. 3—Casaco para menina de 8 a 10 annos em gabardine cõr fraise, sem costura nos hombros e todo solto. 4—Vestido para menina em *taffetas* azul escuro com mangas, gola e cinto em *taffetas* branco. 5—Vestido para menina de 6 a 8 annos em linho branco bordado à mão. 6—Vestido para menina em linon enfeitado com laços de fita estreita. 7—Combinação de camisa, calça, e saia, tudo em *hista* de linho e Valenciennes. 8—Elegantissimo vestido para menina (10 a 12 annos) em foulard rose enfeitado a rendas.

ALICE (gravemente). — Em seda amadou, enfeitada com viezes de diversos tons, indo do amarello ao *vieux rose* e com bolsos bordados a côres. O corpe fõrma blusa, e um chapéo de *taffetas* com uma rosa. E tu, Dyonisia, como era o vestido que dese-
javas?

DYONISIA. — Eu não sei explicar,

tas de setim, e entremeios de tulle bordado. O *empiècement* terá grinal-
das de rosas de crepe, finas e delica-
das, e como complemento o amor d'um
bonnet igual ao vestido, com uma
rosa em crepe da China.

ALICE. — Como ficarás bonita!
E como são os teus vestidos, Claudia?

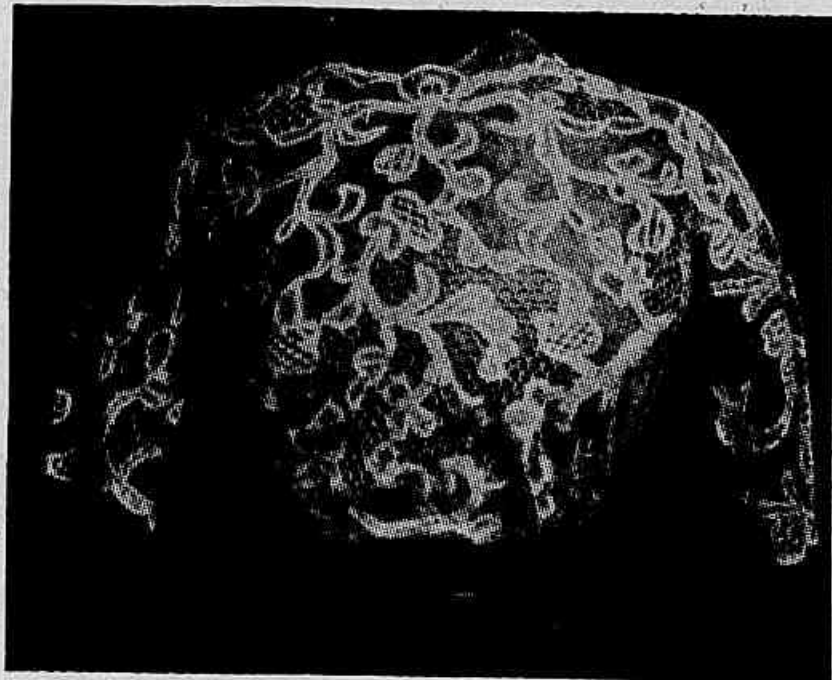
CLAUDIA. — O papae da-me um

se traduz afinal o não poderem de fu-
turo, quando mulheres, adquirir uma
toilette.

Costumadas desde muito novas a
entregarem-se ao devaneio da Moda,
a ouvirem em sua volta só falarem
n'essas frivolidades, o que é que se
póde esperar d'ellas?

Costuras e Bordados

Resguardo para lampada electrica.—Este delicioso e pequeno *abat-jour* é destinado a amenisar a claridade da lampada do quarto. Procura-se uma fôrma de seis pequenos *panneaux* arredondados; o diametro superior é de 7 centímetros; em baixo tem uma pequena abertura redonda de 2 1/2 cm. Sobre cada um dos *panneaux* estende-se exteriormente um fuso de tulle bordado, e interiormente um fuso de seda. Os fusos são reunidos entre si por um ponto de luva. Occupemo-nos agora do bordado. O motivo é muito gracioso representando tres grandes li-



Blusa de renda de Milão.

azas em seda azul em ponto de cadeia o que permitirá recortar o tecido em roda das azas.

Os cordos bordam-se a pontos largos a matiz com seda verde-escura, e são em seguida contornados a ponto de cadeia em seda castanha, e os aneis desenhados por pontos transversaes na mesma seda.

Recortem o tecido de seda das libellulas para deixar apparecer o centro do tulle. O *abat-jour* é forrado de *taffetas* azul-turqueza. E suspende-se com fitas azues.

Blusa de renda de Milão. — Esta lindissima blusa de renda, sendo o desenho applicado sobre o molde, é dos mais artisticos e d'uma grande originalidade. Faz-se por meio d'uma espiguilha uni-

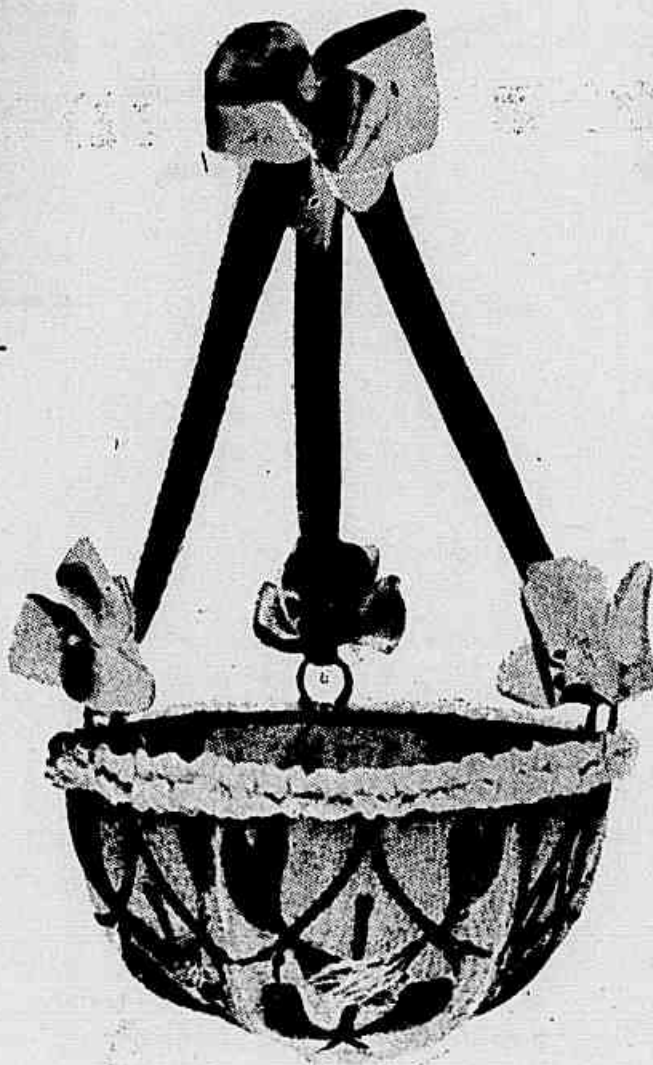
da de 4 cm. de largura. Depois de collocar o desenho em tela d'architecto, alinhava-se a espiguilha seguindo todas as linhas, trabalhando-se com o n.º 95, e formam-se as curvas e os angulos, recheiando os motivos com pontos de phantasia, mais conhecidos pelo nome de renda Renaissance. O fundo sobre que se destacam os motivos é todo em Milão, excepto algumas partes muito claras que são feitas com grandes *brides* hexagonaes *festonées*. Desenham-se estas sobre a tela começando por fixar o fio na primeira ordem de



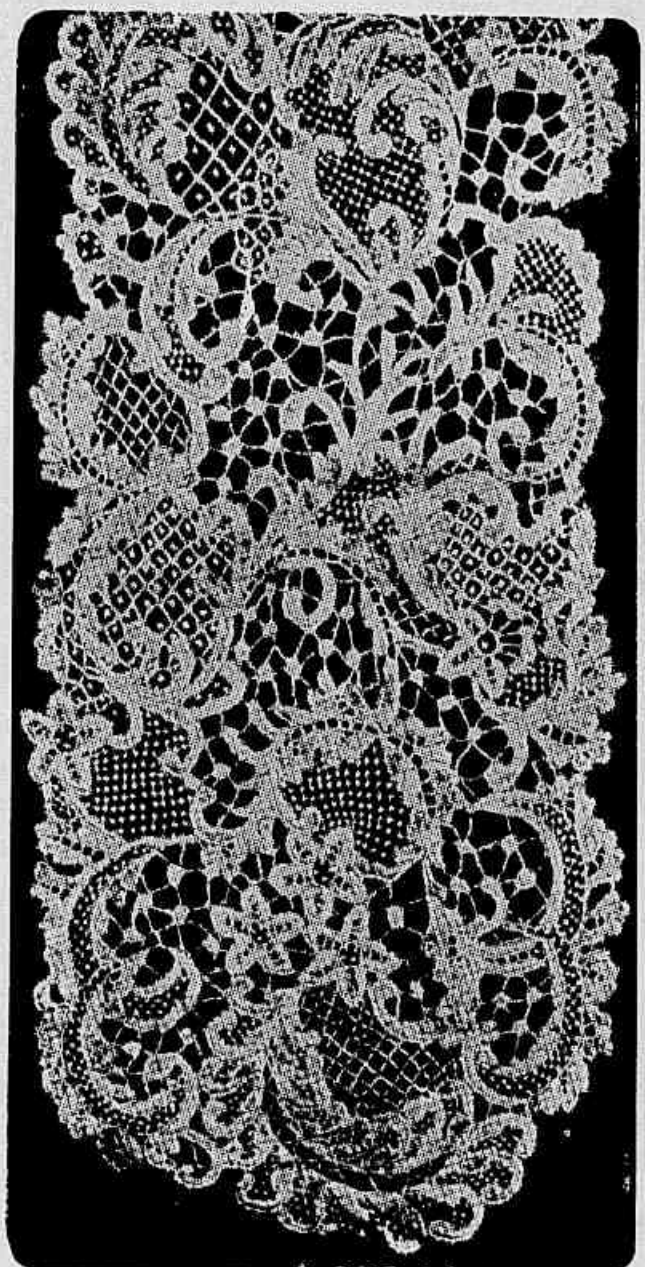
Chemin de table em linho com filet, bordado inglez e renda.

bellulas encanastrando as azas e reproduzem-se sobre a *mousseline* branca; esta é alinhavada sobre um pedaço de tulle branco muito fino e esticado no bastidor. O interior das azas

borda-se a matiz em dois ou quatro tons d'azul gris e tres d'azul verde, de modo que uma libellula seja muito clara e as outras mais escuras, e lançam-se por cima da aza (que será completamente tapada), longos pontos em seda amarela. E contornem-se as



Um resguardo para lampada, modelo premiado no ultimo concurso que se effectuou na Hollanda.



Dessous de piano em renda de Milão

pontos, isto é, de pontos hexagonaes; fazem-se as mangas lateraes prendendo-as primeiro, e em ultimo logar as mangas inferiores que constituem ao mesmo tempo as margens superiores da ordem seguinte. A gravura dar-lhes-ha uma idéa muito nitida d'esta disposição. Depois d'este trabalho preparatorio cobrem-se todos os fios a ponto de festão com o seu correspondente *picot* em cada *bride*.





Suavidade na luz... Tranquillidade nos olhos...

A primeira vez que se fez menção do pequeno aparelho denominado *abat-jour*, foi em 1750, mas o seu uso remonta ao século XVII e chamava-se então *quebra-luz*. Punham-se nos castiçais, e faziam-se de todas as maneiras, mais ou menos opacos, recordando os das velas, das mesas de jogo e dos pianos de que ainda hoje nos servimos.

Ultimamente viu-se apparecer uma encantadora phantasia entre os *abat-jours* Luiz XV, Luiz XVI e Imperio.

Os dois primeiros é que estão em moda: são de seda leve e de côres claras lisas, principalmente com um leve vermelho, que peneira melhor a luz, tornam-n'a mais viva, mais alegre, mais intima. Como ornamentos põem-se grinaldas de flôres, franjas, motivos em *filet* bordado. Quanto aos do Imperio, actualmente, só se admittem os de maior simplicidade, cruzados em metal dourado; os de papel ornados com gravuras ou aguarellas foram completamente dester-

rados. Mas os *abat-jours* em renda continuam tendo muitos proselytos, e são de fórmula redonda para os candieiros grandes, e hexagonaes para os outros; o ponto de Veneza, a renda de bilros e a renda sobre *filet* mantida em transparentes de seda são aquelles com que se obteem os mais lindos effeitos d'illuminação. Quasi todos os pontos de renda ou a bilro podem adoptar-se a este objecto encantador cuja voga é enorme n'este momento.



Os espartilhos e os seus inconvenientes

A sua verdadeira denominação é: *machina propria para modificar as formas, e muitas vezes crea-las artificialmente*. E chegou a abusar-se tanto do seu uso, que os medicos e hygienistas resolveram levantar uma campanha contra o espartilho, embora com pequenos resultados.

Tem elle a pretensão, não affirmamos nem negamos, de realizar tres fins, que passam por outras tantas bellezas: levantar o peito, estreitar a cintura, obrigar a estar a pessoa direita. E' claro que as suas victimas não deixam d'adduzir razões mais ou menos especiaes para justificar o seu uso, taes como que é necessario amparar a columna vertebral e o thorax, dar um apoio ao seio, impedir a dilatação do ventre, etc. Mas a verdade é que as raparigas são sempre elegantes sem esse artificio desde que não tomem attitudes viciosas. E ainda que na mulher predomine normalmente a respiração costal, necessita tambem para a realisação completa do acto respiratorio o livre exercicio do seu diaphragma, e o ventre é destinado a ser distendido, e mais vale deixar que se exerça a elasticidade propria das suas paredes que apertar as volumosas visceras alli encerradas.

A compressão permanente do thorax e o excesso de trabalho que impõe ás partes superiores do pulmão, visto que annulla a sua base, faz com que seja o originador do emphysema vesicular e de diversas doenças do peito e em particular da tuberculose pulmonar, e até pôde ser causa da dilatação cardiaca, visto que tudo o que difficulta a circulação venosa obriga o ventriculo esquerdo a exaggerados esforços, emquanto o direito acha uma resistencia maior a vencer, e quando a atrophia cardiaca já existe, agrava a situação aprisionar o thorax no inflexivel espartilho. E assim fica comprimido o estomago, faz descer o figado, e quantas ulcers no estomago se lhe podem attribuir! Mas mesmo que não seja assim traz a dyspepsia, porque se oppõe á dilatação normal do estomago

durante a digestão, e basta ver como no fim d'um jantar as senhoras, e quanto mais corpulentas mais espartilhadas, se congestionam, respiram a custo, esperando angustiosamente pelo



momento em que termine esse supplicio. Deve o espartilho ser rigorosamente interdicto ás meninas, na epocha do seu desenvolvimento. Só mais tarde se pôde consentir o uso co-

mo uma faixa elastica um tanto larga, mas nunca uma couraça. O progresso supprimiu, pouco a pouco, as laminas de aço que n'alguns espartilhos desciam até ao pubis, e não sobe já até ás axillas, é mais uma faixa larga e facil de tirar, que não comprime nenhum orgão, e só serve d'apoio ás fitas da roupa interior. Na verdade, nada mais é preciso, e attendendo ás exigencias das mulheres tambem não se lhes pôde conceder menos.

As mulheres gregas e romanas desconheciam o espartilho, mas tinham o equivalente; as primeiras no *strophion*, o *stethodcsmis*, as outras, no *teenia*, o *zona*, os *fasciae mamillar.s*, etc.

Eram, na sua maioria, destinados a comprimir e sustentar o seio e tambem comprimi-los na medida que exigia a idéa que os antigos faziam da belleza feminina. Não é admissivel que na idade media, em que o vestido modelava as formas ellas o tivessem abandonado.

No seculo XIV, o decote era vulgarissimo, e Isabel da Baviera, a mulher de Carlos VI, abusava tanto, que se lhe attribue a invenção dos espartilhos reforçados com barbas de baleia ou em metal.

Nos muscus conservam-se specimens d'estas *armaduras de ferro* que mais parecem instrumentos de supplicio que objectos de *toilette*. E a moda durou até que Maria de Médicis trouxe d'Italia a *tournure*, e que reinou até Luiz XV e XVI.

Era preciso que as cinturas mais se adelgassem á maneira que as saias se tornaam mais largas.

A revolução, no seu amor pela antiquidade, voltou ao costume grego e romano.

E foi assim até 1815, em que veio a Restauração, e poz na sua verdadeira voga o espartilho.

Mas ainda ha a esperança que a influencia dos exercicios phisicos praticados pelas novas gerações, os espartilhos ainda veuham a figurar nos museus, e que as mulheres do futuro ouvirão os conselhos dos higienistas no interesse da sua belleza, deixando que o organismo cumpra livremente as suas funções.



Final do Anno



A verdadeira festa do anno é o Natal. E', *nursery* em alegria, chilreando como uma gaiola de passaros; são os amorosos passeando sob arcos engrinaldados, as *misses* louras como o chá, com um clarão de *flirt* nos olhos.

Tem elle por si toda a poesia d'uma lenda santa e que conserva o seu imperio mesmo nos corações menos christãos; descansa n'uma tradição que, dentro em pouco, será duas vezes millenaria. Evoca uma noite limpida da Judéa, uma estrella mystica e, n'uma estrebaria luminosa, uma divina creança para a qual se inclina uma mãe. Recorda os pastores e os reis magos: Gaspar, Melchior e Balthazar; os nataes das terras onde cada qual nasceu. Suscita em nós, no mais recondito do nosso ser, o que ha de mais antigo e respeitavel, a herança religiosa, por vezes latente, nunca abolida. E ao mesmo tempo beneficia, por um acaso singular, o que em nós ha de mais moderno, de mais actual, do nosso snobismo mais recente: o gosto pelo exotismo.

O Natal é a grande festa da familia na Inglaterra, na Allemanha e em todo o norte da Europa.

Ora, n'estes ultimos quinze annos, a Moda ordenou aos outros paizes que viajassem, que se deshabituassem dos seus costumes, quando mais não fosse pela leitura ou a iniciação nos theatros estrangeiros.

Esse gosto pelos meios diferentes e das maneiras de viver cooperaram d'uma maneira inesperada para pôr outra vez em realce o nosso velho Natal.

E se se voltou á tradição, foi por se ter visto lá a filha mais velha da casa preparar em segredo, com muitos dias d'antecipação, o famoso pinheiro d'onde pendem os *saccos* de *bonbons*, as laranjas douradas, os brinquedos de Nuremberg, os *fantoches* da Floresta Negra. Ou assistiu-se ao *merry Christmas* britannico. Nelle está toda a Inglaterra cuja influencia se instillou nos povos.

Idealismo sentimental, conforto material, lendas primitivas de creanças e d'anjos, vida estreita e quente do *home*, *Christmas* quer dizer tudo isto ao mesmo tempo. Na sua noite



abençoada, ouvem-se estremecer as harpas celestiaes e o suave chiar da agua ante a lareira. E assim foi adoptado, um pouco como os *dancing girls*, as gravuras, os moveis d'Adams e de Chippendale.

Deixemo-nos, pois, tomar pelo seu encanto honesto e delicado. Consideremo-lo como um pretexto para estreitar mais um laço em volta da familia, e aproveitemos o optimismo a que a sua influencia sorri-

dente nos convida, para encarar com serenidade a passagem, apesar de tudo impressionante, d'um anno para o outro.

Mas ha uma verdade de que nos deveriamos bem convencer. Se o presente, impossivel de fixar, se esquivava ao imperio da nossa vontade, se o futuro se occulta por completo sob a nevoa da incerteza, o nosso passado, pelo menos, é nosso, muito nosso. Tudo o que aprendemos, tudo o que presentimos — jubilo ou soffrimento — é propriedade nossa. Cada dia que passa, deixa-nos um deposito precioso. O nosso thesoiro augmenta sem cessar, e ninguem pôde privar-nos d'elle.

Não nos entristecemos, pois, quando um anno vem juntar-se aos precedentes. Lembremo-nos d'umas palavras tão antigas quantos sabias. Na Biblia, lê-se acerca d'um homem que viveu muito:

— E' rico de dias.

N'esta phrase ha a philosophia da existencia: que afinal só se possui o seu passado.

Quando a 31 de dezembro, soar a meia-noite, no relojinho de Saxe que adorna a vossa sala, cara leitora, não pronuncieis com um suspiro:

— Menos um anno de vida!

E substitui corajosamente essas palavras:

— Mais um anno a juntar ao meu cofre de lembranças e de sentimentos vividos

— um anno que acabo d'adquirir.

Que o vosso coração seja todo o anno florido, disse Molière.

O final do anno offerece sempre materia para uma philosophia um pouco prevista; inspira vulgarmente aos moralistas da chronica uma melancolia obrigatoria.

E' quem melhor repetirá os versos do poeta:

Le temps s'en va, le temps s'en va, ma

[*Dame.*

Las! le temps non, mais nous nous en

[*allons*

CONTO DO NATAL

A Sultana era formosíssima; e estendida n'um divan forrado com os setins mais delicados, espreguiçava-se indolentemente, aborrecida de todos e de tudo, visto que nem um só dos seus desejos lograva não ser satisfeito.

Contemplava as perolas que lhe ornavam o niveo pescoço, os rubis, os diamantes, as esmeraldas que lhe esmaltavam os braceletes, affagava o precioso diadema que lhe invejava os soberbos cabellos.

Era a profunda nostalgia, o querer sem querer, o constante mal estar que definha, em que a medicina esbarra, sem conseguir encontrar o germen da doença.

Tudo se lhe tornara indifferente, nada a commovia, a vida era um caminho por onde seguia, nem cuidando sequer notar se estava semeado d'abrolhos ou de rosas.

O velho sultão soffria, soffria immenso ante aquella enorme dôr, e muitas vezes o viram afastar-se para occultar as suas lagrimas.

E interrogava-a a miudo:

— Queres que mande percorrer a Europa e que te busquem as joias mais preciosas e lavradas mais artisticamente? Que mande matar centenas, milhares d'homens e que a teus pés corram ondas de sangue? Que ordene que se combinem as flôres de al[ma] maneira que produzam um perfu-

me só para ti?... Diz... e logo serás obedecida.

E a tudo ella respondia negativamente, até que por fim, através o véo, soltou estas palavras:

— Aborreço-me!

Ora foi entremettes que um mercador, chegado da Persia, com oito escravas, as veiu offerecer ao Sultão.

Escolheu este uma nubia e uma christã, que parecia arrancada a uma tela.

Passadas ao harem, foram logo levadas á presença da Sultana, cada vez mais melancolica e absorvida em pensamentos que ella não sabia expressar.

— Como te chamas? perguntou á christã.

— Tenho o nome da mãe do meu Deus, Maria.

— E quem é o teu Deus?

— E' aquelle que deu ao mundo um Redemptor.

— Um Redemptor?...

— Sim, Jesus Christo... salvo por um milagre.

— Conta... conta...

— Fugindo ao furor d'Herodes, rei da Judéa, viajavam Jesus, Maria e José em direcção ao Egypto.

Ninguem queria agasalha-los, e elles seguiam fatigados e tristes. Então appareceu um homem que ia ao campo semear o seu trigo.

«Para onde vaes, Senhora, levando uma creança tão bonita?»

«Dize-me, poderás salvar o meu filho?»

«Aqui tendes o meu manto, escondei-o, que ninguem ha-de descobri-lo.»

«Pois bem! vae ceifar o teu trigo.»

«Impossivel! se o trigo nem semeado foi ainda...»

«Vae, repetiu a Virgem, buscar a foice, que elle não tardará a amadurecer!»

Não tinha passado um quarto d'hora e o trigo estava a ponto de se ceifar...

E os feixes foram tantos que o lavrador perdeu a conta.

N'isto appareceram uns judeus a cavallo.

«Não viste, oh! homem! passar Maria com o filhinho nos braços?»

«Quando estava semeando o meu trigo, passou ella por aqui.»

«Vamo-nos embora,» disseram todos... «Já fez um anno que ella passou...»

— E a creança? perguntou a Sultana offegante.

— Trinta e tres annos decorridos, depois de prégar a paz e o amor á humanidade, crucificaram-n'o n'um madeiro, entre dois ladrões...

E a sultana que de ha tanto desconhecia a commoção, chorou, chorou, chorou... enquanto os seus bellos labios murmuravam a palavra

— Jesus!



UM PRESENTE DE IRMÃO

O Caso Da Professora

"O malfeitor apparecue-me vindo por detraz de uma arvore, elle era forte e tinha a apparencia de um desesperado. O que me salvou foi o Colt que deu-me o irmão quando fui transferida para esta escola. Pensei, então, que esse presente era um absurdo, porem jamais direi ser tolice uma mulher trazer comsigo um Colt."

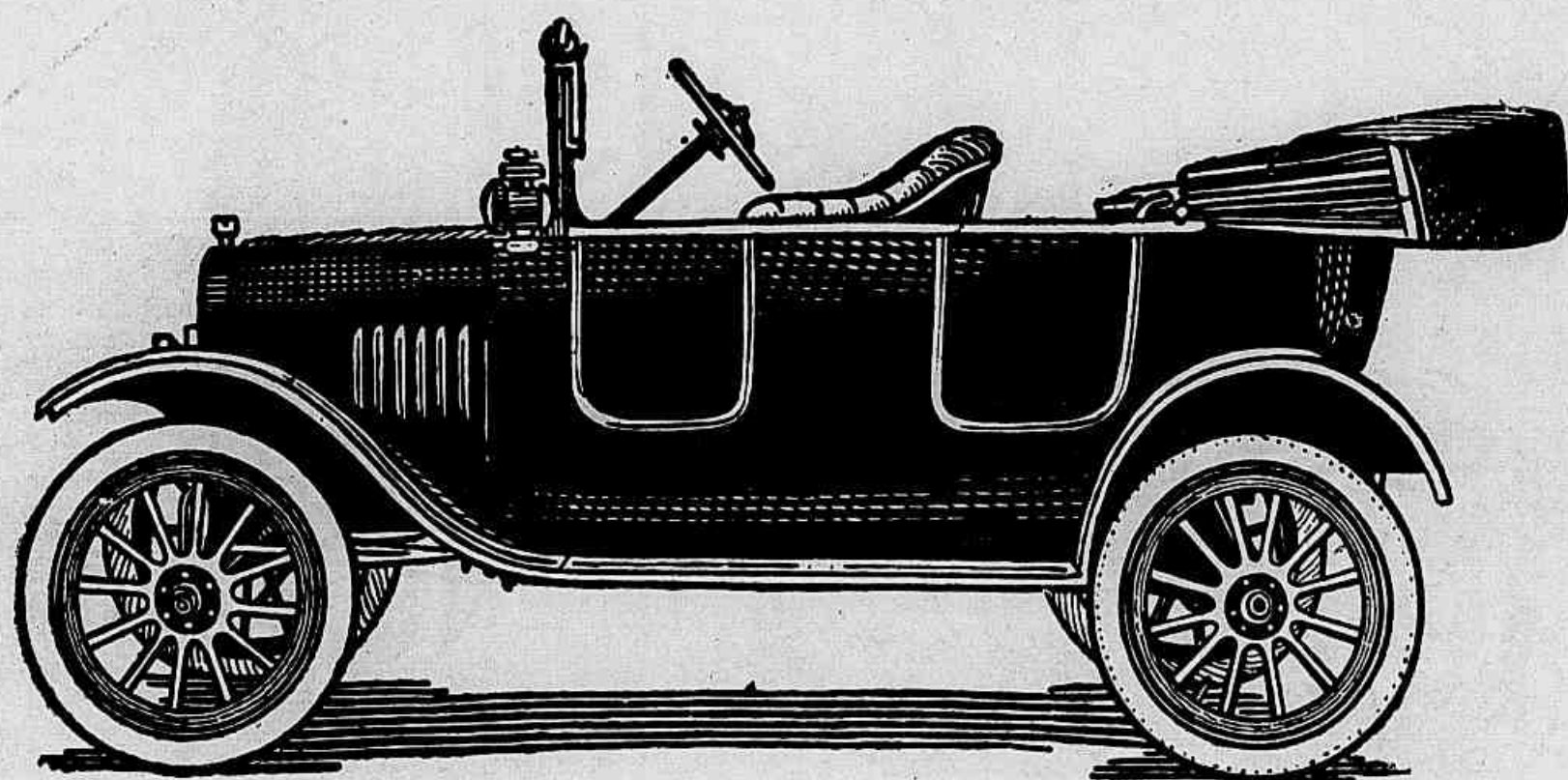
Os Revolvers e as Pistolas Automaticas Colt acham-se á venda nas principais lojas de armas e ferragens. Pedi-lhes que lh'as mostrem.

Escrevam-nos pedindo o Catalogo illustrado, gratis, e receberão tambem uma bella gravura a "Rapariga do Revolver."



A segurança de um Colt jamais se esquece.
COLT'S PATENT FIRE ARMS MFG. CO., Hartford, Conn., E. U. de A.

AUTOMOVEIS “FORD”



DOUBLE - PHAETON 6 LUGARES 22 $\frac{1}{2}$ H. P.

CARROCERIE TORPEDO

ILLUMINAÇÃO ELECTRICA

MODELO 1917.

Rs. 3:700\$0000

A universal popularidade de nossos automoveis é devido ás suas magnificas condições de resistencia, força, economia, conforto e adptalidade ao trafego em todo e qualquer caminho. 

Peçam Catalogo e Informações

Sociedade Industrial de Automoveis “Bom Retiro”



À VENDA NAS BOAS CASAS DE PERFUMARIAS

Unicos representantes para todo o Brasil:

JOSE' CONSTANCE & C.—26, Rua da Alfandega--Caixa 373--Rio--Filiaes
em S. Paulo, Porto Alegre, Santos e Pernambuco.